

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ARIEL COSTA DOS SANTOS

***GENTES NEGRAS DA BAIXADA: DESLOCAMENTOS E GEOGRAFIAS EM UMA
CIDADE DO AGRONEGÓCIO***



Dourados – MS

2022

ARIEL COSTA DOS SANTOS

***GENTES NEGRAS DA BAIXADA: DESLOCAMENTOS E GEOGRAFIAS EM UMA
CIDADE DO AGRONEGÓCIO***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Geografia da Universidade Federal da Grande
Dourados, como requisito parcial à obtenção do
título de Doutor em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert

Dourados – MS

2022

ARIEL COSTA DOS SANTOS

***GENTES NEGRAS DA BAIXADA: DESLOCAMENTOS E GEOGRAFIAS EM UMA
CIDADE DO AGRONEGÓCIO***

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jones Dari Goettert (Orientador) UFGD

Prof. Dr. Alex Ratts – UFG

Prof. Dra. Priscilla Xavier Schuder – UFR

Prof. Dr. Marcio Mucedula Aguiar – UFGD

Prof. Dra. Juliana Grasiéli Bueno Mota – UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237 Santos, Ariel Costa Dos
"GENTES NEGRAS DA BAIXADA": DESLOCAMENTOS E GEOGRAFIAS EM UMA
CIDADE DO AGRONEGÓCIO [recurso eletrônico] / Ariel Costa Dos Santos. -- 2022.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: JONES DARI GOETTERT.
Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<http://portal.ufgd.edu.br/satec/biblioteca/repositorio>

1. Agronegócio. 2. Baixada. 3. Campo Verde. 4. Cartografia das Ancestras. 5. Gentes Negras. I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(s) autor(s).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Homenagem à Carolina Maria de Jesus



Carolina, minha mais velha, gostaria de agradecê-la por me apresentar outras formas de escrita. Confesso que no momento que me foi apresentado você, em 2019, eu me encontrei em cada verso do seu Quarto de Despejo. Destaco que não teve um dia, durante a construção desta tese, que eu não pensei na sua vida, sua trajetória, sua escrita e como sua geografia se parecia com a minha.

Obrigado, Carolina! Estou me tornando um Doutor em geografia (2022), escrevendo a partir da minha trajetória, porque no século passado, pessoas como você, ousaram ser insubmissa e construíram suas geografias em um cotidiano subalternizado.

Gostaria de finalizar, Carolina, destacando que todos aqui em casa te conhecem, meus alunos também. Obrigado mais uma vez, Carolina! Sou resultado também da sua luta e da sua escrita sensível, marginal e potente.

Ser Negro no Brasil, por Milton Santos



"No caso do Brasil, a marca predominante é a ambivalência com que a sociedade branca dominante reage, quando o tema é a existência, no país, de um problema negro. Essa equivocação é, também, duplicidade e pode ser resumida no pensamento de autores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni, para quem, entre nós, feio não é ter preconceito de cor, mas manifestá-lo. Desse modo, toda discussão ou enfrentamento do problema torna-se uma situação escorregadia, sobretudo quando o problema social e moral é substituído por referências ao dicionário. Veja-se o tempo politicamente jogado fora nas discussões semânticas sobre o que é preconceito, discriminação, racismo e quejandos, com os inevitáveis apelos à comparação com os norte-americanos e europeus. Às vezes, até parece que o essencial é fugir à questão verdadeira: ser negro no Brasil o que é? Talvez seja esse um dos traços marcantes dessa problemática: a hipocrisia permanente, resultado de uma ordem racial cuja definição é, desde a base, viciada. Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambiguidade marca a convivência cotidiana, influi sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente repetido é, também, utilizado por governos, partidos e instituições." (SANTOS, 2000)

Às *gentes negras*, que foram silenciadas pelo racismo.

A Carolina Maria de Jesus, por me inspirar.

Às cotas raciais, enquanto política pública de acesso, que oportunizou o ingresso de um jovem negro no doutorado.

AGRADECIMENTOS

Grato a Deus por todo equilíbrio, paz e impulso para continuar nestes anos de doutorado, marcados por deslocamentos, descobertas, desconstruções, mas também, pela chegada do Tito, meu filho em nossas vidas, que me alegra com seu sorriso puro e me impulsiona a continuar.

À Giza por ser uma companheira para vida e por vivenciar comigo todo este processo nos últimos 4 anos.

A minha mãe, mulher negra, que enquanto eu finalizo esta tese, ela ingressa na casa própria, aos 49 anos de idade, realizando um sonho longínquo. A conclusão deste ciclo, representou a luta de uma mulher negra para que seus filhos pudessem minimamente ascender socialmente.

Ao meu irmão Zibê e Ainoã, por sempre acreditarem em mim e por vezes me chamarem de louco. E ao meu irmão Davi (in memoriam), que com certeza se alegra com esta conquista, mas que por forças maiores, já descansa nos braços do pai, nas mansões celestiais.

O ingresso no doutorado, representou a mudança para Dourados-MS, por isso começo inicialmente agradecendo ao Alex, amigo querido e conterrâneo, que prontamente ajudou-me na minha estadia e fixação na cidade, além de ser um grande incentivador da caminhada acadêmica.

Ao Jones, por oportunizar a um jovem negro, do interior da Bahia, que residia em Rondonópolis, ingressar no Doutorado em uma Universidade Federal e estudar as questões raciais.

Ao Programa de Pós-graduação em Geografia, desde os alunos, colegas de turmas e professores. Em especial a secretária Erika, pela competência e humanidade e as professoras Juliana e Lisandra, pelo carinho e por sempre acreditarem que seria possível concluir esta tese.

Dourados-MS foi também o berço de novas amizades, e aqui eu agradeço ao Luiz e à Dalila, por me proporcionar bons encontros e por segurar em minha mão, quando a vida acadêmica parecia não me fazer mais sentido.

Durante minha estadia em Dourados, tive a oportunidade de congregar na Igreja Batista Nacional, representada pelo pastor Natanael e pela pastora Evinei, por quem nutro gratidão e também admiração por me estender as mãos.

De Rondonópolis, agradeço a Ivanilda, Delmo, Pastora Nilza, Pastor Paulo, José Ilson e Marley (sogro e sogra), por serem pessoas do bem que não mediram esforços para me ajudarem durante este processo.

À Universidade Federal de Rondonópolis, por ter sido aluno e poder retornar quatro anos depois na condição de professor substituto e oportunizar-me a experiência na docência superior.

Ao professor Jorge, de orientador de Trabalho de conclusão de curso a padrinho de casamento, por acreditar que era possível ingressar no doutorado e por sempre me apoiar.

Ao Gustavo, amigo pessoal e parceiro da vida acadêmica, que prontamente me ajudou com o material cartográfico.

Grato também ao Gabriel e ao Pedro, que realizaram o último trabalho de campo comigo às vésperas do Natal e que, para além disso, são amigos de longas datas.

Do estado da Bahia, gostaria de agradecer a todos os professores que durante a educação básica, participaram a minha formação.

Grato também aos meus tios, que na verdade fizeram também o papel de pais, Deijivaldo e Célia, que sempre me apoiaram de todas as formas para que aqui eu pudesse chegar. O mundo precisa de mais pessoas como vocês.

De Campo Verde, gostaria de agradecer às funcionárias do Museu, que mesmo no período de pandemia não hesitaram em abrir as portas para me receber. A todos os órgãos visitados que me forneceram informações importantes para que a pesquisa pudesse ser realizada.

À professora Edione e seu esposo Batista, por me receberem em Campo Verde e me orientarem sobre a cidade durante o trabalho de campo, além de abrir as portas de suas casas para que eu pudesse me hospedar durante minha estadia na cidade.

Ao professores Alex, Priscilla e Márcio por aceitarem compor a banca e contribuir com o avanço da pesquisa.

Às *gentes negras* que vieram antes de mim e abriram o caminho para que aqui eu pudesse chegar.

Às *gentes negras* em Campo Verde que aceitaram discorrer sobre suas geografias ali na *Baixada*.

À Capes, que brutalmente vem sendo atacada, pela concessão da bolsa durante o primeiro ano de doutorado.

Ao Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), cujo censo demográfico no atual cenário político foi prejudicado interferindo nas pesquisas de muitas pessoas, pela possibilidade de trabalhar durante 9 meses, o que me permitiu também realizar viagens para a cidade estudada, possibilitando assim a aproximação com as *gentes negras*.

A todos e todas, que mesmo sem investimento e incentivo, insistem, persistem e resistem em fazer pesquisa no Brasil, sobretudo na área das ciências humanas.

Grato à Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Finalizo novamente agradecendo a Deus por me encaminhar até aqui.

O racismo é o limite da aproximação das diferenças

(Muniz Sodré, 2019)

Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavra para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores.

(bell hooks, 2019)

RESUMO

As cidades do agronegócio, formadas a partir da década de 1970 com a expansão da fronteira agrícola para o planalto central, são caracterizadas por um conjunto de transformações em seu território, além de serem compreendidas como cidades sulistas, dada a migração das gentes do sul do país. A presença das gentes de outras regiões é também marca destas cidades, contudo, muitas destas têm suas identidades apagadas, ou são inseridas em condições subalternizadas, pois além de serem atravessadas pela condição regional, são também atravessadas pela condição de raça e classe. Pontua-se que estas cidades são também marcadas pela formação de periferias, ou áreas distantes ao centro comercial, que se apresentam como uma fronteira naturalizada. Nesse contexto, o presente trabalho, escrito entre primeira e terceira pessoa, visou compreender a geografia das *gentes negras* de Campo Verde – Mato Grosso, trazendo a *Baixada*, que é uma construção social presente na vivência dos moradores, regimentando as gentes que residem de lado específico da cidade, como conceito estruturante. Para construção desta pesquisa, utilizando-se do *pretuguês* de Lélia Gonzalez, utilizamos como metodologia, as fontes orais, por entendermos que as histórias tinham também relação com o lugar e seus atravessamentos durante a pesquisa. A busca pelos sujeitos ocorreu através de uma *cartografia das andanças* na *Baixada* da cidade. Optamos, com exceção de alguns autores brancos no texto, por valorizar autores negros na escrita do trabalho, muitos dos quais não são aceitos dentro dos cânones, mas que construíram uma geografia nas *Baixadas*. O trabalho traz a *Baixada* como o local da experiência das *gentes negras*, vivenciada de forma diferente por homens e mulheres, como ponto de encontro e desencontro, de tensão e solidariedade. Traz também a condição da migração, que quando atrelada a condição racial, condiciona o lugar das *gentes negras* e nordestinas na cidade, apagando suas culturas e modos de vida. Por fim, concluímos que na cidade de Campo Verde, as *gentes negras*, na *Baixada* são afetadas pelo tanto pela *necromemória*, quanto pelo *alterocídio*, ocupando os locais invisíveis e os trabalhos subalternos, muitos dos quais, carecem minimamente de cidadania.

Palavras Chaves: Agronegócio; *Baixada*; Campo verde; *Cartografia das Andanças Gentes Negras*.

ABSTRACT

The agribusiness cities, formed from the 1970 with the expansion of the agricultural frontier to the central plateau, are characterized by a set of transformations in their territory, in addition to being understood as southern cities, given the migration of people from the south of the country. The presence of people from other regions is also a mark of these cities, however, many of these have their identities erased, or are inserted in subaltern conditions, because in addition to being crossed by the regional condition, they are also crossed by the condition of race and class. It is pointed out that these cities are also marked by the formation of peripheries, or areas distant from the commercial center, which present themselves as a naturalized frontier. In this context, the present work, written between first and third person, aimed to understand the geography of the black people of Campo Verde - Mato Grosso, bringing the *Baixada*, which is a social construction present in the experience of the residents, regimenting the people who live on the side specific to the city, as a structuring concept. For the construction of this research, using Lélia Gonzalez's Portuguese, we used oral sources as a methodology, as we understand that the stories were also related to the place and its crossings during the research. The search for the subjects took place through a cartography of wanderings in *Baixada* da city. We chose, with the exception of some white authors in the text, to value black authors in the writing of the work, many of which are not accepted within the canons, but who built a geography in the *Baixadas*. The work brings the *Baixada* as a place of experience for black people, experienced differently by men and women, as a meeting and disagreement point, of tension and solidarity. It also brings the condition of migration, which when linked to racial condition, conditions the place of black and northeastern people in the city, erasing their cultures and ways of life. Finally, we conclude that in the city of Campo Verde, black people in the *Baixada* are affected by both necromemory and alterocide, occupying invisible places and menial jobs, many of which lack minimal citizenship.

Keywords: Agribusiness; Low; Green field; Cartography of the Black Peoples Wanderings.

RESUMEN

Las ciudades agroindustriales, formadas a partir de la década de 1970 con la expansión de la frontera agrícola hacia el altiplano central, se caracterizan por un conjunto de transformaciones en su territorio, además de ser entendidas como ciudades del sur, dada la migración de personas del sur del país. La presencia de personas de otras regiones también es una marca de estas ciudades, sin embargo, muchas de estas tienen sus identidades borradas, o se insertan en condiciones subalternas, porque además de ser atravesadas por la condición regional, también son atravesadas por la condición de raza y clase. Se señala que estas ciudades también están marcadas por la formación de periferias, o áreas alejadas del centro comercial, que se presentan como una frontera naturalizada. En ese contexto, el presente trabajo, escrito entre primera y tercera persona, tuvo como objetivo comprender la geografía del pueblo negro de Campo Verde - Mato Grosso, trayendo la *Baixada*, que es una construcción social presente en la experiencia de los habitantes, reglamentando a las personas que viven en el lado propio de la ciudad, como concepto estructurante. Para la construcción de esta investigación, utilizando el portugués de Lélia González, utilizamos fuentes orales como metodología, ya que entendemos que las historias también se relacionaron con el lugar y sus cruces durante la investigación. La búsqueda de los sujetos se realizó a través de una cartografía de andanzas en *Baixada da Cidade*. Optamos, a excepción de algunos autores blancos en el texto, por valorar en la redacción de la obra a autores negros, muchos de los cuales no son aceptados dentro de los cánones, pero que construyeron una geografía en las *Baixadas*. La obra trae la *Baixada* como lugar de experiencia para los negros, vivida de manera diferente por hombres y mujeres, como punto de encuentro y desencuentro, de tensión y solidaridad. Trae también la condición de migración, que ligada a la condición racial, condiciona el lugar de los negros y nororientales en la ciudad, borrando sus culturas y formas de vida. Finalmente, concluimos que en la ciudad de Campo Verde, la población negra de la *Baixada* se ve afectada tanto por la nigromemoria como por el alterocidio, ocupando lugares invisibles y trabajos serviles, muchos de los cuales carecen de ciudadanía mínima.

Palabras Clave: Agroindustria; Bajo; campo verde; Cartografía de las Andanzas de los Pueblos Negros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Campo Verde-MT	38
Figura 2: Da Baixada pra cá é outra história	39
Figura 3: Demarcação da Baixada de Campo Verde.....	42
Figura 4: Vendedor Haitiano no centro de Campo Verde.....	44
Figura 5: Quitinete no bairro São Lourenço.....	46
Figura 6: Esgoto correndo a céu aberto na Baixada.....	47
Figura 7: Avenida São Lourenço no período diurno.....	48
Figura 8: Avenida São Lourenço no período noturno.....	48
Figura 9: “Faixa de Gaza” em Campo Verde.....	52
Figura 10: Quitinete onde Joana reside	56
Figura 11: Meio de Transporte.....	56
Figura 12: Cartografando a Baixada a partir das andanças	61
Figura 13: Movimentos na avenida em frente ao supermercado Bello Brasil	64
Figura 14: Casa no bairro Jupiara.....	65
Figura 15: Pista de Skate na frente do ginásio de skate	66
Figura 16: Homem negro andando de bicicleta.....	67
Figura 17: Homem negro trabalhando em frente a UPA.....	68
Figura 18: Rua Pernambuco	69
Figura 19: Rua Aroeira.....	70
Figura 20: Três homens negros andando de bicicleta, na Baixada.....	72
Figura 21: Quitinete 449.....	106
Figura 22: Distribuição de piscinas na cidade de Campo Verde.....	109
Figura 23: Casa de madeira no bairro Jupiara	116
Figura 24: Parte interna da casa de madeira.....	116
Figura 25: Paulista atravessando a rua seguindo para o SINE	119
Figura 26: Peça de quebra-cabeça encontrada no chão de Campo Verde.....	120
Figura 27: Estação Telegráfica de Capim Branco	124
Figura 28: Réplica da Estação Telegráfica.....	127
Figura 29: Manchete sobre os sulistas no jornal local.....	129
Figura 30: Primeiros moradores de Campo Verde na década de 1960	131
Figura 31: Pessoas responsáveis pela formação da cidade.....	133
Figura 32: Posto Paraná.....	136

Figura 33: Localização dos bairros Campo Real e Jupiará	138
Figura 34: Primeiros vereadores de Campo Verde.....	141
Figura 35: População campoverdense na década de 1990	142
Figura 36: Anúncio da instalação da Sadia	143
Figura 37: BRF-Sadia em Campo Verde em funcionamento.....	144
Figura 38: BRF-Sadia em Campo Verde sem estar funcionando	144
Figura 39: Casas populares construídas no bairro Jupiará	146
Figura 40: Avenida Bahia, bairro São Lourenço.....	147
Figura 41: Do lado de lá da Baixada	148
Figura 42: Direção de estabelecimentos agropecuários	151
Figura 43: Opinião do leitor e morador sobre a cidade	153
Figura 44: Homem negro fazendo uma apresentação artística na praça central	162
Figura 45: Projeto Abadá.....	173
Figura 46: Artes produzida por Antônio	178
Figura 47: Artes produzidas por Juliana.....	180
Figura 48: Um baiano, negro em Campo Verde e seu dreads	182
Figura 49: Homem negro caminhado no bairro Jupiará.....	189
Figura 50: Crianças negras brincando na quadra, localizado na Baixada	190
Figura 51: Mulher negra caminhando na rua Paraná.....	191
Figura 52: Mulher negra caminhando no bairro São Lourenço	192
Figura 53: Homem negro trabalhando em frente a UPA.....	193
Figura 54: Vendedor de arte no centro de Campo Verde.....	194
Figura 55: Homem negro trabalhando em uma construção no bairro Campo Real	195
Figura 56: Mulher negra andando de bicicleta no bairro Recanto dos Pássaros	196
Figura 57: Gentes negras caminhando em frente a UPA	197
Figura 58: Mulher negra caminhando no bairro Loteamento Santa Rosa.....	198
Figura 59: Mulheres negras se deslocando na <i>Baixada</i>	199

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Local de Nascimento	75
Gráfico 2: Cor e Raça dos Proprietários de terras em Campo Verde-MT.....	152

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Relação de Prefeitos	158
Quadro 2: Eventos culturais em Campo Verde.....	164

LISTA DE SIGLAS

APM: Agente de Pesquisa e Mapeamento

BA: Bahia

BNE: Banco Nacional de Empregos

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CRAS: Centro de Referência de Assistência Social

DPE-MT: Defensoria Pública do Estado de Mato Grosso

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDR: Ideologia da Democracia Racial

IFMT: Instituto Federal de Mato Grosso

INCRA: Instituto Nacional da Reforma Agrária

MG: Minas Gerais

MNU: Movimento Negro Unificado

MPE: Ministério Público Estadual

MS: Mato Grosso do Sul

MT: Mato Grosso

POLOCENTRO: Programa Para o Desenvolvimento do Cerrado

PRODECER: Programa Nipo Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado

PRODOCESTE: Programa de Desenvolvimento da Região Sudoestes

PNAD: Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar

SECEL: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer

SINE: Sistema Nacional de Emprego

SUDAM: Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

SUDECO: Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste

PMCMV: Programa Minha Casa Minha Vida

SECEL: Secretária Estadual de Esporte, Cultura e Lazer

SINE: Sistema Nacional de Emprego

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

TJ-MT: Tribunal de Justiça de Mato Grosso

UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados

UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso

UPA: Unidade de Pronto Atendimento

UFR: Universidade Federal de Rondonópolis

SUMÁRIO

OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI.....	22
Capítulo I - DA BAIXADA PRA CÁ É OUTRA GEOGRAFIA	39
GEOGRAFANDO CAMPO VERDE A PARTIR DA <i>BAIXADA</i> E DAS <i>GENTES NEGRAS</i>	40
A <i>CARTOGRAFIA DAS ANDANÇAS</i> E DOS PRIMEIROS ENCONTROS COM AS <i>GENTES NEGRAS</i> , A CAMINHO E NA <i>BAIXADA</i>	58
Capítulo II - DOS CORPOS NEGROS E DAS DISTÂNCIAS: DO <i>QUARTO DE DESPEJO</i> À ESPERENÇA DA SALA DE VISITA	72
OS PASSOS QUE VIERAM DE LONGE PARA A CIDADE DO AGRONEGÓCIO.....	73
AS MULHERES NEGRAS: INTERSECCIONALIDADE NA <i>BAIXADA</i>	81
HOMENS NEGROS E A EXPERIÊNCIA DO ALTEROCÍDIO NA CIDADE	100
Capítulo III - AS <i>GENTES NEGRAS</i> E A NECROMEMÓRIA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE CAMPO VERDE	120
ATÉ CHEGAR NO POSTO PARANÁ: “GARIMPANDO” A CONTRIBUIÇÃO DAS <i>GENTES NEGRAS</i> NA FORMAÇÃO DA CIDADE	121
DO POSTO PARANÁ AO POSTO DE CIDADE DO AGRONEGÓCIO	134
BR- 070: A FRONTEIRA ENTRE DOIS MUNDOS	153
Capítulo IV - O AGRO É <i>POP</i>, É <i>TECH</i> MAS TAMBÉM É NEGRO: O APAGAMENTO CULTURAL E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS.....	162
A INVISIBILIDADE DA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA E A CAPOEIRA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	169
AS EXPERIÊNCIAS DE VENDEDORES NEGROS DE ARTE NA CIDADE DE CAMPO VERDE.....	177
INDO EMBORA PELA <i>BAIXADA</i>	183
Capítulo V - ICONOGRAFIA DAS <i>GENTES NEGRAS</i>.....	189

A EXPERIÊNCIA DE ENEGRECER A GEOGRAFIA.....	200
REFERÊNCIAS	209

OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

*O caminho muda, e muda o caminhante
É um caminho incerto, não o caminho errado.
Eu, caminhante, quero o trajeto terminado
Mas no caminho, mais importa o durante.*

(Estevão Queiroga, 2016)

*O negro, em grande parte quer ser o branco porque é um
grande sofrimento ser, no Brasil, o negro que o branco produziu na
História.*

(Flávio Nascimento, 2010)

Enquanto finalizo o processo de escrita desta tese, entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, recebo com dor as notícias das mortes de bell hooks¹ e Desmond Tutu, ambos importantes para a luta negra, que deram continuidade ao legado de resistência de outras *gentes negras* que vieram antes. Sendo assim, dando continuidade aos legados destes dois pensadores e de outros anônimos que construíram pensamentos críticos, e lutaram para que negras fossem tratados minimamente com “humanidade”, construo esta tese lembrando deles, de outros e outras que já fizeram o ritual de passagem, buscando possibilitar uma escrita onde as vozes das *gentes negras* ecoe em cada página, cada capítulo, e que cada estória seja valorizada.

Existem várias maneiras de iniciar uma tese, seguindo o padrão normatizado-acadêmico, ou tentando pensar de uma forma diferente, invertendo a ordem das coisas. Pontuo que a tese se construiu ao longo do caminho da pesquisa, revelando desta forma, os rumos a se seguir. A partir do caminho percorrido, e os aprendizados ao longo deste percurso, achei por bem iniciar esta tese discorrendo sobre os caminhos que me trouxeram até aqui, assim como apontar quais foram os caminhos que percorri para a construção da presente pesquisa, atravessada por um conjunto de fatores que foram sendo revelados durante o trabalho de campo.

¹ A ideia central de utilização do nome em minúsculo era uma forma adotada pela autora de valorizar não quem ela era, mas o conteúdo de suas obras

Gostaria de destacar que o final de um caminho representa a chegada, o destino e a coroação ou não de uma longa jornada. Contudo, o aprendizado se encontra no caminho, caminhando, onde somos e fomos fabricados e forjados. Para Mbembe (2018, p. 252), o que importa, pois, não é o destino, mas sim o que se atravessa ao longo do caminho, a série de experiências das quais se é ator e testemunha e sobretudo a parte imprevista, aquilo que acontece quando menos se poderia esperar. Trata-se, portanto, de prestar mais atenção ao caminho em si e aos itinerários do que à destinação. Daí a importância da estrada (MBEMBE, 2018).

Durante o caminho que me trouxe até aqui, viajando no *tempo-evento*² ao som de Aretha Franklin, Emicida, Mano Brown, seguindo as escritas de Carolina Maria de Jesus, Carla Akotirene, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento e Milton Santos, entre outros, destaco que fui afetado, por entender que o caminho que faço hoje, já foi sedimentado por outras pessoas que vieram antes de mim, neste caso, os ancestrais, negros e negras, escravizados ou não, que sedimentaram o terreno para que eu pudesse chegar aqui, pessoas que morreram para que eu pudesse minimamente ir à escola sem ser chamado de macaco – como disse Françoise Ega (2021). Portanto, ressalto que os nossos passos vêm de longe e eu preciso dar continuidade a este legado, mas para isso precisei tornar-me negro³.

Inicialmente, já no processo de construção da escrita, questionei-me: quantos e quantas de mim chegarão até aqui e terão a possibilidade de concluir uma tese de doutorado em uma universidade pública? Questionei-me também quantos e quantas poderiam ter chegado, até mais longe, mas não foram autorizados pela estrutura que tem o elemento raça como condicionante de acesso a oportunidades ou não, no Brasil? Pontuo aqui que represento estes também. Destaco que o sonho de um futuro melhor para estas gentes, como foi para Carolina Maria de Jesus, como foi para Françoise Ega, como é para mim, foi e ainda é uma questão de ordem do dia⁴.

Os caminhos que me trouxeram até aqui iniciaram-se ainda criança, na região Nordeste, no estado da Bahia, município de Muritiba, onde vivi parte da minha infância até deslocar-me

² No livro “Olhos d’água”, Evaristo (p. 68, 2018), em um dos capítulos, conta a história de Luamanda e destaca que, viajando no tempo-evento de sua vida, Luamanda, distraída, esqueceu-se do compromisso para o qual se preparava no momento. Acordou, para o encontro que estava por acontecer naquela noite, naquela noite, quando ouviu os assobios de alguém que aguardava por ela lá fora. Apressou-se. Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera.

³ Destaco este processo de enegrecimento na última seção desta tese, sob o título: A Experiência de Enegrecer a Geografia.

⁴ Françoise Ega (2021, p 18), discorrendo sobre sua vida e a de Carolina Maria Jesus, inseridas em um cotidiano difícil, destaca “O futuro para você, como para mim, é uma questão de ordem do dia”

em conjunto com minha família para o estado de Mato Grosso. A condição subalterna⁵ que atravessava minha vida e dos entes que comigo caminhavam, geravam, ainda criança, pequenos questionamentos, sobre o porquê daquela realidade. Não somente isso, o desejo de embranquecer-me já fazia parte do meu cotidiano, quando alisava o cabelo ou apertava meu nariz para que ele diminuísse. Só hoje, lendo Fanon (2008) e a dimensão psíquica do racismo é que entendi que o meu desejo era ser o outro, que naquele momento, era o branco, entendido, pensado e gestado como um ser superior a mim.

Esta tentativa de me embranquecer era potencializada pelos avisos corriqueiros de minha mãe⁶, mulher negra que, como diz Werneck (2018) inventava jeito de sobrevivência para si e para sua família, sempre me dizia: *meu filho, por você ser preto, tem que esforçar o dobro para ser melhor*. Era como se ela quisesse me proteger, me avisando que para a sociedade, eu era menos humano do que os demais por conta da minha cor. Hoje, trazendo a memória os medos e cuidados de minha mãe com relação a mim e meus irmãos, lembro da música *A Vida é Um Desafio*, interpretada pela banda Racionais MC's, quando destaca ainda na introdução:

Tem que acreditar

Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você esta pelo menos cem vezes atrasado...

Pela escravidão, pelo preconceito, pela história, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu? Ser duas vezes melhor como? Você é o melhor ou é o pior de uma vez. Sempre foi assim. Se você vai escolher o que estiver mais perto de você ou o que estiver dentro da sua realidade, você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí?

Racionais MC'S, 2002

A introdução da música apresenta a preocupação das mães das *gentes negras* desde cedo. É preciso fazer duas vezes melhor para provar a importância, contudo, o escravismo, acompanhado do racismo, enquanto um mal-estar do ocidente (SODRÉ, 2019) e do colonialismo, impõe as *gentes negras* um atraso histórico com relação aos demais, impossibilitando, desta forma, a ascensão destes. Era assim o meu caso, que ouvia

⁵ Referência a Spivak (2010) e seu livro *Pode o Subalterno Falar?*

⁶ Era como se as palavras dela, viessem ao encontro dos escritos de Evaristo (2018, p. 84), quando discorre sobre os conselhos que Di Lixão recebia de sua mãe: ela me dissesse, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho.

cotidianamente minha mãe pedindo para que eu pudesse ser melhor que o meu pai, que foi atravessado pelo racismo que desabilita os negros de ascenderem socialmente e o reproduziu, nos abandonando e se ausentando ainda criança. Era preciso ser melhor que os meus colegas de escola, que eram também atravessados pela condição de raça e classe. Mas como ser melhor, em uma sociedade racista, onde a estrutura não me permitia? Criar possibilidades, neste contexto, é como tirar leite de pedra.

No município de Muritiba, os espaços que eu percorria eram atravessados por um conjunto de deslocamentos para trabalhos em outras regiões do país, mas também era o espaço das gentes que sonhavam em um dia possuir uma vida melhor. Dançavam quadrilha na festa junina, montavam suas fogueiras na frente de casa e se alegravam aos sons dos forrós regionais. No carnaval, *sofrer era proibido*⁷, vendiam água ou cerveja próximo aos blocos carnavalescos como forma de trazer alimentos para dentro de suas casas. Ninguém possuir estudo, ou ser semialfabetizado, era normatizado, *malmente* sabiam assinar seus nomes. Minha mãe era uma exceção, pois tinha concluído, com muita luta, o ensino médio.

Durante algum tempo, por problemas de saúde de um irmão⁸, hoje já falecido, moramos na capital da Bahia, em Salvador, nos bairros de Pernambués e Brotas, que são considerados duas favelas da cidade com grande quantitativo populacional. Estudei em colégios periféricos e sonhava em ser piloto de Fórmula 1, sonho este distante da minha realidade, que precisava encarar em alguns momentos até três ônibus para chegar na escola. Vivenciar aquela metrópole e suas geografias, fazia-me pensar o quão desigual era aquela cidade, uns tinham demais, outros quase nada, eu, na condição subalterna, me via sentindo o *cheiro da vida dos outros*⁹, que se diferenciavam da minha.

A estadia não durou muito tempo, ao entrar na adolescência, vivenciando diariamente a *saraivada de balas*¹⁰ minha mãe resolveu retornar para Muritiba, ressaltando que em Salvador estava muito perigoso e jovens como eu era o alvo. Eu, particularmente, achava aquilo estranho,

⁷ O termo faz referência a Evaristo (2018, p. 38), quando retratando a vida de Duzu-Querença, relata: Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval.

⁸ Davi Costa dos Santos (*In Memoriam*) falecido em março de 2009, aos 12 anos, de problemas no coração.

⁹ O termo, faz alusão a escrita de Françoise Ega (2021, p. 13), quando relata: O mais penoso para uma faxineira, eu acho, é o cheiro da vida dos outros.

¹⁰ Saraivadas de balas, de instantes em instantes, retumbam no interior da casa, ameaçando a diversão da mãe de Bica e de Idalgo. Dona Esterlinda levanta irritada e muda de canal de televisão. Lá fora, balas e balas, independente do desejo da mulher, executam continuamente a mesma e seca sonata. Uma programação mais amena vai entorpecendo os sentidos da mulher. (Evaristo, 2018, p. 108).

mas hoje, lendo Mbembe (2018) e a Necropolítica, Almeida (2019) e o Racismo Estrutural, Borges (2019) e o Encarceramento em Massa, compreendi perfeitamente o que minha mãe queria me dizer. Lamentavelmente o meu corpo era o alvo, na verdade ele ainda continua sendo, nesta *necropolítica* instalada no e pelo território brasileiro, onde muitos negros e negras quiseram “*tocar o céu, mas acabaram no chão*” (EMICIDA, 2019) Neste contexto, as barreiras de classe e raça, como apontam Ratts e Rios (2014) eram participes cotidianas da minha realidade.

Após retornar para o município de Muritiba, diante das dificuldades que atravessávamos, resolvemos migrar novamente, desta vez, excedendo as fronteiras locais e seguindo para outra região do país, mais precisamente para o Centro-Oeste, no estado de Mato Grosso, que se apresentava como possibilidade de melhoria diante das condições de existência que vivíamos. Ressalto que este movimento não foi algo esporádico, já era rotineiro as gentes daquela localidade, *interiorano*¹¹ deslocar-se em busca de emprego, de oportunidades e de dignidade. No nosso caso, um tio, irmão da minha mãe, já havia realizado este mesmo percurso.

No dia de migrar para o desconhecido destino, mas que para aquele momento, parecia ser a melhor opção frente as dificuldades da existência, choramos com a despedida, sem festa, nem comida. É que aquele lugar, apesar das intempéries, representava mais do que a nossa estadia, mas parte da nossa estória, que havia sido construída ali. A nossa geografia agora ganharia novos contornos com o novo destino que se desenhava, mas o *buraco-saudade*¹² daquele lugar, continuou ainda em nós, por muitos anos.

Durante a viagem, sentindo as paisagens que se mesclavam entre caatinga e posteriormente o cerrado, escutava as estórias de gentes, como eu, que estavam fazendo aquele mesmo trajeto, rumo ao Centro-oeste, Sudeste e Sul do país. Alguns deixaram os pais, filhos, companheiros e companheiras na cidade de origem e deslocavam-se novamente em busca do desconhecido, na expectativa de conseguir ajudar suas famílias que ficaram no local de origem. Duas noites e um dia no ônibus, com medos e incertezas trouxeram-me ao estado de Mato Grosso, mas também fez-me apaixonar, mesmo que sem saber, pela geografia. Essa geografia das gentes subalternizadas.

¹¹ Relativo ou pertencente ao interior do país.

¹² O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... (EVARISTO, 2018, p. 43)

Essas gentes eram atravessadas por várias camadas de estruturas que impossibilitavam suas ascensões na sociedade brasileira, eram negros e negras, eram de baixa renda e também carregavam consigo as marcas dos regionalismos, destacado no dialeto¹³, que diante a linguagem dominante, sentiam-se ainda mais inferior com relação aos demais. Mesmo fazendo o esforço de reproduzir o dialeto dominante e se adequar ao modelo imposto, os seus corpos geravam incômodos, porque apresentavam-se como um outro espaço.

Já no estado de Mato Grosso, na cidade de Rondonópolis, no ano de 2009, minha mãe foi em busca de trabalho, primeiramente trabalhou em uma padaria, depois em uma indústria de tecelagem, empregada doméstica, cuidadora de idosos, até que aos 44 anos de idade ousou retornar os estudos e concluiu aos 46, o curso de técnica em enfermagem. Eu ficava em casa, cuidando dos meus irmãos durante o dia enquanto minha mãe trabalhava, e me dirigia para a escola no período noturno, onde conclui o ensino médio. Antes mesmo de concluir, trabalhei como diarista em uma frutaria, depois fui menor aprendiz em uma loja de confecções. Após a conclusão, trabalhei em uma vidraçaria, primeiro como *office-boy*, auxiliar de escritório e posteriormente auxiliar administrativo, ficaria ali até concluir a graduação.

Lembro perfeitamente que após concluir o ensino médio, no ano de 2010, e posteriormente prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) minha mãe, que sozinha criava seus filhos, procurou-me e disse: “*Meu filho, se inscreva em um curso de graduação no período noturno porque eu não tenho condições de te sustentar durante o dia para estudar, você precisa trabalhar para me ajudar a criar seus irmãos*”. E assim foi, fui aprovado no curso de Licenciatura em Geografia, no período na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), hoje Universidade Federal de Rondonópolis, onde concluir depois de 4 anos.

O ingresso na Universidade, foi um momento de felicidade, contudo, entre entrar e permanecer existe uma distância muito grande, que nem todos, por falta de incentivo, ou condições de acesso, conseguem romper. As dificuldades, não retirou o brilho daquele momento que representava o ingresso do primeiro homem da família, de todas as gerações, a ingressar em uma Universidade, neste caso Federal. Essa parte da minha vida, se assemelha a uma das músicas do Emicida (2019) que destaca sobre “*as pequenas alegrias da vida adulta*”. Aquele momento, para mim, minha mãe e meus irmãos, representava uma dessas pequenas alegrias.

¹³ Essa discussão já foi proposta por Albuquerque Junior (1999) e (2012), que primeiro traz o Nordeste enquanto invenção e posteriormente discute o preconceito contra a origem geográfica e de lugar.

Após o ingresso, as cidades do agronegócio, inclusive Rondonópolis, foram me apresentadas durante todos os semestres do curso de licenciatura em Geografia. Estas cidades trazem consigo algumas características, são parte da modernização da agricultura que ocorreu no território brasileiro a partir da década de 1970, acarretando uma reestruturação produtiva (ELIAS; PEQUENO, 2007)¹⁴. Trazem consigo também um sistema de objeto que se materializa no território, e um sistema de ações, que dinamiza o território para servir a cadeia produtiva (SANTOS, 1996). Neste contexto, as cidades são transformadas, e ganham forma para atender este momento, e passam a atrair um conjunto de gentes e agentes que vão ser inseridos, a luz do capital, de forma desigual e contraditória.

As discussões em sala de aula no que diz respeito as cidades do agronegócio, tendo como base o estado de Mato Grosso, vinham ao encontro dos estudos propostos por Milton Santos (1996), que diz respeito ao advento do meio técnico-científico-informacional, que cria um híbrido entre campo e cidade, onde uma passa concomitantemente a servir a outra. Neste contexto, têm-se um agronegócio não distanciado do global, mas um agronegócio globalizado, constituinte de uma forte integração à economia urbana, gerando uma extensa gama de novas relações campo-cidade, diluindo, em parte, a clássica dicotomia entre estes dois subespaços. As cidades próximas às áreas de realização do agronegócio tornam-se responsáveis pelo suprimento de suas principais demandas, seja de mão-de-obra, de recursos financeiros, aportes jurídicos, de insumos, de máquinas, de assistência técnica etc., aumentando a economia urbana e promovendo redefinições regionais (ELIAS; PEQUENO, 2007).

Particularmente, eu até tinha o interesse de compreender com maior profundidade a discussão proposta sobre a reestruturação produtiva da agricultura no Brasil, que culminou no agronegócio, mas minha maior preocupação era continuar. O início da graduação representava também o meu deslocamento para um bairro novo que havia sido criado, chamado Alfredo de Castro. O bairro não possuía casas de alvenaria, rede de esgoto, iluminação, água encanada nem transporte público. Na verdade, o bairro assemelhava-se ao eu Carolina Maria de Jesus veio a chamar de Quarto de Despejo¹⁵, onde as pessoas que moravam em ocupações pela cidade, ou

¹⁴ O dinamismo da produção do território brasileiro das últimas décadas pode ser revelado pela reestruturação produtiva da agropecuária e da indústria; pela expansão do comércio e dos serviços; pelas novas localizações da indústria, em parte propiciadas pela luta dos lugares pelos investimentos produtivos; pela expansão das indústrias de base tecnológica; pelo aumento da quantidade e qualidade do trabalho intelectual; pela expansão de novas formas de consumo; pelos intensos movimentos migratórios, entre outros (ELIAS; PEQUENO, 2007).

¹⁵ Quarto de Despejo (1960), de Carolina Maria de Jesus, faz alusão a favela, a periferia e as intempéries que as gentes que partilham deste espaço atravessam.

estavam no cadastro da Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo para adquirir uma casa, foram despejados.

Ali, construímos um barraco de madeira com palha e lona. Posteriormente construímos um quarto com banheiro que abrigava a mim, minha mãe e meus dois irmãos. Depois de seis meses ocorreu a instalação da água encanada e da luz. A rede de esgoto ficou na promessa do poder público. As casas tinham fossas, algumas abertas, representando perigos eminentes para as crianças que ali habitavam. O transporte público chegou logo depois, mas com horários predefinidos, as 06:00h da manhã, as 12:00h e as 23:00h da noite. Quando chovia, atolávamos porque o bairro não gozava de asfalto. Assim era nossa existência naquele local.

Experienciando aquela realidade que se iniciava antes mesmo do sol nascer, percebia que a maioria das gentes que habitavam aquele espaço, eram negras. Muitos regozijados pela alegria do local próprio, mesmo em condições completamente desumanas. Aos poucos, a autoconstrução foi fazendo parte daquela realidade, que aos finais de semana, tornava-se em mutirão entre vizinhos, como forma de manutenção não somente da amizade, mas também da vida. Rir sobre aquela realidade, era o que restava para aquelas gentes.

Ao final da graduação, resolvi na escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), contemplar aquela realidade e discorrer sobre a segregação socioespacial que atravessava a vida daquelas gentes e que também era minha realidade. De porta em porta, aplicando questionário, percebi que essas gentes representavam os rostos de um Brasil desigual, onde a cor da pele é uma linha demarcatória para a promoção de acesso a uma existência digna, faltavam-lhes, portanto, cidadania, ou tornarem-se cidadãos. Destaco que eu era o único daquela realidade que cursava uma graduação em uma Universidade Federal.

Concluí aquele ciclo e questionava-me sobre a realidade daquelas gentes, porque havia discutido durante anos de graduação, sobretudo nas disciplinas de Geografia Humana, que Rondonópolis é uma cidade que atende a cadeia produtiva do agronegócio e que possuía uma grande arrecadação, contudo, percebi que isso não se materializava na prática. As *gentes negras* e negros continuavam ocupando as camadas mais baixas da sociedade, com exceção de alguns que ascendiam, restavam-lhes aos demais, os *quartos de despejos*, espalhados em pontos específicos pela cidade.

Após a conclusão da graduação, em março de 2015, prestei a primeira seleção de mestrado e fui reprovado, na sequência prestei a segunda seleção e naquele mesmo ano fui

aprovado. Esta foi mais uma daquelas *alegrias da vida adulta*, pois não me imaginava nem cursando uma graduação, imagina um mestrado, na verdade eu não sabia o que era mestrado até ingressar na Universidade. Migrei para Cuiabá e em diálogo com a orientadora, decidimos estudar a cidade de Campo Verde, que é uma cidade que serve a cadeia produtiva do agronegócio.

A escassez de artigos publicados sobre a cidade, dificultavam a construção dos resultados, mas também demonstrava a necessidade da realização de uma pesquisa científica na geografia sobre a cidade. Após dois anos, entre leituras e trabalhos de campo, construímos o texto final da dissertação e defendemos. Ali tornava-me mestre em geografia, um feito inédito nesta caminhada que iniciou-se em Muritiba-Bahia, já destacado nos parágrafos acima.

Após um ano lecionando em colégios particulares e cursinhos pré-vestibular local, emergia em mim o desejo de ingressar no doutorado, que naquele momento parecia-me tão distante. Resolvi me deslocar em uma tarde de sexta feira para a Universidade Federal de Mato Grosso, hoje Universidade Federal de Rondonópolis, quando um Professor por nome Jorge, hoje aposentado, me apresentou o Professor Jones. Sentamos no *Chico*¹⁶ e em posse de um cafezinho conversamos por alguns minutos. Após o diálogo, decidi então, prestar o seletivo do doutorado na Universidade Federal da Grande Dourados e caso fosse aprovado, estudar as *gentes negras* em cidades do agronegócio, mais precisamente a cidade de Campo Verde, no estado de Mato Grosso, dando continuidade à pesquisa empreendida durante o mestrado.

Após a aprovação, as buscas de referências bibliográficas e o trabalho de campo encaminharam o percurso da pesquisa e a construção desta tese. Destaco que no rastreamento por informações, descobrimos a existência da *Baixada*, como demarcador na cidade, com isso, este termo, tornou-se o conceito central da pesquisa, presente em todos os tópicos deste trabalho, por entendermos que esse outro lugar, entre todas as camadas de opressão, é também atravessado pela condição racial. Outra questão que emergiu como parte da pesquisa foi a migração, a partir de várias condicionantes entre os quais destaca o trabalho, que geravam deslocamentos das *gentes negras* para a cidade de Campo Verde, que serve a cadeia produtiva do agronegócio.

A partir, portanto, desta questão que intersecciona, a *Baixada*, as *gentes negras* e seus deslocamentos, ocorre em Campo Verde, a produção de uma outra geografia, ou de geografias,

¹⁶ Uma espécie de lanchonete localizada na Universidade Federal de Mato Grosso.

que são partilhadas, vivenciadas pelas *gentes negras*, migrantes que se estabelecem temporariamente, ou até mesmo permanentemente na cidade, construindo com resistência maneiras de continuar, mesmo que em condições subalternizadas dentro da lógica econômica da cidade.

OS CAMINHOS QUE PERCORRI PARA CONSTRUIR ESTA TESE

Ingressei no Doutorado em 2018 e após um ano realizando os créditos e leituras que embasassem a construção da presente pesquisa, ingressei no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, na condição de servidor contratado e passei a realizar trabalhos de campo periódicos para a cidade pesquisada e outras cidades circunvizinhas a Rondonópolis, o que possibilitou não somente o deslocamento, mas também a estadia em Campo Verde, durante vários momentos. Alguns deslocamentos foram realizados de forma pessoal, por vezes de ônibus, outrora de carro, para a realização da pesquisa, entre os anos de 2019 e 2021. Ressalto que em 2020 não foi possível por conta da pandemia da *covid-19* que assolou o mundo e que, lamentavelmente ceifou muitas vidas em Campo Verde¹⁷.

Os trabalhos de campo, tanto na condição de funcionário do IBGE, quanto na condição de pesquisador, foram descortinando um conjunto de problemáticas presentes na cidade. Gentes, migrantes, corpos-hegemônicos e contra hegemônicos. Luminosidade e opacidade. Movimentos e estagnação. Fronteiras abertas e fechadas, com outro, com as gentes negra ali. Distanciamentos e exclusões, segregação, desigualdade, produção da pobreza. Uma geografia atravessada por tensões e conflitos, por divisões social e racial, em uma cidade que se molda dentro contexto da agricultura mecanizada, que atende ao mercado externo.

Para a realização do trabalho de campo, enquanto técnica importante para os resultados da pesquisa e compreendido como local da troca e das descobertas, primeiramente, optou-se por observar a cidade, como ela funcionava, desta forma, o caminhar fez-se importante para construir o que no trabalho denominou-se *cartografia das andanças*. Portanto, neste primeiro momento, ocorreram pequenos diálogos durante a caminhada com a gentes que ali residiam. Este primeiro momento foi também importante pois possibilitou uma série de visitas aos órgãos

¹⁷ Conforme dados da Prefeitura Municipal de Campo Verde, até o presente momento, 156 vidas foram ceifadas pela *Covid-19*.

públicos, como a Prefeitura Municipal, a Biblioteca central, a secretária de cultura e o Museu, localizado no distrito de Capim Branco.

Após conhecer a cidade e seu funcionamento, na condição de funcionário do IBGE, realizava as pesquisas da instituição e quando encontrava pessoas negras, questionava se elas não aceitavam dialogar comigo em um outro momento, fora do horário de expediente, pois além de funcionário do IBGE realizando pesquisa naquela cidade, eu também era um doutorando que estudava Campo Verde. Com isso, parte dos entrevistados aceitavam dialogar em outro momento, como o horário de almoço, entre 11h e 13h e no período noturno, entre as 18:30h e 21:00h, por vezes essas entrevistas ocorriam aos sábados. É importante destacar, que nem todas as gentes que aproximávamos aceitavam dialogar posteriormente, pois o trabalho de campo, é também, mesmo que pouco, um ato de interferência na vida do outro, seu cotidiano, seus medos, incertezas e suas geografias.

Para a construção das narrativas, após apresentar o teor da pesquisa sobre a cidade, com um caderno nas mãos e muitas vezes um celular para gravação com autorização dos entrevistados, prezando pela ética da pesquisa e respeitando esse mundo do outro, dois questionamentos eram centrais para que as entrevistas caminhassem dentro da temática da pesquisa, O primeiro era: “Na condição de morador/moradora, como você vivencia a cidade de Campo Verde?!” Por fim, questionava: “Como você enxerga a condição dos negros na cidade?!” Destaco que apesar dos dois questionamentos, por se tratar de um diálogo aberto, muitas vezes parte dos entrevistados contavam suas vidas, suas experiências, suas histórias e trajetórias até aquele momento, construindo assim uma relação mais próxima entre pesquisador e pesquisado. Alguns diálogos finalizavam com um cafezinho.

A escolha das pessoas a serem abordadas como possíveis sujeitos do trabalho de campo, ocorreu pelo olhar, pelo observar e pelo caminhar. Após o primeiro contato com as *gentes negras*, em alguns momentos era possível construir uma ponte para próximos diálogos durante a visita e estadia na cidade, com isso, foi possível, em muitos casos até três encontros para entrevistas. Contudo, é importante destacar que em outros casos, essas pontes não foram possíveis, seja por vontade própria do morador, que não se sentiu à vontade no primeiro encontro, até porque estar em campo é um ato de interferência no outro, seja pelo fato dos moradores anteriores terem migrados para outras localidades a trabalho, ou retornado para seus estados de origem.

Os encontros com as *gentes negras* produziram agenciamentos e pontes com outras *gentes negras* residentes em Campo Verde, com isso, após as primeiras entrevistas, as seguintes ocorrem por indicação de alguém que já havia sido anteriormente entrevistado. Destaca-se também, que outras entrevistas ocorreram em encontros que não foram programados, como por exemplo, o diálogo com o senhor no ônibus que seguia para Campo Verde, a conversa com a mulher que trabalhava no hotel, que ocorreu pelo fato de ter me hospedado no local, a conversa com a mulher que era garçoneiro no período noturno, por fim o encontro com o senhor que havia acabado de chegar na rodoviária e seguia em busca do SINE em busca de emprego. Esses encontros, demonstraram que o trabalho de campo, foi também sendo construído no aqui e no agora, a partir dos acontecimentos que iam ocorrendo.

No campo, indo ao encontro do outro, seu mundo, sua geografia, ouvir as histórias das *gentes negras*, foi como “[...] desarrumar a mala e reviver novas lembranças” (EVARISTO, 2018). A escuta pareceu-nos o caminho mais adequado para fazer os subalternos falarem, porque no contexto em que estavam inseridos, a fala, para muitos, eram negadas. Neste caso, acreditamos que o método mais adequado para subsidiar os desdobramentos da pesquisa, seria a História Oral na modalidade trajetória de vida, pois conforme Gonçalves e Lisboa (2007), esta abordagem permite a compreensão do universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo o entendimento, da realidade humana vivida socialmente.

Optamos por escrever esta tese transitando entre a primeira e a terceira pessoa, por entender que alguns relatos precisavam ser contados a partir das nossas experiências no e durante o trabalho de campo. A ideia de construir um escrito que trouxesse outras geografias pautadas na oralidade ofereceu-nos a possibilidade de realizar este trânsito, a luz da criticidade, partindo do chão. Desta forma, caminhamos alinhados a Lélia Gonzalez, a mulher que falava o *Pretuguês* (RATTS; RIOS, 2014), conversamos como 23 pessoas durante a pesquisa.

Algumas entrevistas, não foram gravadas no smartphone, ocupando somente o campo da memória e uma folha de papel, por entendermos que algumas falas vieram tecidas de lágrimas e risos nas histórias e trajetórias contadas. Nestes momentos, a escuta preenchia todo o espaço. Havia então, em algumas histórias uma intersecção entre mim e eles, porque as histórias e trajetórias se atravessavam constantemente, éramos negros, migrantes, residindo e resistindo em uma cidade do agronegócio, em busca de ascender socialmente.

Decidimos fazer algumas “viagens” epistemológicas para subsidiar, teoricamente a construção da tese. Visitamos autores negros e negras do Brasil, da Martinica (Departamento Ultramarino Francês), Camarões, dos Estados Unidos, da Nigéria, da Venezuela, de Portugal, entre outros. Esta “viagem” ajudou-nos construir, diálogos com as *gentes negras* da *Baixada*, para as geografias aqui presentes. Fizemos também o exercício de “*engravidar*” a geografia, de outros campos do conhecimento científico (Antropologia, Artes, História, Literatura Afro-Brasileira, Sociologia), por entendermos a possibilidade de um diálogo para a construção do presente trabalho.

O primeiro capítulo, intitulado: **DA BAIXADA PRA CÁ É OUTRA GEOGRAFIA**, buscamos construir uma escrita partindo das *gentes negras* e suas narrativas trazidas durante o trabalho de campo. Destaco que a *Baixada*, surgiu como conceito central durante o trabalho de campo, e assim como a ideia de negritude e branquitude, é também uma construção social que se estabelece como o local do outro, uma fronteira naturalizada com as *gentes negras* e migrantes, na cidade. O termo é de conhecimento de todos os moradores, tanto os que residem do lado de alto poder aquisitivo, quanto os que vivem na *Baixada*.

Este capítulo optamos por subdividir em dois tópicos, o primeiro buscando geografar a cidade a partir da *Baixada* e das *gentes negras*, trazendo registros de observação por e entre a *Baixada*, além de discorrer que esse território não é vivenciado da mesma maneira por homens e mulheres negras, que apesar de serem atravessados pela condição de raça e classe, experienciam aquele território de forma diferente. No segundo tópico, buscamos construir uma *cartografia das andanças*, por entender que o ato de andar é uma forma de *geografar* o espaço, além de permitir retratar os locais onde caminhamos durante o trabalho de campo e a compreensão deste território com suas particularidades. É neste momento que temos os primeiros relatos a partir das *gentes negras* sobre a cidade.

O segundo capítulo, intitulado: **DOS CORPOS NEGROS E DAS DISTÂNCIAS: CAMINHANDO DO QUARTO DE DESPEJO À ESPERANÇA DA SALA DE VISITA**, buscamos, por entender que a cidade se estabelece para atender a cadeia produtiva do agronegócio, compreender a origem das *gentes negras* que ali residiam, alguns temporariamente por conta do período da safra e outros que permanecem, em condições subalternizadas. Desta forma, subdividimos em três tópicos, o primeiro visou discutir os passos

que vieram de longe para a cidade de Campo Verde¹⁸, os motivos que levam as pessoas a se fixarem na cidade, ou vivenciá-la de forma temporária, realizando a migração de retorno, ou se deslocando para outras localidades. O segundo tópico buscou compreender a geografia das mulheres negras, suas vivências, experiências e a interseccionalidade na *baixada* e por fim, trouxemos a estórias e trajetórias de homens negros, residentes permanentes ou temporários na cidade, trabalhadores que vivenciam aquela realidade e são atravessados pelo alterocídio.

O terceiro capítulo, intitulado: **AS GENTES NEGRAS E A NECROMEMÓRIA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE CAMPO VERDE**, buscamos discorrer sobre a formação socioespacial da cidade de Campo Verde, tomando como base a presença das *gentes negras*, ao longo do tempo e do espaço. Desta forma, este capítulo, a partir de uma periodização, foi subdividido em três tópicos. O primeiro ressaltou a história da cidade e os poucos registros das *gentes negras* até a década de 1970, com a criação do Posto Paraná, que representa o início da formação da cidade. O segundo tópico destacou do posto paraná até o posto de cidade do agronegócio e por fim, o último tópico discorreu sobre a BR-070 e a fronteira que se estabeleceu, separando a *Sala de Visita*, do *Quarto de Desejo*.

O quarto capítulo, intitulado: **O AGRO É POP, É TECH E TAMBÉM É (ANTI)NEGRO: O APAGAMENTO CULTURAL E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS**, buscamos desconstruir a ideia de um agronegócio estruturado enquanto branco, entendendo que sua manutenção depende também das *gentes negras*, que são inseridas na condição subalternizada. Desta forma, subdividimos em quatro tópicos, o primeiro discorreu sobre o apagamento cultural como representação da desigualdade racial que é presente na cidade, onde desde os cargos públicos aos eventos municipais são responsáveis pelo apagamento da cultura negra. O segundo tópico propôs-se a discutir a invisibilidade das religiões de matriz africana e a capoeira como forma de resistência presente na cidade. O terceiro tópico, buscou trazer as experiências dos corpos negros, enquanto vendedores de arte na cidade de Campo Verde. O quarto e último tópico, representou a nossa saída de cena, como um filme que precisa terminar, representou nossa saída pela *Baixada*, por onde também começamos a pesquisa.

¹⁸ O foco do trabalho não é a migração, aliás nem imaginávamos que esse tema seria tão recorrente na construção do trabalho, contudo, à medida que fomos andando, esse fato social foi sendo exposto. Fomos percebendo que a população negra, em sua maioria, era de outras regiões do país (Norte e Nordeste), assim como a população branca (Sul), visto o pouco tempo de criação da cidade.

O quinto e último capítulo, intitulado: **ICONOGRAFIA DAS GENTES NEGRAS**, buscamos através de imagens feitas durante os trabalhos de campo, ao longo da pesquisa, registrar as *gentes negras* na cidade de Campo Verde, suas andanças, deslocamentos, na condição de ser outro. As imagens, de autoria pessoal, trazem um pouco dessa geografia que foi construída ao longo do trabalho de campo e exemplificada aqui nesta tese.

Por fim, discorreremos sobre **A EXPERIÊNCIA DE ENEGRECER A GEOGRAFIA**. Neste momento retrato minha trajetória após o ingresso no doutorado até *tornar-me um negro*. O encontro com as leituras, as palestras, o cotidiano, as problemáticas estruturais que forjaram minha construção intelectual a partir de autores e autoras negras. Relato o encontro com Carolina Maria de Jesus. Relato que hoje entendo-me como um negro e destaco a importância de enegrecer a geografia e de construir um trabalho discorrendo sobre a temática racial, mesmo que ainda de forma isolada, na geografia do estado de Mato Grosso.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Campo Verde se encontra localizada na região Sudeste do estado de Mato Grosso. A sede do município localiza-se a 127 Km de distância da capital Cuiabá, com uma área territorial de 4.782,118 km² e apresenta as seguintes coordenadas: latitude de 15°32'48" sul e a uma longitude 55°10'08" oeste, estando a uma altitude média de 736 metros, possuindo uma população conforme o último censo de 31.586 mil habitantes, sendo 80,6% residente na área urbana, e 19,4 % residente na área rural (IBGE, 2010). Conforme dados do IBGE, há estimativa de que no ano de 2021, a população tenha saltado para 44.033 habitantes, demonstrando um crescimento populacional acelerado, com média anual de 4,48%, se situando a frente no que tange ao crescimento de várias outras cidades do estado de Mato Grosso.

O clima do município é tropical, que favorece à agricultura em larga escala na produção de grãos. Já a hidrografia é formada pelo Rio São Lourenço, Rio das Mortes, Rio da Casca e córregos Aricá Mirim, Roncador e Chimbica. O Município é um divisor de águas, contribuindo para a formação da Bacia Tocantins (Rio das Mortes) da Bacia do Prata (Rio São Lourenço) (LOPES, 2006).

No que tange a vegetação, Santos (2017), aponta que a vegetação do município se configura por ser predominante do cerrado, contudo a mesma já foi substituída pelo cultivo

agrícola. Com isso, hoje a vegetação predominante é a vegetação do agronegócio, que foi responsável por suplantando a vegetação do cerrado.

Vários fatores são determinantes para a agricultura mecanizada em Campo Verde, entre eles se destacam o clima, relevo e água abundante, permitindo até três colheitas no ano. Toda essa produção coloca Campo Verde como uma cidade que desponta para se tornar uma das maiores produtoras agrícolas do estado. É considerada, conforme dados do censo agropecuário realizado pelo IBGE em 2017, o 5º maior produtor do estado de Mato Grosso, sendo a soja a maior área plantada, seguido pelo algodão e logo depois o milho¹⁹.

Campo Verde destaca-se também pela produção de aves de postura, sendo conhecido como o maior produtor de ovos comerciais do Estado de Mato Grosso. Avicultura de corte, onde anualmente são alojadas e abatidas cerca de 36 milhões de aves. Suinocultura que se apresenta como um horizonte promissor para os próximos anos. Pecuária de corte e leite, que tem ganhado investimentos nos últimos anos. Psicultura, atividade que passou a ser desempenhada recente no município, mas que se apresenta como promissora. Por fim, a agricultura familiar²⁰, onde destaca-se a produção de hortifrutigranjeiros²¹ (FERREIRA, 2012).

O município possui sete assentamentos já homologados pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) e destacam-se pela produção de hortifrutigranjeiros, são eles: Assentamento 28 de Outubro, Assentamento 14 de Agosto, Assentamento Taperinha, Assentamento Paulo Freire, Assentamento Santo Antônio da Fatura, Assentamento 4 de Outubro e Assentamento Dom Ozório Stofell. Sobre o último assentamento citado, quando ainda desempenhava pesquisa pelo IBGE, foi possível perceber que grande parte dos assentados, sem a possibilidade de trabalhar na terra devido à falta de recursos e a burocracia, acabavam arrendando para as grandes empresas do ramo do agronegócio instalada no município.

Os limites geográficos, conforme Ferreira (2012), são: ao norte encontra-se o município de Nova Brasilândia, ao Oeste o município de Chapada dos Guimarães, ao Leste, o município

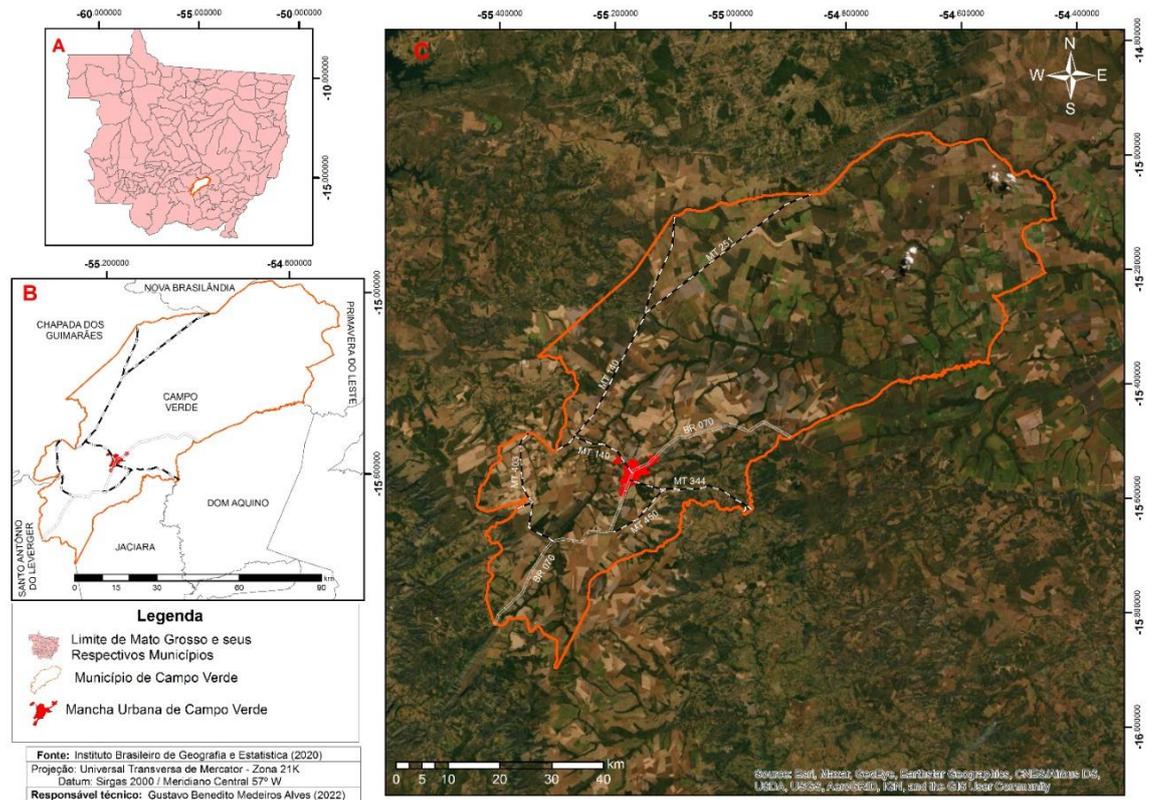
¹⁹ No ano de 2016, o município cultivou 392,6 mil hectares, sendo 79.061 de algodão, 216.650 para a soja e 88 mil de milho. (IBGE, 2017)

²⁰ Conforme Ferreira (2012), A agricultura familiar de Campo Verde é bem diversificada, indo da produção de leite, peixe, frango, ovos, hortaliças, verduras em geral e de algumas frutas tais como: banana, maracujá, abacaxi, mamão, morango, limão, coco e acerola

²¹ A prefeitura compra produtos hortifrutigranjeiros dos pequenos produtores para garantir merenda escolar de qualidade no município. O objetivo é estimular o plantio de frutas, verduras, legumes, polpas, leite, doces, e hortaliças através dos programas de Agricultura Familiar em Campo Verde (FERREIRA, 2012)

de Primavera do Leste, e ao sul os municípios de Jaciara, Dom Aquino e Santo Antônio de Leverger. Entre os símbolos cívicos, destaca-se a bandeira e o brasão (Figura 1).

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Campo Verde-MT



O espaço urbano de Campo Verde é composto por migrantes de diversas regiões do país, e de cidades circunvizinhas. Ocorre uma hegemonia sulista²² com relação aos *outros*, com isso, a cidade se estrutura a partir desta diferença, que se materializa na paisagem local. A BR-070 que corta a cidade, é também um demarcador que separa um grupo com relação ao outro na cidade, neste caso, tem-se em Campo Verde uma *Baixada*, onde moram as pessoas de baixa renda majoritariamente *negras*, e o lado considerado rico da cidade.

²² É importante apontar, que o termo sulista em Campo Verde, abriga todas as identidades e gentes da região Sul do país.

Capítulo I - DA BAIXADA PRA CÁ É OUTRA GEOGRAFIA

Figura 2: Da Baixada pra cá é outra história



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

GEOGRAFANDO CAMPO VERDE A PARTIR DA BAIXADA E DAS GENTES NEGRAS

Mas um corpo precisa ser capaz de se mover. Um corpo é feito, antes de mais nada, para se mover, para andar. É por isso que só existe sujeito itinerante, que vai de um lugar a outro. A viagem enquanto tal pode não ter um destino preciso: pode-se também entrar e sair à vontade. Pode ser que existam etapas já fixadas previamente. O caminho, porém, nem sempre conduz ao lugar desejado.

Achille Mbembe (2018)

*Talvez seja bom partir do final
Afinal, é um ano todo só de sexta-feira treze*

Emicida, 2019

Geografar é contar a geografia do lugar, destacando a dimensão espacial dialogando com a perspectiva social, em conjunto com atores *estabelecidos* e *outsiders*²³ que promovem este movimento. Aqui, procuramos fazer este exercício a partir de baixo e dos que estão, historicamente, abaixo. Além de buscar compreender o lado de cá (*Baixada*), a partir de cá (*gentes negras* que partilham cotidianamente daquela realidade).

Durante o ano de 2019, o rapper e neo-sambista Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida lançou um álbum por nome AmarElo²⁴, entre as diversas faixas que compõe esse trabalho com uma riqueza no debate da questão racial na sociedade brasileira, uma música que leva o nome: É tudo pra ontem, me lança luz para iniciar essa tese, quando parte dela se inicia discorrendo: “*Talvez seja bom partir do final*”. Apesar do contexto da música exemplificar uma situação específica, esta pequena parte, que ecoa na minha mente, fez-me questionar o porquê não fazer o exercício de iniciar a escrita desta tese a partir do que naturalmente seria o final, ou o resultado?

²³ O termo faz alusão ao livro *Estabelecidos e Outsiders* (2000), de Nobert Elias e John Scotson, onde apresenta os *outsiders*, como os residentes mais novos de uma comunidade da Inglaterra, onde eram estigmatizados pelos moradores mais antigos, conhecidos como *estabelecidos*.

²⁴

Disponível

em:

https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q&list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6yI2lRXdSfuxMt-s

Acostumado a escrever um roteiro programado nos trabalhos científicos, partindo sempre do geral para o individual, ouse-me a escrever, no que chamamos de tese de doutorado de forma diferente – trazendo a história e a geografia dos diferentes, que diferentemente do que se conta, negando as diferenças de oportunidade e de ascensão social, os diferentes, sendo as gentes negras e negros continuam ocupando as *Baixadas* das cidades, entre elas, a cidade de Campo Verde que não se diferencia espacialmente, das *Baixadas* do Brasil.

Afetado por essa parte da música e entendendo que o cerne central desta pesquisa é compreender a geografia das *gentes negras* na cidade de Campo Verde, construída de forma estrutural enquanto uma cidade branca²⁵ É importante destacar, que a ideia de branco, emerge no campo das relações raciais como o caminho da perfeição, na qual o negro deve seguir (FANON, 2008). Estruturado dentro de um processo de hierarquização, a ideia de brancura, apresenta-se como superior aos demais, com isso, a ideia de uma cidade branca, sucumbe a identidade negra e outras identidades presentes. Com isso, ocorre a produção de humanidades para um grupo que historicamente foram favorecidos, e produz-se sub-humanidades ao outro grupo, que historicamente foram desfavorecidos com relação ao branco (NASCIMENTO, 2010).

É neste contexto, que decidi contar essa geografia, “geografando” a partir da *Baixada*. Com isso, faço o exercício de inverter a ordem das coisas, da pesquisa se iniciar com as *gentes negras* e seu espaço vivido, atravessado por diversas intempéries, onde construímos ao longo das andanças, pontes, diálogos e encontros que permitiram-me chegar até aqui, a partir de lá, da *Baixada* e seus atravessamentos, tanto no tempo, quanto no espaço. Desta forma, ousamos não seguir a *lógica dos mais fortes*²⁶, mas ouvir os que historicamente foram desfavorecidos.

A ideia de pensar a *Baixada* e constituir enquanto conceito²⁷ central desta tese, surge a partir do momento em que, durante o trabalho de campo realizado durante o ano de 2019, encontro-me com os escritos estampados na parede de um supermercado, na cidade de Campo Verde, destacando que “*da Baixada pra cá é outra história*”, demonstrado na figura que dá

²⁵ O termo branco, que associa-se ao termo brancura, é um ideal de perfeição a ser alcançado principalmente por negros, mas inclusive pelo próprio branco. É o entendimento de que vários valores da cultura euro-americana (ocidental) são os melhores e paradigmáticos, como por exemplo: ideal de Arte, ideal de Religião, ideal de História, ideal de Civilização, etc. (NASCIMENTO, 2010, p. 188).

²⁶ Carolina, essa é a lógica do mais forte, e comecei a pensar na menina com unhas roídas pelos produtos de limpeza, que só tinha como defesa as próprias lágrimas (EGA, 2021).

²⁷ Para Piedade (2017), um conceito nunca está pronto, definitivo e imutável. O movimento é a sua marca. O movimento é a sua marca. Movimento histórico, ideológico. Movimento. Multiplicidade. Crítica. Conceitos são circulares e, até para eles, como se diz, a fila anda – surgem significados inesperados, aparecem outros discursos, despontam novas reflexões.

início a este capítulo. Esse escrito demarcava aquele território como um outro lugar, dotado de uma outra geografia que destoa da narrativa construída de uma cidade com possibilidades para todos. A paisagem urbana, sobretudo observando a *Baixada*, demonstra que a realidade não coaduna com os anúncios em sites das prefeituras, ou em outdoors espalhados pela cidade.

Do ponto de vista geomorfológico, percebe-se que a *Baixada* descrita na parede do supermercado, apresenta uma declividade, pouco acentuada, com relação a outra parte cidade, contudo, a ideia de *Baixada*, em Campo Verde, extrapola a condição física e vai ao encontro a realidade local, da *Baixada*, que é atravessada pelas condições humanas, de apagamento, preconceito, falta de oportunidade e fronteiras, construídas com o outro ao longo de sua formação. Portanto, o exercício é pensar essa *Baixada* para além das condições físicas, mas sim, a realidade que destoa e constrói a ideia dos que estão acima e dos que estão abaixo (Figura 3).

Figura 3: Demarcação da Baixada de Campo Verde



Fonte: Google Earth

É importante destacar, que a *Baixada* na cidade de Campo Verde não destoa das outras *Baixadas* existentes nas cidades brasileiras. Histórica e geograficamente são “nas Baixadas”

que grande parte das gentes negra se encontram e em Campo Verde parece não ser diferente. A construção desse lugar, dessa localização, é algo que nasce em tempos antigos, desde o período colonial, com a ideia de casa grande e senzala e ramifica-se nos dias de hoje, onde as *gentes negras*, em sua maioria são condicionadas e isoladas para as *Baixadas*. Sejam nas favelas, bairros periféricos, ou em locais específicos, a geografia das *gentes negras* é diferente dos demais sujeitos. Kilomba (2019, p. 170) nos ajuda a entender essa problemática, ao destacar que o isolamento de negras e negros é uma estratégia para reassegurar a supremacia branca, com isso, a *Baixada* é uma forma de segregação e hierarquização de um grupo em detrimento do outro.

Pontua-se que as *Baixadas* se transvestem de múltiplas faces, em casos específicos tem como base a declividade, como é o caso de grande parte das favelas do Sudeste e Nordeste brasileiro, mas em outras situações, os terrenos planos se mostram como um espaço de exclusão, onde convivem os excluídos. Neste processo, autores brasileiros já trouxeram em seus escritos a geografia das *Baixadas*, entre as quais destaca-se Carolina Maria de Jesus, que na metade do século XX, trouxe a favela como a representação do quarto de despejo de uma cidade, onde convivem os favelados, os pobres, onde a vitória diária é poder se alimentar (JESUS, 1960).

Analisando por essa ótica, percebe-se que o fator espacial-geográfico atravessado pelo fator racial é responsável pela demarcação do lugar do negro na sociedade, neste caso, para as margens. Desta forma, concordamos com Panta (2020), quando aponta que, dentre as diversas dimensões das desigualdades raciais brasileiras, destacam-se aquelas historicamente existentes na distribuição e inserção territorial das *gentes negras* no espaço urbano. Portanto entende-se que existe um local pré-determinado para as *gentes negras*, de baixa renda nas cidades. No caso da presente pesquisa, este local é conhecido como *Baixada*.

Salvo algumas exceções de negros que ascendem socialmente, em muitos casos adotando o discurso do colonizador, ainda assim, o corpo enquanto um espaço, o faz sempre ser pensando no imaginário das gentes hegemônicas como o outro, que se encontra fora do lugar. Aos que não ascendem socialmente pela estrutura não permitir, são conduzidos para as *Baixadas*, e passam a ser marcados não somente pela condição de raça, mas também pela localização geográfica. A identidade, desta forma é suscitada como outro (negros e negras) da *Baixada*, que se encontram dentro das relações sociais e de acesso, abaixo dos outros.

Geografar a *Baixada* de Campo Verde a partir das *gentes negras*²⁸, é pensar esse território dotado de uma outra geografia, outros sons, outras formas de existência e resistência. A cidade é empreendida pelo lado conhecido pelos moradores como a *parte de cima*, representando o lado mais rico, que historicamente foi ocupado pelas gentes brancas e constituiu-se como local de maior valor, tanto do ponto de vista econômico, quanto social, por representar o acesso a um conjunto de benesses.

A localização é marcada por histórias, trajetórias e geografias de perto e de longe que ajudam a dar outros significados aquela realidade. Para além da construção de uma ideia da *Baixada* enquanto um local inferior, este território se apresenta, por vezes, como única possibilidade para as gentes que desembarcam de outras cidades de Mato Grosso, de outros estados do Brasil, sobretudo do Nordeste, mas também de outros países da América do Sul, América Central e do continente Africano (Haiti, Venezuela e Guiné-Bissau) na tentativa de ascender na cidade, demonstrado na figura 4. Neste caso, a condição espacial torna-se secundária frente ao sonho de melhoria na condição de vida.

Figura 4: Vendedor Haitiano no centro de Campo Verde



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

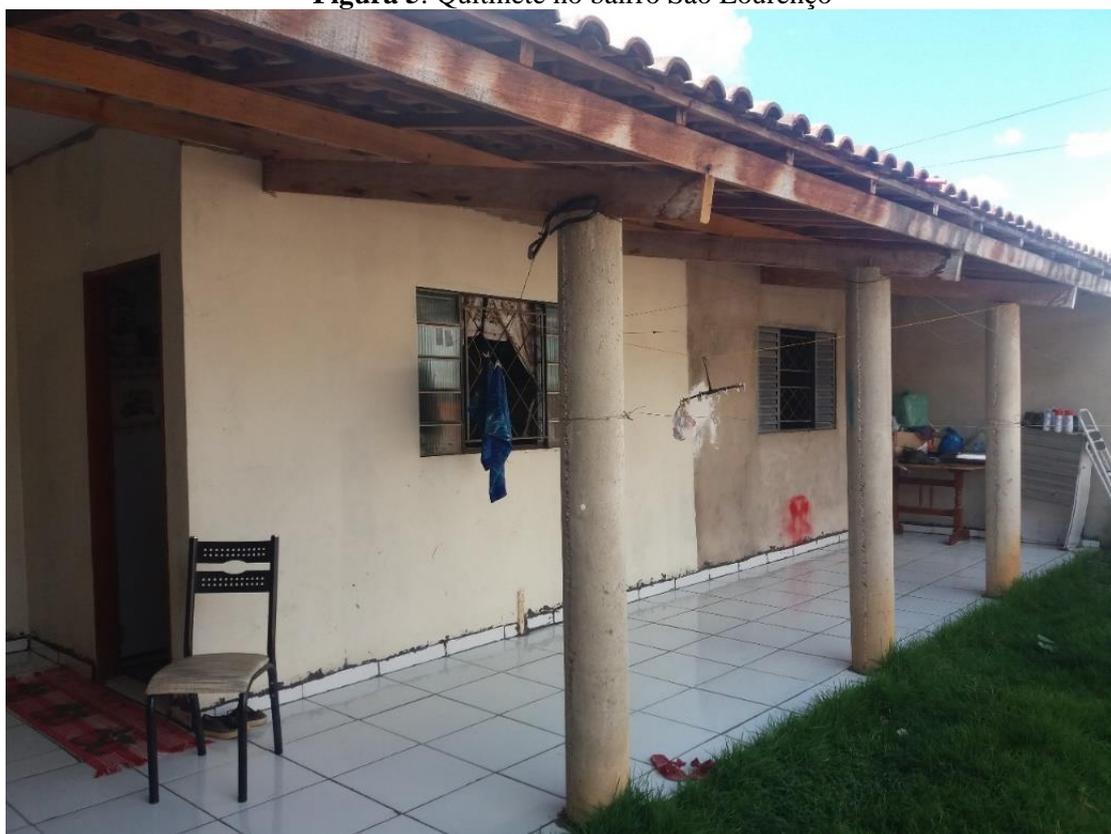
²⁸ É preciso pontuar a partir das andanças durante a realização do trabalho de campo, que a *Baixada* não é um território onde residem exclusivamente pessoas negras, encontramos também pessoas brancas vivenciando aquela realidade, contudo, a um maior quantitativo de pessoas negras partilhando daquela problemática do que de pessoas brancas.

Além de local de moradia dos subalternizados, é também local onde residem os *outsiders*, aqueles que mesmo que tenham tempo de residência na cidade, serão sempre considerados o outro, pelos *estabelecidos*. Neste contexto, coaduna-se a questão geográfica que determina quem vem a ser estabelecido ou não, por conta da origem geográfica e de lugar, mas também a condição racial, porque a raça é também um condicionante de inclusão precária e a *Baixada* demonstra na sua paisagem, constantemente modificada esta questão.

Caminhando pela *Baixada*, observando os passos, os sonhos, os cheiros, as vidas, as gentes... percebemos logo, que existe uma multiplicidade de pessoas de outras localidades, de perto ou de longe, que ali habitam. É comum encontrar quitinetes construídas aos fundos das casas com placas de aluga-se para atender as gentes que rotineiramente buscam por uma moradia naquele território. Cabe ressaltar, que muitas destas quitinetes, possuem pouca infraestrutura para abrigar uma família, contudo, muitos se adaptam a esta realidade frente aos altos preços de imóveis na cidade, o que torna inacessível, sobretudo, para as *gentes negras*, de baixa renda.

O padrão arquitetônico e o tamanho das ruas demonstram que a realidade da *Baixada* difere do outro lado da cidade, que aqui vamos chamar de sala de visita, fazendo alusão a discussão empreendida por Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de Despejo* (1960). Ao caminhar pelas ruas da *Baixada*, que possuem nomes de estados, percebe-se que as casas não seguem um padrão, ou o tamanho dos terrenos são subdivididos de forma igualitária. O fenômeno da autoconstrução, que faz parte da realidade da sociedade brasileira, tanto no que diz respeito as gentes de alto poder aquisitivo, que utilizam da autoconstrução para construir seus impérios, quanto das gentes de baixa renda, que na ausência do poder público também se apropriam da autoconstrução para a construção de suas casas, faz parte da paisagem da *Baixada* de campo Verde. Assim como as casas aos fundos de outras casas, demonstrado na figura 5.

Figura 5: Quitinete no bairro São Lourenço



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Ruas pequenas, algumas mais movimentadas que as outras. Um micro centro para atender as gentes residentes nas proximidades. Moto táxis. Restaurantes. Mercarias, pessoas que caminham por entre as ruas e que trazem os rostos de uma outra Campo Verde, diferente do que encontramos na sala de visita. Carros e motos, mas também, aqui, as bicicletas. Neste caso, as bicicletas não são para a prática de esportes como de costume do outro lado da cidade, mas são um meio de locomover-se em direção a outro local. Vizinhos na frente de casa observando o movimento e os rostos diferente que por ali transitam.

O esgoto a céu aberto presente em algumas ruas da *Baixada* é parte da realidade de alguns moradores. Essa problemática demonstra a falta de saneamento básico que atinge, pontualmente a *Baixada* da cidade. Destaca-se que não encontramos esta problemática na sala de visita. Em dias de sol, o mau cheiro expande-se pelas casas dos moradores, em dias de chuvas, o esgoto escorre as ruas dos bairros (Figura 6), aumentando o odor e podendo promover algum tipo de doença para os moradores, inclusive as crianças que brincam nas ruas durante o dia.

Figura 6: Esgoto correndo a céu aberto na Baixada



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

O verde presente no nome Campo Verde, não se materializa nas ruas da *Baixada*, talvez fique relegado apenas à representação de esperança para as *gentes negras* que residem naquela realidade. A paisagem traz a realidade vivida por e entre aquelas gentes, condicionadas aquela situação, tão presente naquela cidade, mas também tão presente nas cidades brasileiras. As árvores que se encontram na frente das casas dos moradores servem como uma espécie de sombra, ou para deixar suas motos e bicicletas, ou para assentar-se, depois do trabalho ao fim do dia. Há também aquelas que são parte dos quintais das casas, como parte da paisagem que excede os muros e adorna, mesmo sem um padrão, as ruas locais.

A *Baixada* e sua geografia, é também caracterizada pela multiterritorialidade (HAESBAERT, 2003). Destaca-se que durante o dia, as principais ruas da *Baixada* possuem lojas de roupas, lojas de materiais de construção, supermercados, borracharias, farmácias, barbearias, salões de beleza, loja de móveis e eletrodomésticos, despachantes que funcionam e movimentam aquele território durante o dia (Figura 7). Taxistas, mototaxistas, vendedores ambulantes, carrinhos de lanches, posto de gasolina, pessoas caminhando por entre as ruas, carros transitando, barulhos, sonhos e cheiros. Geografias.

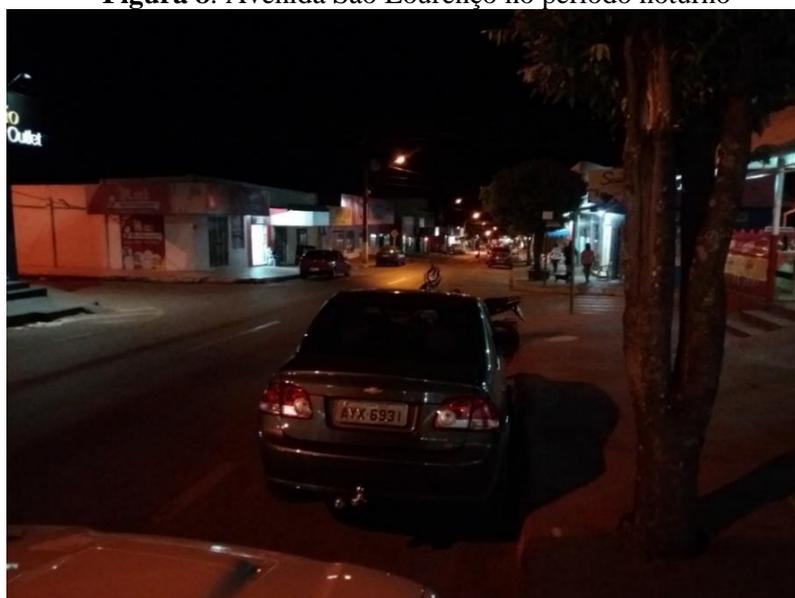
Figura 7: Avenida São Lourenço no período diurno



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

No período noturno, novos territórios surgem e dinamizam aquela realidade. Abrem-se as pastelarias, sorveterias, bares, lojas de espetinhos, lanchonetes... as ruas movimentadas durante o dia, principalmente por conta do comércio, no período noturno diminuem o fluxo de pessoas transitando na *Baixada*, com isso, as motos, os carros transitam com uma velocidade maior entre as ruas. A figura 8, apresentada logo abaixo, demonstra a Avenida São Lourenço no período noturno.

Figura 8: Avenida São Lourenço no período noturno



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Percebe-se que a *Baixada* foi e é um território construído para o outro, o que se insere na condução de *outsiders*. As *gentes negras* são presentes na paisagem da *Baixada*, andando, ou de bicicleta, em outros momentos de moto ou carros. Alguns na frente de casa ao final da tarde, de posse de uma garrafa de *tereré*²⁹ contemplando o movimento, demonstrando que o consumo do *tereré* não se restringe somente aos gaúchos e gaúchas, mas é partícipe de moradores de Campo Verde, que foram mudando seus hábitos e passaram a consumir rotineiramente esta bebida, que é também uma forma de manutenção cultural. Em horário de aula, os pais acompanham seus filhos até a escola, de carro, as vezes com até três pessoas na bicicleta ou sentados na moto.

Foi possível notar, pipas ao céu, bicicletas, motocicletas, bonecas e bonecos nas mãos e bola aos pés. Assim as crianças brincavam e brindavam a realidade que inseridos estão. De pés descalços caminhavam nas ruas da *Baixadas*, alguns corriam durante as brincadeiras. A falta de instrumentos públicos de lazer na *Baixada* que atendessem estas crianças, fazia com que a rua fosse o único destino para elas fora do horário da escola. O município oferece alguns esportes na quadra localizada na *Baixada*, contudo, os melhores esportes não são de acessos de todos, além de que, muitos nem sequer possuem um tênis e roupas adequadas para praticá-los.

A *Baixada* também representa uma espécie de manutenção da hierarquia social e racial presente na cidade. Espaço desvalorizado com relação a sala de visita da cidade. O fator espacial em Campo Verde é um fator de disputa pelos atores hegemônicos que servem a cadeia produtiva do agronegócio, com isso, as melhores localizações já são destinadas as gentes de maior poder aquisitivo. A *Baixada* foi sendo constituída a partir deste território de disputa, já o outro lado da cidade se apresenta as melhores possibilidades de existência, por um conjunto de fatores, entre os quais, por ser considerada mais segura e, portanto, mais valorizada que a *Baixada*.

A questão do acesso é central para pensarmos a *Baixada* e suas geografias, atravessadas pelas existências das *gentes negras* que ali partilham daquela realidade. É preciso pontuar que inexistente escola particular na *Baixada*, elas ficam situadas na sala de visita da cidade. Na *Baixada*, encontra-se estabelecimentos de ensino do município que atende a educação infantil e o ensino fundamental, e o do estado que atende ao ensino fundamental e o ensino médio, bem como Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), que

²⁹ *Tereré* ou *tererê* é uma bebida típica sul-americana feita com a infusão da erva-mate em água fria. De origem guarani, pode ser consumido com limão, hortelã, entre outros

oferece de forma seletiva ensino técnico e ensino superior gratuito, localiza-se também na sala de visita.

É importante destacar que a *Baixada* enquanto expressão do lugar do outro, não é homogênea, apresenta-se a partir de um conjunto de multiplicidade. Os bairros, as casas, as pessoas, apesar de serem estigmatizadas por estarem localizadas de um lado específico da BR-070, vivenciam aquela realidade diferente dos demais. Neste contexto, as *gentes negras*, apesar de serem atravessadas por um conjunto de estrutura e em sua maioria, serem residentes daquele espaço, não vivenciam toda a *Baixada* em sua totalidade, na cidade de Campo Verde.

A *Baixada*, por não ser homogênea e apresenta-se como espaço da multiplicidade, de agentes, processos, deslocamentos, apresenta-se como experiências distintas para as gentes que ali habitam. Portanto, a experiência da *Baixada* para os homens é diferente da experiência da *Baixada* para as mulheres, pois apesar de encontrarem-se alocados na mesma localidade, não vivenciam este espaço da mesma forma, pois a experiência do corpo-espaço para o homem e seus atravessamentos, difere da diferença do corpo-espaço para a mulher.

Os estabelecimentos de saúde do setor público também se materializam de forma diferente na cidade. Pontua-se que até o ano de 2019, a única Unida de Pronto Atendimento (UPA) disponível na cidade, de forma gratuita, inexistia na *Baixada* da cidade. Essa problemática, após inquietações e questionamento dos moradores da parte de baixo da cidade, veio a ser atendida somente o ano de 2020, após mais de trinta anos da emancipação. Destaca-se que antes disso, os moradores da *Baixada* que necessitavam de atendimento de emergência, precisavam se deslocar até a sala de visita, onde, até hoje localiza-se a primeira UPA.

Outra questão central que demonstrou a falta de acesso dos moradores da *Baixada* a instrumentos públicos ou privados na cidade, refere-se à ausência de agências e cooperativas bancárias. Destaca-se que todas as agências bancárias e cooperativas para atender as gentes que ali residem, encontram-se do outro lado da cidade, apenas casas lotéricas é possível encontrar na *Baixada*. Com isso, ao precisar utilizar de serviços bancários, os moradores da *Baixada* precisam deslocar-se, fazer a travessia em busca de atendimento.

Percebe-se, desta forma, que a travessia, a mobilidade faz e é parte da realidade das gentes que habitam na *Baixada*, sobretudo as *gentes negras*. Este movimento contrasta com o choque de paisagens, onde duas realidades tão distantes se encontram, por algum momento. Onde os de baixo encontram os de cima, e os de cima encontram os de baixo, em uma fronteira invisível,

mas tão presente para aquelas gentes, que se naturalizou como sendo parte da geografia daquela cidade. As faltas de acesso de um lado, contrasta com o acesso do outro, onde um grupo, que possui melhor poder aquisitivo, gozam dessas benesses.

As instituições públicas, como a prefeitura, câmara dos vereadores, secretárias, estádio entre outras, também reproduzem esta divisão, pois foram projetadas e construídas na sala de visita na cidade, muitos com terrenos que foram doados por agentes na cidade, visando exclusivamente a valorização da área. Os Fóruns, Cartórios, Tribunais de Justiça (TJ), Ministério Público do Estado (MPE), Defensoria Pública do Estado (DPE) também seguem essa mesma lógica espacial. São fixados em pontos específicos, nas melhores áreas da cidade e reproduzem também uma problemática presente, que diz respeito a especulação imobiliária.

Do lado da *Baixada*, onde residem o que estão abaixo, além das escolas públicas, postos de saúde, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e uma Unidade de Pronto Atendimento inaugurada no ano de 2020, encontra-se um batalhão da polícia militar, por entre o bairro que é considerado o mais perigoso (São Lourenço). Isso nos demonstra a situação de insegurança constituída sobre aquele lugar. É preciso pontuar que este bairro, que é um dos mais antigos da cidade, abriga grande parte das *gentes negras*, mas também nordestinas³⁰ que residem em Campo Verde, foi ali e com aquelas gentes que parte das conversas foram realizadas.

A localização do batalhão da polícia militar na *Baixada* vem ao encontro da ideia construída sobre os perigos presentes naquela realidade. Essa problemática também não se separa da construção das *Baixadas*, das favelas e das periferias como local de extremo perigo com relação a outras áreas das cidades brasileiras. Pontua-se que em Campo Verde, a ideia do perigo na *Baixada* é marca presente na fala dos moradores residentes na sala de visita da cidade. Foi neste diálogo e nesta pesquisa que descobrimos a existência de uma rua, na *Baixada* que os próprios moradores vieram a denominar de “Faixa de Gaza”³¹ (Figura 9). Termo impregnado no dialeto popular sobre a *Baixada*, presente em decisões judiciais disponíveis na internet³².

³⁰ É importante destacar que nem todos os negros são nordestinos, mas durante os trabalhos de campo, na *Baixada*, notou-se uma forte associação da condição racial, com a origem regional, neste caso, do Nordeste.

³¹ O nome faz alusão as tensões e conflitos existentes na Palestina, que se materialize também, de outras formas, em Campo Verde. Reflete a condição de perigo, a condição de guerra.

³² Termo “Faixa de Gaza”, de Campo Verde, presente em uma decisão judicial do TJ-MT (Tribunal de Justiça de Mato Grosso) disponível na internet.

Figura 9: “Faixa de Gaza” em Campo Verde



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

É importante ressaltar que a “Faixa de Gaza”, nome inventado e construído, impregnado no imaginário dos moradores de Campo Verde, tanto da *Baixada* quanto da sala de visitas, traduz-se na Avenida Bahia (Figura 9), situada no bairro São Lourenço, onde residem, em maior quantitativo, as *gentes negras*. Destaca-se que o local se caracteriza por um movimento constante. O morar é mais barato, talvez pela proximidade com o perigo do que em outras ruas do próprio bairro. A avenida é também o destino inevitável de uma parte das gentes que migram para Campo Verde, a fim de encontrar um emprego, mesmo que sejam sempre vistos como *outsiders*. Isto ocorre porque na Avenida, por causa do “perigo”, apresenta os aluguéis mais baratos.

A Avenida Bahia é apresentada pelos moradores a partir de duas vertentes, primeiramente os que não vivenciam aquela realidade, e acabam por reproduzir os estigmas que são impostos e naturalizados na cidade sobre a avenida como o local de eminente perigo. Mas existem

também, aqueles que vivem a Avenida Bahia, seus atravessamentos e agenciamentos. Para estes, ocorre um exagero na caracterização do local, pois, não representa somente o perigo, mas uma avenida de trabalhadores, que partilham daquela realidade, na *Baixada*.

Figura 9: Avenida Bahia



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Em conversa com dois moradores, no ano de 2019, um residente nas proximidades e outro residente na própria rua, em distintos momentos procurando compreender sobre o funcionamento da “Faixa de Gaza”, caracterizado pela Avenida Bahia, ambos relataram que:

Morador 1:

É rua de drogas, né? Um beco, né? Cheio de drogas, vende drogas, tem bastante trafico, né? Mas eu moro lá, convivo normal. Aqui em baixo é só os trabalhadores, na verdade a droga aqui não é igual, tipo Rio (Referindo-se ao estado do Rio de Janeiro), São Paulo que tem a favela e ali os marginais

que moram ali, né? No caso, ali mesmo, lá na favela tem trabalhadores também em outras favelas, tem os trabalhadores que saem para trabalhar e voltam.

Morador 2:

Ali é região de família, só que exemplo assim, tem muita casa de aluguel, é um bequinho, casinha, quitinete, muita quitinete e ali é um rodizio muito grande de mudança, aí a boca de fumo quando a polícia descobre, fecha, abre de novo em outro lugar. É aquele piseiro. Então, assim, tipo, a partir das 20h da noite o movimento não para, tráfico. Aqui essa avenida, avenida bahia que fala, chama “Faixa de Gaza”, mas é um apelidinho, mas não é tão exagerado. Tem é muito usuário, muito noiado na rua a noite, que é ponto da droga.

Nas falas dos moradores, foi possível notar que a Avenida Bahia, ou “Faixa de Gaza”, é um local tensionado pelo tráfico de drogas³³. Apresenta-se como um território do perigo, do medo, que se abarca também na criminalização da pobreza, que abriga moradores de baixa renda e que acabam sendo inseridos em toda esta invenção. Contudo, os moradores destacaram que aquele território é também local de presença de trabalhadores, que deixam suas casas antes da 07:00h e retornam após as 17:00h, e que frente a falta de recurso, residem neste local. É também o local onde residem os que migram a trabalho, em busca de uma vida melhor.

A *Baixada* é também o espaço de residências temporárias, que se caracterizam pelo fato de Campo Verde ser gestada como uma cidade do agronegócio. Com isso, muitos trabalhadores alugam casas na *Baixada* e residem somente enquanto o trabalho continua, que geralmente tem associação com o período da safra, posterior a isso, entregam as casas e mudam para outras localidades, ou cidades circunvizinhas em busca de empregos. Mas é também o local das residências permanentes, de gentes que migraram de outros estados ou cidades próximas, e apesar de todas as intempéries, optaram por se estabelecer na cidade.

As moradias apresentam características distintas, é possível encontrar desde casas com um andar, até barracos de madeiras. É possível encontrar também, quitinetes onde residem mais de uma pessoa, geralmente são da mesma cidade ou região do país e chegaram na cidade, na *Baixada* por causa da procura de um emprego. Em alguns casos, forma-se um conjunto de quitinetes, por parte dos proprietários, somente para atender trabalhadores temporários durante o período da safra, logo depois, as habitações ficam vazias.

³³ Tema de intensos debates nas ciências humanas, sobre o que vem a ser o tráfico de drogas que tem o corpo negro com alvo deste processo.

Essa problemática foi possível notar ao dialogar com uma moradora, que aqui vamos chamar de Joana, migrante do estado do Alagoas, que reside e gesta um conjunto de cinco quitinetes que atende nordestinos e nordestinas para trabalhar durante a safra. Ela nos contou que chegou em Campo Verde porque ouviu falar bem do local no que diz respeito a oportunidade de emprego, além disso, conhecia uma serie de pessoas que já havia realizado este deslocamento. Após chegar na rodoviária de Jaciara, deslocou-se de ônibus em conjunto com seus filhos, e estabeleceu-se em Campo Verde. A primeira casa que havia alugado³⁴ por telefone, ela contou que acabou sendo enganada, pois carecia de infraestruturas básicas, com isso ela decidiu se mudar. Após a procura, fixou-se no bairro Jupiará.

Vim aqui, cheguei aqui tinha essa pra alugar e eu só estava com duzentos reais e o aluguel era trezentos ai eu fui e falei com o rapaz, ele é disse, é porque não é meu, eu disse não, mais amanhã de manhã, é só enquanto eu vou no banco. E, no banco tinha uns 600,00 que eu tinha deixado por segurança, ai fui lá saquei 100,00, paguei o aluguel e hoje graças a Deus meu ajuda trabalhando já vai fazer dois anos que trabalha fichado, eu já comecei a trabalhar fichado faz seis meses e as portas começou a se abrir.

Conforme Joana, as portas começaram a se abrir para um novo mundo que se apresentava na cidade de destino. A quitinete onde residia, possui somente uma porta, que é utilizada tanto para entrada, quanto para saída. As janelas não são acessíveis, pois localizam-se no alto, dificultando a circulação do ar por entre aquele espaço. O telhado de Eternit ajuda na propagação do calor. Do lado de fora uma cadeira de bar, adaptada para os moradores presentes, mas também utilizada como assento nos poucos momentos de lazer, quando assam uma carne entre família. Os fios são adaptados, transcorrem as estruturas da casa. A lavanderia fica do lado externo do terreno, assim com os varais para estender as roupas (Figura 10).

³⁴ Joana, que chegava com seus filhos tecida de esperança, em uma movimentação ou talvez uma peregrinação que havia durado três dias, nos contou que primeiramente decepcionou-se. O primeiro contato ao chegar na cidade de destino, a casa que havia alugado, por informações de outros através do telefone, carecia de infraestruturas básicas para a vivência naquele local. Sem banheiro, sem chuveiro e sem torneira, a esperança era contrastada com a desilusão. A ideia de que aqui era melhor para sobreviver, sofre uma coalisão logo após a travessia. Enganada, Joana em conjunto com seus filhos, sofre o primeiro choque. Assim como a população negra sofre desde a escravização.

Figura 10: Quitinete onde Joana reside

Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Ali, naquela quitinete, com uma temperatura elevada e um ventilador azul que girava durante nosso diálogo, naquele espaço de um cômodo que se transforma em três cômodos, sendo as paredes divididas por lençóis, onde seus dois filhos partilhavam, a história e trajetória de Joana continuava sendo contada, desde a travessia até a sua instalação. O ato de estar naquele local, onde as quitinetes são todas juntas e a porta da frente foi fechada com papelão, apesar de todas as intempéries, de fiação instalação e arquitetura, era uma forma de continuar.

Residente a pouco mais de dois anos, Joana discorreu que ela, assim como os outros moradores temporários não possuem muita relação com o outro lado da BR-070. Entendem a cidade como tranquila, calma, apesar de cara. Seu único meio de locomoção, restringe-se a uma bicicleta *monark* que fica encostada na parede da quitinete onde ela reside em conjunto com seus dois filhos (Figura 11). As churrasqueiras encostadas na parede, demonstravam que os momentos de lazer, entre os moradores, restringiam-se aquele espaço. A sacola de carvão que se encontrava em cima da churrasqueira, mostrava que recentemente havia ocorrido um momento de confraternização. Existiam também restos de materiais de construção, e folhas ao chão, que foram levadas pelo vento, para aquele local.

Figura 11: Meio de Transporte



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Por fim, ela nos contou sobre a rotatividade que transcorre por entre aquelas quitinetes verdes. Sobre essa questão, Joana apontou que aquele espaço é atravessado por um vai e vem, chegadas e partidas, moradias temporárias. Somente ela é moradora permanente, responsável por cuidar e receber todos os meses o aluguel. Já os outros residentes que são temporários, migram no período da safra, ficam quatro meses e retornam ao seu estado de origem. Tem pessoas, segundo ela, que não conseguem ficar longe da família e mediante a dificuldade encontrada no local, fazem este movimento todos os anos, de trabalhar por um período e retornar para seus estados de origem. Alguns fazem isso a cerca de dez anos ou mais.

Compreende-se, portanto, que a *Baixada* é também o local da saudade, sentimento que atravessava quase todas as falas dos entrevistados durante a pesquisa de campo. Por fim, ao caracterizar a *Baixada* enquanto o local onde parte das *gentes negras* constroem suas geografias, atravessada constantemente por diversas intempéries, acreditamos ser pertinente a parte da música do Emicida, intitulada a *Ordem Natural das Coisas* (2019), qual retrata que:

*A merendeira desce, o ônibus sai
Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce
De madrugada que as aranha desce no breu
E amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu*

*E o sol só vem depois
O sol só vem depois
É o astro rei, okay, mas vem depois
O sol só vem depois*

Emicida (2019)

Concluo, com base na letra da música do Emicida, destacando que a geografia da *Baixada* começa a ser constituída antes mesmo do sol nascer. É de lá que parte a merendeira, a caixa de supermercado, o motorista do ônibus, o vendedor de salgados na praça, a tia da limpeza terceirizada nas repartições públicas. É de lá que parte as estórias e trajetórias de uma gente que insiste em continuar, em resistir, que acreditam, ainda hoje, que um dia, a realidade pode vir a ser melhor, assim como Carolina Maria de Jesus acreditava e muitos outros, anônimos ou não, continuam acreditando.

A *Baixada* é a representação da condição de *outsider* que seus habitantes estão inseridos na cidade. É o local do encontro com o outro, aquele de perto de longe, de outros estados, mas também de cidade circunvizinhas. É o ponto de possibilidades para os que migram a trabalho, na expectativa de ascender socialmente e financeiramente, e ajudar os que ficaram. É o espaço da contradição, mas também da migração, do corpo diferente. A *Baixada*, apesar da estigmatização, cumpri uma função na dinâmica socioespacial e econômica de Campo Verde.

A CARTOGRAFIA DAS ANDANÇAS E DOS PRIMEIROS ENCONTROS COM AS GENTES NEGRAS, A CAMINHO E NA BAIXADA

Cartografar é experimentar devires. Implica entrar de corpo inteiro nas experiências, implica forjar experiências e (re)inventar o corpo nelas, e com elas. Pesquisar é correr riscos. É caminhar no fio da navalha. É suspender o juízo. É abrir o corpo, (di)ferindo-o. É dançar desenfreadamente com tudo que pode, inclusive, deixar de ser

Rosa (2017, p. 5)

Na geografia existe um ditado que diz: A geografia se faz no chão! Bem conhecida entre os alunos, professores e pesquisadores, esta frase sempre esteve presente durante a minha formação, mas intensificou-se, principalmente após o ingresso do doutorado, no ano de 2018. Destaco aqui, que seguindo este termo presente na geografia, optamos por construir os escritos

aqui presente a partir desse chão atravessado por vivências e experiências, que muitas vezes passam despercebido nas pesquisas geográficas, com foco na análise e compreensão das gentes. Resolvemos, portanto “*entrar na coisa*”³⁵ para produzir esta pesquisa.

Como já pontuamos no tópico acima, optamos também por iniciar este percurso da *Baixada*. Destaco aqui que andar na *Baixada* representou um descortinar revelador de uma outra condição de existência, que abarca um determinado grupo na cidade, entre os quais destacam-se, em grande parte as *gentes negras*. Esta opção de andar para construir a pesquisa que aqui tecemos, possibilitou a compreensão da *Baixada* como ela é, suas tensões, conflitos, formas de existências e resistências. Possibilitou ainda a construção de uma cartografia, que chamaremos de *cartografia das andanças*, que nos possibilitou “entrar em veredas estreitas. Fazer paradas estratégicas para um descanso ou para a contemplação da paisagem” (ROSA, 2017).

Destaco que esta *cartografia das andanças* se inicia ainda antes de chegar na cidade, e iniciar a pesquisa pela *Baixada*. Ainda na cidade de Rondonópolis, onde atualmente resido, direciono-me a rodoviária com direção a cidade de Campo Verde, em busca de dar continuidade a pesquisa, no ano de 2019. A caminho do destino, em uma viagem que demora cerca de três horas e meia, as paisagens no caminho mesclavam-se entre os caminhões e carros na rodovia, e os resquícios do cerrado e a soja, que é o principal produto de exportação da economia mato-grossense.

O ônibus que segue em direção a Campo Verde, partindo da cidade de Rondonópolis, tem paradas pré-definidas até chegar no destino final, por isso, a viagem acaba tornando um pouco mais longa. Desta forma, fomos parando em Boa Vista (Distrito de Rondonópolis), na cidade de Santa Elvira, Juscimeira, São Pedro da Cipa e Jaciara. Na cidade de Jaciara o ônibus parou por cerca de 15 minutos para a troca de passageiros e para que os passageiros que já se encontravam no ônibus pudessem descer por alguns minutos, para se alimentar ou visitar o banheiro.

Ao retornar, ingressou no ônibus um senhor solicitando ajuda financeira para custear seu tratamento médico. De uma saúde visivelmente debilitada, o homem, que aqui vamos chamar de João, possuía pouco mais de 50 anos e seguia de ônibus em ônibus, angariando recursos. Ele dizia que precisava urgentemente daquele tratamento, contudo, o valor do custeio era impossível frente a realidade que ele se encontrava inserido. Aposentado pelas limitações

³⁵ “Entrar na coisa” significa estar imbuído de um modo de pensar e de uma convicção que afirma o ato de pesquisar como caminho, passagem, entrega e devir (ROSA, 2017)

físicas, relatou que o salário-mínimo que recebe restringe-se somente a manter os remédios que ele utiliza diariamente para o combate ao *Mal de Parkinson*³⁶ e a *trombose*³⁷.

De bermuda, camisa e chinelo João caminhava no corredor daquele ônibus solicitando ajuda financeira. Os passageiros por falta de recursos financeiros ou talvez por falta de vontade, optaram por não ajudar aquele homem. Eu tinha um pequeno valor no bolso e resolvi ajudá-lo. Após isso, agradecido, ele assentou-se do meu lado e posteriormente empreendemos um diálogo. Um diálogo aberto, sem nenhum roteiro pré-determinado, sobre o estado de Mato Grosso, sobre sua condição de saúde, sobre sua trajetória até aqui e os próximos caminhos.

Inicialmente João me relatou que seguia viagem até o município de Cuiabá e posteriormente ingressaria em outro ônibus seguindo para o município de Juína, para ir ao encontro de sua filha que lá residia. O ônibus partiu da rodoviária e seguia seu destino, contudo, poucos quilômetros depois depararam-se com um acidente de trânsito que havia derramado óleo na estrada, com isso, ficamos parados cerca de três horas até que o óleo fosse completamente removido sem oferecer riscos. Durante este momento, para além da questão da saúde João passou a também discorrer sobre sua vida, local de moradia e atravessamentos.

João relatou que apesar de se encontrar em Jaciara, sua residência fixa localizava-se em Campo Verde, no bairro São Lourenço, aquele mesmo que abriga a “Faixa de Gaza”. Contei que estava pesquisando sobre as questões raciais na cidade, partindo justamente da região onde ele morava, conhecido popularmente como *Baixada*. João, enquanto um homem negro, relatou que homens negros como eu e ele não são bem aceitos de um lado específico da cidade, referindo a sala de visita, lado que fica contrário a *Baixada*.

A fala de João, neste caminho para Campo Verde, veio ao encontro com as hipóteses já construída sobre a cidade e as primeiras observações que ocorreram sem dialogar com nenhum sujeito. Destaca-se que essa problemática, exemplifica-se porque um lado da cidade estabeleceu-se estruturalmente como branco e sulista, mesmo que nem todos os migrantes do Sul residam

³⁶ A doença de Parkinson é marcada pela degeneração progressiva dos neurônios produtores do neurotransmissor dopamina, intimamente relacionados ao domínio sobre os movimentos do corpo. Esse processo de destruição das células nervosas ocorre em vários cantos do cérebro e gera, na maioria das vezes, sintomas como rigidez muscular e tremores involuntários (VEJA SAÚDE, 2018).

³⁷ A trombose é a formação de um coágulo no sangue (trombo) que obstrui ou dificulta a circulação de um vaso sanguíneo qualquer. A depender do local afetado e da extensão do quadro, os sintomas da trombose variam. Eles envolvem inchaço, vermelhidão, limitações de movimento, dor etc. Às vezes, um desses coágulos se desprende e viaja pelo corpo, podendo causar tromboembolismo pulmonar ou um Acidente Vascular Cerebral (VEJA SAÚDE, 2021).

deste lado, contudo, é gestado por ser compreendido como o lado onde residem pessoas de alto poder aquisitivo e que partilham das melhores áreas da cidade, o outro lado, a *Baixada*, onde João reside, partilham pessoas como ele, que em grande parte são negros, que são de baixa renda e vivenciam as áreas menos nobre da cidade.

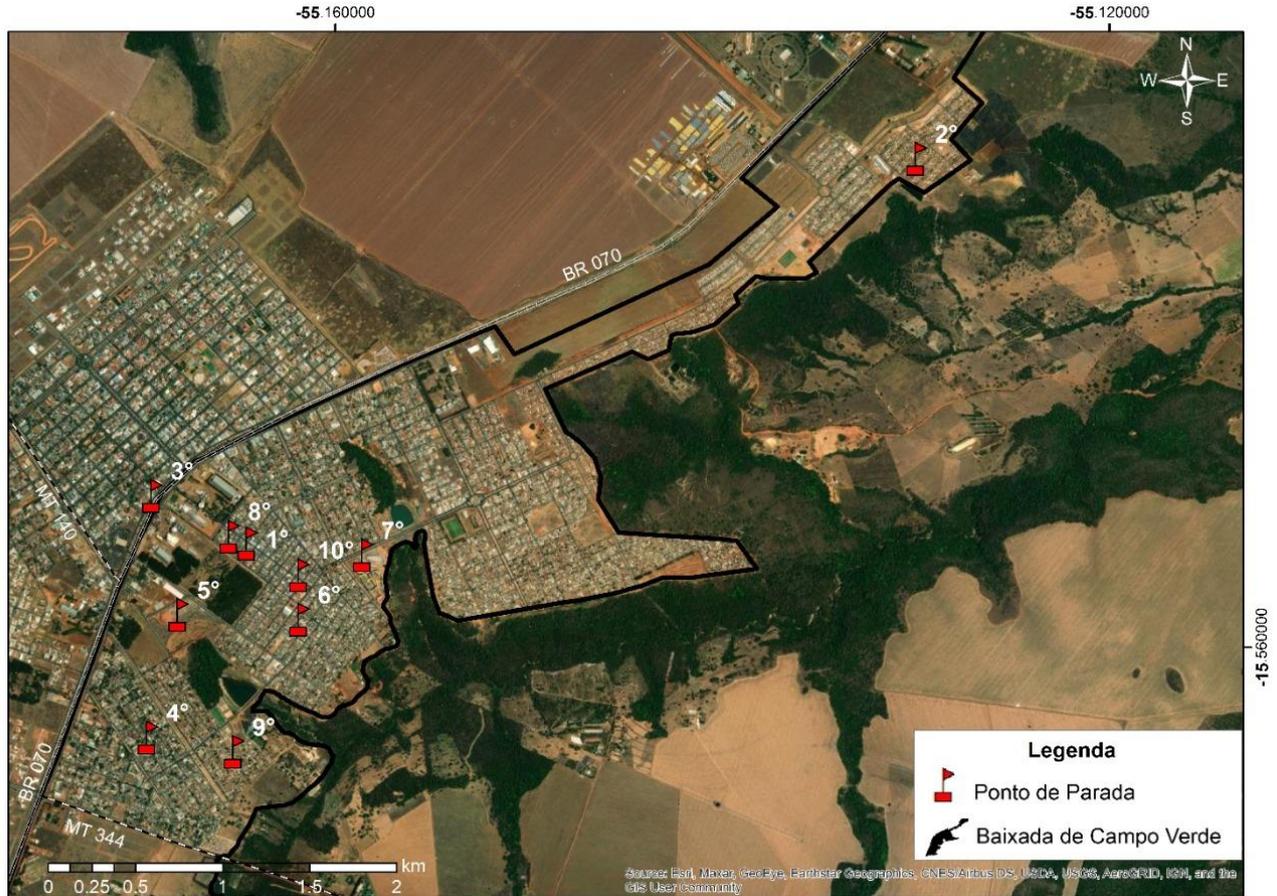
Para João, este preconceito racial³⁸ só ocorre porque na sala de visita, a população é de descendência europeia, e estabelece-se como superior com relação as demais gentes de outras descendências que reside na cidade. Ele destacou que existem bairros específicos na cidade, sobretudo na *Baixada* onde residem as *gentes negras* (Jupiara, São Lourenço e Bom Clima). A existência de bairros de negros e de não negros é produto da desigualdade tanto social, quanto racial, presente na cidade, que não difere das cidades brasileiras e também de outras cidades do agronegócio, que se ancoram na hierarquização de um grupo com relação ao outro.

Ao chegar no meu destino, parei. João continuou, porque seguiria para encontrar com sua filha na cidade de Juína. A conversa, escrita em um pedaço de papel e grafado na memória permitiu-nos relatar as falas de João aqui, tanto enquanto morador da *Baixada*, mas também como um homem negro, que vivencia aquelas dificuldades presentes na realidade da cidade. João representa não somente parte das *gentes negras* da *Baixada*, mas também as pessoas que para além da questão racial, ainda são atravessados por alguma enfermidade que impossibilita várias questões no diz respeito ao acesso igualitário a cidade.

Já na cidade, após atravessar a BR 070 para seguir ao encontro das *gentes negras* que ali residem, decidi realizar pequenas paradas em dez locais na baixada para observar e compreender como aquela realidade funcionava (Figura 12).

Figura 12: Cartografando a Baixada a partir das andanças

³⁸ Conforme Nascimento (2010, p. 159) o preconceito racial é uma forma distinta do racismo. Talvez pudesse ser mais bem definido como o racismo em ação, de abrangência enorme, mas circunscrito às relações pessoais e primeiros contatos e sentimentos entre pessoas, grupos e familiares. Nessas relações e contatos, as pessoas vitimadas têm sua dignidade atingida, sua respeitabilidade desmerecida, seus direitos feridos e por aí talvez passe a maior ação de subjetividade do racismo, com injúrias, ofensas e desabonações, gerando sofrimentos, humilhações, constrangimentos e desgastes. Via de regra, o preconceito racial é de percepção pessoal, geralmente absorvido em silêncio por quem sofre; a pessoa negra é desrespeitada, ofendida, injuriada, debochada, ridicularizada, diminuída mediante tratamentos desonrosos, na maior parte dos casos disfarçados de brincadeiras e piadas, e tudo sob a guarda do olhar enviesado.



Fonte: Google Earth

A *primeira parada* foi na Avenida São Lourenço, que corta todas as ruas do bairro São Lourenço e representa uma espécie de micro centro para os moradores que residem nas proximidades. Ao descer pela Avenida, que se localiza na lateral do estabelecimento da Sadia, hoje desativado, nota-se que os movimentos no período noturno são constantes e apresenta-se como uma multiterritorialidade. Carros e motos estacionados na avenida, moradores de bicicleta transitando de um lado para o outro. Vendedores comerciais na frente das lojas para atrair clientes, uma outra geografia, que ali ocorre.

A presença das *gentes negras* pouco encontrada ao observar o outro lado da cidade, ali na *Baixada*, mais precisamente na Avenida São Lourenço é mais presente. Parei por alguns minutos, senti e senti aquela realidade. Tive a oportunidade de visitar aquela localidade em diversos momentos do ano e notou-se que de 2019 até dezembro de 2021, várias lojas estabeleceram-se ali, além de que, ocorreu um aumento do fluxo tanto de pessoas, quanto de mercadorias naquela localidade. Apesar disso, a desigualdade racial continua presente por sobre aquela realidade, com isso, o que se encontra é, em grande parte, a presença das *gentes negras*, representando os rostos e os corpo-espaco, que pouco encontramos residindo na sala de visita.

Segunda parada foi na Rua José Augusto da Silva, localizada no bairro três américas, também na *Baixada*. O bairro é um conjunto habitacional, e um dos últimos bairros a serem construídos na cidade. A construção ocorreu pelo fato do alto déficit habitacional existente em Campo Verde. As casas seguem o mesmo padrão arquitetônico e os terrenos são do mesmo tamanho. Algumas casas já passaram por processos de reforma, outras, apesar de cerca de cinco anos de entrega, ainda inexistem moradores. Algumas já estão no segundo, no terceiro dono, outras encontram-se alugadas para pessoas que residem ali nas proximidades.

Analisando o bairro com base na cidade de Campo Verde, notou-se que ele se localiza o mais distante do centro comercial, cerca de 8km. Até o ano de 2017 inexistia ônibus que possibilitasse o deslocamento dos moradores para trabalhar na região central da cidade, mais precisamente o bairro Campo Real. Alguns moradores relataram que na falta de transporte pessoal e na falta de ônibus, o deslocamento ocorria de bicicleta, ou os mesmos ficavam em um ponto específico e os próprios moradores que possuíam condução ofereciam carona.

Destaca-se que ao observar o movimento no bairro, que se intensifica nos horários das 07:00h, 11:00h, 13:00h e 17:30h, foi possível notar a presença de *gentes negras*. Notou-se também moradores que transitam de bicicleta para outros bairros mais distantes na cidade. Ao fim do dia, retornando para a região central, foi possível notar a chegada de um ônibus que trazia trabalhadores do frigorífico localizado na zona rural. Homens e mulheres negras desciam e seguiam para suas casas. Ao fim da tarde as crianças brincavam na rua, caminhavam, corriam.

A **terceira parada** ocorreu em frente ao mercado “Belo Brasil”, no horário que seria de almoço, após realizar trabalho de campo, observando os movimentos e deslocamentos na cidade, pela manhã, desloquei-me até o supermercado para almoçar. Ciente dos preços altos, por se tratar de um supermercado que atende a elite local, segui com a intenção não somente de almoçar, mas também de observar e analisar a condição das *gentes negras* ali, em qual condições estavam alocados. Ao entrar nos supermercados, notou-se, que nenhuma caixa de supermercado era negra, as *gentes negras* eram encontradas nas gôndolas e nas prateleiras repondo as mercadorias. O local do almoço, aos fundos do supermercado era majoritariamente ocupada por pessoas brancas, que almoçavam ali.

Ao finalizar o almoço, parei por algum momento na frente do supermercado e analisei os movimentos externamente. O estacionamento era movimentado por carros de alto padrão, seguindo a mesma lógica do supermercado. Na rua que atravessa na frente do supermercado, era possível enxergar carros e motos transitando (Figura 13). Mas também era possível perceber

peças realizando a travessia para a *Baixada*, com *raios de luz agredindo o asfalto*³⁹. Alguns seguiam de bicicleta e outros a pé, no chão de uma realidade que atravessa a cidade e sobretudo as *gentes negras*, que salvo algumas exceções não conseguem se alimentar naquele supermercado, que traz consigo a bandeira do Brasil sobre o lema: Ordem e Progresso, contudo, nem a ordem, nem o progresso alcançam as *gentes negras* que ali habitam.

Figura 13: Movimentos na avenida em frente ao supermercado Bello Brasil



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

A *quarta parada* foi no bairro Jupiara, primeiro bairro estabelecido na *Baixada* da cidade de Campo Verde, criado em conjunto com o processo de ocupação da cidade. Destaca-se que o bairro atende pessoas de baixa renda que residem em Campo Verde, e demonstra uma grande diferença na paisagem com relação ao outro lado da cidade. Ao caminhar por ali, deparamo-nos com praças abandonadas, casas de alvenarias ao lado de casa de madeira. Casas muradas com tijolos e casas com cerca de madeira, ou arame. Pessoas caminhando, bares, mercearias. O estacionamento do mercado local, há um número maior de bicicletas estacionadas.

³⁹ O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão. (EVARISTO, 2018).

Em uma das ruas, com alguns resíduos sólidos espalhados, uma mulher negra, com lenço na cabeça caminhava rumo ao desconhecido com um balde. Ali, encontramos uma moradora na frente de sua casa, que possuía um pé de pitanga carregado e cachorros presos como forma de segurança. Na frente de sua casa existiam sofás velhos, em cima de um contrapiso pintado de vermelho. A casa mesclava, alvenaria, com madeira, com resto de materiais de construção (Figura 14). A senhora, bem solícita, relatou que reside ali a muito tempo e que pouco atravessava para o outro lado, somente quando precisava revolver serviços de bancários.

Figura 14: Casa no bairro Jupiara



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

A *quinta parada* ocorreu em frente ao ginásio de esportes, localizado também na *Baixada*, nas proximidades do bairro São Lourenço. A pista de skate, pinchada é o cartão de visitas daquele lugar (Figura 15). Carros da prefeitura, mais precisamente da secretaria de esportes transitam a todo momento chegando e partindo daquele lugar. As crianças chegam para a prática de esporte dentro do ginásio. Outros, ficam na pista de skate brincando. Pais levam seus filhos de moto, de carro, de bicicleta. Algumas crianças chegam sem pai, vem andando de bairros das proximidades. Estes, que caminhando chegam, são a maioria naquela realidade e enxergam no esporte uma possibilidade de ascensão.

Figura 15: Pista de Skate na frente do ginásio de skate



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

A avenida que passa na frente é atravessada por uma área de preservação ambiental cercada. Moradores que moram na *Baixada*, seguem aquela rua, ou retornando para suas casas, ou seguindo para o outro lado da cidade. Entre motos, bicicletas, existem os que fazem este trajeto andando. Seguem com sacolas nos braços, para a cidade segmentado por uma fronteira invisível, mas naturalizada, existente como demarcador das diferenças, entre os que deveriam ser tratados como iguais. Notou-se durante este período de observação e anotação, que parte dessas gentes que caminhavam e andavam de bicicleta, são pessoas negras, que seguem seu caminho.

A *sexta parada*, rua Acre, situada no bairro São Lourenço, cujo as ruas possuem nomes dos estados brasileiros. A rua Acre é talvez uma das menos movimentadas que transcorremos durante a construção desta *cartografia das andanças*, no pelo chão de Campo Verde. Característica congruente da *Baixada*, a rua demonstra a desigualdade social e racial que a cidade atravessa. Visivelmente menor do que as outras, as casas são regidas pela autoconstrução. Em dias chuvosos, o esgoto corre a céu aberto. A frente das casas serve de estacionamento para carros, motos e bicicletas (Figura 16). Uma outra geografia, uma outra gente, um outro espaço, um outro corpo, uma outra experiência e vivência na cidade.

Figura 16: Homem negro andando de bicicleta



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Algumas casas possuem um poder arquitetônico diferente das demais, isso demonstra que mesmo sendo uma rua que abriga pessoas de baixa renda, existem desigualdades também entre os moradores que ali residem. No dia da pesquisa, na frente da rua, alguns moradores me olhavam desconfiados, porque como já apontado na introdução, o trabalho de campo é um exercício de interferência, é também uma forma de adentrar ao mundo do outro.

Parado na esquina daquela rua, em pouco menos de vinte minutos, além de algumas motos e carros, duas bicicletas, com *gentes negras*, passaram na minha frente. De posse de um caderno, a percepção é que estávamos em uma das ruas da *Baixada* de menor extensão. Algumas frentes das casas possuíam árvores, outros restos de materiais de construção, algumas residências já possuíam muros e portões, já outras possuíam apenas um jardim.

A *sétima parada* ocorreu em frente a Unidade de Pronto atendimento, inaugurada no ano de 2020, localizada na *Baixada*. Analisando a movimentação na rua principal que dá acesso a outros bairros da *Baixada* e próximo ao parque das araras, fiquei ali por algum instante. Na frente do estabelecimento que mesmo funcionando ainda se encontrava em obras, alguns homens negros, faziam o trabalho tanto de pedreiro como de auxiliar naquele dia. *O sol passado*

de meio-dia estava colado no alto do céu (EVARISTO, 2018), contudo, ficava de lado frente ao trabalho que eles exerciam. De boné, calça jeans e camisa larga, de posse de uma enxada, faziam massa para dá prosseguimento ao trabalho (Figura 17).

Figura 17: Homem negro trabalhando em frente a UPA



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Além daqueles homens, que trabalhavam em uma tarde de quinta-feira, na calçada também caminhavam pessoas que seguiam, após o atendimento, para suas casas. Por estar localizado na *Baixada*, a UPA, atende aos moradores dos bairros próximos, que agora, após cerca de 30 anos não precisam mais fazer a travessia para utilizar dos serviços de saúde ofertados pelo município. Entre os que caminhavam, uma família seguia na calçada. Uma mulher e dois filhos, negros e negras, seguiram andando e caminhando por aquela calçada.

A *oitava parada*, ocorreu na Rua Pernambuco (Figura 18), localizada no bairro São Lourenço, na *Baixada*. Como parte daquela realidade despótica, a paisagem presente da rua é marca também da desigualdade presente na cidade. Casas autoconstruídas, com entulhos na porta das casas, com assentos feitos de madeiras, com plantas na frente da casa, com cachorros latindo, com pessoas caminhando, e com crianças brincando e correndo naquela rua. Os movimentos são intensos nos horários de almoço e diminuem no período vespertino. Existem

placas de vende-se e aluga-se em algumas casas na rua, demonstrando também que ali é local de moradores temporários e atende um grupo específico, como parte do bairro São Lourenço.

Figura 18: Rua Pernambuco



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Ali, brevemente, conversamos com uma senhora que se encontrava assentada na frente de sua residência. Caminhando, cheguei até a casa dela, que já me observava desde o início da rua. Olá, boa tarde, tudo bem? Sim! Como é morar aqui para a senhora? É bom, tranquilo, as vezes perigoso, mas com a gente aqui ninguém mexe não. Ah, que legal. E como a senhora enxerga o outro lado da cidade? Lá tem muito sulista, mas faz muito tempo que não vou lá, na verdade é só quando preciso resolver alguma coisa, fora isso, minha vida acontece aqui. Ok? Obrigado. Desconfiada, mesmo que eu tenha explicado o teor da pesquisa, ela relatou, vou entrar pois tenho que fazer a janta para a noite.

A *Nona Parada*, ocorreu na rua aroeira, localizada no bairro Jupiara, na *Baixada* da cidade de Campo Verde. Caminhando pelo bairro, passamos pelo cemitério local, por uma praça e por um espaço de lazer para realização de atividades públicas construída pela prefeitura municipal. As folhas de um pé de manga local, corriam pelo bairro, crianças brincavam na rua de pés descalços. As casas diferenciavam umas das outras, algumas muradas e outras não. As

peças caminhavam por ali. Algumas ruas tinham buracos expostos, outras não. A rua aroeira coadunava tanto casas com um melhor padrão, quanto casas que mantinham os mesmos padrões de sua formação.

Já era sabido que o bairro abrigava as *gentes negras*, que pouco encontramos na sala de visita da cidade. As *gentes negras* ali eram perceptíveis aos nossos olhos. Os números das casas não possuíam plaquinhas como em outras localidades, mas eram escritos ou pintados nas paredes das casas, ou destacados com giz. O nome da rua só foi possível descobrir porque na casa que se localizava na esquina, escrito a mão em uma placa de madeira pregada na parede, encontrava-se escrito o nome (Figura 19).

Alguns moradores olhavam-me desconfiados porque sabiam que eu não residia naquela localidade. Um rosto diferente entre eles, mas que partilha daquela realidade por ser também atravessado pelo corpo negro.

Figura 19: Rua Aroeira



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Um senhor, que encontrei neste caminho e aceitou construir um diálogo, mesmo que breve, discorreu que é nascido e criado em Rondonópolis-Mato Grosso, mas como exercia a função de pintor de carro, o mercado de trabalho para ele, apresentava-se como mais propício em Campo Verde. Residente em uma quitinete verde, ele discorreu que dificilmente encontra-

se em casa, porque seu trabalho exige muito dele. Relatou que ganha razoavelmente bem, contudo não consegue residir do outro lado da cidade por conta dos altos valores, e que ali sente-bem. Apesar da família residir em Rondonópolis, que é também entendida e gestada como uma cidade do agronegócio, não sente vontade de retornar para a cidade de origem.

A *Décima Parada*, ocorreu na avenida principal do bairro São Lourenço, onde me desloquei em busca de me alimentar na cidade. Ao sair do hotel em que me encontrava hospedado, conversando com os proprietários, eles relataram que a maioria das pessoas que ali se hospedam, são trabalhadores do ramo do agronegócio que chegam a cidade para alguma reunião, ou para desempenhar determinado trabalho breve na cidade. Por ser um hotel localizado na *Baixada* e o mais barato da cidade, notou-se que os hóspedes eram, em sua maioria, empregados ou representantes de algumas empresas. Os proprietários que viam para reuniões de negócios, ou turismo para agronegócio, hospedavam-se no outro lado da cidade.

Em busca de um local para jantar, encontrei um estabelecimento que vendia *espetinhos* na *Baixada*. Parei ali e fiz o pedido. Enquanto aguardava percebi que os frequentantes daquele estabelecimento eram moradores daquelas localidades. Alguns ainda estavam com o uniforme do trabalho e jogavam sinuca enquanto degustavam suas cervejas. O proprietário, que assava o espeto e aproximei-me para conversar, me relatou que morava em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, mais migrou para Campo Verde em busca de uma melhor condição de vida.

Capítulo II - DOS CORPOS NEGROS E DAS DISTÂNCIAS: DO *QUARTO DE DESPEJO* À ESPERANÇA DA SALA DE VISITA

Figura 20: Três homens negros andando de bicicleta, na Baixada



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

OS PASSOS QUE VIERAM DE LONGE PARA A CIDADE DO AGRONEGÓCIO

*Viver é partir, voltar e repartir
Partir, voltar e repartir*

(Emicida, 2019)

*Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus
trabalharem e acumularem miséria no dia a dia*

(Conceição Evaristo, 2018)

Existem vários motivos que levam os seres humanos a deslocarem-se do local de origem para o local de destino. Para as *gentes negras*, que é o objeto central da nossa pesquisa, este processo de migração, não é algo recente, mas retoma desde o período da escravização onde, de África, foram arrancados e levados forçadamente para outros continentes para desempenhar serviços subalternos, em condições completamente desumanas. Neste contexto, a diáspora como deslocamento forçado, com suor, lágrimas, resistências e formas de existência é parte presente na vida das *gentes negras* desde séculos passados, reproduzindo, pela condição de vida, falta de oportunidade, nos dias de hoje⁴⁰.

Não buscaremos aqui problematizar um retorno ao período colonial, pois já existe uma grande literatura disponível sobre esta questão⁴¹, além de autores negros, filhos e filhas da diáspora, do campo das ciências humanas e sociais que continuam empreendendo esforços para pesquisar e lançar luz a questões importantes sobre a temática. Buscamos aqui, trazer a diáspora negra, inserida no processo de expansão agrícola que ocorreu no Brasil a partir da década de 1970, que foi e ainda é responsável por uma série de transformações territoriais, mas também transformações pessoais, em movimentos de desterritorialização (HAESBAERT, 2003).

A ideia de pensar a migração, também como parte da tese, surgiu a partir do momento da compreensão, durante o trabalho de campo, que as *gentes negras* que dialogamos na

⁴⁰ Conforme Sodré (2019, p. 879) A vida pode ser difícil a partir da cor da pele. Então, essa forma me diz: ‘não se aboliu dos espíritos a forma escravocrata’. Aboliu-se, o racismo de segregação, mas não se aboliu o de dominação. O de dominação é esse que se faz por sutilezas. Na segregação colocava-se o negro na senzala, no lugar dele à base da força, da porrada, à base do pau. O de dominação não. Continua-se botando em outro lugar, mas por meio de julgamentos, julgamentos negativos, escalonamento diferenciado no mercado de trabalho. Esse é o racismo de dominação que a abolição não acabou, que continua na forma escrava. É a lógica do ‘você lá e eu aqui’.

⁴¹ Ler Akotirene (2019), Nascimento (2010), Fanon (2008) entre outros

Baixada, são, em grande parte originárias de outras regiões do país, com destaque central para a região Nordeste. *Os passos que vieram de longe*, é também pensado por entender que este movimento se insere, em uma questão estrutural, que diz respeito a desigualdade social e o racismo que sustenta o país, o que faz com que, desde a abolição da escravização no Brasil, que ocorreu no final do século XIX, as *gentes negras* precisem, sempre, realizar este processo de deslocamento⁴².

No bojo dessa discussão, Campo Verde insere-se na dinâmica dos *espaços de globalização* (SANTOS, 1999), e após seu processo de emancipação⁴³ e consolidação no cenário estadual, nacional e internacional, passou a servir e ser parte da cadeia produtiva do agronegócio, que se caracteriza pela modernização da agricultura no território brasileiro. Cabe salientar que por diversos fatores, alguns territórios são mais atrativos do que outros, pois as inovações técnicas, não se expandem no mesmo ritmo. A instalação de sistemas técnicos com incentivos do Estado brasileiro, e um *sistema de engenharia* que trouxesse infraestrutura, possibilitou este processo, além de intensificar, ainda mais a movimentação de *fluxos* e a instalação de *fixos* na cidade, que se modernizou e continua, ainda hoje a modernizar-se constantemente, contudo, é uma modernização excludente (SANTOS e SILVEIRA, 2001; SANTOS, 1996).

Destaca-se, em conversa com as *gentes negras*, sobre como descobriram a existência e chegaram até a cidade de Campo Verde, muitos ressaltaram que tomaram conhecimento sobre a cidade e foram atraídos pelo que se ouviu dizer do local e/ou, por pessoas que já fizeram este movimento antes e/ou que ainda residem nela, o que ensejou o desejo de também, em busca de ascender socialmente e financeiramente, fazer este mesmo movimento de mobilidade para a cidade. Neste contexto, os medos e as incertezas foram menores do que o desejo de melhorar de condição de vida e de ajudar os familiares que ficaram no local de origem⁴⁴.

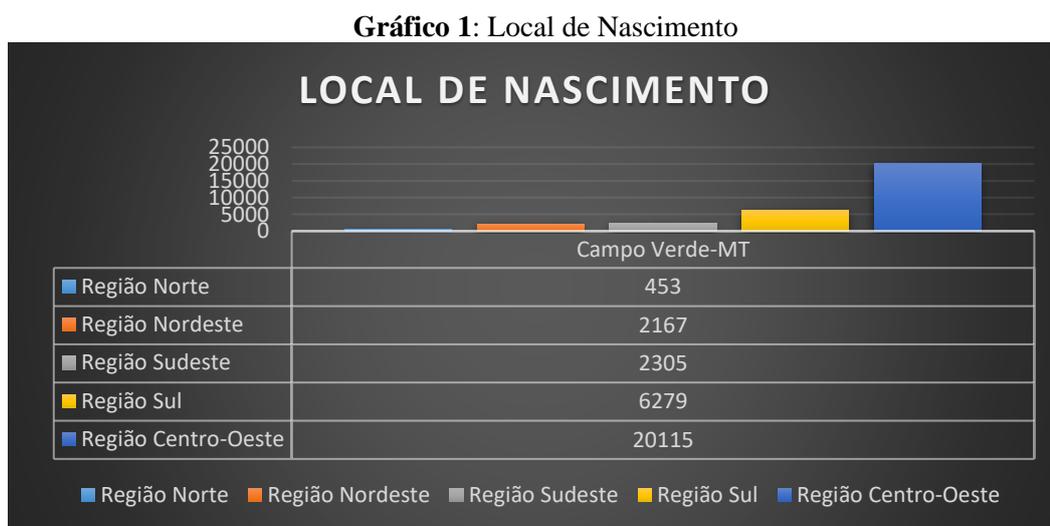
⁴² Como já pontuei na introdução deste trabalho, eu, em conjunto com minha família (mãe e irmãos) também realizamos este processo de migrar da região Nordeste, para uma cidade do agronegócio no Centro-oeste, na tentativa de melhorar de vida.

⁴³ A discussão proposta sobre a formação socioespacial da cidade de Campo Verde, encontra-se disponível no terceiro capítulo da presente tese.

⁴⁴ Lembramos neste momento da música de Edinho Villas Boas, quando relatando a Vida de Imigrante, aponta:
Ah, quem ousou partir tão cedo?
Quem partiu o véu do medo?
Quem suou por um emprego?
Quem chorou e quis voltar

Pontua-se que as cidades do agronegócio, enquanto novos *fronts*⁴⁵, são atravessadas por um conjunto de oportunidades de empregos. Este fato, é um dos grandes atraentes de migração de pessoas de outras localidades do país. Em pesquisa no site do Sistema Nacional de Emprego (SINE) e ao Banco Nacional de Emprego (BNE) com relação ao município de Campo Verde, foi possível perceber, que a oferta de empregos, sobretudo para trabalhar no contexto da agricultura mecanizada é constante. As ofertas, em grande parte, são para técnicos agrícolas, motoristas de máquinas agrícolas, agrônomo, engenheiro agrícola, mas também possuem aqueles para serviços gerais em fazenda, que não exigem nenhuma escolaridade, e por este motivo, acabam atraindo e alocando as gentes semialfabetizada que chegam de outras regiões.

Com base nos dados do IBGE (2010), expresso no gráfico 1 destacado logo abaixo, analisando a cidade de Campo Verde e seu processo migratório, foi possível notar este movimento de deslocamento.



Fonte: IBGE (2010)

Conforme dados do IBGE (2010), exposto no gráfico na página inferior, grande parte dos moradores da cidade de Campo Verde são oriundos da própria região centro oeste, contudo, caminhando pela cidade, pouco influenciam na tomada de decisões locais e na cultura presente na dinâmica da cidade. Na sequência, temos um grande quantitativo de pessoas que vieram da região Sul, que influenciam diretamente nas tomadas de decisões e na cultura⁴⁶ de Campo Verde. Compreende-se, portanto, que em pouco mais de trinta anos, desde a emancipação da

⁴⁵ Conforme Santos e Silveira (2001, p. 119) São os novos fronts, que nascem tecnificados, cientificados, informacionalizados. Eles encarnam uma situação: a difusão de inovações em um meio vazio.

⁴⁶ O capítulo quatro, no primeiro tópico empreende uma discussão sobre a questão cultural na cidade de Campo Verde e o apagamento da cultura afro-brasileira.

cidade, a presença do sulista se sobressai em relação a outras regiões do país, isso em todas as esferas da cidade, desde a cultura, o modo de falar, assim como os cargos de poder, com isso, institui-se como uma cultura hegemônica na e pela cidade, estabelecendo *políticas espaciais* (KILOMBA, 2019) que atingem diretamente as *gentes negras*, sobretudo retintas.

Os passos das *gentes negras* que caminharam e continuam a caminhar ainda hoje, de outras regiões do país, de outros países, ou até mesmo de outras cidades do próprio estado de Mato Grosso, inseridos nas políticas espaciais, são considerados o *outro* na cidade de Campo Verde. Destaca-se que, o *outro* neste contexto é instituído como o que abaixo encontra-se dos demais, que estão como *estabelecidos*. Neste jogo, desigual e contraditório, as *gentes negras* e nordestinas são as mais afetadas por esta problemática. Com isso, a condição de raça, de classe é também atravessada pelo regionalismo, que se materializa na fala, na forma de se vestir, no modo de viver, e exclui os que fogem da norma padrão.

Ocorre, neste contexto, duas questões centrais quando pensamos estes regionalismos materializado no dialeto: uma diz respeito a vergonha de proferir a fala, onde algumas pessoas, frente a hegemonia instituída, optam pelo silêncio, na verdade, são silenciadas. Outros, como ajuda-nos a compreender Fanon (2008), buscam adotar uma linguagem diferente daquela da coletividade em que nasceram, representando desta forma, um deslocamento, uma clivagem. Destaca-se também, que esta condição de ser *outro*, é parte presente da geografia do mundo, onde o Norte e o Sul global são pensados de forma diferente, com isso, as *gentes* localizadas no Sul global, ao deslocar-se para o Norte global, são sempre o *outro*.

Sendo colocado para fora da nação (KILOMBA, 2019), inserido neste sistema de inclusão precária e hierarquia que se institui na cidade, as *gentes negras* e migrantes em Campo Verde, constantemente são colocados para fora, seja pela falta de oportunidades de acesso as benesses da cidade, seja pelas condições subalternas na qual são inseridas desde a formação da cidade, seja simplesmente pela cor, onde estabelece-se como uma fronteira, com o *outro*. Existe, portanto, um atravessamento entre *raça* e *territorialidade* (KILOMBA, 2019), onde as raças consideradas superiores, ocupam e possuem seus territórios estabelecidos com relação aos demais.

Neste contexto de incompatibilidade racial entre os iguais, mas que são estruturados como sendo diferentes, conforme a escritora Grada Kilomba, em seu livro intitulado *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, destaca-se que:

Nos racismos contemporâneos não há lugar para a diferença. Aqueles e aquelas que são diferentes permanecem perpetuamente incompatíveis com a nação; elas e eles nunca podem pertencer, de fato, pois são irreconciliavelmente *Auslander*. De onde você vem? Por que você está aqui? Quando você pretende voltar? Tais perguntas incorporam exatamente essa fantasia de incompatibilidade (KILOMBA, 2019, p. 113).

A fronteira, que traz os elementos raça e regionalismo que se desenharam na cidade, nos mostra a partir dos dados do IBGE (2010), que essa lógica se explica a partir das diferenças de regiões. Tendo como base que a concentração das gentes brancas está na região Sul do país, e a concentração das *gentes negras* encontra-se no Nordeste (IBGE, 2010), quando ambos os grupos migram, essa diferença continua em destaque. Os regionalismos são trazidos também, contudo, uma se sobressai em relação a outra, daí a constituição de uma fronteira.

Tal problemática exemplifica-se não somente em Campo Verde, mas também em outras cidades que atendem a cadeia produtiva do agronegócio, como é o caso do município de Primavera do Leste. Neste contexto, Fioravanti (2019, p. 232 e 233), estudando Primavera do Leste-MT, que também possui um grande quantitativo de pessoas oriundas no Nordeste, ajuda a entender o fenômeno social que ocorre também em Campo Verde. Tratando da ideia do padrão perfeito como o sulista, em detrimento do nordestino, ela aponta que:

[...] os migrantes nordestinos são vistos como o “outro” da colonização. São considerados como um grupo que não pertence ao lugar, apesar de ter chegado praticamente junto com os empresários de Centro-Sul e grande parcela dos migrantes gaúchos, e como eternos forasteiros em uma cidade na qual grupos hegemônicos e de alto poder aquisitivo hoje não lhes aceita. Nordestinos, ou apenas “Maranhenses” como são às vezes chamados pelos sulistas – em referência a qualquer pessoa que seja oriunda da região, independentemente de ter nascido no Maranhão – são presumidos como de fora inclusive por aqueles que também são migrantes (mas do Sul, em geral brancos e mais ricos) por não partilharem a maior parte dos valores, laços culturais, modos e trajetórias de vida.

Percebe-se, a partir da citação acima de Fioravanti (2019), que tal problemática, é também presente em outras cidades. Com isso, existe uma associação do nordestino, negro com a ideia construída de “maranhense”. Destaca-se que, em diálogo com moradores da cidade de Campo Verde, este termo (maranhense), que condiciona e produz a condição do *outro*, inferior, refere-se a todos os nordestinos, independente dos estados de origem dos mesmos. Este outro não é visto como possibilidade de descoberta de outro mundo, mas como aquele que é inferior ao mundo já existente.

Os motivos da migração surgem ainda antes de migrar, nasce da necessidade, da desigualdade. Nasce do desejo de ascender financeiramente, da busca de uma possível riqueza em outro destino. Nasce do sonho, da coragem, da vontade. Nasce da continuidade, das redes que são formadas ao longo do tempo e do espaço. Nasce como, talvez uma das únicas e poucas possibilidades de mudar de vida. Quando o local de destino, que por uma série de fatores já não comporta mais, as geografias são transformadas, ou deslocadas para outras localidades, sejam no contexto nacional e até mesmo internacional.

Este movimento para Campo Verde, surge por diversos motivos, durante o trabalho de campo foi possível perceber que o principal desejo é de melhorar de vida, do ponto de vista financeiro e poder ajudar a família que ficou. O segundo motivo relatado pelas *gentes negras* migrantes para Campo Verde, foi o fato de na cidade já haver algum familiar residindo, o que possibilitava este deslocamento, a chegada, mas também a possibilidade de inserção, mesmo que de forma subalterna, no mercado de trabalho, como é caso das mulheres que migravam para encontrar seus companheiros que fizeram este mesmo percurso. O terceiro motivo, foi a chegada pelo fato de encontra-se trabalhando em outras cidades de Mato Grosso e na falta de emprego, buscaram em Campo Verde, por ouvir falar, como forma de inserir-se no mercado de trabalho. Por fim, alguns trabalhadores que já trabalharam no período da safra em algum momento, recebem ligações das empresas para retornarem para a cidade.

Pontua-se que isso ocorre porque a cidade é condicionada como atrativo para a gentes de outras localidades, que migram e em alguns casos se estabelecem na cidade, outros fixam somente no período safristas, depois retornam para suas casas ou migram para outros locais. Destaca-se também que a chegada de novos migrantes, sobretudo mais novos do ponto de vista etário do que os moradores mais antigos, promovem a troca de mão de obra, materializando-se em Campo Verde. Isso exemplifica-se na *Baixada* e atravessada a vida das *gentes negras* e migrantes.

Conforme Gomes (2017, p. 115), a migração para o emprego é frequente e relaciona-se diretamente com a condição econômica que a cidade se encontra inserida. Contudo, este movimento é também produtor de novos desempregos para os residentes mais antigos da cidade⁴⁷.

⁴⁷ Conforme Gomes (2017, p. 115 e 116) Dessa forma, os habitantes mais antigos da cidade e semi-analfabetos, com o mínimo de qualificação estão migrando para lugares onde ainda há Fronteira Agrícola, mas são em 116 lugares distantes do Estado de Mato Grosso, ou seja, Pará e Maranhão para trabalhar com trator-de-esteira, tratores mais simples e até de madeireiros. Muitos ainda conseguem pagar aluguel e residir com suas famílias em casas

[...] se percebe que em toda cidade existe uma constante migração de troca de inquilinos devido ao trabalho sazonal de safra de soja e algodão, sendo esse o ritmo da vida no trabalho, que não há garantia alguma dos trabalhadores dispensados no ano anterior consigam o trabalho de volta na próxima safra na mesma empresa, pois, as empresas preferem dispensar funcionários menos capacitados e dispensar os menos qualificados em vez de investir neles, que, aliás, estudar e sustentar família é muito difícil. Dessa forma, o desemprego também é gerado pela migração, que oferece mão de obra mais jovem, qualificada e até mais barata

Percebe-se em cidades do agronegócio, mas também em outras cidades, conforme Gomes (2017) que o social não combina com o capital⁴⁸, pois o social é descartado para gerar acúmulo de capital, ou o recurso favorecer outro investimento capitalista. Neste contexto, o social acaba sendo no fundo uma forma de atrair mais capital ou de pagar menos impostos, sobrecarregando o Estado por anseios de lucros exorbitantes. Esta problemática exemplifica-se em Campo Verde, que como já apontando, é uma cidade do agronegócio, há portanto, no contexto de subalternidade, uma forte relação em acesso a empregos, migração e a condição racial, que neste caso se estabelece como uma fronteira territorial.

Os caminhos da migração e das distâncias são carregados de esperança. Inicia-se com a necessidade, que elabora o desejo, que se materializa com uma mala na mão e sonhos guardados em si. O mesmo caminho que aproxima do destino, afasta do local de origem. É um momento de reflexão, de inflexão, de conhecer, para muitos o desconhecido. Neste trajeto, *um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho* (EVARISTO, 2018), compõe as lembranças das gentes que fazem este percurso, nos chãos deste Brasil. Medos e incertezas compõem este percurso. Decepções que ficaram, possibilidades que se abrem, também seguem este trajeto.

As distâncias são também produtoras de saudades, de quem ficou, de quem optou por não realizar o mesmo trajeto, seja por apego ao lugar, ou por falta de condição de realizar este mesmo trânsito, seja na expectativa de fazer este mesmo trajeto posteriormente. A saudade sucumbe frente as possibilidades. A geografia é também construída ao longo do caminho, do

próximas ao centro, já outros que são donos da residência como os demais trabalham muito longe em fazendas, como Querência do Norte, Marcelândia e Luciara. com distâncias que podem ultrapassar 1200km e, se os lugares são próximos como Planalto da Serra e Paranatinga, as más condições da estrada não ajudam, fazendo do trajeto uma aventura arriscada e demorada.

⁴⁸ Conforme Mbembe (2018, p. 17) da fusão potencial entre o capitalismo e o animismo resultam algumas consequências determinantes para a nossa futura compreensão da raça e do racismo.

trajeto, mas também se constrói com as distancias, os novos encontros, as novas gentes e as novas possibilidades, que se constitui como motor que impulsiona este deslocamento.

Em conversa com as *gentes negras* e migrantes em Campo Verde, notou-se que todos os entrevistados fizeram o caminho de migração de ônibus, alguns particulares, já outros eram ônibus que as empresas enviavam para buscar pessoas para trabalharem durante as safras. Destaca-se que o fato de migrarem de ônibus e não de avião, para os moradores de outros estados, surgia como possibilidade de escolha. Essa condição vem ao encontro da desigualdade que afeta as *gentes negras*, que por falta de recursos, este trajeto de uma região para outra, acaba sendo realizado pelo transporte mais barato, que neste caso é o ônibus.

Pontua-se também que, durante o caminho, atravessando por uma multiplicidade de paisagens deste Brasil profundo, pausando em diversos momentos em postos desconhecidos, muito tiveram o desejo de retornar, contudo, persistiram e decidiram continuar. Após dois ou três dias de viagem, a depender do local de destino, chegavam em busca de um emprego, de uma estabilidade, de uma melhor condição. É importante ressaltar, que o principal ponto de parada é a rodoviária localizada no município de Jaciara, onde após descerem, deslocavam-se, também de ônibus pela estrada que corta o município de Dom Aquino, e vinham observando o verde do caminho, até chegar na cidade de Campo Verde, cujo verde do cerrado, que dá nome a cidade, foi sendo substituído ao longo dos últimos trinta anos.

A migração para o trabalho, em busca de uma melhor condição de vida, produz outras geografias, na cidade de destino. É preciso ressaltar, que a *Baixada*, constitui-se de moradias provisórias, denotando que naquele espaço, o fenômeno da provisoriidade é presente. Com isso, alguns ficam o tempo determinado do trabalho e posteriormente retornam, já outros, tentam a vida na cidade, mas com a falta de inserção, decidem realizar a migração de retorno para o estado de origem.

Existem também os que migram a trabalho e ao fim do contrato, mesmo com todas as intempéries enfrentadas na cidade de destino, preferem continuar construindo pontes, agenciamentos que produzem a manutenção da estadia na cidade, mesmo que na condição de *outsider*. Muitos destes criam condições para as famílias que ficaram na cidade de origem, também realizem esta travessia. Estes também, agenciam, constroem possibilidades para que outras gentes, possam migrar para Campo Verde, em busca de uma melhor condição de vida. Para as gentes que migram, sabendo da existência de algum conhecido que já havia feito este mesmo trajeto na cidade, apesar das dificuldades, o caminho se apresenta de forma mais fácil.

A migração é caracterizada pelas distâncias, com outro e com um pouco de nós que ficou na cidade de origem. Em Campo Verde, para além das distâncias com o local de origem, as distâncias que agora que se estabeleciam, era com o outro, cujo ser diferente, é gatilho para uma política territorial e espacial de separação, de lá e de cá, as vezes até mais distantes. Os bairros periféricos constituídos desde o início da formação da cidade, com aluguéis mais baratos e estruturas mais precárias, são a esperança de ali continuar e construir caminhos de esperança, de possibilidades, de resistências e de continuidade de sonhos na cidade. Para os trabalhadores das fazendas, que não precisavam alugar casas na cidade, seguiam para os alojamentos localizados na zona rural, em condição de desumanidade, que era aceito por aquela gente, que buscavam em Campo Verde, seguir suas vidas.

AS MULHERES NEGRAS: INTERSECCIONALIDADE NA BAIXADA

Carolina, que experiência estou fazendo! Tinha lido num jornal que precisavam de uma datilógrafa para uma vaga temporária. Eu me apresentei, mas a diretora do escritório disse que o lugar não estava mais disponível. Ela olhava para mim com espanto, percebi que minha pele a tinha surpreendido. É assim, infelizmente, no interior: você se apresenta dizendo que pode redigir corretamente uma correspondência comercial ou administrativa, e lhe é dito que procuram umas pessoas experiente. Você diz que tem experiência de sobra e que, por causa da responsabilidade inerente à cor da sua pele, você é perfeccionista com o trabalho, você sabe do que estou falando! Ninguém pode ter a chance de dizer que aquelas negras são uma nulidade, seja no que for. O que tem que ser feito tem que ser bem-feito, em benefício de todas as outras negras do mundo inteiro. Então nos dizem para voltar outro dia, ou que “entraremos em contato”. Então você fica de saco cheio e parte para uma agência de emprego se você tem urgência em garantir o seu ganha-pão. Lá a atendente abrirá um sorriso: a visão de uma morena vai deixa-la contente:

“Ah! Procurando trabalho? Não vá embora! Tem a dona Fulana, a dona Beltrana e a dona Sicrana que procuram pessoas como a senhora”

(Françoise Ega, 2021)

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de preto mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta

(Carolina Maria de Jesus, 1960)

Inicialmente, destaco que falar das mulheres negras e seus atravessamentos, remeto-me sempre as condições que cresci vendo minha mãe passar, seja no relacionamento, no trabalho, no curso de técnica em enfermagem, seja na compra da casa própria, seja na lida do dia a dia.

Percebi, portanto, que as geografias das mulheres⁴⁹ negras que residem em Campo Verde, se parecem com a de minha mãe, que é também parecida com a de Carolina Maria de Jesus, de Maria Beatriz Nascimento, de Fraçoise Ega, de Conceição Evaristo, porque todas elas, são também atravessadas pela subalternidade e acabam, nas estruturas que estão inseridas, partilhando da *dororidade*⁵⁰.

Lélia Gonzalez, uma das pioneiras no Feminismo Negro Brasileiro, que cunhou seus estudos, não só enquanto teoria, mas também enquanto prática, para entender as problemáticas que as mulheres negras no Brasil, como resultado da escravidão, atravessavam, destacou que:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto a falta de perspectiva quanto a possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam ao mais baixo nível de opressão (GONZALEZ, p. 97, 1982).

Não podemos nos esquecer que o racismo, estruturado pelo colonialismo moderno insiste em dar cargas pesadas a mulheres negras e homens negros (AKOTIRENE, 2019), contudo, neste movimento, as mulheres negras são as que mais sofrem. Para serem aceitas, mesmo que na condição da *outra*, adotam os atributos do colonizador, que vai desde o cabelo, as roupas e a fala. Existe uma desproporcionalidade com relação ao homem cis negro, conforme Nascimento (1978) esta equiparação das desumanizações sofridas entre os gêneros, são de um para cinco e ainda hoje, continua reverberando esta problemática na sociedade.

É importante destacar, que aqui faremos o exercício, conforme nos alertou Akotirene (2019) de não separar raça e gênero, por entendermos que ambos, enquanto estrutura de opressão, fazem esta caminhada em conjunto. Kilomba (2019, p. 94) também nos faz este alerta, quando destaca que a experiência envolve ambos (raça e gênero), porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de raça e na experiência do racismo, que neste caso é potencializado sobre o corpo das mulheres.

⁴⁹ Destaca-se que tanto o termo mulher aqui destacado, quanto o termo homem, estamos trabalhando ambos a partir da cisgenereidade.

⁵⁰ Conceito empreendido por Vilma Piedade (2017), que a relatar a dor sofrida pelas mulheres negras por conta do machismo, do cisheteropatriarco, que se intensifica com o racismo que elas sofrem. A autora ainda reitera que a sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele.

Neste contexto, para pensarmos as mulheres da *Baixada* de Campo Verde, o conceito de interseccionalidade, já empreendido por Kimberly Crenshaw (2004)⁵¹, Patrícia Hill Collins (2019)⁵², Carla Akotirene (2019) e Angela Davis (2016), parece-nos adequado para analisar esta problemática, com isso, traremos aqui, as geografias destas mulheres, atreladas as condições de classe, onde são inseridas, de raça, onde são construídas, de gênero, onde são inferiorizadas, mas também, a luz da pesquisa e da compreensão da *Baixada*, traremos também a questão espacial, ou seja, em qual espaço essas mulheres habitam e transitam na cidade, e a questão regional, pois é também produtora de opressões.

Como já afirmado no tópico acima, que discute os motivos que levaram as *gentes negras* a migrarem para Campo Verde, um destes, diz respeito as mulheres que migraram para acompanhar seus companheiros que para trabalharem na cidade, algumas migraram em conjunto, outras, por condições financeiras, ou por opção⁵³, fizeram este deslocamento depois. Muitas destas, pelo fato de os companheiros terem feito este movimento primeiro, já tinham alguma noção de como funcionava a cidade, era o novo, mas não era estranho, mesmo que, ao chegarem, elas, seus filhos, suas geografias, eram estranhas para os *estabelecidos* da cidade. Afirmamos, portanto, que as experiências destas mulheres são diferentes das experiências dos seus companheiros.

Destacamos que optamos em escrever este tópico sobre as mulheres negras e a interseccionalidade na *Baixada*, trazendo as entrevistas, o mês e o ano em que foram realizadas. Os nomes, como já pontuamos na introdução do trabalho, são fictícios, respeitando a identidade original das entrevistadas.

Luciana, Abril de 2019

A nossa primeira entrevistada, a partir da *cartografia das andanças* empreendida na *Baixada* de Campo Verde, chamaremos aqui, de Luciana, uma mulher negra, cujo passos, vieram também de longe, como historicamente se movimenta as *gentes negras*, na diáspora.

⁵¹ Como mulher negra, intelectual, Crenshaw (2004), cunhou trazer para o debate acadêmico o conceito de interseccionalidade. Percebendo que o conceito de raça, apesar de ser central, não conseguia abranger a realidade de mulher negra, nem conceito somente de gênero e de classe. Por isso, a sobreposição de ambos para explicar particulares que as mulheres negras sofrem. Por essa questão, no campo epistemológico, o conceito de interseccionalidade veio para dar conta a realidade das mulheres negras, entendendo várias camadas de opressão.

⁵² Sistema de opressão interligado por diversas estruturas.

⁵³ Em conversa com a mulheres negras, a maioria relatava que os maridos vieram antes e elas ficaram na cidade de destino na expectativa das coisas darem certo na cidade de Campo Verde. Após os companheiros encontrarem um emprego, faziam este deslocamento, as vezes sozinhas, as vezes acompanhadas de seus filhos.

Era abril de 2019, quando ainda me encontrava como Agente de Pesquisa e Mapeamento (APM) do IBGE, se iniciava meu percurso de pesquisa como funcionário, mas também como doutorando. Este percurso inicial, posteriormente se estenderia por muitos outros deslocamentos até a cidade, mais precisamente até a *Baixada*. Luciana, de cabelo trançado, caminhava por entre as ruas do bairro São Lourenço. O seu destino, era buscar um de seus filhos, que naquela manhã, encontrava-se na escola.

O diálogo construído com Luciana naquela manhã, ocorreu caminhando, seguindo o caminho da escola, com um caderno e uma caneta na mão, mas também com a memória. Ela nos relatou que havia migrado do estado do Maranhão para Campo Verde no final de 2018, mais precisamente no mês de setembro. Viera com o filho para acompanhar o companheiro, que migrava em busca de emprego, Luciana destacou que aquela não era a primeira vez que seu companheiro realizava a migração para trabalho, ele já havia realizado outros deslocamentos em outros momentos. Em abril de 2019, quando conversamos naquele caminho da escola, ela encontrava-se grávida do seu segundo filho, o companheiro de jornada, não se encontrava em casa, só retornava aos finais de semana pois trabalhava de serviços gerais nas fazendas da região, como parte da realidade dos migrantes, homens, residentes na *Baixada* que desempenham alguma função profissional em fazendas.

Durante a semana, sua única companhia era seu filho já nascido e seu bebê, que logo viria a chegar. Uma nova companhia, nos últimos meses passou a fazer parte, também da vida de Luciana, era o desejo de retornar para o estado de origem, para o Maranhão. Segundo a entrevistada, o preço das coisas e o custo de vida eram incompatíveis com os ganhos do marido, além disso, residindo na *Baixada*, o preço do aluguel de R\$: 450,00 pesavam-lhes no final do mês. Em meio a esta questão, como se inseriram de forma subalternizada na dinâmica econômica da cidade, a migração de retorno surgia como única opção para ela e sua família. A saúde e a dificuldade era o principal impulso.

Um dos fatores que emergiram o desejo e conseqüentemente a decisão de Luciana de migrar, foi o fato de, em pouco mais de sete meses residindo na cidade, não ter conseguido até aquele presente momento, um emprego para agregar nos ganhos do companheiro na cidade. Isso impossibilitou também de construir uma rede de apoio, de construir amizade, porque segunda ela, não saía de casa com frequência, somente para resolver questões pessoais, como atendimento médico por conta da gravidez, e levar e buscar seu filho na escola, porque não tinha outra opção. Tudo isso condicionava a falta de oportunidade na cidade. Luciana era

carregada de fronteiras, que ela construiu com relação a cidade, que antes mesmo dela chegar, já haviam construído com relação ao corpo dela. Neste contexto, raça, gênero e regionalismo, condicionavam o espaço de Luciana, que era a *Baixada*.

A falta de estudo de Luciana, que diante das dificuldades que enfrentava no estado do Maranhão, não havia concluído o ensino fundamental⁵⁴ e migrou para Campo Verde na tentativa de trabalhar de serviços gerais, ou lavar roupa para “*fora*”, como ela mesmo destacou, inseriu-a na *Baixada*, abaixo dos demais, em um processo de inferiorização que é presente na cidade. Sobre esta questão, analisando a questão do racismo na Venezuela, Rojas (2007, p. 44 e 45), ajuda-nos a entender os limites que são impostos para as *gentes negras* que sofrem desta estigmatização⁵⁵, que se estrutura também em um movimento e poder.

[...]de este modo, las situaciones de racismo y discriminación racial étnica nos remiten inmediatamente a una de las tantas limitaciones para el desarrollo pleno de las personas que son víctimas de situaciones de discriminación, producto de un largo proceso de relaciones desiguales de poder.

Finalizando nosso diálogo a caminho da escola para buscar seu filho, construindo uma *cartografia das andanças*, escutando e sentindo as condições de inferiorização e estigmatização, mesmo que de forma estrutural na cidade, foram impostas a Luciana e sua família. Por fim, justificando seu retorno para o estado do Maranhão, ela destacou que pelo menos, retornando para o Maranhão, já próximo de entrar em trabalho de parto e trazer ao mundo seu filho, ficaria mais próximos dos parentes que havia ficado no local de origem. Neste contexto, a viagem que durou duas noites e três dias, se repetiria como forma de retorno. Luciana finalizou caminhando e nos dizendo: “*Lá pelo menos os familiares dividem a farinha*”.

Flora, Maio e Julho de 2019

No mês de maio de 2019, desloquei-me até a cidade de Campo Verde para realizar trabalhos de pesquisa, ainda pelo IBGE, em um assentamento, localizado na zona rural da cidade. Após retornar no período noturno para a cidade, a procura de hotel para me estabelecer,

⁵⁴ Conforme dados do IBGE, em 2018, 9,1% dos negros eram analfabetos e 90,9% eram alfabetizados.

⁵⁵ Elias e Scotson (2000), destacam que a estigmatização, como aspecto da relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ele reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider. Essa situação, pautada no preconceito, na aversão, apresentada pelos autores, tratando da realidade de uma comunidade na Inglaterra, vamos percebendo ser presente também na cidade de Campo Verde, onde a raça, a classe e o local de origem operam como forma de estigmatização.

optei por me estabelecer em um hotel, cujo a diária era a mais barata da cidade, localizada na *Baixada*, no bairro Jupiara. A ideia central, além de passar a noite, era também observar quem ocupava aquele espaço, que já era de conhecimento, ser propriedade de um casal sulista⁵⁶, que havia migrado na década de 1990 para a cidade e construiu o estabelecimento.

Aquele hotel, além dos proprietários, possuía funcionárias que trabalhavam na recepção do hotel, na cozinha preparando o café da manhã, mas também tinham aquelas que trabalhavam na limpeza diária. Entre as funcionárias que limpavam os quartos dos hóspedes e a recepção, encontrava uma mulher negra, que aqui vamos chamar de Flora, que notei logo quando cheguei no hotel. Após dois dias hospedado naquele hotel, expliquei o teor da minha pesquisa e pedi para dialogar com ela, que prontamente aceitou. Enquanto aguardava, sentado no banco de madeira, localizado no lado externo do hotel, uma das funcionárias- mulher branca, que trabalhava na recepção, sabendo que eu estava aguardando para dialogar com sua colega de trabalho, discorreu: *A moça que trabalha comigo é maranhense⁵⁷ e maranhense aqui já tem demais.*

É importante destacar que, a fala da funcionária, uma mulher branca, também inserida de forma subalterna na dinâmica econômica da cidade, partilhando da vida na *Baixada* em conjunto com Flora, demonstra que a fronteira com outro não se estabelece somente no que tange aos dois lados da cidade, mas também entre pessoas da mesma condição de existência, que se diferenciam somente pela cor. Neste contexto, concordamos com Berth (2019), ao destacar que, muitas vezes, estar imerso na realidade opressiva impede uma concepção clara de si mesmo enquanto oprimido. Contudo, entendemos que apesar de partilhar da mesma realidade, a condição de raça favorecia uma e desfavorecia a outra.

Flora, no primeiro momento se encontrava assustada e com medo de conversar, após o início da conversa ela relatou que a vergonha⁵⁸ era por conta do dialeto, carregado de sotaques do estado do Maranhão. A pouco tempo residindo de forma fixa na cidade, que viera para fazer

⁵⁶ Migrantes do estado do Paraná, os proprietários do hotel, que reside nas adjacências dele, na *Baixada*, nos mostra que existem também sulistas residindo nas *Baixada* da cidade de Campo Verde.

⁵⁷ A ideia do maranhense como inferior, aparece na fala da mulher branca, colega de trabalho, mas que exerce o papel de recepcionista. Elias e Scotson (200, p. 24), tratando sobre os estabelecidos e outsiders, relatam que afixar o rótulo de valor humano inferior a outro grupo é uma das armas mais usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. É a partir da estigmatização do outro, que os grupos estabelecidos, exercem poder sobre os *outsiders*. Desta forma a afixação do rótulo de maranhense, sem nome próprio é uma forma de interiorização de um grupo em detrimento de outros.

⁵⁸ Pinto e Ferreira (2014, p. 263), oferece importantes contribuições ao apontarem que o preconceito e a discriminação racial vivenciados pela pessoa negra fazem com que muitas vezes, ela esteja em constante conflitos com relação a sua identidade.

companhia ao companheiro que já se encontrava presente a cerca de nove anos, Flora conseguiu, após um mês de chegada na cidade, um trabalho nos serviços gerais no hotel, na *Baixada*, onde ela também reside. Seu expediente iniciava-se às 05:00h, antes mesmo do sol, o *astro rei*⁵⁹ só viria depois, seus instrumentos de trabalho era o balde, uma vassoura e o pano. Ela caminhava até as 14:00h, por entre aqueles espaços do hotel, que recebia pessoas todos os dias que se hospedavam temporariamente na cidade.

A insegurança de Flora se traduziu no medo de mais uma vez não ser aceita por ser *maranhense*. Assim ela nos disse?

“Olha, eu sou maranhense também, como muitos que moram aqui e vem tentar mudar de vida. Eu sou nascida e criada na cidade de Caxias do Maranhão⁶⁰. Vim para cá, pois meu marido já se encontrava aqui a nove anos e eu sempre vinha, passava um tempo com ele e depois voltava, pois meus parentes se encontram lá. Contudo, nesse ano de 2019, resolvi vir de vez ficar aqui com ele e me estabelecer. Agora mesmo, faz pouco mais de um mês que estou aqui e já estou trabalhando”

Flora, a todo momento passava as mãos sobre a sua cabeça, no seu cabelo, que naquele momento estava curto, por estar passando por um processo de transição e era, naturalmente, crespo. Neste ato contínuo durante todo nosso diálogo, era possível perceber que ela estava com vergonha do seu cabelo. Destaca-se que o cabelo se constitui também como uma forma de denunciar quem é outro na sociedade. Questão histórica, que se reproduz na contemporaneidade, o cabelo enquanto demarcador, continua a promover, como afirma-nos Kilomba (2019, p. 127) [...] o símbolo da permissividade, desordem, inferioridade e não-civilização.

Sobre o motivo que levaram Flora a migrar ao encontro do companheiro e se fixar na cidade, mesmo sendo a *outra*, ela destacou que buscou migrar para tentar melhorar de vida. Com apenas o ensino fundamental incompleto, o combustível desta viagem que durou três dias, foram os sonhos atravessados a todo momento pelas necessidades. A moça continuou ainda nos contando, que na cidade de origem, trabalhava o mês inteiro em uma padaria local para ganhar R\$: 400,00, em contrapartida, em Campo Verde, trabalhava de cinco da manhã as duas da tarde e conseguia angariar mensalmente um valor quase três vezes maior do que recebia. Contudo,

⁵⁹ Emicida (2019) Parte da letra da música: O astro rei só vem depois.

⁶⁰ É a 5ª cidade mais populosa do Estado do Maranhão, com uma população conforme estimativa do IBGE (2019) de 164 880. É cortada pelo rio Itapecuru e seus afluentes, contudo apresenta sérios problemas no que tange ao acesso, reverberando na desigualdade social.

mesmo com o salário do marido, que trabalhava durante a semana em fazenda localizada nas proximidades da cidade, o custo de vida era um dos impeditivos para a ascensão.

Uma das questões apontadas por Flora durante o nosso diálogo, foi o valor do gás, que no Maranhão, segunda ela, antes de migrar, era cerca de R\$ 40,00, já em Campo Verde, custava R\$: 115,00, em 2019. Destaca-se que o alto custo do valor do gás, vem também acompanhado do alto custo dos gêneros alimentícios, do consumo de água, de luz e do aluguel. Pontua-se que Flora, reside na *Baixada* da cidade, no bairro Jupiará, aos fundos da localização do hotel.

Outra questão relatada por Flora sentados naquele banco de madeira localizado do lado de fora do hotel, foi o preconceito com relação as gentes migrantes oriundas da região Nordeste do Brasil. Sobre essa questão que atravessava a existência de Flora naquela cidade, ela destacou:

“Olha, o povo aqui tem muito preconceito com maranhense, muito mesmo. Dizem que a gente fala errado, mas eles falam mais errado que a gente”.

A fala de Flora nos permite compreender duas questões centrais, a primeira diz respeito ao preconceito contra os nordestinos que são estruturalmente *colocados para fora*⁶¹, que no caso dela, se intensifica pelo fato de ser uma mulher, deslocada do seu local de origem, tentando se colocar em uma outra cultura, pensada e gestada enquanto hegemônica, branca e sulista. Outra questão central, é o falar errado⁶², destaco que a fala de Flora, traz a todo instante o *pretuguês*⁶³ de Lélia Gonzalez (1982), atualizado com os dias atuais. É importante destacar também que esta condição vem acompanhado do racismo linguístico⁶⁴, tão presente na

⁶¹ À primeira vista, a ideia de superioridade não parece estar implícita nos novos racismos, apenas o pensamento inofensivo de que “nós não temos nada contra elas e eles, mas aquelas/es ‘diferentes’ têm seus próprios países para viver, e, portanto, devem retornar” pois “a presença delas/es é um dos distúrbio para a integridade nacional” (KILOMBA, 2019).

⁶² Para Fanon (2008, p. 33) Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.

⁶³ Na biografia de Lélia Gonzalez, uma mulher negra, intelectual e feminista Ratts e Rios (2014) apontam sobre o modo de falar que Lélia Gonzalez empregou em sua existência. Contrariando o politicamente correto⁶³ dentro do contexto acadêmico, ela vai utilizar como forma de falar, o pretuguês, como ato político. Nesse sentido, ela entendendo que os africanos e os indígenas foram importantes para a constituição do modo de falar da língua brasileira. Contudo, o “jeito certo”, segundo o padrão hegemônico de falar é o português e os que não conseguem falar da forma “correta”, são vítimas de preconceitos linguísticos.

⁶⁴ Essa problemática do falar errado, partindo da sociedade hegemônica, é conhecida como preconceito linguístico. Sobre isso, Nascimento (2010), destaca que essa situação é a exacerbação da valoração e sobreposição da gramática normativa para o domínio da língua, o que varia vezes e constitui em pré-julgamento, racismo e discriminação sobre outros falares bem mais amplos e significativos da nossa população. Em Campo Verde, nas falas dos moradores negros e nordestinos, o preconceito linguístico aparece como forma de aversão. Desta forma, Nascimento (2010) também relata que essa questão é uma das formas mais presentes de racismo e de discriminação, mas que é ofuscado pelo mito do que é certo ou errado na comunicação e expressão.

sociedade brasileira, que se mantém como forma de hierarquização social, tendo uma língua, dialeto e forma de falar, entendida como superior as outras, ou as demais.

Destacamos que essa problemática, vem ao encontro da cultura estabelecida na cidade. Nos dizeres de Stuart Hall (2006, p. 40), falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. Desta forma, *se falar é existir absolutamente para o outro*⁶⁵, logo, apagar esta forma linguística de falar é também apagar a cultura introjetada no sentido dos sujeitos, que ali habitam. A multiplicidade cultural, que deveria ser parte presente da realidade da sociedade, em Campo Verde, assim como também em outras cidades do agronegócio, é sucumbida e apagada, e objetos de inferiorização.

Outro ponto destacado durante o diálogo construído com Flora foi a questão da procura de emprego, que ela empreendeu logo que chegou na cidade. Sua primeira busca foi no Sistema Nacional de Emprego (SINE), órgão ligado ao Ministério do trabalho, que possui sede em Campo Verde. Flora discorreu que fez várias tentativas sem sucessos, contudo ela tinha ciência de que existiam vagas disponíveis, porém se fossem maranhenses eles não contratavam. Percebe-se mais uma vez a problemática com o outro, que também atinge as instituições localizadas na cidade, com isso, entendesse que “o não tem vaga”, era na verdade, não tem vagas para “maranhenses”. Do ponto de vista estético e o modo de falar, ela não se encaixava na vaga que por hora estava disponível.

Além de maranhense, Flora portava no corpo a pele negra, e esse estigma colonial é presente na sociedade brasileira, pois ainda hoje, os negros são as maiores vítimas dessas problemáticas de cunho social, mas também racial. Pensando esta questão na cidade de Campo Verde, instituída como uma cidade de identidade branca, as falas de cunho racistas em forma de humor, apareciam, constantemente, como brincadeiras e risos entre os moradores. Flora, no momento do diálogo, discorreu que ouviu de um morador da cidade a seguinte afirmação:

Esse povo do Maranhão é mais escuro, deve ser porque tomam muito sol (risos e mais risos)

A fala traz consigo uma lógica racista e xenofóbica, com elevado grau de baixeza e estupidez (MBEMBE, 2018). Dotado de uma engrenagem que rege a sociedade brasileira, bem como a cidade de Campo Verde, do agronegócio, parece soar como normal, tanto que arranca

⁶⁵ Fanon (2008, p. 33) discute o negro e a linguagem no capítulo 3, do livro: *Peles negras e máscaras brancas*.

risos de suas colegas de trabalho. Essa problemática social, vai ser denominada por Adilson Moreira (2019), de Racismo Recreativo, ou seja, o racismo disfarçado de humor⁶⁶, de brincadeira. “*Porque tomam muito sol são mais escuros*”. Moreira (2019, p. 79), vai ainda nos alertar que a intencionalidade central é de inferiorizar:

Uma piada é racista quando pretende causar dano a uma minoria, quando pode ser esperado que ele terá esse efeito e quando o dano infligido não pode ser moralmente justificado. O humor racista causa dano moral aos indivíduos porque afeta diretamente a expectativa deles de serem tratados de forma respeitosa em uma sociedade baseada no reconhecimento do mesmo status moral dos indivíduos. Piadas são racistas quando propagam estereótipos negativos sobre membros de grupos minoritários [...].

Após a conversa, pautada na fala, gravada no celular e grafada na minha mente de como o racismo operava, transcrito logo mais à frente, finalizamos a conversa com a mulher que logo voltou ao balde, a vassoura e aos quartos para limpar. Aqui cabe ressaltar que apesar das problemáticas vividas por Flora, desde o racismo estrutural, o racismo institucional, o racismo cotidiano e o racismo recreativo (KILOMBA, 2019), a alegria de estar trabalhando no local de destino era maior do que qualquer piada com cunho racista. Para ela, as dificuldades enfrentadas em Campo Verde, são desproporcionalmente menores do que às dificuldades enfrentadas no Maranhão.

Após dois meses, retornei novamente ao município de Campo Verde para desempenhar uma nova pesquisa pelo IBGE, desta vez, na sala de visita onde residem os atores hegemônicos que ditam o ritmo e impõem as regras na cidade. Optei novamente por me hospedar no mesmo hotel, para talvez reencontrar Flora novamente, ou poder dialogar com outras *gentes negras* que por ali transitam. Entendendo que, pelo fato do hotel está localizado na *Baixada*, as possibilidades de encontrar as *gentes negras* eram maiores.

O segundo encontro, não teve a mesma durabilidade do primeiro, ocorreu de forma rápida, pois ela se encontrava desempenhando sua função naquele hotel e era vigiada pelos proprietários. Antes mesmo de cumprimentá-la, logo percebi que Flora, que eu havia conversado há dois meses atrás, com o cabelo cacheado, havia alisado o cabelo, com isso, questionei: “*Uai, você alisou o cabelo? mas estava bonito ele natural*”. A resposta dela logo em

⁶⁶ Portanto, mais do que produzir sentimento de prazer, o humor atende também outras necessidades emocionais, notoriamente a necessidade de distinção em relação a outras pessoas (MOREIRA, 2019, p.70)

seguida foi: “*Eu alisei... Teve até um rapaz aqui em Campo Verde que me perguntou se eu era homem, por causa do cabelo cacheado*”.

Percebemos que mais uma vez, o racismo⁶⁷ a impediu de continuar com o cabelo natural na cidade, a resposta dela foi alisar para ser aceita. É importante destacar que a subjetivação do corpo negro enquanto anormal, impróprio e inferior, transita em todas as partes e segmentos da sociedade moderna-colonial, desde o tamanho do nariz, dos lábios, da cabeça e subindo até a formatação do cabelo. Esta problemática produz efeitos psíquicos, como já apontado por Fanon (2008), Santos (1983) e Gonzalez (1982), produtora de desejos, por parte dos negros deste estigma de se embranquecer, alisando cabelo⁶⁸, mudando a forma do nariz e os lábios, adotando a estética, dentro do possível, das gentes hegemônicas, que promovem a manutenção do poder.

Discorrendo sobre o cabelo dentro do contexto etnorracial, Ratts e Rios (2014, p. 49) apontam que no jogo das relações raciais brasileiras, a textura do cabelo é um indicador do pertencimento etnorracial. Nesse sentido, no processo de desqualificação social de pessoas negras, existe certa pressão sobre mulheres e homens para que controlem os cabelos crespos e ou volumosos. Para Berth (2019), o cabelo, é também um elemento importante, sobretudo para mulheres negras para dar início aos processos de empoderamento. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. (KILOMBA, 2019).

Pontua-se, que dentro desta problemática, pautada no racismo que atinge as *gentes negras*, que tem o cabelo crespo como um dos determinantes, ocorre um choque cultural, entre os *estabelecidos* e *outsiders*, como é o caso de Flora, mulher negra e nordestina na realidade da cidade de Campo Verde, gestada enquanto branca e sulista. Apesar da essência interior do seu cabelo enquanto representação de sua existência, seus modos vão sendo modificados num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006). Com isso, a estratégia é a adequação a cultura que por hora se encontra inserida.

⁶⁷ Conforme Nascimento (2010, p. 129) o racismo existe e é um sistema dentro de outro sistema que cria para o negro as desabonações étnicas e as piores condições de vida e de trabalho. O racismo é uma mentalidade que se dá ao longo da história, e no caso brasileiro seu destaque é a cor da pele e os traços físicos aparentes, existindo entre nós desde o início da conquista de nosso território pelos europeus (1500)

⁶⁸ Para Berth (2019, p. 116) Nossos cabelos tornam-se, desde muito cedo, um fardo difícil que, ao longo de nosso crescimento e desenvolvimento físico, vai pesando cada vez mais e abala a percepção da nossa identidade, pois independente de nossas escolhas estéticas e dos cuidados que temos com eles, os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de ressignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra.

A resistência e autoafirmação enquanto uma mulher, de cabelo crespo natural, foi sucumbida⁶⁹ pela necessidade do trabalho e pela necessidade de ser aceita na cidade. Costa (1983, p. 6), prefaciando Neusa Santos Souza (1983), vai dizer que a relação persecutória com o corpo expõe o sujeito a uma tensão mental cujo desfecho, como seria previsível, é a tentativa de eliminar o epicentro do conflito. Completo a fala dos autores dizendo que neste caso a eliminação do epicentro do conflito, era o alisamento do cabelo, que foi o que a moça fez, assumindo assim, como diz Fanon (2008), o mundo dos brancos, logo, quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.

Finalizamos nosso contato com Flora, que continuava com o balde, a vassoura e um pano em suas mãos. Após esse segundo encontro, já não a encontrei mais em minhas idas a Campo Verde, na construção da *cartografia das andanças*. O local de trabalho foi substituído por outro que não sabemos nem o motivo da saída e nem o local de destino. Aquela mulher, negra e nordestina, migrante, foi construir sua geografia em outro lugar, talvez no retorno ao estado de origem. O diálogo permitiu-nos compreender, como destacou Akotirene (2019), a importância da interseccionalidade, para perceber onde começa o racismo e termina a discriminação regional, a xenofobia e as opressões ressignificadas contextualmente.

Jéssica, Setembro de 2019

Dando continuidade ao trabalho de campo, andando pelos bairros mais afastados, localizados na *Baixada*, como é caso do Recanto dos Pássaros e Santa Rosa, encontramos com Jéssica, uma mulher de 35 anos, numa tarde de sexta feira. Jéssica que caminhava no bairro com sua filha, aceitou conversar comigo.

Jessica nos contou, caminhando, que é mato-grossense, nascida na cidade de Araputanga, próximo do município de Cáceres. Era também uma migrante, contudo, diferente de Flora e Luciana que se deslocaram da região Nordeste, Jessica é nascida no próprio estado de Mato Grosso, mas também já migrou e residiu fora do estado. Apesar de ser também mato-grossense, as condições subalternas pela qual estava inserida, a tornava também a outra. Jessica também

⁶⁹ Esta perda de um "sentido de si" estável como é o caso de Flora, a mulher maranhense que tecemos um diálogo, é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2006)

era marcada pela raça, pela classe enquanto laços de *coconstituição*⁷⁰, e no contexto da cidade e o bairro que ela residia, pela condição territorial, pois ocupava, assim como Flora e Luciana, a *Baixada* de Campo Verde.

Jessica contou-nos que possui o ensino fundamental incompleto, o que dificultava sua ascensão na cidade. Destacou que por várias vezes havia tentado concluir o ensino fundamental⁷¹ e dar prosseguimento no ensino médio, contudo, todas as vezes precisava interromper por conta da gravidez. Sobre esta questão, ele nos contou que possuía quatro filhos e se encontrava grávida novamente. Ela ainda relatou, que havia desejado operar após a quarta gravidez, contudo a fila de espera estava grande e ela acabou engravidando novamente.

Sobre sua estadia na cidade, ela relatou que reside em Campo Verde desde 2011, e como apontado no parágrafo acima, já teve a oportunidade de residir durante algum tempo, com seu companheiro, no estado de Goiás, contudo, por questões pessoais, que ela preferiu não adentrar, precisou voltar. Ela nos contou que gostaria de continuar morando no estado de Goiás pelas possibilidades de se encontrar próximo a alguns familiares residentes no estado, contudo, não é possível, tanto pelas condições financeiras, quanto pela incerteza da adaptação.

A respeito da cidade, Jessica apontou que:

“É uma cidade boa pra viver, é fresquinho, mas eu acho caro as coisas, o custo de vida é caro. Eu vim de Goiânia só porque ia sair essa casa, porque senão estaria lá até hoje, os parentes moram quase tudo lá. Meu marido é do maranhão, as pessoas falam, você é louca, já casou com maranhense duas vezes já, porque esse já o terceiro marido, não é o primeiro não. Eu gosto, sei lá, a gente se adapta muito bem. O primeiro era racista, né, ai eu não dei sorte com ele, o segundo a gente vivia bem, só que ele começou a beber demais. Daí entrou no tráfico e eu fui pra Goiânia e separei dele”.

A casa, que é parte do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) do governo federal em conjunto com o governo estadual e municipal, é paga com uma quantia que ela recebe do bolsa família (Programa de transferência do Governo Federal), e custava mensalmente R\$ 25,50, com algumas alterações. O dinheiro, conforme Jéssica, era pouco, frente ao preço alto para se manter na cidade, mas com o complemento do salário-mínimo do marido que trabalhava

⁷⁰ Para Mbembe (2018, p. 76) Ao longo de grande parte da história moderna, raça e classe mantiveram laços de coconstituição.

⁷¹ Jéssica destacou que por diversas vezes já se matriculou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), contudo não conseguiu concluir.

como limpador de piscina e perfurador de locais para a construção de novas piscinas, conseguia se manter durante o mês.

Questionei se ela desempenhava algum trabalho profissional em alguma empresa, ela nos contou que é trabalhadora informal, inclusive, quando eu a encontrei, ela estava entregando um pão caseiro que a vizinha havia encomendado. Jessica destacou que faz de tudo um pouco para sobreviver, inclusive desempenha serviços de manicure e pedicure no bairro que reside e nos bairros próximos. Seu sonho é poder montar um salão de beleza. Finalizando nosso diálogo, ela discorreu que se “*vira*” como pode, faz o possível para sobreviver dentro daquela realidade e apesar das dificuldades enfrentadas, se sentia feliz.

Por fim, caminhando por e entre o bairro de casas padronizadas, Jéssica ressaltou que a cidade é normal, nunca viveu a experiência do racismo e possui relacionamento com todo mundo, referindo-se ao bairro onde reside, que também é parte da *Baixada* campoverdense. Já no momento da despedida, ela relatou que frequentava uma igreja na rua de cima de sua casa e nos indicou conversar com as pessoas responsáveis por pastoreá-la, que também são pessoas negras, que vivenciavam aquela realidade como ela, e migrantes de outras regiões do país, que buscavam melhorar as condições de vida, em Campo Verde.

Neide, Setembro de 2019

A partir da indicação de Jessica, naquele mesmo dia, após conversar com ela, seguimos uma rua acima a procura da casa de Neide. Durante o caminho, as crianças brincavam na rua, eu seguia com meu caderno de anotação, contemplando a outra parte da *Baixada*, que era vivenciada pelos moradores daquela localidade. Seguindo as orientações de Jéssica, cheguei na casa que também é uma igreja, de Neide, que é casada com Pedro. Ambos são da região Norte do país, ele é de Rondônia, já ela é nascida no estado do Tocantins. Neide e Pedro vieram em busca de trabalho e melhoria na condição de vida. Antes de residir em Campo Verde, estavam ambos em São José do Rio Preto, SP, também a trabalho, demonstrando que a migração a trabalho já era parte presente da existência deles.

Após me apresentar e discorrer que havia chegado até sua casa através da indicação de Jéssica, Neide, que aceitou dialogar, nos contou que possuía o ensino médio completo e não exercia outro trabalho que não seja de pastora. Em contrapartida o seu marido, Pedro, trabalhava nas redondezas em uma plantação de chuchu que abastecia os mercados municipais. A renda de ambos era pouco, mas o suficiente para sobreviver, relatou-nos. Neide destacou ainda, que

as pessoas que mora no bairro, como é o caso de Jessica, que citamos acima, são pessoas humildes e acolhedoras. Desempenhando sua atividade pastoral ela consegue perceber essa realidade, por atender várias pessoas que partilham daquela realidade.

Em relação as dificuldades, Neide ressaltou a distância de tudo com relação ao centro comercial da cidade, o maior problema segundo ela é a questão da condução⁷². Neide relatou que no bairro não possui mercado e nem farmácia, apenas pequenas mercearias cujo preços são mais altos do que os mercados centrais. Sobre a questão voltada para a saúde, ela apontou que a agente de saúde quase não passa, logo, dificulta o atendimento. Por fim ela destacou que não possuía nem escola e nem creche local, e relatou que o bairro tinha muito menino e cachorro. Destacou ainda, com relação as oportunidades de trabalho, que “tem muita gente que não trabalha porque não tem onde deixar o menino”.

Foi possível perceber que ela e seu marido não possuíam condução para se deslocarem na cidade, sobre isso ela destacou que quando precisa resolver algumas situações, utiliza-se bastante carona, aliás, segundo ela, essa é uma prática corriqueira no bairro, as pessoas ficam no ponto de ônibus e quem está seguindo, rumo ao centro da cidade, oferece carona. Por fim, sentado na área daquela casa em um final de tarde, me despeço. Neide, apesar de não se deslocar com frequência pela falta de condução, não acreditava haver racismo na cidade, contudo reconhecia a questão da desigualdade, tanto social, quanto espacial.

Abril, Junho e Agosto de 2019

Helen é uma jovem de 25 anos, residente em uma quitinete de duas peças, de aluguel, no bairro Jupiara, que custava R\$ 350,00. Casada, mãe dois filhos, nasceu no estado do Maranhão, migrou para acompanhar o marido que havia se deslocado antes para Campo Verde para trabalhar como servente de pedreiro. Hoje, ele exerce essa função em uma empresa do ramo do agronegócio e consegue receber um salário mensal de R\$ 1200,00.

Ela discorreu que tinha muita vontade de trabalhar para ajudar em casa, pois o valor mensal que o marido recebia não era suficiente para suprir todas as necessidades da família. Naquela manhã, sentado na área da residência que residia, seu filho de aproximadamente 3 anos de idade, veio em nossa direção e se assentou também na área, em um caixote de supermercado que servia também como assento. O alimento que ele portava nas mãos, era cuscuz com café,

⁷² Só possui circular as 7h, as 12h, e as 17h, quem perder esses horários ficam impossibilitados de ir ao centro da cidade.

que fazia menção a culinária nordestina, mas que também trazia as dificuldades vivenciadas. Naquela manhã não tinha leite para aquela criança. A creche, que era onde ele poderia estar, não havia mais vaga disponível para o ano de 2019., relatou-nos Helen.

Nos encontramos durante três momentos no ano de 2019, em todos esses encontros seu marido estava na fazenda trabalhando. Helen nos contou que não sabe nem ler e nem escrever. Ela nos contou que por questões financeiras, não conseguiu estudar quando criança, mas tinha vontade de um dia retornar à sala de aula. Tratando sobre sua realidade no Maranhão, ela nos disse que a situação era muito difícil e a única alternativa foi mudar para Campo Verde para acompanhar o marido. Nesse momento, apontou que o que mais sente falta no Maranhão é sua filha, que por necessidades financeiras, não pôde trazer e precisou ficar com sua mãe.

Finalizando nossa conversa, Helen discorreu que achava Campo Verde uma cidade “normal”, ela não tinha muito contato com os moradores da cidade pois sempre ficava em casa, cuidando de seu filho. Ela relatou que achava um pouco caro de viver na cidade, contudo, a realidade se apresentava melhor do que no seu local de origem, por isso, por enquanto não exista o desejo de retornar. Por fim, ela nos contou que o coração apertava por saudades de sua vó, que lhe criou e já se encontrava, no ano de 2019, com uma idade avançada, no estado do Maranhão.

Adriana, Outubro de 2019

Adriana, mulher negra, possui o ensino fundamental incompleto era residente de aluguel na rua Tocantins, no bairro São Lourenço. Ela relatou que é nascida no estado do Maranhão e migrou com o companheiro e os dois filhos para Campo Verde. Destacou que, a decisão de mudar partiu do marido e ela decidiu o acompanhar. O marido, que no momento da conversa não se encontrava em casa, é funcionário de uma grande fazenda de plantação de soja e milho da região. O filho mais velho de ambos que possui 18 anos, por falta de oportunidade de trabalho na cidade, seguiu o mesmo caminho do pai, e exercia função nesta mesma fazenda. Adriana nos contou que só encontra os mesmos no final de semana, pois ficam durante toda semana na fazenda. Contudo, em época de colheita, não necessariamente isso acontece, dependendo da necessidade, ficam mais dias sem vir em casa e ela ficava sozinha com a filha de 15 anos.

Adriana relatou que apesar de toda a dificuldade para ambos trabalharem e a ausência caseira, o salário não é tão alto, mas é o suficiente para eles sobreviverem na cidade. Segundo

ela, logo que chegou a Campo Verde, prestava serviços de limpeza para a prefeitura, contudo recebia somente a diária. No momento da nossa conversa, Adriana discorreu que exercia atualmente função de gari e que conseguiu este serviço através de uma empresa que terceiriza os serviços de limpeza urbana em Campo Verde. Apesar das dificuldades do trabalho, o salário não excedia a faixa de mil e duzentos reais. A possibilidade segundo ela de encontrar um trabalho menor, esbarrava na falta de escolaridade.

Dando continuidade ao nosso diálogo, Adriana na contou que enxergava a cidade do ponto de vista positivo, como sendo cheia de oportunidades para ela, seu marido e seu filho. Ela apontou ainda que não enxergava desigualdade, e que não tinha muito contato com as pessoas que residem do outro lado da BR-070. Sobre sua relação com as gentes sulistas, ela destacou que não possuía muito contato “eles ficam lá, eu fico cá”, os únicos sulistas que ela convivia diariamente, são os que compartilhavam do mesmo serviço que ela, demonstrando que a presença sulista não se restringia somente a um lado da cidade, ligado a ideia de riquezas, mas também era presente na *Baixada* da cidade, e sua geografia.

A respeito de racismo por ser uma mulher negra e nordestina, ela nos contou que nunca sofreu nenhuma situação, contudo, destacou que havia vivenciado um caso que vivenciou bem próximo a ela. Adriana destacou “Moço, uma amiga minha chegou atrasada no serviço e sabe o que ela ouviu? Além de ser negra encardida ainda chega atrasada”.

Sobre o racismo e xenofobia sofrida por sua amiga⁷³, Adriana discorreu que reação de sua amiga foi o silêncio. Isso só ocorreu, segundo ela, porque a moça precisava muito do serviço para ajudar em seu lar, por isso ficou calada. O racismo se apresenta como imobilizador, aliás, essa é a função dele, continuar existindo para manter a Branquitude⁷⁴, como projeto ideológico, cada vez mais consistente, dominador, excludente (PIEDADE, 2017).

Diante desta problemática que afeta especificamente as *gentes negras*, Nascimento (2010, p. 191) discorre que, a capacidade do branco de aprender a interagir como o Outro (o negro), como igual/diferente fica bastante prejudicada, embotada, por causa da Branquice e

⁷³ Experiências como essa, são cotidianas na existência da mulher negra, nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão racial e de gênero leva as formas de racismo únicas constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas. (KILOMBA, 2019)

⁷⁴ Como desdobramento e encadeamento do Branqueamento surgiram a Branquice e a Branquitude, formas de justificar as melhores condições dos brancos e de procurar negar a existência e/ou importância do próprio racismo, atribuindo ao negro a responsabilidade pela sua condição.

Branquitude⁷⁵ (defesa do status quo do branco, de forma insofismável) na maioria das vezes; enfim por causa do racismo construído e transmitido historicamente e no cotidiano. Adriana nos diz que se esse fato ocorresse com ela, não aceitaria essa situação e procuraria seus direitos enquanto cidadã.

Com este relato finalizamos nossa conversa com Adriana, não a encontramos mais durante a *cartografia das andanças* pelo fato de residir em um bairro onde a rotatividade é bastante intensa, além disso, em alguns casos, quando se existe oportunidade, as mulheres seguem para o mesmo local de trabalho de seus maridos. São contratadas pelas fazendas, que oferecem uma casa, para trabalharem como cozinheiras ou de serviços gerais nas imediações do estabelecimento.

Daiane, Setembro e Novembro de 2019

Nosso último diálogo com mulheres foi com Daiane, uma jovem negra nascida no estado de Mato Grosso, no município de Nova Olímpia, residente naquele momento na parte de baixo da BR 070, no bairro Bordas do Lago. O primeiro encontro ocorreu a noite em um de seus locais de trabalho na qual trabalhava como garçomete em uma lanchonete que funcionava somente no período noturno. Ela nos contou que precisou se mudar para Campo Verde, após a morte do pai. Ela relatou que trabalhava em dois serviços, durante do dia vendia motos e peças em uma loja de produtos e peças automobilísticas e, a noite, era garçomete em um estabelecimento de venda de espetos de carne. Naquela realidade, sai de um serviço depois das 17:00h e já se direciona para outro, sem tempo algum para ir em casa. Apesar da correria e do cansaço, Daiane atende todos os clientes com um sorriso no rosto.

Sobre seu trabalho que exerce durante o dia, ela relatou que ela só conseguiu o cargo porque o currículo e a formação superior em logística lhe dava base para exercer o cargo. Segundo ela, não tinha perfil estético para o determinado serviço. Ela relatou que tem muitos clientes que não querem ser atendidos por ela por causa da cor e, principalmente do cabelo e isso era perceptível. Ela ainda reverberou que negra, no seu trabalho diário, além dela, é só a

⁷⁵ Conforme Nascimento (2010) **Branquice** é “o como e o quê” o negro deve ser para o “branco”, o que no limite significa o seu desaparecimento através da dupla miscigenação compulsória (cultural e biológica), já a **Branquitude** é a atitude do branco de responsabilizar exclusivamente o negro pelo status quo do próprio negro, e de não se aceitar que o branco tenha participação nisso. **Branquitude** é ainda a não-aceitação de que o racismo existente favoreça e privilegie o branco como raça social.

moça que limpa o chão, ou seja, a faxineira, que como afirma Piedade (2017), a faxina no Brasil tem cor, e é preta.

Sobre esta problemática que acomete as *gentes negras* e vem ao encontro das instituições públicas e privadas, Nascimento (2010, p. 240) nos oferece importantes contribuições ao discorrer que:

Entre os trabalhadores e não apenas ali, o racismo em sua dimensão subjetiva revela um processo de naturalização do preconceito e de cristalização do estereótipo em nossa subjetividade, que nos torna a todos, voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconsciente, cúmplices da perpetuação do racismo. O racismo é um problema relacional e não apenas teórico ou do negro isoladamente; coisa de negro. A opressão da raça negra está lá em cima com o patrão, com os executivos, na diretoria; quando está aqui embaixo, elevem com operário o chão-de-fábrica, com a faxineira, entre os companheiros de trabalho e de luta sindical, de representação de categoria e de movimento social.

Discorrendo um pouco sobre sua vida e sua existência na cidade de Campo Verde, Daiane destacou que antes de ingressar no seu atual trabalho, ela foi realizar uma entrevista em uma multinacional do agronegócio que tem sede na cidade. No seu currículo, constava mais experiência e cursos do que a empresa precisava, contudo, Daiane não foi contratada, pois não se encaixava no perfil estético da empresa. Ela, que possuía *dreads* no cabelo, nos relatou, “sei que o meu cabelo é uma repulsa, mas, não vou mudar meu perfil por causa de trabalho. Antes eu usava o cabelo liso e era aceita, hoje sou malvista”. Daiane, neste contexto, optou por resistir.

Sobre outras situações já vivida em sua caminhada, ela nos contou que em um determinado emprego que possuía, o chefe do setor que trabalhava, pediu para que tirasse os *dreads*⁷⁶ que *lhe enfeitavam a cabeça*⁷⁷, pois não era bonito para o perfil da empresa, contudo ela não tirou. Com isso, ela relatou que ele fez o possível para *lhe* mandar embora. Estas tentativas foram sem sucessos pois Daiane apresentava bom desempenho em suas atividades profissionais da qual foi designada. Daiane, ao abraçar sua negridade (NASCIMENTO, 2010), foi alvo de constrangimento e de sofrimento por parte de seu superior, um homem branco.

⁷⁶ Conforme Nascimento (2010, p. 161) Há pessoas negras que, em face dessas pressões críticas e desabonações sobre o seu padrão de beleza, procedem a verdadeiras metamorfoses em seu corpo para se adaptarem ao padrão de beleza do branco, ou pelo menos dele se aproxima de alguma maneira.

⁷⁷ Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E, no lugar de sua face, via a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas negras e com dezenas de *dreads* a *lhe* enfeitar a cabeça (EVARISTO, p. 62, 2018).

Finalizando nosso primeiro diálogo, Daiane, ainda nos contou que os negros que residem em Campo Verde, em grande maioria, só têm oportunidades em posições inferiores, dificilmente se nota um negro exercendo, ou ocupando cargo de poder em alguma empresa da cidade. Ao ser questionada se ela acreditava na possibilidade de uma mudança na realidade daquela cidade, ela, com a seriedade de quem vivência aquela situação todos os dias, respondeu que achava que não, pois a cultura dos que se encontram ali a “mais tempo”, oriundos da região Sul do país, não é de inclusão e ela não possui o perfil deles.

Por fim, finalizamos nossa conversa para virar as lentes da interseccionalidade no próximo tópico, para os homens da *Baixada*. Daiane nos disse “todo dia é dia de luta”. No segundo encontro que ocorreu de forma breve, a caminho de um supermercado, três meses depois, ela nos contou que já não trabalhava mais na lanchonete no período noturno, optou por ficar somente com um serviço, durante o dia, pois estava muito cansativo. Ela já não se encontrava mais de dreads, mas disse que em breve iria colocar novamente

HOMENS NEGROS E A EXPERIÊNCIA DO ALTEROCÍDIO NA CIDADE

O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo

(Fanon, 2008)

O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse

(Fanon, 2008)

Na penetração dos interesses do grande capital no campo e na cidade, na concentração das terras em mãos de empresas transnacionais, na usurpação dos modos de vida de povos indígenas e comunidades quilombolas, na espoliação urbana, na superexploração do trabalho e na marginalização das massas populares, em todas essas realidades encontramos a presença de mulheres e homens negros duramente privados das condições mínimas de uma existência humana digna e de seus direitos de cidadãos e cidadãos brasileiros.

(Florestan Fernandes, 1989)

Do escravizado, ao estigma de ser o outro e inferior aos demais, os homens negros continuam carregando esta questão. Desde a hipersexualização⁷⁸, até a condicionantes para determinados trabalhos ainda lhes são relegados. O Brasil, apesar de toda luta do Movimento Negro Unificado (MNU) e de vários órgãos, federais, estaduais, municipais e sem fins lucrativos, continua a negar a existência desta problemática, pautada ainda no mito da democracia racial⁷⁹, que dificulta que se encare tal situação como ela é.

Abdias Nascimento (1978, p. 45) ajuda-nos a compreender esta problemática como um verdadeiro tabu, com características intocáveis. Segundo o autor, estamos tratando com uma questão fechada, terreno proibido sumamente perigoso. Ai daqueles que desafiam as leis deste segredo! Pobre dos temerários que ousarem trazer o tema à atenção ou mesmo, à análise científica! Chamarão a atenção para uma realidade social que deve permanecer escondida, oculta (NASCIMENTO, 1978), que continua recaindo sobre os ombros das mulheres negras e dos homens negros, que diante do branco no que tange as oportunidades, não partem do mesmo lugar.

Não quero ser reconhecido como negro, mas sim como um branco, alertou-nos Fanon (2008). Esta fala nos ajuda a compreender também que frente as maleficies do racismo, o homem negro, como forma de fuga, deseja embranquecer-se. O embranquecimento emerge como possibilidade de aceitação. No caso específico da cidade de Campo Verde, quando não ocorre esta possibilidade, as *gentes negras*, são distanciadas, como forma de não oferecerem perigo a estrutura de poder vigente que rege a cidade para o agronegócio.

A inserção destes homens, com exceção de alguns, são nos empregos que o mantenham distância de uma possível ascensão social. Destaca-se, que estes homens chegam à cidade, e se inserem na condição de *outsiders*, não possuem, muitos deles, minimamente o ensino

⁷⁸ Para Mbembe (2018, p. 135) essa hipersexualidade se junta a idolatria, o primitivismo e o paganismo que, de resto, andam sempre juntos. Afinal, a diferença do “homem negro” se reconhece nitidamente pela tez negra, pela cabeleira lanosa, pelo cheiro e pelas limitadas faculdades intelectuais.

⁷⁹ Para Fernandes (1989) No contexto histórico surgido após a abolição, a ideia da “democracia racial” acabou sendo um expediente inicial (para não se enfrentarem os problemas decorrentes da destituição do escravo e da espoliação final de que foi vítima o antigo agente de trabalho) e uma forma de acomodação a dura realidade (que se mostrou com as “populações de cor” nas cidades em que elas se concentraram, vivendo nas piores condições de desemprego disfarçado, miséria sistemática e desorganização social permanente). O “negro” teve a oportunidade de ser livre; se não conseguiu igualar-se ao “branco”, o problema era dele, não do “branco”. Sob a égide de uma democracia racial justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição.

fundamental completo, demonstrando-nos que esta problemática da falta de acesso, é também um problema estrutural brasileira onde as *gentes negras* são as mais afetadas. Para Akotirene (2019) pretos e pretas, como símbolo da inferioridade, são pretos e pretas em qualquer lugar do mundo. No Brasil também não é diferente, o demarcador de raça e a cor da pele, acompanham os homens negros. Ocorre, portanto, o alterocídio⁸⁰.

A *Baixada* para os que chegam se apresenta como o único destino possível de residir, mesmo que temporariamente na cidade. Os migrantes chegam na rodoviária e fazem a travessia na BR-070, buscando as moradias mais baratas do outro lado. A condição de negro e nordestino que talvez passasse despercebido até o presente momento, agora lhes pesa aos ombros. Para Fanon (2008), o preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina.

A cidade é muito atrativa do ponto de vista das possibilidades de empregos como já especificamos nas falas que antecedem esta. A cidade que é do agronegócio, existe uma mobilidade populacional muito grande. O contexto econômico encontra-se em constante crescimento”. Com isso, os homens e as mulheres negras, de outros territórios constroem a cidade no imaginário como um sonho de ascensão social frente a dificuldade que estão postos em seus locais de origem. As mulheres negras, após a desilusão, trabalham como empregada domésticas, muitas vezes de forma informal, e aos homens negros, são direcionadas as fazendas locais, ou quando ficam na cidade, também desempenham trabalhos subalternos.

Com relação aos homens negros, residentes na *Baixada*, que construímos um diálogo durante a *cartografia das andanças*, grande parte eram *safristas*⁸¹, ou conhecidos como *contratados da safra*. Geralmente ficavam por volta de quatro meses na cidade, principalmente durante o período da colheita e retornavam para suas casas. No período da soja, estes trabalhadores chegavam no mês de fevereiro e retornavam no mês de maio. Em contrapartida, alguns mesmo após o fim do contrato, optavam por continuar na cidade e ir em busca de outro trabalho, seja ele formal ou informal, se fixando na cidade de destino.

Os que chegavam com um emprego garantido, ou seja, já contratados como safrista de sua cidade de origem, logo eram direcionados para os respectivos locais. Em contrapartida, os

⁸⁰ Conforme Mbembe (2018, p. 27) alterocídio, é quando ocorre a constituição do outro não como semelhante a si mesmo

⁸¹ Contrato de safra é aquele que tem sua duração dependente de variações estacionais das atividades agrárias, assim entendidas as tarefas normalmente executadas no período compreendido entre o preparo do solo para o cultivo e a colheita.

que chegavam somente com uma mala e a roupa do corpo, sem conhecer a cidade, se aventuravam nas diárias de quaisquer serviços que lhes ofereciam. De tudo trabalhavam, sem temer, porque acreditavam que “*o pouco aqui, era muito lá*” (essa é uma retórica muito presente nas falas dos moradores). Alguns tinham vontade de desistir e retornar. Contudo, ficaram em outro estado vários filhos, a esposa e a mãe. Era preciso “vencer” aqui, para ajudar os que continuaram lá, que por diversos motivos, não fizeram também a migração.

Thiago, abril de 2019

No nosso trabalho de campo, em uma quitinete de frente da qual Joana residia, no bairro Jupiara, moravam três homens negros, todos do estado de Alagoas. Um tio e dois sobrinhos. Eles nos relataram, que chegaram em Campo Verde, porque todos os anos alguns amigos migravam, trabalhavam quatro meses e retornavam. Nos dizeres deles, os mais velhos migravam primeiro, como é o caso tio, e traziam os mais novos, (sobrinhos), estabelecendo, portanto, uma rede (CORRÊA, 2004). Essa lógica é uma constante no estado de origem. Eles nos contaram, que desta vez, migraram para realizar a safra em uma determinada fazenda e após quatro meses retornarão para seus estados.

Sobre essa questão, analisando as relações capitalistas no bojo do agronegócio globalizado, Elias (2011), aponta que a intensa difusão de capital, tecnologia e informação na atividade agropecuária aumentou a divisão das tarefas e funções produtivas e administrativas. Paralelamente, processou-se uma alteração qualitativa e quantitativa de antigas funções, com importantes transformações no mercado de trabalho agrícola. Portanto, de um lado existe o trabalhador agrícola sem qualificação, temporário na sua grande maioria, e de outro o trabalhador especializado, permanente que atende às demandas permanentes do agronegócio globalizado, no caso de Campo Verde, os homens negros, nordestinos.

Thiago, o sobrinho mais velho nos contou que nenhum deles conseguiu concluir o ensino fundamental, dificultando a possibilidade de encontrar trabalhos nos seus locais de origem. Ele destacou que quando se iniciava o período de safra nas fazendas localizadas nas redondezas de Campo Verde, as empresas e donos de fazendas entraram em contato com trabalhadores do Nordeste para migrarem e trabalharem temporariamente. Ele nos contou que, na atual empresa que trabalha, a chegada foi por conta própria, diferente de outras empresas que mandaram ônibus ou pagaram as passagens. Os recursos foram adquiridos ou emprestados no seu local de origem, com familiares, amigos, rifas, bingos etc.

Na chegada na cidade de Campo Verde, são todos direcionados a uma casa grande, com almoço e janta pago pelos donos da fazenda, como forma coercitiva não somente para trabalhar, mas também para explorar. Contudo, Thiago disse que preferiu alugar uma quitinete, no valor de R\$ 350,00 em dois cômodos, com seu tio e irmão, porque na casa onde a fazenda aluga para os funcionários safristas, moram sessenta homens, divididos nos cômodos da casa. Como ele nos disse nesse nosso diálogo: “*é colchão pra todo lado*”.

Todos os dias antes das 07:00h da manhã o ônibus buscava na frente da quitinete onde residiam e retornavam depois das 18:00h, contabilizando diariamente cerca de onze horas de trabalho diário. Todos inseridos naquela mesma lógica. A grande maioria, segundo ele, trabalha de operador de máquinas agrícolas. Conseguem receber por mês, até dois mil reais. Os patrões, que também são funcionários, na condição de superioridade, diante da necessidade da colheita, os incentivavam a trabalharem mais, além do combinado no momento da contratação, lucrando imensamente com a dominação desses corpos (HOOKS, 2019). Destaca-se que acordar cedo e retornar tarde, não é uma questão de futuro, mas de presente (EGA, 2021)⁸².

Ele nos contou, que diferente do tio e do irmão que havia chegado a pouco tempo, ele já se encontrava na cidade a dois anos, pelo fato de ter machucado a mão mexendo na máquina, durante o exercício do trabalho em uma fazenda na cidade de Campo Verde. Com isso, o contrato que até então era de quatro meses, precisou ser prolongado para o tratamento e consequentemente a recuperação. Como ainda não estava liberado pelo médico para voltar a exercer suas funções, a empresa ficava impossibilitada de lhe mandar embora e ele ficava impossibilitado de retornar para sua cidade, que naquele momento, era o que ele mais queria.

Entre as lembranças contidas na memória no momento da conversa, se encontrava a saudade da filha, da mãe do pai como parte do relato do morador. Tiago nos contou ainda que nunca passou por situação de discriminação “explícita” na cidade. “*Em campo verde, é de casa para a fazenda, da fazenda para casa, não tem tempo para mais nada*”⁸³ relatou Tiago. Ele

⁸² Carolina, dizem que o futuro é dos que cedo madrugam. Sempre me levantei cedo, porque o pobre levantar cedo não é uma questão de futuro, mas de presente (Ega, 2021, p. 17-18).

⁸³ A fala de Tiago denuncia a realidade em que se encontram inseridos no local. A migração se deu por motivo de necessidade. É um movimento que ocorre todos os anos com *gentes* de lá e *agentes* daqui, para o trabalho na safra, nas fazendas. Nordestinos, na condição de outsiders, chegam a trabalhar mais de doze horas por dia em determinados momentos. Alguns ganham por produção e são instigados a continuar fora do horário para receberem mais. Essa forma de trabalho está sujeita a várias situações intercorrentes, como é o caso do machucado no braço.

finalizou nos dizendo, que as vezes, na época da safra, não retornam para casa, dormem na fazenda.

Mbembe (2018, p. 21) discorrendo sobre o capitalismo em seu estágio atual e os corpos negros neste jogo contraditório e desigual, aponta que:

Produto de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização, esse termo foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital.

O fato de alocar sessenta homens além da caracterização da exploração do trabalho, vem também ao encontro da mal alocação dos trabalhadores em uma casa com colchões para todo lado. O Capital ganha com isso. Ganham as grandes fazendas. Ganham as empresas de ônibus. Ganham os setores comerciais que utilizam dos produtos dos serviços desses rapazes. Ganham também a dona das quitinetes, que por qual motivos não sabemos, só aluga casa para nordestinos. Percebemos desta forma, que todo um circuito lucra com a exploração dos homens negros, na lógica dos trabalhos temporários do agronegócio.

Essa lógica que ocorre a muitos anos na cidade, só reforça o problema da desigualdade racial e do racismo estrutural na sociedade brasileira, reverberando em Campo Verde. As *gentes negras* fazem essa travessia, por motivos que sempre recaem na condição de vida. Depois da travessia, restam-lhes os serviços subalternizados, como já ouvir de um morador que são serviços que nenhum Campoverdense aceita trabalhar. Restam-lhes as moradias precárias, ou as casas que as empresas oferecem com mais de sessenta homens no local.

Leandro, Abril de 2019

Transitando no bairro São Lourenço, no período vespertino, conversamos com Leandro de 22 anos, também nascido no estado do Alagoas, que reside atualmente na rua Mato Grosso do Sul. Logo que me apresentei e expliquei o teor da conversa, ele relatou que foi muita sorte encontrá-lo em casa, pois ele trabalhava em uma fazenda e quase nunca se encontrava de folga, aquele dia era uma exceção. Ele ainda nos relatou, que em alguns momentos do trabalho que desempenhava na fazenda, chegava a ficar até cerca de seis meses sem retornar à casa, devido à necessidade na safra, contudo, naquele dia ele só estava na cidade de folga, devido ao período da safra ter finalizado, o que possibilitou o deslocamento (Figura 21).

Figura 21: Quitinete 449

Fonte: Arquivos nossos, 2019

Cabe tencionar que para ambos, tantos os moradores do conjunto de cinco quitinetes retratados acima, que em determinadas épocas não retornam à casa, quanto a Leandro, que chega a ficar seis meses trabalhando na fazenda, a possibilidade de ascensão na cidade, por meio de estudos ou de outro trabalho, era dificultada pela falta de estadia diária na cidade. Destaca-se que o agronegócio, é também parte do processo de globalização, portanto atende ao mercado externo, com isso, alguns corpos enquanto espaço, como é o caso de Leandro, homem negro, são relegados a estas condições de trabalho.

Leandro nos contou que residia naquela quitinete, e pagava R\$:300,00, mas quase não ficava no local. As outras duas quitinetes que formam um conjunto de três no local, também são ocupadas por nordestinos que trabalham na safra, logo, é normal em determinados períodos do ano, não encontrarmos ninguém, pois ficavam todos na fazenda trabalhando⁸⁴. Geralmente, como ele nos contou, o máximo que conseguia vir é uma vez no mês para pagar as contas e depositar dinheiro para a família que ficou no estado de Alagoas, e dependem do valor mensal para a manutenção da vida na cidade de origem.

⁸⁴ Aquele momento pela qual proseamos, sentados na frente de sua casa em um dia de semana na vida daquele morador, negro-nordestino era uma exceção, pois era quinta-feira e normalmente ele se encontraria trabalhando na fazenda

Continuando nosso diálogo, tecendo sobre a realidade da cidade na qual eles e outros estão postos, Leandro nos relatou, que certa vez ouviu de um morador-branco da cidade a seguinte afirmação:

Esses nordestinos vêm para campo verde para trabalhar a preço de marmita e qualquer coisa que pagar eles aceitam. Aceitam os serviços com baixos salários que os próprios campoverdenses não aceita.

O trabalho a preço de marmita traz consigo uma discriminação pautada na hierarquização social, onde uns podem trabalhar em locais que outros não querem⁸⁵. A pensadora Bell Hooks (2019, p. 47) ajuda-nos a compreender esta questão ao apontar que [...] o ódio e o medo estão ente os primeiros sinais que a negritude evoca na imaginação publica dos brancos. Os trabalhadores que vem motivados para encontrar um emprego e poder ajudar seus familiares que ficaram, são obrigados a conviver com falas, carregada de ódio, como essa. Neste contexto, percebe-se que a moradia, assim como o bairro, assim como o tipo de trabalho desempenhado, tem cor, tem classe social específica e tem origem.

A partir da fala do morador branco, a cidade se estrutura com fronteiras, em relação ao outro. A fronteira constituída no espaço, na cor que aparece como uma *maldição corporal* (Fanon, 2008) e na origem, bem como a travessia que lhes são impostas são notórias nas falas. Atravessar é a única opção. Para estes moradores, conviver com essa realidade apesar de dolorosa como explicou o alagoano, é passível de suportar. Ele finaliza⁸⁶ a conversa discorrendo que é difícil ser negro e nordestino na cidade. “*As pessoas olham diferente. O próprio jeito de falar já fecha algumas portas*”. Contudo, Leandro nos relatou, que residir naquela localidade é melhor do que voltar para o estado de origem.

Como já ressaltamos ao longo do trabalho, migrar é parte da geografia das *gentes negras*, dos nordestinos, dos sulistas, dos nortistas dos sudestinos e também dos matogrossenses. Seja ela um bairro, uma cidade, um país, seja o atlântico. A travessia é sempre presente. Ao pensarmos na cidade de Campo Verde, percebe-se que é corriqueiro a travessia dos moradores que residem de um lado, para trabalhar no outro. Afinal, grande parte das lojas, supermercados, instituições públicas, indústrias, se encontram instalados na sala de visita da cidade. Além disso, mesmo existindo uma especie de centro na *Baixada*, a associação da ideia de centralidade fica

⁸⁵ Elias (2011) discorre sobre o trabalho nessas cidades do Agronegócio.

⁸⁶ Em outra visita realizada a pouco mais três meses do primeiro encontro, ao se aproximar do local de moradia do mesmo, não o encontramos mais, nem naquela casa, nem em Campo Verde. Talvez estivesse na safra trabalhando. Talvez estivesse retornado para o Alagoas. Na casa, já eram outros e outros, que também fizeram a travessia.

relegado ao outro lado da Br-070, onde as pessoas que lá residem, possuem melhores poder aquisitivo para a manutenção da vida diante da dinâmica econômica da cidade.

Das 06:40h até as 07:30h da manhã, o fluxo de travessia é muito grande. Uns de bicicleta, outros de moto, outros andando, alguns poucos de carros, fazem a travessia. Entre as 17:00h e as 18:00h, novamente o fluxo é intenso de retorno. Dentro dessa lógica, o bairro onde mais pessoas residem e fazem travessia todos os dias para trabalhar é o São Lourenço. Uma espécie de bairro operário que fornece mão de obra para as grandes industriais e comércios locais e que servem as gentes de alto poder aquisitivo que residem na cidade. É lá que reside grande parte das *gentes negras* encontradas durante a pesquisa. É lá que encontramos um alto número de nordestinos. É pra lá que parte dos migrantes são “atravessados” ao chegarem na cidade de Campo Verde.

Julio, Agosto de 2019

Caminhando na cidade, construindo a *cartografia das andanças*, Julio foi um dos entrevistados que residia na *Baixada*, mas que encontramos transitando a trabalho, na sala de visita. Limpador de piscina, ele nos relatou que, diferentemente de grande parte dos moradores do bairro São Lourenço, ele não é nordestino. nasceu na cidade Chapada dos Guimarães, a cerca de 73 km da cidade de Campo Verde. Residente na *Baixada*, todos os dias ele precisava fazer a travessia porque a maior parte dos seus clientes que possuem piscinas em casa, residem do outro lado da BR-070, e para isso se utilizava de uma bicicleta que é seu único meio de transporte.

Julio possui 45 anos e nos contou que andava pela cidade com sua bicicleta para limpar piscinas e ter seu “ganha pão”. A migração ocorreu por impulso do tio e tia que já residinham em Campo Verde, no bairro São Lourenço, o moço disse gostar da cidade, pois é “*fresquinha, é tranquila, é uma cidade legal*”. No que se refere ao emprego ele nos relatou que é muito bom, pois tem muita piscina para limpar semanalmente e ele já possui uma carteira de clientes fixos. É normal, portanto, nos dias de semana, encontra-lo tocando o interfone das grandes mansões para realizar seu trabalho.

No momento da conversa, ele caminhava de uma casa para outra, com sua mochila que carregava os instrumentos de trabalho. No sol quente de uma quarta-feira pela manhã de verão, ele fazia seu trajeto do lado do outro lado da BR-070. Uma fala que marcou esse encontro é quando ele nos relatou que, “*Não acho muita situação de pobreza, mas percebo que a parte de*

baixo é composta por pessoas da classe mais baixa e que tem muito nordestino, que vem de Sergipe, Ceara, Pernambuco. Vem em busca de serviço. Muitos conseguem serviço, casa, carro”.

A fala do morador destacava a percepção com relação as fronteiras na cidade. A parte de baixo, ou *Baixada*, como é chamada por todos os moradores locais, é onde habitam a gentes de baixa renda, incluindo grande parte dos negros, como ele. O morador foi tecendo sua fala empurrando sua bicicleta do lado luminoso⁸⁷ da cidade, discorrendo que muitos dos nordestinos que chegavam conseguiam se instalar, conseguiam serviços, casas e carros. Contudo, essa lógica, não é possível aplicar na grande maioria, que continuavam na parte de baixo residindo de aluguel pelo alto valor das casas nos locais, e trabalhando em serviços com salários que não conseguem sobreviver na cidade. Ao transitar na parte de baixo, nas ruas pequenas, nas casas sem pinturas e algumas de madeiras, nas quitinetes, nas andanças, no sotaque, fomos percebendo, que poucos ali conseguiram emergir. Nem mesmo o limpador de piscina, que não possuía uma condução e continuava com sua bicicleta fazendo todos os dias o mesmo trajeto.

Outra fala dele que nos ensejou a refletir sobre a realidade socioespacial da cidade, é quando ele nos disse que na limpeza da cidade, a maior concentração de piscinas se encontra na parte de cima, do outro lado da BR-070, pois na parte de baixo, ou na *Baixada*, pouquíssimas pessoas possuem uma piscina em casa. Analisando a cidade, percebe-se que nem todos conseguem ter uma piscina em casa e pagar por essa manutenção, nem mesmo o limpador de piscina, que não possui piscina em sua casa, com isso, a concentração de piscina se encontra do lado onde as pessoas possuem melhores poder aquisitivos. As outras gentes, residentes permanentes ou temporários da *Baixada*, que em grande parte são nordestinas, negras, não possuem por falta de condições de usufruir dessa benesse (Figura 22).

Figura 22: Distribuição de piscinas na cidade de Campo Verde

⁸⁷ Santos e Silveira (2001) Os espaços luminosos são aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando assim mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos.



Elaboração: Santos e Medeiros, 2022.

A conversa finalizou com Júlio dizendo que pretendia continuar na cidade pois é boa de serviço e boa de moradia. Nesse momento, ele foi para outra casa, continuar seu trabalho por aquele lado da BR-070. Mais tarde, como grande parte dos moradores que trabalham ou prestam serviços na sala de visita, ele fez a travessia de volta para casa, de volta para a *Baixada*, para vivenciar esta outra realidade, que destoa da realidade onde ele limpa grande parte das piscinas.

Juliano, Agosto de 2019

Na nossa quarta entrevista, conversamos também com Juliano, um vigia que trabalhava em um grande supermercado na cidade, localizado no bairro Campo Real, na região central. A aproximação com uma certa resistência, ocorreu no local de trabalho, na garagem do supermercado onde ele cuidava dos carros que chegavam com as pessoas para almoçar⁸⁸ e para realizar compras. Destaca-se que nem todas as gentes da cidade utilizavam dos serviços do supermercado, primeiro pelo alto valor dos serviços e segundo por ser elitista, atender a um

⁸⁸ Nosso diálogo foi no horário de almoço, a todo momento, os carros, as camionetes, as pessoas chegavam. Muitos nos olhavam, queriam saber o que estávamos conversando

grupo específico residente na cidade. Durante minhas *cartografias das andanças*, nos momentos em que almocei lá, só encontrei um casal de pessoas negras, que almoçou no local. Os outros eram funcionários, como este senhor e os repositores de mercadorias.

Juliano nos contou que é baiano, assim como eu. Disse que desde cedo, migrou para a região Centro-Oeste com seus pais. Campo Verde era apenas o último destino, podendo outros ocorrerem depois desse. O morador nos relatou que com 15 anos de idade, deixou o estado da Bahia para residir na cidade de Dom Aquino, que na época, era cidade responsável por Campo Verde, que era apenas um Distrito. A mudança segundo o morador, ocorreu por conta da necessidade, viera em busca de melhores condições de vida.

Juliano relatou que morar em Campo Verde não é fácil. É caro. Nem tudo é acessível. Ele continuou nos contando que ganhava cerca de mil e duzentos reais e pagava quatrocentos e cinquenta reais de aluguel em duas peças, para ele e a esposa. Residente também na parte de baixo da cidade, na *Baixada*, do lado esquerdo, no bairro operário por nome de São Lourenço. Todos os dias ele fazia a travessia de bicicleta pela manhã e retornava à tarde, nesse vai e vem.

Antes do horário de muito movimento no supermercado, que geralmente é no horário de almoço por se tratar de um restaurante também, não existe a necessidade de ficar no estacionamento, com isso, ele desempenhava outros tipos de serviços, como trocar o galão de água, carregar algumas caixas, fazer pequenos reparos. Uma espécie de faz tudo, “Severino”. Para ele, diante da dificuldade de se conseguir um emprego, atrelado a idade, o serviço que prestava naquele estabelecimento é a garantia de sustento na cidade. Neste contexto, a questão de raça e classe, no caso de Juliano, vem também atravessado pela questão etária.

Juliano, devido ao tempo de moradia fora do estado da Bahia já havia perdido o sotaque, portanto a questão regional materializado na fala não era uma determinante de exclusão na cidade. Segundo ele, apesar das dificuldade que atravessavam sua vida, gostava da cidade de Campo Verde. A conversa se encerrou por ali, fui almoçar, ele continuou seu trabalho, possivelmente almoçaria depois daquele fluxo. Ao fim da tarde, faria o caminho de retorno, dentro da lógica, da divisão espacial e da segregação sociorracial em que a cidade se encontra inserida.

Fernando, setembro de 2019

Nossa quinta entrevista foi com Fernando, nascido no estado do Maranhão, que se encontrava na praça central de Campo Verde. No dia que ocorreu o diálogo, se encontrava desempregado. Ele era mais um dos migrantes negros e nordestinos que chegaram a Campo Verde para tentar melhorar de vida⁸⁹, Juliano nos contou que foi impulsionado por outros que vieram antes, em uma espécie de rede. Fez o mesmo trilha, como o curso de um rio, sem estudo, com apenas o ensino médio incompleto. Segundo ele, qualquer serviço que lhe entregasse, serviria, desde “*pião de fazenda a ajudante de pedreiro*”.

Fernando nos contou que como outros maranhenses que encontram-se residindo na cidade, se estabeleceu no bairro São Lourenço, na *Baixada*. O aluguel custava R\$:300,00 em uma peça pequena, que possuía um quarto e um banheiro, somente para dormir. Chegou à cidade a pouco mais de nove meses, deixando para trás três filhos e a esposa. Deixando também algumas histórias na tentativa de construir outras na cidade de Campo Verde. A ideia da possibilidade de melhoria de vida e de encontrar um trabalho que lhe pagasse bem, ocupava a mente de Juliano, que até aquele momento, não havia encontrado um trabalho de carteira assinada.

A chegada um pouco conturbada e a travessia obrigatória para a *Baixada* da cidade, não veio com um trabalho fixo e um bom salário, pelo contrário, Fernando ficou um período, mesmo que em busca, sem conseguir emprego. Ele nos contou que naquele momento, trabalhava fazendo diárias, e nem todos os dias (como é o caso do dia da entrevista) encontra serviço, portanto caminhou até a praça central para conversar com as pessoas migrantes que se encontravam na mesma situação de desemprego que ele.

Fernando discorreu que trabalhava como diarista fazendo bueiros e encanamentos, na cidade. Contudo, não era todos os dias que possuía serviço. Mas, quando tinha, ele conseguia ganhar cerca de R\$:60,00, por dia. Apesar de não ser algo corriqueiro, ele nos contou que gostava muito da cidade⁹⁰ e pensava em um dia trazer seus familiares que ficaram na cidade de origem. Diferentemente do estado Maranhão, onde relatou que faltavam empregos⁹¹ para ele e

⁸⁹ O lema central é ganhar alguma coisa e mandar para os filhos e esposas que continuaram em outro estado

⁹⁰ Tratando da cidade, sua percepção é de uma cidade dividida, de um lado habitam uns e do outro lado, habitam outros. A mistura só ocorre na prestação de serviços, ao fim do dia todos voltam para os seus respectivos lados. Na cidade, independente da posição que ocupe, a sua identidade será sempre de *outsider*. A cor, a fala, a moradia demonstra a condição do mesmo.

⁹¹ Conforme Nascimento (2010, p. 261) quem cria a pobreza em sentido amplo e profundo é a racionalização da produção, a inovação tecnológica permanente, a automação da produção; a robótica e a informática. São eles que promove a dispensas de mão-de-obra, contínuas e crescentes inclusive e sobretudo a especializada, que sempre precisará de mais especialização ainda.

sua família, e quando tinha ganhava entre R\$: 25,00 e 30,00 por dia, em Campo Verde, este valor é duas vezes maior, sendo atrativo para que ele pudesse continuar.

Por fim, Fernando nos contou que o olhar das pessoas o discriminava na cidade, mesmo que uma palavra não fosse dita. Nunca ouviu uma termo que lhe insultasse, contudo, a maneira como as pessoas lhe olhavam, o olhar enviesado como nos apontou Nascimento (2010) por si só, já demonstrava um preconceito, relatou. Fanon (2008) já alertou-nos que o olhar do branco, tem o poder de inferiorizar ainda mais o negro, sobretudo na dimensão psíquica, que recai sobre as outras áreas da existência das pessoas que são atravessadas por esse estigma de inferiorização.

Para Nascimento (2010, p. 153), o olhar enviesado é também uma forma de racismo, que tem a cor da pele, como condicionante principal. Sobre essa questão, o autor nos alerta:

O “olhar enviesado” que deriva do estigma da cor e dos traços físicos, que por sua vez é desdobramento do preconceito e do estereótipo, e que remonta à desabonação inicial do negro, criando assim um sentimento negativo com relação ao negro, tem forte significado para percepção do racismo no Brasil, que cada vez mais se torna negado e ocultado na esfera individual.

Hooks (2019) acredita que essa questão só pode ser transformada, mudando coletivamente o modo como o negro olha para si e para o mundo. Neste processo, conforme a autora, busca-se criar um mundo onde todos possam olhar para as *gentes negras* com novos olhos. Para que isso ocorra, é preciso de descolonizarmos nossa forma de olhar, que historicamente coloca o negro na condição de inferior com relação ao branco.

Essa prerrogativa se agravava porque grande parte dos serviços que ele executava é do lado considerado “rico” da BR 070, onde residiam as pessoas com melhores poder aquisitivo. Em contrapartida, pouquíssimas pessoas negras encontramos desse lado com residências fixas.

José, setembro de 2019

Também na *Baixada*, conversamos com José, migrante do estado de Alagoas, que trabalhava com instalação de estrutura de gesso, e Janaina⁹², sua companheira. Eles relataram

⁹² Sua esposa Janaina, no primeiro encontro, se encontrava empregada. Ela exercia a função de auxiliar de serviços gerais em uma escola particular. Ela nos conta que entrava às 5:00h manhã, pois às 7:00h a escola precisava estar limpa para receber os alunos. Às 10:00h da manhã a mesma vinha almoçar, retornava às 11:00h e trabalhava até às 14:00h. Seu ganho mensal era de um salário-mínimo, mas segundo ela o suficiente para ajudar seu marido com as despesas da casa.

que a chegada foi facilitada pelo fato da existência de familiares na cidade, que já residiam a cerca de vinte anos. Frente ao desemprego enfrentado por ambos no estado de Alagoas, foram impulsionados a migrar pela promessa de que, em Campo Verde, a possibilidade de serviço se apresentaria como melhor. José nos disse que uma prima, já residente na cidade, o ligou e disse que em Campo Verde, em pouco tempo, ele encontraria serviço em alguma fazenda.

José nos contou ser apaixonado pelo seu estado de origem, a saudade da praia e dos alimentos típicos eram presentes, contudo o desemprego assolava a vida de parte das gentes que ali residiam, com isso, Campo Verde apresentava-se melhor para trabalhar, porém o estado do Alagoas era melhor para viver. É importante destacar que nesta problemática, o Estado e o Capital são responsáveis pelo aumento do desemprego estrutural, do subemprego, da economia informal, que geram e alimenta a pobreza, a miséria, a indigência, o crescimento da criminalidade como estratégia de sobrevivência, e que envolve principalmente os negros; e deste ponto de estrangulamento temos outra fonte de aumento do racismo (NASCIMENTO, 2010)

José adentrou em uma questão que nenhum dos outros entrevistados haviam citado, que é a solidão no local de destino, que muitos migrantes, por não encontrarem uma rede de apoio, acabam padecendo. Sobre essa questão, que atrevassava sua vida, ele nos contou:

você pode ver que muita gente aqui entra em depressão. Do serviço pra casa, chega final de semana não tem pra onde ir, né? Aí, só trabalhar, só trabalhar, só trabalhar, o pessoal aqui entra mais em depressão do que pra lá. Eu já notei aqui já.

A sua visão do estado de Mato de Grosso é bastante benéfica, pois segundo ele, o estado é muito rico e, comparado aos estados do Nordeste, existia pouca “roubalheira”, com isso, em Campo Verde, 50% da população ao seu ver, são todas de outros estados, ele nos contou:

É gaúcho é paranaense, é nordestino é mineiro, é tudo aqui, né. Até japonês tá vindo pra cá também, é que o estado de mato grosso é um estado rico demais, tem de tudo aqui, né?

José, residia com sua família de aluguel, em uma casa de madeira (Figura 23 e 24), que custava R\$ 500,00 por mês, no bairro Jupiará. No interior da casa, em alguns cômodos não possuía luz, o que dificultava o deslocamento no período noturno. A respeito de sua atividade

profissional, José nos contou que sua área de atuação é um ramo financeiramente bom na cidade, pois sempre existia serviços disponíveis. Contudo, ele esbarrava no preconceito pelo fato de ser nordestino. A respeito de sua relação com os sulistas, ele nos disse que:

gauchada aqui é meio difícil. Eles não são bravos não, eles são um tipo de povo, que tipo assim, se tiver dez gaúchos e se tiver só você, ele não te dá valor não. Eles não gostam de se misturar o povo de fora não. Eu trabalho por conta, eu sei como que é aqui. Eles não oferecem nem uma água pra beber. Gente boa de mexer são os goianos. Goiano aqui é gente boa de mexer e nordestino também, né? porque nordestino é bom pra conversar. Agora gaúcho não, gaúcho só da valor a gauchada. Você chega numa fazenda dessa ai, ó, você não sabe de nada, você diz que é gaúcho, tá empregado, agora se chega outro que não é gaúcho, eles não dão moral para o povo de fora não. Morou um aqui na frente, morou mais de cinco anos, era raro falar com ele, chegava com os caminhões dele ai, ficava de frente ai, ai cheio de churrasco ai, eles não dão muita moral para o povo de fora não. Vocês podem ver que eles queriam até dividir o estado deles lá. Eles não dão muita moral para o povo de fora não.

No segundo encontro que ocorreu três meses depois, José continuava a exercer a mesma função e residindo na mesma residência, contudo, nos contou que desejava ir embora. Apesar de toda possibilidade que a cidade de Campo Verde lhe oferecia, preferia retornar para o estado de Alagoas com sua família. Janaina sua esposa, encontrava-se desempregada. Durante nossa conversa, percebi que existia mais alguém naquela casa. José nos contou, que sua irmã havia migrado a convite dele a pouco tempo tentar vida na cidade de Campo Verde. Ela havia saído do estado de Alagoas e migrado para Uberlândia-MG, contudo, não deu certo, a única solução foi migrar novamente, desta vez para o estado de Mato Grosso, contudo, já estava retornando para Minas Gerais nos próximos dias, pois, em Campo Verde não encontrou nenhum trabalho e nenhuma aceitação.

Figura 23: Casa de madeira no bairro Jupiará



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Figura 24: Parte interna da casa de madeira



Fonte: Arquivos nossos, 2019

Neste encontro, pedi aos mesmos para entrar no local onde moravam, ao entrar no terreno que compõe sua moradia, ao lado esquerdo se encontra uma pequena sala onde José preparava os materiais para instalar estruturas de forro aos clientes que solicitavam seus serviços. O casal possuía uma moto e uma bicicleta. Possuía também uma simplicidade que faz parte do existir de cada um deles. A casa é toda adaptada, desde as fiações até as tubulações. Pedi para entrar na casa construída de madeira, lá dentro, parecia ser bastante quente em determinadas épocas do ano, contudo, para a família é o essencial para sobreviver. Alguns brinquedos do filho estavam espalhados pelo terreno. Ambos tinham apenas o ensino fundamental incompleto, assim como a irmã de José que partiu, em busca de melhoria de vida. O rendimento de José, variava de mês em mês. Mas, ele disse que nos últimos meses, devido à crise, não tinha conseguido ganhar muito, somente o suficiente para sobreviver.

Terminamos nossa conversa descontraída com José externalizando mais uma vez o seu desejo de retornar para o estado do Alagoas. Por fim, perguntei se eles tinham algum objeto que eles trouxeram do Nordeste para que eu pudesse fotografar, eles responderam que não, só vierem com roupa e mais nada, todos os móveis e objetos que conquistaram, foi trabalhando em Campo Verde.

Pereira, novembro de 2019

Nossa última conversa, foi em frente à rodoviária de Campo Verde. Por alguns momentos, me assentava a frente para observar a movimentação que ocorria diariamente naquele local. constantemente se desenhava a geografia da chegada e da partida, com estórias e trajetória que não foi possível abarcar. Nesse local, veio em minha direção um homem negro, que chamaremos de Pereira. Ele se aproximou pensando que eu era residente na cidade para pedir uma informação onde se encontrava o SINE, eu o indiquei. Questionei se poderia acompanhá-lo e conversar com ele, mesmo que desconfiado por não me conhecer, concordou. Pereira nessa caminhada foi me relatando que nasceu no estado de São Paulo e que possuía família residente lá, contudo no ano de 2017, pela dificuldade que enfrentava no estado, migrou para Cuiabá em busca de emprego, pelo fato do seu irmão já está trabalhando lá.

A respeito da sua chegada em Campo Verde, discorreu que havia sido dispensado do emprego em uma transportadora da qual carregava e descarregava os caminhões, em Cuiabá e ficou sabendo pelos amigos que em Campo Verde, de todas as cidades da região, era melhor para encontrar trabalho, por isso decidiu partir. Ele destacou que chegou em Campo Verde para

tentar trabalhar em alguma fazenda. Após o ingresso, pretendia realizar o curso de operador de máquinas agrícolas, mas naquele momento, qualquer coisa que aparecer lhes seria bem-vindo.

A questão do desligamento do emprego no atual estágio do capitalismo monopolista, caracterizado pelo meio técnico-científico-informacional (Santos, 1996), vem ao encontro da afirmação proposta por Mbembe (2018, p. 15), quando ressalta que já não há trabalhadores propriamente ditos. Só existem nômades do trabalho. Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, a tragédia da multidão hoje é já não poder ser explorada de modo nenhum, é ser relegada a uma “humanidade supérflua”, entregue ao abandono, sem qualquer utilidade para o funcionamento do capital (MBEMBE, 2018)

Continuando nosso diálogo, Pereira lembrou com saudades da família que ficou em São Paulo, ele nos contou que deixou pai, mãe, esposa e filha. Quando lembrou da filha, ele nos relatou:

“estou morrendo de saudades da minha filha, viu? 15 anos. Eu planejei de passar o Natal passado lá, mas, eu estava trabalhando, né, aí não conseguir uma folga pra poder ir e voltar, aí eu cancelei. Ai, esse ano também, não vai dar pra me descer pra lá não, daí só desço ano que vem”.

Finalizamos nossa breve conversa quando chegamos ao SINE. Pereira encontrava-se apenas com a roupa do corpo e uma mochila. Questionei onde ele ficaria, ele nos disse “*Não tenho onde ficar, vou atrás de algum lugar. Vê se eu arrumo uma quitinete. Vou no SINE primeiro e depois vou começar a correr atrás das coisas*”. Por fim, o perguntei se poderíamos conversar melhor em outro momento, mas ele me disse que não sabia se iria ficar em Campo Verde por conta do serviço, além disso, não possuía celular para entrar em contato. Nesta hora, ele realizou a travessia para o SINE (Figura 25).

Figura 25: Paulista atravessando a rua seguindo para o SINE



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Algumas questões são importantes tencionar nas falas dos entrevistados. Apesar de serem atravessados por varias camadas de opressão, ambos se sentem felizes e realizados na cidade de origem. Enxergam a situação da desigualdade social na cidade, cada um por sua ótica, contudo, no que tange a raça, nem todos enxergam discriminação na cidade de Campo Verde. Destaca-se que apesar de grande parte dos entrevistados estarem alocados em um bairro de baixa renda, de terem dificuldades de locomoção na cidade e de ganharem pouco menos de 1,5 salarios minimos, ambos sentem que o local de destino se apresentou como uma oportunidade de trabalho e de angariar renda para a manutenção de suas familias que ficaram no local de origem.

Capítulo III - AS *GENTES NEGRAS* E A NECROMEMÓRIA NA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DE CAMPO VERDE

Figura 26: Peça de quebra-cabeça encontrada no chão de Campo Verde



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

ATÉ CHEGAR NO POSTO PARANÁ: “GARIMPANDO” A CONTRIBUIÇÃO DAS *GENTES NEGRAS* NA FORMAÇÃO DA CIDADE

Por que garimpar? Porque pouco se têm sobre as *gentes negras* na formação socioespacial da cidade de Campo Verde, que são atravessados pela *necromemória*⁹³. Essa problemática não ocorre isoladamente, pois é parte de uma engrenagem histórica, onde as estórias, culturas, modos de vidas das gentes foram apagados em detrimento da história oficial registrada nos livros e sites oficiais, entendida a partir das lentes brancas. Para Carolina Maria de Jesus (1960), a natureza não isenta ninguém, contudo, no caminho teórico até aqui, destaco que a história sim, é contada pelos atores hegemônicos, que neste caso, não são as *gentes negras*.

Garimpendo na história de Campo Verde a presença das *gentes negras*, é importante ressaltar, que o local onde está instalado a cidade, foi palco de grandes eventos durante o período que antecedeu sua criação e consequente emancipação. Antes de tudo, é de grande relevância apontar, que não se pode dissociar a história de Campo Verde, sem discorrer sobre o vilarejo que é parte disso, e até hoje existe, por nome de Coronel Ponce ou Capim Branco, localizado a cerca de 20 km da cidade⁹⁴, por onde passaram também as *gentes negras*.

Os primeiros escritos que não fossem de cunho arqueológico no local, só foram registrados no século XVIII, época em que se inicia, conforma Piaia (1997), o processo de ocupação da *hinterlândia* brasileira, incluindo o estado de Mato Grosso. Neste contexto, podemos apresentar duas situações que foram de grande relevância para o local. O primeiro, foi chegada do Padre por nome de Manoel de Albuquerque Fragoso, sendo considerado o primeiro homem de origem europeia a pisar na região. A instalação se deu, no momento em que o país estava convivendo com diversas expedições para o interior em busca de minerais. O padre considerava o local, um ponto estratégico, bem como percebeu a fertilidade do solo local, com isso, instalou lavouras e pecuária que perdurou por muito tempo na região (FERREIRA, 2012).

93 Conforme Camilo (2021) A *necromemória* é a expressão do poder e a capacidade de determinado Estado (necropolítica) manipular as construções, as representações e, por conseguinte, os destinos políticos de determinado grupo, a partir das interações do passado com o qual esse grupo terá acesso, mantendo constante a mortificação de determinadas memórias heroicas; em contrapartida, há uma memória exclusivamente escravizada, subalternizada e desagenciada.

94 É importante discorrer, que os primeiros registros da presença humana no local, conforme Ferreira (2012), foi encontrado no morro da rapadura, em inscrições rupestres, pela qual denota, que a mais de 4,5 mil anos, populações pré-históricas já habitavam essa região, o que se caracteriza com grande importância para se entender como foi construída a história do local.

A chegada do Padre Manoel de Albuquerque Fragoso, de terras europeias, representou também a primeira aparição das *gentes negras* registrados na história local. Em seus escritos, Ferreira (2012) discorreu que, na abertura do histórico sítio de lavoura do sacerdote, e na busca por minerais, haviam escravizados de origem africana na lida do dia a dia. Este, que se considera o primeiro registro, apresenta as *gentes negras* em Campo Verde, na condição de escravizados, ou seja, sua inserção na história da cidade, inicia-se, dentro de uma hierarquia, abaixo dos outros⁹⁵.

A segunda situação que marca o século XVIII, no contexto de Campo Verde, conforme Ferreira (2012) é a chegada e instalação do fazendeiro conhecido como Joaquim da Silva Prado, que migrava de São Paulo para a região e era conhecido, por ser parte uma família nobre portuguesa. Conforme os escritos de Ferreira (2012), ele migrou para região onde hoje se encontra o município de Campo Verde e trouxe consigo diversos escravizados consigo e uma grande quantidade de empregados, com o lema de vir a desbravar a região do cerrado, que aqui, no período era pouco “desbravado”. As ideias centrais nessas expedições, eram de terras inóspitas⁹⁶, onde não havia ninguém, logo a necessidade de desbravar.

Conforme Ferreira (2012, p. 25),

O lugar escolhido ficava nas imediações de onde é hoje o Distrito de Coronel Ponce ou Capim Branco. Junto com suas mudanças os negros escravos trouxeram consigo sua cultura e fé em seus santos de devoção, especialmente o culto ao Senhor Divino, que se alastrou século a fora.

Ao analisar os escritos de Ferreira (2012) que se debruçou a estudar a formação socioespacial do local, demonstrou-se que os primeiros negros reconhecidos a adentrar a região onde posteriormente viria a se tornar a cidade de Campo Verde, são os escravizados, que chegaram junto ao Padre Manoel Fragoso e o fazendeiro Joaquim da Silva Prado. Não se sabe ao certo e a história local não relata, se antes dos escravizados, outras *gentes negras* habitavam no local. Nota-se, portanto, que até o presente momento, a chegada das *gentes negras*, insere-se no contexto de exploração, de mão de obra escravizada, no “desbravar” o cerrado.

A história que aqui é contada, se analisarmos os dois parágrafos acima, que trata do século XVIII, traz o destaque para os primeiros a chegarem, enquanto homens “nobres” de origem

⁹⁵ Percebe-se a presença do negro na história local desde os primórdios, assim como a população indígena, mais especificamente o povo Bororo, que eram ocupantes dessa região, como nos alerta Ferreira (2012) e com o tempo, foram sendo exterminados com a chegada da população branca.

⁹⁶ É mister discorrer, se apoiando em Ferreira (2012) que essa expedição foi composta de conflitos, visto a resistência da população indígenas, que atacavam as monções.

européia, o que nos faz entender, como homens brancos. A história contada até o presente momento não traz os nomes das *gentes negras* que chegaram em Campo Verde, só apontam que são escravizados e migraram a trabalho, na posse de um dono, ou seja, como mercadoria, abaixo dos demais.

A queda no esquecimento nos faz lembrar de Vieira (2017), que nos diz que não raro, memórias de grupos sociais vão desaparecendo, sendo necessário a busca por estes nas diversas esferas. Na lógica escravagista em que a sociedade estava inserida, tendo o negro como a raça impura, sem valor humano, mas com valor mercadológico, às memórias pessoais e coletivas caíram no esquecimento. Uma estratégia de apagamento⁹⁷ social (CONCEIÇÃO, 2018), daquele que foi negado a faculdade de continuar sua história, tendo que ser inserido, de forma subalterna, na história de outros.

A raça⁹⁸, tenho a cor da pele como demarcador, atravessado pela classe, vai desde o início da ocupação que ficou registrada, ditando o tom da cidade que viria a ser instituída. Outra questão central foi a concentração de terras em poucas mãos⁹⁹, tendo a lavoura extensiva e a utilização de mão obra como principal motivo da chegada de homens nobres (brancos) com seus escravizados (negros). Souza (1983), citando Ianni (1978) vai dizer que a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravizado, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interações com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior. Ou seja, a escravização, foi o início da negação da identidade negra, na sociedade, pautado na ideia de inferior, de sujeito outro, de não ser da nobreza e que por seus traços e origem, precisam ser tratados diferentes.

Albuquerque e Fraga Filho (2006), tecendo sobre a história do negro no Brasil, relacionando com o escravismo, destacam que a escravização foi muito mais do que um sistema econômico. Ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. A partir dela instituíram-se os lugares que os indivíduos deveriam ocupar na sociedade, quem mandava e quem devia obedecer. Desta forma, se pensarmos hoje a realidade das *gentes negras*, as relações hierárquicas continuam, com outras roupagens atuais.

⁹⁷ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=yYJSbG7rETY&pbjreload=10>

⁹⁸ Nos aprofundaremos mais a frente sobre o conceito de raça

⁹⁹ Conforme Ferreira (2012, p. 29) é interessante registrar que os que se interessaram por Campo Verde sempre vieram em busca de terras para plantar e criar gado. A vocação para o agronegócio vem desde os primeiros tempos de ocupação de todo o território que compõe o município de Campo Verde.

Em continuidade a história que foi registrada e é contada sobre Campo Verde no século XIX, alguns eventos importantes marcaram o processo de formação socioespacial da cidade. Conforme o IBGE (2017), a instalação da família Borges Fernandes, liderada pelo patriarca Diogo Borges, que fugiu com sua família na década de 1880, de Uberaba-MG, por perseguições políticas, causadas por ideias republicanas, marca esse período. A família migra e constrói uma casa de adobe e taipa socada, onde se instalou, local conhecido como Burity dos Borges. Conforme dados do Portal Mato Grosso (2019), a viagem da família mineira durou dois meses e marca a chegada da primeira leva de mineiros na região.

Ainda no século XIX, outro evento importante marca a região, fazendo com que o local ganhasse olhares do ponto de vista econômico. A construção da estação telegráfica de Capim Branco, no ano de 1896, conforme dados da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL, 2009), foi um marco importante na história local (Figura 27). A construção fez parte do “Projeto das Linhas Estratégicas Telegráficas” (DOMINGUES, 2010), tendo como liderança o General Carneiro (que o hoje dá nome a um município matogrossense) e Marechal Candido Rondon. A ideia central, era ligar o Distrito Federal, que na época era o Rio de Janeiro, com toda fronteira ocidental do país. Nos escritos de Ferreira (2012), as datas divergem, ele aponta que a construção ocorreu no ano 1890. Para o autor, a estação telegráfica se constituía como o orgulho da região, e não havia mapa cartográfico estadual e nacional, que não estivesse registrado no local.

Figura 27: Estação Telegráfica de Capim Branco



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Campo Verde

No final do século XIX, Ferreira (2012), tratando de Capim Branco, comunidade pioneira, que antecedeu a criação de Campo Verde, vai relatar à presença e um pouco da história de um homem que é parte do lugar, por nome de senhor Góis, tratado como um velho homem negro. Ele exercia função de tropeiro¹⁰⁰ e fazia constantemente a travessia para o abastecimento de mercadorias entre São Paulo e as redondezas do rio São Lourenço, onde se encontra localizado a cidade de Campo Verde.

Góis era admirado pelo Major Gomes Carneiro pelo fato de ter arrumado tropa de boa qualidade para trabalhar na primeira estação telegráfica construída no local. Rondon, que tinha como amigo o senhor Góis, deixou em seus escritos vários contextos vividos por ambos. Em uma dessas, Ferreira (2012, p. 30) se referindo a história contada por Rondon aponta uma situação um pouco engraçada, mas que mostra a problemática do preconceito racial na sociedade brasileira.

Certa vez em Campinas, Góis entrou em uma confeitaria, com alguns companheiros. Tinha vontade de saber o que era o tão falado *sorvete*. O grupo de matutos, em trajes domingueiros, chapéu no alto da carapinha, provocou curiosidade – mas ninguém pensou em servi-los. Depois de esperar, durante algum tempo, perdeu preto Góis a paciência. – ô moço, bote sorvete aí! Você não conhece as *cercustâncias do sojeto*, mas eu tenho dinheiro. – e jogou sobre a mesa uma massagada de notas emboladas – bote sorvete aí.

Analisando a citação acima, percebe-se o tratamento relacionado a um homem negro no final do século XIX. Nesta época, a escravização estava em processo de “finalização”, contudo, já existiam homens e mulheres negras em condição de liberdade, como é o caso do senhor Góis, que tinha contato com homens “grandes” brancos da época. Não sabemos ao certo se o senhor Góis era um ex-escravizado, ou já nasceu livre. Mesmo assim, a marca no corpo o fez ser o outro, foi preciso colocar o dinheiro sobre a mesa para provar a condição de tomar um sorvete. O tratamento relegado ao mesmo na época, que não difere dos dias atuais, demonstra a negação do negro, como ocorria, e como continua ocorrendo.

Até a metade do século XX, alguns processos de migrações esporádicas faziam parte significativa da história local. Em visita ao Museu da história local, no ano de 2019, localizado na comunidade de Capim Branco, é possível observar em um quadro exposto, que tratava dos nordestinos, apontando que eles chegaram no ano de 1900, da cidade de Crato-CE, e se instalaram no local conhecido como Ponte Alta, que hoje é pertencente ao município de

¹⁰⁰ Tropeiro: Condutor de tropas

Chapada dos Guimarães. A chegada se deu pelo período de seca¹⁰¹ que atingiu o sertão cearense na época. Os nordestinos se alocaram nas terras que é considerado o primeiro assentamento da reforma agrária do estado de Mato Grosso. Esses são os primeiros nordestinos registrados a chegarem ao local. Posteriormente, o local seria destino de muitos nordestinos na tentativa de melhoria de vida. No começo do século XX chegaram por conta da seca, já no século XXI, o motivo é a dificuldade que continua atravessando a vida desses sujeitos e a busca por um trabalho é o combustível da travessia.

Este momento, é a segunda ocasião de pessoas negras a serem registradas no contexto da história local no século XX. Não foi possível obter imagens, por estarem grafadas em um painel e não seria possível inserir aqui. Contudo, cabe tencionar que são nordestinas e nordestinos negros que vieram por conta de uma condição climática que havia se instalado no sertão do Ceará durante os anos de 1888 e 1916, o que acabou ocasionando o êxodo rural para várias localidades do Brasil. Logo, os que chegaram nas terras onde hoje é Campo Verde, passaram a produzir suas formas de subsistência no local.

Ainda no começo do século XX¹⁰², a presença do negro é lembrada como responsável pela fé e devoção que se deu no local nas primeiras décadas e que recai até os dias atuais. Ferreira (2012) vai lembrar que a devoção ao santo católico, por nome de São Sebastião é iniciado por conta de uma promessa feita por uma velha negra escravizada, na primeira década de 1900. Assim, percebemos que mesmo após a abolição que ocorreu em 1888, alguns negros/as continuaram na condição de escravizados/as. O autor nos relata que:

O santo católico padroeiro do lugar é São Sebastião, a quem os devotos festejam em janeiro. Esta festa vem desde a primeira década de 1900 e surgiu de uma promessa feita por uma mulher. Segundo relatos históricos do lugar, por decorrência de epidemia de febre que ocorreu em várias regiões do Estado de Mato Grosso, uma velha negra escrava, que também era parteira do lugar, pediu a São Sebastião que tal praga não viesse a assolar o povo de Capim Branco. Em troca do benefício divino a mulher devota prometeu que todos os anos realizariam uma festa em homenagem ao santo que morrera flechado e dariam aos presentes farta comida e muita alegria. Antes de falecer, em seu leito de morte, pediu um garoto que morava na região e que era de sua confiança, que continuasse a tradição. No entanto o garoto, talvez pela pouca idade, não levou a proposta adiante. As famílias da localidade e entorno se

¹⁰¹ De fato, entre 1888 e 1915, a população do Ceará experimentou períodos de seca, marcados, por um lado, pela busca de sobrevivência nos lugares do sertão atingidos por esse fenômeno, e, por outro, pelo êxodo, rumo a Fortaleza, e muitas vezes de lá para outros territórios (LACERDA, 2006).

¹⁰² Conforme dados disponíveis no Museu no distrito de Capim Branco, entre os anos de 1890 e 1950, várias pessoas exerceram liderança na comunidade que foi o embrião da criação da cidade, entre os quais destacam “Preto Góis” o que nos faz compreender que o mesmo residiu por um período na localidade, e avó Venância, uma ex-escravizada, que trataremos com mais profundidade nos próximos parágrafos.

reuniram em volta da liderança dos Borges, Albuquerque e Oliveira e deram sequência às festividades que se tornaram tradição.

Outro fato importante que é parte da história local, conforme dados do IBGE (2017), foi a passagem da Coluna Prestes¹⁰³, no ano de 1926, que partiam da zona meridional buscando alcançar o território boliviano. No começo do século XX, a estação telegráfica que era o orgulho local, foi caindo em desuso, com isso, no ano de 1954, à mesma foi desativada. O principal motivo do declínio da estação foi a popularização do telefone e do rádio, sendo os serviços da estação aos poucos caindo no desuso. No século XXI, no ano de 2009, o prefeito local em conjunto com o secretário de indústria, decidiu construir uma réplica da estação, tentando manter o mais próximo possível do original para visitas no museu que retrata a história local (Figura 28).

Figura 28: Réplica da Estação Telegráfica



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

A partir da década de 1960, as coisas começaram a ganhar outros contornos no que tange ao avanço da agropecuária no estado de Mato Grosso, como parte da reestruturação produtiva (ELIAS, 2011) que o Brasil estava atravessando, que conseqüentemente recaiu sobre o

¹⁰³ Ver: <https://atlas.fgv.br/verbetes/coluna-prestes>

município de Campo Verde. O que até o presente momento eram ocupações dispersas, conformes as buscas bibliográficas realizadas, começaram a ganhar outras formas. Cabe ressaltar, que apesar da história só relatar alguns nomes e família que marcaram o local, é mister mencionar que outras famílias também vieram, de longe, de perto, e ajudaram na história de Campo Verde, contudo, talvez pela origem, talvez pela cor, talvez pela classe, pelo apagamento da memória, não ficaram registrados na história local.

Rohden e Sá (2014), vão destacar que antes da política adotada no governo militar durante a década de 1960, na década de 1940 a Marcha para o Oeste comandada por Getúlio Vargas, já trazia a intenção de adentrar o interior do Brasil. Essa tese foi ampliada durante o governo de Juscelino Kubitschek, com a construção de Brasília, tendo como lema: cinquenta anos em cinco. Contudo, foi no governo militar que essa política se expandiu, incluindo até a finalização da construção de Brasília, que havia parado na década de cinquenta por falta de recursos.

Rohden e Sá (2014, p. 338) vão nos dizer que:

[...] foi com o Governo militar, que este movimento de “ocupação territorial” ganhou mais força, a partir de uma política de integração nacional, que objetivava expandir as fronteiras agrícolas, do país, porém sob o discurso legitimador que alegava para a necessidade de povoar “espaços vazios”, investindo desta forma em políticas públicas e programas que favorecessem e estimulassem tal integração, uma vez que êxito deste projeto não apenas resolveria a questão de povoar a região de expansão industrial e crescimento econômico.

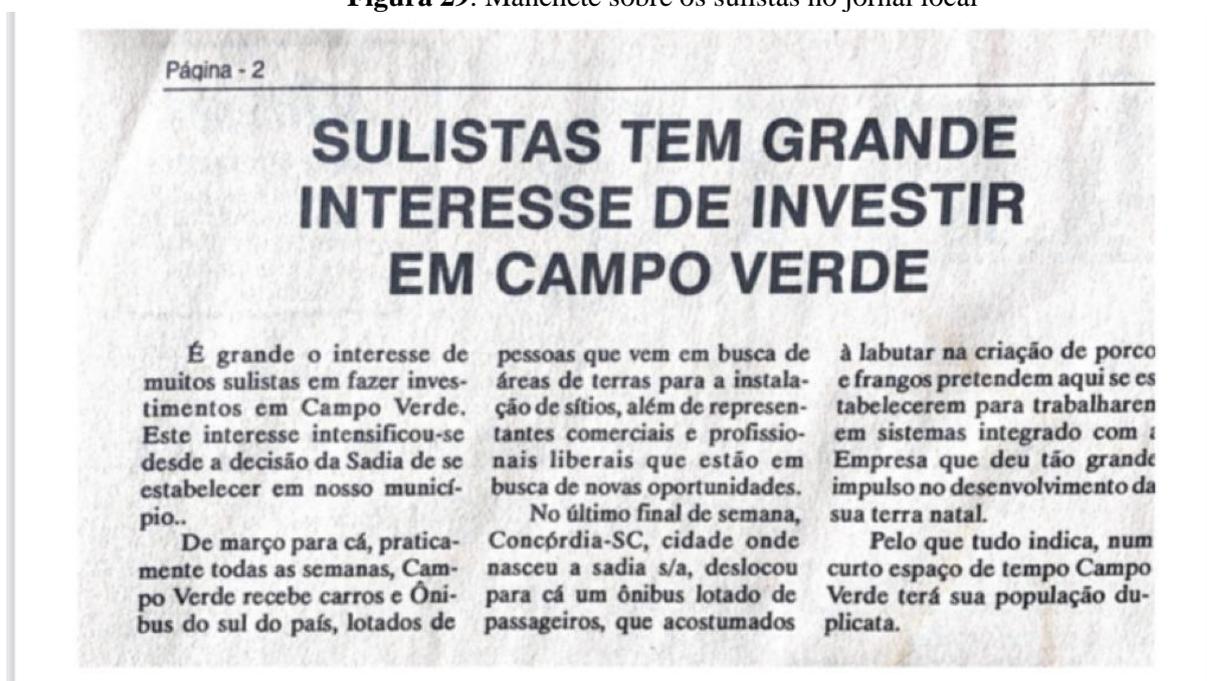
Algumas estatais foram criadas para dar seguimento ao projeto de integração nacional, dentre elas, podemos citar a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) criada no ano de 1966 que agrega nove estados brasileiros, bem como a SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste) criada um ano depois, no ano de 1967. A POLOCENTRO (Programa para o desenvolvimento do cerrado) e a PRODECER (Programa Nipo Brasileiro para o desenvolvimento do cerrado) também foram importantes nessa empreitada, o primeiro marcou a criação de infraestruturas para atração de produtores rurais para a região e o segundo marca a abertura para o capital internacional na produção de monocultura em larga escala. O cerrado a partir desse momento, vai se constituindo, nos dizeres de Marcel Bursztyn (2002), como sinônimo de contrastes...bem Brasil, ou seja, um reflexo das desigualdades que ocorre no país.

A ocupação dessas áreas carrega consigo uma gama de transformações e adaptações no e pelo território, assim como o apagamento de algumas populações e modos de vida em

detrimento da modernização, além da transformação da natureza em pró da expansão do capital, que passou a possuir valor de mercado. Desta forma, Bernardes (2009, p. 19) aponta que na medida em que a expansão da agricultura moderna requer previamente a apropriação e o domínio do território, que inclui a natureza e os homens, esse modelo de apropriação traz implícito um nível de relações sociais, que significa adequar esse território às novas funções, moldando-o de acordo com os interesses dominantes.

Durante esse período, cabe salientar, que as transformações foram acompanhadas do aumento do processo de migração para o local que viria a se tornar a cidade de Campo Verde. O crescimento e a expansão da cidade pós década de 60, em todos os órgãos e livros pesquisados, está ligado a chegada de migrantes da região Sul do país, com a narrativa de serem responsáveis por trazerem juntos o “crescimento” local. É pertinente ressaltar, que havia um interesse do estado brasileiro na ocupação e desenvolvimento deste território, por isso, os incentivos aos migrantes da região Sul (Figura 29). Nos dizeres de Ferreira (2012), esse período marca uma nova fase do processo migratório para o local que se tornaria a cidade, com pessoas da região Sul.

Figura 29: Manchete sobre os sulistas no jornal local



Fonte: Jornal impresso O Diário de Campo Verde (1990)

Antes da chegada sulista, conforme Ferreira (2012) a economia da região era variada, sem nenhum impacto na economia nacional e estadual, muitos plantavam apenas como forma de

manutenção. Por praticamente um século a região viveu um período de estagnação, sem nenhuma atividade econômica importante. A agricultura e a pecuária eram praticadas apenas para a subsistência dos moradores. Cabe ressaltar, que na ocupação da fronteira agrícola no Centro-oeste, os vestígios das atividades tradicionais em boa parte foram eliminados (BERNADES, 2009), restando apenas algumas rugosidades (SANTOS; SILVEIRA, 2001), ou seja, o novo chegou e alguns resquícios do velho permaneceu.

Santos (1996) vai destacar que o espaço, aqui apresentado não como algo estático, mas como categoria em movimento, reproduz a totalidade, não sendo neutra na distribuição das gentes. As transformações do e no espaço acabam sendo determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas, comandadas por forças exógenas (SANTOS, 1996). Com isso, o espaço influencia também a evolução de outras estruturas. Os objetos geográficos aparecem nas localizações correspondentes aos objetivos na produção num dado momento.

Percebe-se que esse processo de migração é fruto da totalidade (SANTOS, 1986), não podendo ser tratado como um evento solto, mas imbricado em uma rede, que liga o local ao global (ELIAS, 2011) para atender uma determinada demanda. A partir disso, nota-se que com a chegada de novas formas, o cenário socioespacial do local onde posteriormente se tornaria à cidade de Campo Verde, começou a mudar a partir da metade da década de 1960, quando migrantes vindos do Sul do Brasil, principalmente dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, se instalaram nas proximidades do entroncamento das rodovias BR-070 com a MT-140, onde um goiano conhecido por “Duca”, tinha um pequeno comércio¹⁰⁴.

Conforme dados disponíveis no Portal Mato Grosso (2019), o senhor Duca, exposto na citação acima, de origem goiana, foi o primeiro a se instalar na cidade com um comércio, conhecido como bolicho¹⁰⁵. Contudo, com a chegada da família Côcco, no ano de 1964, o seu Duca, pioneiro, mudou-se de local, pela falta de lucro que o estabelecimento lhe oferecia. Tratando dessa questão, conforme informações do IBGE (2017), na chegada da família Côcco “encontraram” um goiano. A ideia de terra inóspita, onde ninguém habitava, vem ao encontro com essa narrativa de “encontrar” um goiano. Essa fala, reforça a ideia de que os migrantes do Sul se deslocaram para “colonizar” essas terras, que eram pouco habitadas contudo, mais uma vez reiterando “encontraram” um goiano, e devem ter encontrado outros baianos, sergipanos,

¹⁰⁴ Site da Prefeitura Municipal de Campo Verde. Disponível em: <http://site.campoverde.mt.gov.br/historia/>

¹⁰⁵ Bar de beira de estrada no Sul do país.

alagoanos, mato-grossenses, maranhenses, homens, mulheres, crianças, indígenas e negras que não ficaram registrados, porque a história é seletiva.

As migrações sulistas são consideradas o marco que principia o crescimento do local. Para muitos, não é possível dissociar o que Campo Verde é hoje, sem a presença sulista e não cabe discordar, pois foram importantes para o crescimento dessas cidades. A partir da década de 1960, os veículos de informações locais, disponíveis em sites, trazem as primeiras migrações, enquanto sulistas. Contudo, durante o processo de pesquisa fomos percebendo que outros também migraram do local de origem para o local de destino. Conforme dados expostos no Jornal impresso O Diário de Campo Verde (1990), encontrado no Museu que trata da história de Campo Verde, em meados de 1960, imigrantes de diversas regiões do Brasil, com suas malas, seus sonhos e desilusões, suas vontades, desejos, com suas resistências, começaram a desbravar mais um pedaço da região Centro-Oeste, mais precisamente, o município que viria a se tornar Campo Verde. Dos primeiros moradores que chegaram e se estabeleceram na cidade, ficaram registrados (Figura 30):

Figura 30: Primeiros moradores de Campo Verde na década de 1960



Fonte: Jornal impresso O Diário de Campo Verde (1990)

É importante salientar, a presença de pessoas de várias localidades, com sobrenome, exceto o de uma ex-escravizada que é conhecida apenas com avó Venância, sem sobrenome. A partir disso, podemos perceber que o local também foi ponto de moradia de ex-escravizados, talvez os que já estavam no período da “abolição”, ou os que chegaram depois. É importante apontar que no período em que se iniciava a migração da região Sul e posteriormente a criação da cidade, estavam presentes, contudo, não ficaram registrados. Mbembe (2018, p. 200)

tratando sobre o silêncio com relação as *gentes negras*, vai dizer que, aquele de quem foi suprimida a faculdade de falar por si mesmo é sempre forçado a se considerar, se não um “intruso”, então alguém que aparece no campo social unicamente sob a forma de um “problema”. Não sabemos ao certo o destino de Avó Venância, mas a marca de ser uma ex-escravizada é contada como parte da história local.

Em outro momento, também oferecendo contribuições sobre a história do negro, Mbembe (2018, p. 64), vai dizer que, no desdobramento da emancipação e da reconstrução, escrever a história é considerado mais do que nunca, um ato de imaginação moral. O gesto histórico por excelência consiste, pois, em passar do estatuto de escravizado ao de cidadão¹⁰⁶ como o outros. Contudo, os ex-escravizados passaram da condição de escravizados para sujeitos outros, aquele que era estranho frente a sociedade hegemônica branca. Não sendo incluído na sociedade como um cidadão, mas aqueles que carecem de cidadania.

Muniz Sodré, em entrevista concedida no ano de 2019, discorrendo sobre a condição do negro pós escravização, destacou:

Penso que não houve uma abolição dos espíritos no Brasil. A abolição foi jurídico-política, mas não se aboliu a escravidão na forma social brasileira. A forma social é a maneira como a sociedade se configura por dentro e por fora. A ideia da forma social abrange uma visão sobre a interioridade das pessoas: como é que se pode compreender o outro, como é que se pode ver o outro. Você se relaciona com o outro a partir das suas fantasias, seus desejos e seus afetos.

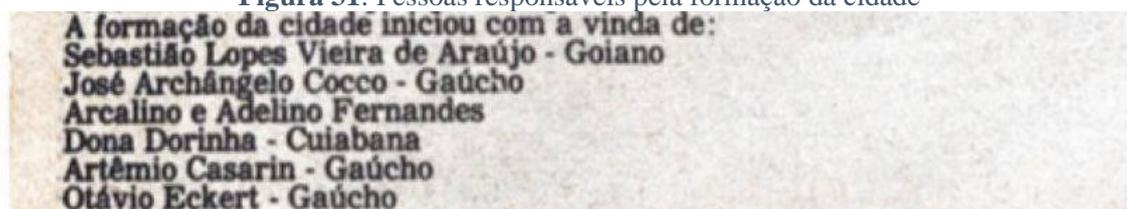
Partindo da ex-escravizada, na qual na histórica local nada possuía que trouxesse a trajetória dessa mulher, percebe-se que essa é mais uma das poucas aparições das *gentes negras* na história local até a década de 1960. Possivelmente existiram outras pessoas negras, outras ex-escravizadas, mas não ficaram nos registros. Apesar da presença de pessoas de diversas regiões do Brasil, o jornal impresso O Diário de Campo Verde, que traz o nome da ex-escravizada, aponta que a formação da cidade só houve início com a chegada de outras pessoas. Os que já se encontravam residindo, não são incluídos como parte importante do crescimento local, como é o caso da ex-escravizada.

Analisando o quadro abaixo, é notável que das oito pessoas listadas enquanto responsáveis pela formação da cidade e conseqüente desenvolvimento, cinco eram provenientes da região Sul do país. É correto afirmar que desde o início da migração para a ocupação desta

¹⁰⁶ Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o estado, é ser como um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado. O cidadão seria tão forte quanto o estado. Milton Santos (1997, p. 133)

região, pessoas de outros locais do país também fizeram o mesmo caminho. Contudo, como já vimos, a hegemonia, o poder dominante se encontra nas mãos de um grupo, no caso de Campo Verde, os advindos da região Sul do país. Com isso, analisando as informações sobre a época, nota-se que a atribuição da responsabilidade do desenvolvimento encontrava-se alocado em um grupo somente das pessoas, de uma determinada região (Figura 31). Os outros, com isso, acabam sendo negligenciados, como se não fizessem parte daquela realidade.

Figura 31: Pessoas responsáveis pela formação da cidade



Fonte: Jornal impresso local (1990)

Na década de 1970, as migrações se intensificaram, vários sujeitos foram sendo alocados na cidade que caminhava para em breve passar por um processo de emancipação. Conforme dados Prefeitura Municipal de Campo Verde, em 1974, o senhor Otávio Eckert, gaúcho do município de Carazinho-RS, após muito ouvir falar da cidade, resolveu se instalar no local. Logo em seguida construiu um posto de combustível na junção da BR-070 com a MT-140, conhecido até os dias de hoje como Posto Paraná. Campo Verde foi conhecida pelo nome de Distrito de Posto Paraná até próximo da sua emancipação. Pouco tempo antes, adotou o nome de Campo Real, sendo preterido posteriormente por Campo Verde no plebiscito para decidir o nome da cidade.

A história de Campo Verde, como é contada e como pode ser contada, carrega consigo uma linha tênue, entre como é e como podia. Por mais que nos debruçemos em relatar o mais próximo do que foi, não daríamos conta, pois os sujeitos que fizeram parte da história até a década de 1970, já não estão mais. A presença do negro, na história local até a instalação do Posto Paraná, aparece em alguns momentos distintos no século XVIII, XIX e início do século XX, como escravizados que vieram com o seu senhor, como um homem encarregado de direcionar tropas, como uma escravizada responsável pela devoção local, como nordestinos que vieram do estado do Ceará por conta de um período de seca que havia se instalado, e respectivamente uma ex-escravizada, conhecida como avó Venância.

Cabe tecer considerações e apontar que não temos o número de exato de populações negras que passaram por essas terras antes do processo de emancipação. Os eventos que a

história conta são esporádicos, espaçados, contudo, é importante lembrar que a presença das *gentes negras* no local, assim como indígenas bororos que foram dizimados, são presentes desde os primeiros escritos que trazem a história da ocupação do local. Percebemos a relação da história do negro em Campo Verde, com a história do negro no Brasil, ou seja, apenas um reflexo em uma escala maior, mas o processo de apagamento foi o mesmo.

Mbembe (2018, p. 63), traz importantes contribuições sobre a negação e/ou apagamento da história dos negros nos lugares onde este passou.

Com efeito, nem tudo o que os negros viveram como história necessariamente deixou vestígios; e, nos lugares onde foram produzidos, nem todos esses vestígios foram preservados. Assim, como é que, na ausência de vestígios, de fontes dos fatos historiográficos, se escreve a História? Rapidamente se tem a impressão de que a escrita da história dos negros só pode ser feita com base em fragmentos, mobilizados para dar conta de uma experiência e si mesma fragmentada, a de um povo em pontilhado, lutando para se definir não como um compósito disparatado, mas como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis por toda a superfície da modernidade.

Diante dessa negação da história do negro, exposta por Mbembe (2018), que vai ser chamada de *Autocegação*, Berth (2019, p. 127), dando continuidade, complementa a presente análise ao discorrer que infelizmente, no Brasil, muitas das nossas informações históricas e dos povos negros que vieram antes de nós, foram covardemente apagadas dos compêndios e o pouco que sobrou foi deturpado, deixando apenas o que era conveniente para os sistemas de dominação alienadores.

No próximo tópico partiremos do Posto Paraná, local de grande influência na cidade, registrados nos livros e sites sobre a história local, como instalação importante para a formação socioespacial de Campo Verde. A partida e o início contado não necessariamente são o início que ocorreu. Outros inícios podem ter ocorrido. Não ficaram registrados. Discutiremos o posto enquanto fruto da migração sulista e início do processo de desenvolvimento da cidade para os altos índices do agronegócio.

DO POSTO PARANÁ AO POSTO DE CIDADE DO AGRONEGÓCIO

Antes de Campo Verde carregar consigo esse nome, outros nomes vieram e fizeram parte da história local. Alguns nomes caíram no esquecimento, outros ainda são lembrados. É importante destacar que todos os nomes que a cidade levou, marcou um momento específico

que ela estava vivendo. Os nomes de lugares, que deixaram de ser, mesmo que não especificado ou escrito, também se desdobram como parte importante da história de um povo, de um lugar.

Entre os nomes que Campo Verde possuía antes do processo de emancipação e os que ainda são lembrados, destaca-se o nome de *Distrito de Posto Paraná*, que por alguns anos foi o nome dado ao que hoje chamamos de Campo Verde. Cabe ressaltar, que esse nome tem origem a partir de um dos principais estabelecimentos que figurou e figura no local, de grande influência para os contornos futuros da cidade. O Posto Paraná é tratado na história local como o embrião da cidade. Desta forma, como ponto de partida, ponto de início, decidimos de onde, neste tópico, partiremos.

No dicionário, o ato de partir, significa: saída. A vida em sua materialidade é atravessada por chegadas e partidas, seja de pessoas, de lugares, ou seja, uma existência em movimento. Poderíamos trazer a música que foi composta por Milton Nascimento (1985): *Tem gente que chega pra ficar, tem gente que vai pra nunca mais, tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai e quer ficar, tem gente que veio só olhar, tem gente a sorrir e a chorar, e assim, chegar e partir*. A partida é parte da vida e das histórias que se contam a partir dela.

Podemos contar esse tópico a partir da saída, da migração, da geografia das andanças, de um povo, de uma região para a outra. Sendo assim, seria errôneo começar a discorrer a partir do “Posto Paraná”, sem contar sua origem enquanto estabelecimento, e enquanto nome local, e para isso, precisamos voltar ao ato de partir, pois foi de partidas que este estabelecimento foi formado e posteriormente veio a se tornar um marco na história da cidade.

No ano de 1974, Campo Verde já se condicionava como local de grande fluxo migratório. Incentivados por uma série de programas governamentais de integração nacional (SUDAM, SUDECO, PRODECER, POLOCENTRO), que visava a ocupação de áreas localizadas no Centro-oeste e Norte do país (MOREIRA, 2011), pessoas de várias regiões do país, com foco maior para a região Sul e Sudeste, migravam de suas cidades e estabeleciam-se em Campo Verde, sob o discurso de crescimento econômico, e promover o crescimento local nas vastas terras “inóspitas” que aqui se encontravam. Rohden e Sá (2014, p. 338) vão apontar que o projeto de integração nacional, para além da ideia de ocupação de terras inóspitas no planalto central do Brasil, este se consolidava com uma tentativa de resolver tensões e conflitos existentes no Sul do país, onde as pequenas propriedades não conseguiam mais sustentar-se diante da ocupação de grandes latifúndios que se instalavam no estado do Paraná. Com isso, muitas pessoas procuraram outros destinos.

Neste ano, migrou da cidade de Carazinho, localizada no estado do Rio Grande de Sul, seu *Otávio Eckert*, que antes havia sido vereador na cidade de Capanema, no estado do Paraná. Após trabalhar alguns anos como oleiro (Ferreira, 2012), saiu em andanças por vários locais do país, incluindo o estado de Mato Grosso, para conhecer o local comentado como o *eldorado*¹⁰⁷. Após viagens para o estado de Mato de Grosso, optou por adquirir terras, conforme Ferreira (2012) e se instalar onde hoje se encontra o município de Campo Verde.

Ao migrar para Campo Verde, conforme Ferreira (2012, p. 69), *Otávio Eckert* adquiriu 500 hectares de terras, trouxe a família para o local, e se dispôs a trabalhar no plantio de arroz nos primeiros anos, e logo depois migrou para o plantio de soja em larga escala. Conforme dados da Câmara Municipal de Campo Verde (2019), no ano seguinte (1975) abriu o Posto Paraná, às margens da BR-070 com a MT - 140, o primeiro grande estabelecimento comercial do lugar (Figura 32). Este estabelecimento dinamizou o rápido crescimento de Campo Verde, que devido à grande influência que exercia no local, carregou consigo também o nome do povoado, que até próximo da emancipação, era conhecido como Distrito de Posto Paraná, que era pertencente ao Município de Dom Aquino, que fica a 87 km da cidade de Campo Verde.

Figura 32: Posto Paraná



Fonte: Biblioteca Municipal de Campo Verde

¹⁰⁷ Faz alusão a um local de prodígio, riqueza e prosperidade.

Ainda com o nome de Distrito de Posto Paraná, em 1980, conforme dados do IBGE (2019), Julio Pavlac, nascido na cidade de Erechim-RS, que também migrou para Campo Verde, criou o bairro Jupiara, localizado no lado direito da BR-070, sentido Primavera do Leste, tendo como meta, que a futura cidade fosse chamada de Cidade Jupiara (FERREIRA, 2012). Contudo, devido a alguns problemas não evoluiu como o esperado no início de sua criação. A data disponível do IBGE (2010), diverge com a data que encontramos no Jornal o Diário de Campo Verde, na matéria que leva o nome: Jupiara e suas Raízes Históricas (1990), que destaca que o bairro foi fundado no dia 2 de julho de 1978. É importante ressaltar que a criação do loteamento Jupiara, ocorreu a partir de terras vendidas pelo Sr. Otávio Eckert, que era detentor da área (CAMPOS, 2010).

Este momento representou um marco para o desenvolvimento da cidade. Campos (2010) destaca que o projeto urbanístico de Campo Verde teve início a partir desse loteamento, quando foram destinadas áreas para residências, equipamentos comunitários, vias de circulação e lotes residenciais. O local foi o primeiro loteamento no município, que visava atender principalmente as gentes que se instalavam no local. Com muitas dificuldades no início, o loteamento caminhou de forma lenta. Com isso, a primeira escola construída com varas do cerrado e folhas de babaçu, foi construída no Jupiara, o pagamento dos professores era feito pelos pais dos alunos (FERREIRA, 2012). Com o passar do tempo e o aumento do fluxo migratório, foi sendo local, onde várias pessoas de diversas regiões do país foram sendo alocadas. Tendo uma rua por nome de Imigrante. Nos dias atuais se apresenta como uma espécie de bairro operário, onde grande parte das pessoas residem e todos os dias atravessam a BR 070 para trabalharem.

Na década de 80, intensificou-se o fluxo migratório de várias regiões do país e de diversos municípios vizinhos para a cidade, essas pessoas chegavam muitas vezes das usinas localizadas no município de Jaciara-MT, ou oriundas dos garimpos localizados nos municípios de Poxoréo-MT e Guiratinga-MT. Neste período, houve a instalação de indústrias no local que impulsionou o crescimento econômico e gerou empregos. Para Campos (2010, p. 29)

Campo Verde recebeu forte impulso em sua economia e em seu crescimento populacional em 1983, quando foi incrementado o seu Parque Industrial, com a instalação das empresas Cobal, Ovetril, Sadia e Ceval. Nas últimas décadas, em um processo paralelo e concomitante, cresceu a pecuária, a suinocultura e a avicultura.

Nota-se que as empresas consideradas as gigantes dos grãos (BERNARDES, 2009), foram se instalando em um cenário de desenvolvimento local. É importante lembrar que embora essas empresas estejam espalhadas em todo território nacional, sua presença é altamente

significativa nos *fronts agrícolas*, já que são as únicas a possuir o tipo de sistema técnico que permite controlar a capacidade de esmagamento. (BERNARDES, 2009). Essa condição aliada a possibilidade de escoamento para os grandes centros, foi um dos atrativos para a chegada, além dessas, de outras multinacionais do setor agropecuário globalizado.

Após a criação do Jupiara e com a instalação do Parque Industrial, que passou a dinamizar a economia local, Otávio Eckert, resolveu lotear novas terras nas proximidades do Posto Paraná, que foi fortalecido pela existência de aparatos como luz e água, que não existiam na outra parte da cidade até o presente momento. O nome do loteamento era Campo Real¹⁰⁸, e foi criada para atender as gentes de autopoder aquisitivo, principalmente os proprietários de terra que se instalavam na cidade devido ao crescimento que ela despontava (FERREIRA, 2012) (Figura 33).

Figura 33: Localização dos bairros Campo Real e Jupiara



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

¹⁰⁸ O nome do empreendimento imobiliário era uma homenagem à cidade gaúcha de *Não-Me-Toque*, que antes teve o nome alterado para Campo Real, mas que retomou a antiga denominação por decisão da população em plebiscito – o primeiro realizado no governo militar instalado em 1964.

Conforme dados disponíveis no site do IBGE (2019), Eckert anteviu o surgimento de uma grande cidade neste lugar. E animou-se com o aumento populacional do bairro Jupiara. Surgiu então o Loteamento Campo Real. Não demorou muito e parte de suas terras estavam loteadas. A partir daí iniciou-se a venda de lotes urbanos a quem quisesse construir casas na futura Campo Verde. O processo colonizador fortaleceu-se com a instalação de rede de energia elétrica da Fazenda Oliveira até o Posto Paraná. Em seguida Eckert mandou furar um poço artesiano, construiu um posto telefônico e uma escola com três salas de aula.

As paisagens dos dois bairros apresentam-se até os dias atuais carregadas de antagonismos. Campos (2010, p. 33) analisando a cidade, discorreu que no bairro Campo Real, suas ruas são sinalizadas e asfaltadas. Naquele local foram instaladas as melhores estruturas do ponto de vista social e comercial – agências públicas, bancos, escolas, hospitais, consultórios médicos e odontológicos etc. – além de seus moradores estarem próximos ao distrito industrial o que facilitava o deslocamento para o trabalho e para resolução de questões pessoais na cidade.

Ao tratar dos dois primeiros loteamentos Jupiara e Campo Real, notou-se que o espaço urbano de Campo Verde, foi sendo construído, mesmo antes de sua emancipação, de forma contraditória e desigual, a luz do capital aliado a agricultura mecanizada que se expandia naquele momento. Ao redor do Posto Paraná, na cidade que ainda tinha o nome de Distrito do Posto Paraná, o bairro Campo Real, foi sendo ocupado pelas gentes de melhor poder aquisitivo, em contrapartida o bairro Jupiara, que foi instalado distante do Posto Paraná e os lotes eram mais baratos, foi sendo ocupado pela mão de obra que chegava para trabalhar nas fazendas e na produção agrícola da cidade e da região.

Nesse bojo de crescimento do e no espaço urbano que se constituía, conforme dados da Prefeitura Municipal de Campo Verde (2019), a emancipação se deu em 4 de julho, de 1989, através da lei número 5.314, de autoria do deputado estadual Moisés Feltrin e sancionada pelo governador Carlos Bezerra. É importante destacar, que o nome Campo Verde foi escolhido após um plebiscito entre os moradores e faz referência às extensas plantações que tomam conta da paisagem no período da safra da soja, do milho e do algodão.

O nome escolhido não foi do agrado de Otávio Eckert, que é considerado por grande parte dos moradores até os dias atuais o “dono da cidade”, por obter parte das terras, assim como vários empreendimentos no local, além de ser tratado como um visionário. Em entrevista concedida ao Jornal Boa Mídia, em março de 2019, ele discorreu que gostaria que a cidade se chamasse Campo Real, uma extensão do loteamento criado por ele nas proximidades do Posto

Paraná. Ele ainda discorreu na entrevista, que se tivesse votado com sua família no plebiscito que foi realizado pela prefeitura de Dom Aquino, com as “principais famílias da região”, o resultado teria sido diferente, pois o nome Campo Verde, ganhou por um voto. Eckert apontou que não sabia do plebiscito e que o mesmo, ocorreu às escondidas.

Em 1990, conforme dados do Jornal o Diário Jornal Regional (1990), a população da cidade se constituía sendo 80% oriunda dos estados do Sul, RS, SC, PR, responsáveis por ocupar parte do cerrado e transformá-lo em solo fértil, produzindo grande quantidade de grãos, maior fonte de divisas para o município. Percebe-se que a presença sulista é conhecida e caracterizada pelo crescimento, pela dinamização e por ser responsável por levar a cidade ao patamar de uma das cidades promissoras no que tange ao contexto agropecuário.

Após a emancipação política-administrativa com o lema “Vamos Construir Juntos”, o primeiro prefeito e vice-prefeito foram eleitos. De origem Sulista, como boa parte das pessoas que exerciam liderança na cidade, Onésimo Prati (que viria a ser prefeito em mais duas oportunidades), do estado do Paraná e descendência italiana, e Alécio Schenkel do estado do Rio Grande do Sul e descendência alemã, são alçados ao executivo por votação popular para o cargo de quatro anos. Nos dizeres de Ferreira (2012, p. 100)

Em 1º de janeiro de 1989, tomou posse como prefeito municipal o senhor Onésimo Prati, tendo como vice o senhor Alécio Schenkel. Por se tratar de primeira administração e por ser novo na política o prefeito Prati enfrentou um grande desafio ao administrar uma das maiores promessas de Mato Grosso, que era o município de Campo Verde. A cidade já nasceu grande e com o apoio da sociedade e dos vereadores, o prefeito Prati fez uma administração que agradou à sua comunidade.

Ao analisarmos a primeiro momento, notou-se, que desde a criação do Posto Paraná, enquanto grande estabelecimento local, até a eleição do primeiro prefeito e vice-prefeito, estabeleceu-se a construção de uma identidade sulista, dentro de um estado localizado no Centro-oeste. Com isso, todas as outras identidades (nordestina, nortista) foram sendo sucumbidas nesse bojo, por não encontrar espaço para se implantar, ou implantarem-se de forma subalternizada, incluindo a própria identidade do sujeito mato-grossense e suas tradições¹⁰⁹, que nos dias de hoje, pouco se destaca na cidade de Campo Verde.

Isso ficou claro também, ao analisarmos a origem das primeiras cadeiras ocupadas na câmara municipal, na década de 1990. Conforme o Jornal o Diário de Campo Verde (1990), na

¹⁰⁹ É importante destacar que durante todo o processo de pesquisa, nada se encontrou que se cultua a cultura matogrossense na cidade.

matéria que traz o nome, “Campo Verde dois anos de progresso” são eles os primeiros vereadores (Figura 34):

Figura 34: Primeiros vereadores de Campo Verde



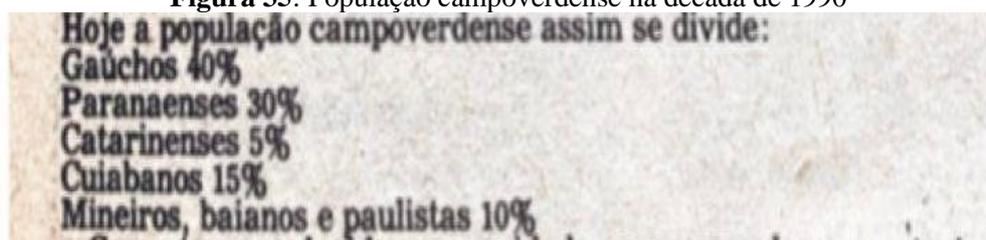
Fonte: Jornal impresso local (1990)

Percebe-se que, exceto Ulisses Pereira Borges Neto que era oriundo do estado de Mato Grosso, todos os outros sujeitos possuíam origem sulista, sendo eles, os primeiros responsáveis por representar os interesses dos residentes no Município, que eram das diversas regiões do país, com um maior quantitativo oriundo da região do Sul. É importante destacar que a cidade foi se constituindo desde os seus primeiros anos uma das cidades promissoras do agronegócio.

Após o processo de emancipação, Campo Verde continuou sendo local de destino de pessoas de diversas partes do país, com foco principal para as gentes sulistas, que compravam terras com o intuito de empreender. Os compradores de terras, com um discurso modernizador, os grandes produtores de soja altamente mecanizada, trazem consigo essa retórica muito bem-organizada. Se instalam no local, e trazem consigo uma série de transformações (ARRUZZO, 2009).

Neste período, devido ao discurso de integração nacional e a expansão da fronteira agrícola para o centro oeste, no que tange a Campo Verde, a população era predominante da região Sul do país e ocupavam os melhores locais, assim como os melhores cargos na cidade. Conforme dados que se encontram registrado no jornal “Diário de Campo Verde”, que encontramos durante a visita ao museu que conta a história da cidade, a população no ano de 1990 era (Figura 35):

Figura 35: População campoverdense na década de 1990



Fonte: Jornal impresso local (1990)

Com as chegadas de novos sujeitos e a partida de outros, que migraram para outros locais, a década de 1990 é marca importante no processo de consolidação da cidade enquanto ramo produtor de monocultura do agro moderno e globalizado. Neste período, diversas empresas do setor agropecuário se instalaram as margens da BR-070, que corta vários municípios e liga a outros estados. Pela facilidade e incentivos fiscais que vinham ao encontro do desenvolvimento da cidade, essas empresas que tinham forte relação com o capital estrangeiro, foram de grande valia para a consolidação e início de investimentos de outras empresas na cidade, movimentando a economia local e atraindo pessoas de outras cidades para trabalharem em Campo Verde.

Milton Santos (1996) aponta que a abertura para o capital estrangeiro para empresas estrangeiras, ocorre o aumento da agricultura mecanizada em detrimento da agricultura de subsistência, com isso os pequenos produtores foram perdendo espaço em detrimento da agricultura mecanizada. Outro fator importante que Santos (1996) destaca é que, dentro desse jogo capitalista as cidades regionais, nesse processo, perdem suas funções, visto a revolução dos transportes, que faz com que as cidades menores tenham relações diretas com as cidades maiores.

Percebe que a partir da década de 1990, o “Posto de Cidade do Agronegócio” começa a ganhar forma com a instalação dessas empresas, que movimentaram a econômica local, sempre ligando ao mercado externo de exportação de commodities, bem como potencializou as migrações que já vinham ocorrendo para a cidade, contudo, nesse momento, era para trabalhar

nas empresas que iam se instalando. Lopes (2006) aponta que essas empresas foram instaladas em uma área adquirida junto a prefeitura com incentivos fiscais e ao loteador Otávio Eckert, que possuía uma grande extensão de terra em locais privilegiados na cidade, próximo ao “Posto Paraná”.

As empresas de armazenagem graneleiros foram instaladas no Distrito Industrial I, que hoje faz parte da área central da cidade e foi transformado ao longo do tempo. Dentre essas empresas podemos destacar a Sadia, empresa agroavícola que trabalha por meio da implantação do sistema de aviários integrados, e foi uma das primeiras a se instalarem em Campo Verde (Figura 36 e 37).

Figura 36: Anúncio da instalação da Sadia

"Sadia Agro-Avícola"

Já há algum tempo os Diretores, e técnicos, da Sadia Mato Grosso estão estudando a possibilidade de implantar no município de Campo Verde - a SADIA AGRO-AVÍCOLA. Vários já foram os encontros com o Prefeito Sr. Onésimo Pratti e várias foram as pesquisas de área para implantação e instalação da Sadia Agro-Avícola.

No último dia 19 de fevereiro estiveram em Campo Verde o Dr. Hilmar Wuerzins Diretor da Sadia MT e da Sadia Agro-Avícola juntamente com o Sr. Luiz Carlos Meister também diretor da Sadia Oeste e Agroavícola e mais 04 técnicos onde recepcionaram e receberam também o Sr. Governador do Estado Moisés Feltrin. Diretores e técnicos estiveram estudando as possibilidades sócio econômicas da Região e as possibilidades para a sua implantação.

Campo Verde com sua vasta região e campos será o lugar ideal para a instalação da Sadia Agro-Avícola que terá aproximadamente 25 hectares de telhado ou seja de instalação espalhada em uma área aproximadamente 100 hectares, para distribuição de seus galpões e outras instalações.

Conforme informação do Diretor da Sadia-MT, Sr. Hilmar Wuerzins o projeto desta Agro-Avícola dependerá muito da área (a ser achada) e da Energia para suportar toda esta infraestrutura. É de se pensar também que um investimento desta natureza e deste tamanho terá que ser definitivo, por isso a preocupação dos Técnicos é muito grande em definir o lugar de instalação.

Está previsto até o dia 15 de março para viabilizar o projeto, esta é a data que os técnicos irão passar a planilha para a diretoria dando um parecer positivo da localização da área a ser instalada a Agro-Avícola.

Fonte: Jornal impresso local (1990)

Figura 37: BRF-Sadia em Campo Verde em funcionamento



Fonte: Trabalho de Campo, 2017

Apesar dos anos luminosos, em 2018 a empresa anunciou que finalizaria grande parte de sua produção em Campo Verde, o que provocou um mal-estar na economia local¹¹⁰, provocando o desemprego de muitos trabalhadores que exerciam funções profissionais a mais de vinte anos no local (Figura 38).

Figura 38: BRF-Sadia em Campo Verde sem estar funcionando



Fonte: Trabalho de campo, 2021

¹¹⁰ Ver: <https://cliquef5.com.br/campo-verde/noticias-de-campo-verde/brf-fecha-grande-parte-da-sua-atuacao-em-campo-verde/149439>

Com aumento populacional, as primeiras casas populares construídas pelo poder municipal, são inauguradas neste período. Essas construções favoreceram diretamente a população de baixa renda, que à medida que Campo Verde consolidava-se enquanto “Posto de Cidade do Agronegócio”, estas pessoas migravam para trabalhar como mão de obra barata em setores de produção, nas grandes fazendas e no setor de serviço que aos poucos instalava-se na cidade. Contudo, a cidade de Campo Verde, assim como outras cidades que carregam consigo a logomarca do agronegócio, morar se torna caro e, aos que possuem pouco poder aquisitivo, acabam ocupando os bairros onde as casas são mais baratas.

Frente a expansão da fronteira agrícola e a consequente modernização dos espaços por onde ocorre, Ferreira (2009, p. 81) aponta que:

Dentre as inúmeras repercussões vinculadas ao avanço da fronteira da agricultura moderna, poder-se-ia destacar, pelo menos duas com efeitos bastantes significativos, do ponto de vista socioeconômico e espacial, como a ampliação do dinamismo da área urbana associada a essas atividades, através da reatualização permanente dos bens e serviços especializados requeridos para pôr em marcha a ação produtiva ali desenvolvida. Contraditoriamente o outro fator de reconhecida complexidade socioespacial, diz respeito à aceleração do processo de periferização, ensejado pelo crescimento da pobreza, que se reflete no agravamento de problemas urbanos no entorno daquelas cidades.

O bairro onde as casa foram construídas, apesar de se apresentarem nos registros jornalísticos nos anos de 1990 como bairro que se projetava em direção de um futuro melhor para todos os moradores, carrega consigo problemáticas sociais que demonstram que as casas já foram construídas em locais específicos, com finalidades de separar-segregar uma parte da população da outra, pois os moradores do bairro nos dias atuais, são pessoas de baixa renda e que migraram em sua maioria da região Nordeste e das cidades circunvizinhas para o local.

A figura 39, exposta na próxima página, demonstra o bairro quando ainda se encontrava em processo de construção.

Figura 39: Casas populares construídas no bairro Jupiará

Fonte: Biblioteca Municipal de Campo Verde

A década de 1990, marca também o período de construção de diversos loteamentos que acompanhavam o crescimento do município. Lopes (2006), aponta que a maioria dos loteamentos criados nesse período, eram para atender a população de baixa renda, pois o centro, onde está localizado o bairro Campo Real, nas proximidades do “Posto Paraná”, já não suportava devido ao alto valor dos terrenos todos os migrantes que chegavam e ficavam, na tentativa de se estabelecer e construir uma história de “vitória” no local.

É de grande importância destacar que a BR 070 que liga a cidade a outros estados, é o ponto de chegada e de partida, mas é também o ponto de separação. À medida que os migrantes chegavam e a cidade ia crescendo, a BR-070, serviu como fator de divisão tanto social, racial, mas também regional. Uma espécie de linha imaginária, que foi se naturalizando com o crescimento populacional da cidade. Os que possuíam as melhores condições e poder aquisitivo, habitavam um lado, os que possuíam piores condições, habitavam o outro.

Para Rossati (2006, p. 29) no lado Sul da BR 070, desenvolveu-se o que é conhecido na cidade como periferia. No lado Norte da BR 070, desenvolveu-se os bairros nobres da cidade e o centro comercial de qualidade. Neste lado, os terrenos são maiores, o arranjo urbanístico é amplo, as ruas e avenidas são largas e formam uma malha organizada e a topografia é de baixa declividade (ROSSATI, 2006).

Campos (2010), concordando com Rossati (2006), vai dizer que onde está localizado o bairro Campo Real, ao Norte da BR 070, foram erguidas do ponto de vista arquitetônico as melhores casas e mansões. Com isso, aos poucos mudam para lá pessoas que gozam de

excelentes condições financeiras. Com isso, no decorrer do processo de ocupação quem não tem dinheiro não consegue se instalar deste lado. Restando-lhes o lado Sul da BR 070.

A figura 40, exposta abaixo demonstra a *Baixada*, área menos valorizada na cidade de Campo Verde:

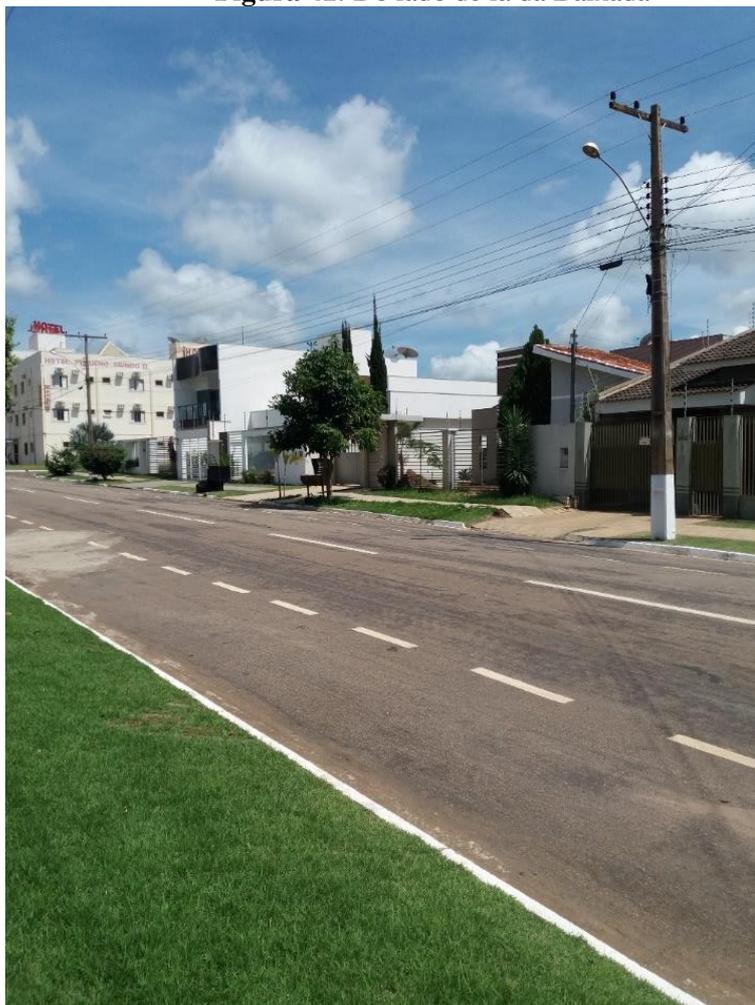
Figura 40: Avenida Bahia, bairro São Lourenço



Fonte: Arquivos nossos, 2019

Para Lopes (2006, p. 37) o perímetro urbano de Campo Verde é recortado por áreas mais valorizadas e atrativas que outras, onde as atividades mais importantes e dinâmicas ocupam as áreas mais valorizadas (bancos, hospitais, escritórios). Cabe ressaltar, que as gentes migrantes de regiões como Nordeste e Norte, também são cortadas por essas divisões.

A figura 41 exposta abaixo demonstra o lado mais valorizado na cidade de Campo Verde.

Figura 41: Do lado de lá da Baixada

Fonte: Arquivos nossos, 2019

Na primeira década do século XXI, Campo Verde, já consolidava com o “Posto de Cidade do Agronegócio”, continuou seu processo de crescimento econômico, com a chegada de novas empresas para o local, bem como de expansão urbana, como a criação de novos loteamentos para atender a demanda. Entre 2004 e 2006, não houve um grande aumento populacional devido à crise da agropecuária que o Brasil passava, com foco principal na produção de soja, milho e algodão, afetando diretamente a migração para as cidades do agronegócio¹¹¹.

Após a crise da agropecuária que assolou a produção do país, Campo Verde continuou seu processo de crescimento econômico e de expansão urbana com a criação de novos postos de trabalhos e de instalação de novas indústrias. Esse período, também marca a instalação do IFMT (Instituto Federal de Mato Grosso), campus Campo Verde, com a chegada de cursos

¹¹¹**Crise agrícola: dimensão estrutural e uma proposta de política em três pilares.** Instituto de Economia Agrícola (IEA), disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=5655>

técnicos para atender a demanda do agronegócio (técnico agrícola), assim como ensino superior que visava a economia local (Agronomia e Análise e Desenvolvimento de Sistemas). pois são as tecnologias da informação, como nos afirma Bernardes (2009) que vão revolucionar a produção.

A segunda década do século XXI, Campo Verde, confirma seus índices de “Posto de Cidade do Agronegócio”. Campos (2010, p. 28 e 29) aponta que por se adotarem na localidade as mais modernas técnicas de cultura, o município atinge médias só comparadas a países como Estados Unidos, China e Austrália, incluindo a indústria de transformação e as empresas de armazenamento, que respondem por 85% do Produto Interno Bruto (PIB) do município. Em outro momento a autora vai dizer que o algodão produzido no município, com fibras largas e resistentes é apreciado no mercado internacional e vem sendo exportado para Ásia, Estados Unidos e Europa.

É importante ressaltar que a produção agrícola em Campo Verde está atrelada ao processo de globalização, gerando modificações a todo momento para atender a toda cadeia produtiva do agronegócio. Bertha Becker (2005), vai apontar que a globalização rompe com as fronteiras que estão postas. Dentro desse contexto globalizante nota-se, portanto, a relação da cidade com várias partes do mundo, recebendo investimentos do capital externo, constituindo-se como um espaço derivado. Milton Santos (1996) discorre que esses espaços que passam por modificações, atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente as novas correntes mundiais.

Em outro momento, Santos (1996, p. 169 e 170) vai apontar que:

A dinâmica dos espaços da globalização supõe uma adaptação permanente das formas e das normas. As formas geográficas, isto é, os objetos técnicos requeridos para otimizar uma produção, somente autorizam essa otimização ao preço do estabelecimento e da aplicação de normas jurídicas, financeiras e técnicas, adaptadas às necessidades do mercado. Essas normas são criadas em diferentes níveis geográficos e políticos, mas as normas globais, induzidas por organismos supranacionais e pelo mercado, tendem a configurar as demais. E as normas de mercado tendem a configurar as normas públicas. Assim, graças à competitividade, a tendência atual ao uso das técnicas e à implantação dos respectivos objetos, tende a ser ainda mais anárquica do que antes.

Na citação acima, trazendo para o contexto na qual a cidade se encontra inserida, vamos percebendo que Campo Verde enquanto espaço da globalização que abarca a produção agrícola, passa por adaptações e readaptações constantes para se enquadrar nas normas do mercado

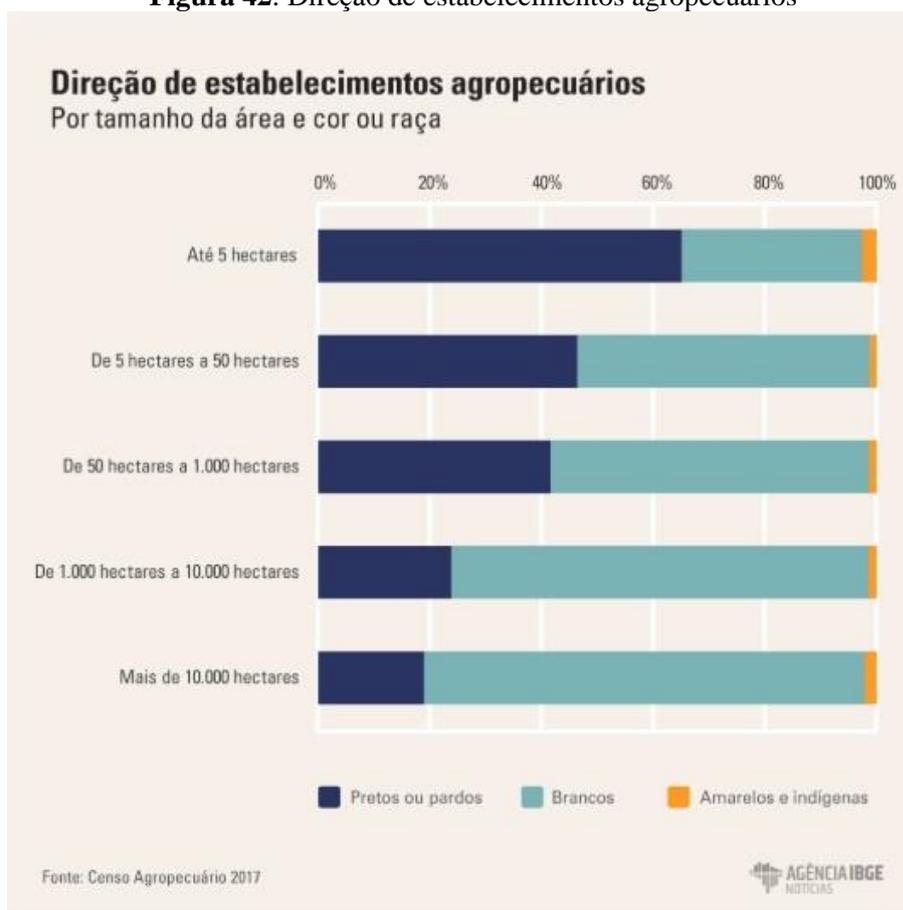
global. Como Santos (1996) alerta, o mercado global tem o poder de configurar as normas públicas, gerando transformações estruturais para atender ao capital.

Os lugares, partindo dessa análise sobre globalização, acabam se definindo pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, atributos que se interpenetram e cuja fusão os caracteriza e distingue. (SANTOS, 1996). A partir desta afirmação feita por Santos (1996), em uma análise mais observacional na cidade, notou-se os lugares constituídos para determinado tipo de população em detrimento da outra. Cabe salientar, que Campo Verde não é somente uma cidade sulista, apesar de ser tratada como tal, pelos veículos de informações e parte dos moradores da cidade. Ao andarmos ao Sul da BR 070, vamos encontrar um número acentuado de maranhenses, baianos, alagoanos etc. Destaca-se que o trabalho de Campo nos mostrou uma outra Campo Verde, constituída de outras gentes, sem destaque na cidade.

Considerando o outro/diferente, Raffestin (1993) destaca que, os negros (pessoas de cor), com exceção de uma elite abastada, não conseguem se instalar onde querem, seja porque não tem os meios, seja porque não conseguem comprar ou alugar uma casa ou um apartamento nos bairros brancos. Ocorre assim o nascimento espontâneo, mas tão marcante quanto se fosse institucionalizada, de uma fronteira carregada de discriminação espacial, social e principalmente racial.

Ao pensar nessas cidades do agronegócio dotadas de informações, é notável que a direção e a posse das grandes produções se encontram nas mãos de parte das gentes do Sul e Sudeste do país. Durante a realização do censo agropecuário (2017) a nível nacional, ficou notório a distância entre negros e brancos com relação ao tamanho do estabelecimento agropecuário.

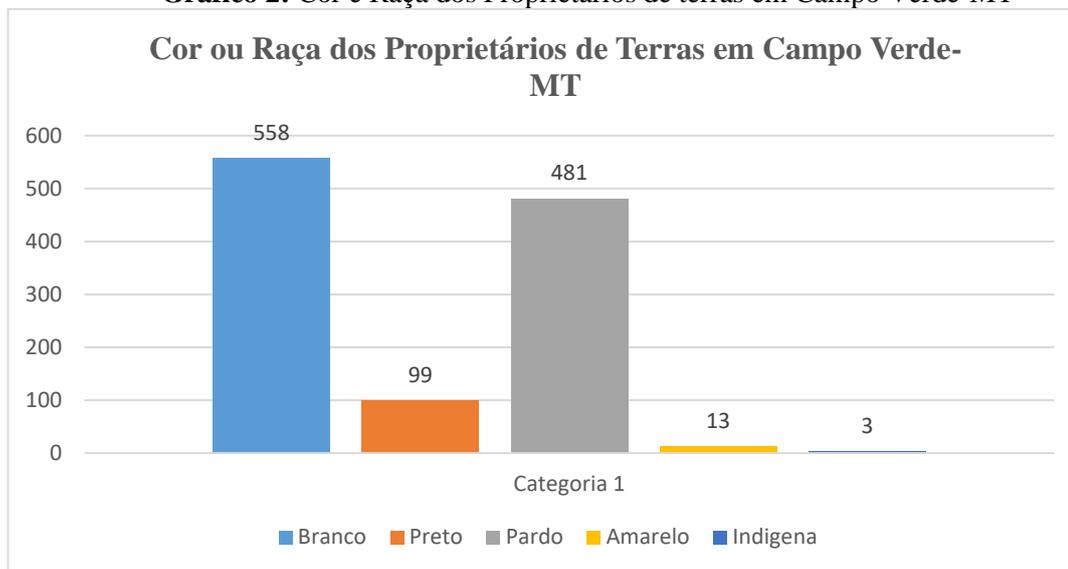
A figura 43, exposta na próxima página, mostra como se divide a direção de estabelecimento agropecuários a nível nacional

Figura 42: Direção de estabelecimentos agropecuários

Fonte: Censo Agropecuário, 2017

Ao analisarmos a imagem acima, percebe-se que quanto maior for o número de hectares, menos a direção se encontra na mão das gentes negra, logo, tem-se um predomínio branco na direção desses locais. Em contrapartida, as pequenas porções de terras, possivelmente de áreas de assentamentos, com todas problemáticas possíveis, têm-se um número maior na direção da população negra em detrimento da branca.

Apesar da pesquisa ser a nível nacional e abarcar toda produção do país, o resultado não diferencia da realidade de Campo Verde, onde os grandes proprietários de terra são brancos, ou seja, as maiores propriedades não se encontram nas mãos das *gentes negras*. Percebe-se que a segregação no que tange a raça, também no contexto de produção agropecuária, opera como fator de segregação e diferenciação entre uma determinada população e outra. Também no que tange a oportunidade e a concentração fundiária no local. O gráfico 2, exposta na página seguinte, demonstra essa realidade.

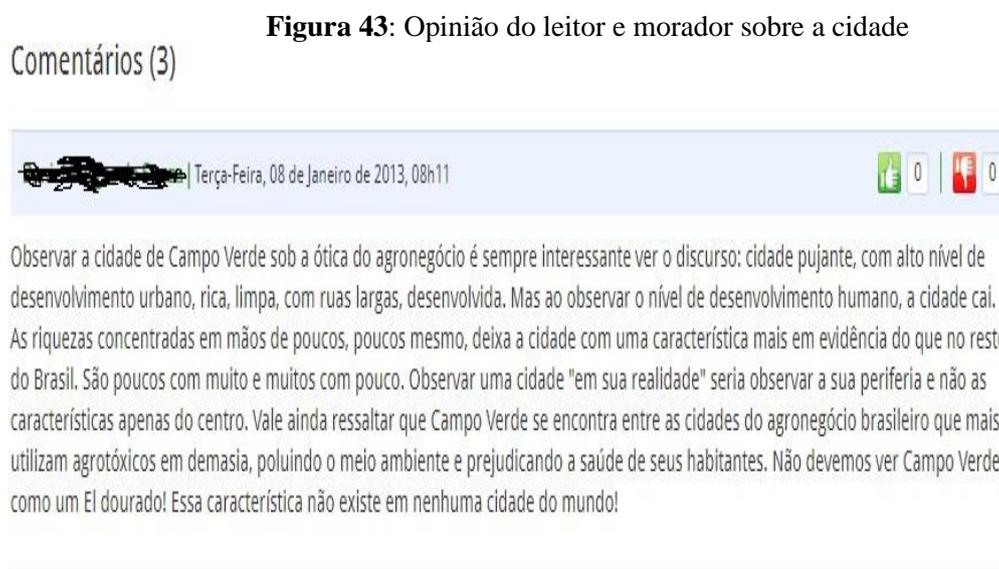
Gráfico 2: Cor e Raça dos Proprietários de terras em Campo Verde-MT

Apesar da cidade se mostrar somente enquanto sulista, com uma população predominantemente branca, notou-se ao transitar pela cidade, construindo uma *cartografia das andanças*, que existe também a população negra, contudo, encontra-se em lugares que os tornam invisíveis na cidade globalizada. Desta forma, podemos destacar que apesar de não serem destaques no local, as *gentes negras* também são parte do local, são parte da história e são parte da formação socioespacial da cidade e estão presentes desde o início da ocupação do local.

Hoje, segunda década do século XXI, Campo Verde já alcançou o “Posto de cidade do agronegócio”, como imaginavam os primeiros empreendedores do ramo agropecuário na década de 1980. Esse crescimento vem atrelado a construção de uma identidade sulista, com isso, outras identidades (nordestinas, nortistas, mato-grossenses) foram sendo sucumbidas, e/ou deixadas de lado, em detrimento da que se estabeleceu. Outras culturas, foram sendo esquecidas ou negligenciadas. Outras histórias foram sendo deixadas de lado e, sobre isso, não precisamos ir muito longe, na construção do presente subitem, tudo que se referia a história local, estava atrelado a condição do Sul produzir o desenvolvimento, mesmo que outros, de outros lugares, que não estejam ao Sul, talvez que estejam ao sol, também são parte e ajudaram na construção da dinâmica local.

Em visitas aos *sites* de jornais impressos locais, foi possível notar em uma das matérias que evocava a cidade de Campo Verde, como uma ótica de perfeição atrelada a condição de

servir a cadeia produtiva do agronegócio, a opinião de um leitor e morador da cidade, destacado na figura 43.



Fonte: Jornal RdNews, 2013

Nota-se, portanto, a partir do comentário de um morador e leitor do jornal online, que a cidade de Campo Verde apesar de ser noticiada sempre atrelada a ideia de uma cidade quase “perfeita” por conta do crescimento oriundo da agricultura mecanizada, a mesma é atravessada por uma série de desigualdades, deslocamentos, exclusões, produção e manutenção da pobreza, a luz do capital contraditório que serve ao mercado externo, pois a produção está associada ao mercado internacional, não necessariamente se materializando em forma de benefícios para os residentes da cidade.

BR- 070: A FRONTEIRA ENTRE DOIS MUNDOS

‘Na minha mente, vejo uma linha. E depois dessa linha, vejo campos verdes, flores adoráveis e lindas mulheres brancas com seus braços esticados na minha direção, depois dessa linha. Mas não consigo chegar lá. Não consigo passar dessa linha.’

Quem disse isso foi [a ex-escrava e abolicionista americana] Harriet Tubman, nos anos 1800. E deixem-me dizer algo a vocês: a única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa é a oportunidade.

Você não pode ganhar um Emmy por papéis que simplesmente não existem. Então aqui vai um agradecimento a todos os roteiristas, as pessoas incríveis que são Ben Sherwood, Paul Lee, Peter Nowalk, Shonda Rhimes, pessoas que redefiniram o que significa ser bonita, ser sexy, ser protagonista, ser negra.

E para as Taraji P. Hensons, as Kerry Washingtons, as Halle Berrys, as Nicole Beharies, as Meagan Goods, as Gabrielles Unions: obrigada por nos fazer passar da linha. Obrigada à Academia do Emmy. Obrigada.”

Viola Davis (2015)

No ano de 2015, quando ainda pouco se discutia na mídia as problemáticas cotidianas que as *gentes negras* enfrentam e a constituição de uma estrutura que impede a ascensão deste grupo, Viola Davis, mulher negra, atriz, representou um *pingo* de esperança para o mundo das artes após vencer o Emmy, como melhor atriz. Em seu discurso, como de praxe por todos os ganhadores que passam por este momento, Viola utilizou seu curto espaço para denunciar a fronteira estabelecida também no mundo artístico que impossibilitava que mulheres e homens negros, por não se encaixarem no padrão estético da academia, protagonizassem papéis importantes no cinema.

O termo central do discurso de Viola Davis, quando ainda a efervescência do debate racial, tão presente na academia e nos movimentos sociais, ainda não havia ocupado um lugar na mídia hegemônica, foi em torno da oportunidade. A atriz denunciou a fronteiras, estruturada no racismo que impossibilitava mulheres negras de atuarem nos mesmos papéis de mulheres brancas. Como ela destacou: Não se pode fazer papéis que não existem.

Posterior a este momento, um conjunto de acontecimentos, mas também a luta histórica do Movimento Negro Unificado, coadunou com a presença, ainda que restrita, de negros e negras atuando em locais de destaque na mídia. O momento que seguia, representou também, uma maior atenção aos casos de racismo que afetavam diretamente às *gentes negras*. As denúncias, ganharam notoriedade e exigiram uma tomada de decisão, tanto por parte das empresas privadas, quanto por parte do Estado. Apesar do avanço, casos como o de George Floyd¹¹², Marielle Franco¹¹³, a garota Agatha¹¹⁴, parecem distantes de acabar, reforçando ainda mais a necessidade de continuar lutando contra estas intempéries.

Retornamos a Viola Davis, que nas entrelinhas de seu discurso trouxe a fronteira com outro, neste caso as mulheres negras para pensarmos a falta de oportunidade. Este fato,

¹¹² Afro-americano, assassinado no ano de 2020, estrangulado por um policial branco, em uma abordagem por supostamente utilizar de nota falsificada.

¹¹³ Defensora dos Direitos Humanos e do Feminismo, criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Lamentavelmente foi silenciada no dia 14 de março de 2018, quando exercia seu mandato de vereadora.

¹¹⁴ Morta por uma bala perdida quando retornava para casa de Kombi com a mãe.

destacado pela atriz, ajuda-nos a pensar também a cidade de Campo Verde, onde a existência da BR-070, que corta a cidade e liga a outros municípios do estado de Mato Grosso, e outros estados da federação, representa para parte das *gentes negras* e nordestinas que ali habitam, uma espécie de fronteira, que constitui-se tanto no contexto social, demonstrando uma desigualdade, falta de acesso e falta de oportunidade, quanto no contexto racial, onde existe a predominância das *gentes negras* em um lado específico da BR-070, conhecido na cidade como *Baixada*.

A raça, foi um conceito primeiramente trabalhado no campo da zoologia e da botânica, na forma de classificação e diferenciação das espécies. No contexto social aparece como forma de classificação, onde por características diversas, uma população é classificada como diferente da outra (MUNGANGA, 2004). O autor não desmerece a diferenciação, seja por quantidade de melanina, formato físico, ou a localização, discorrendo que o patrimônio genético de uma população é diferente da outra. Contudo, o conceito que por hora já foi tratado como científico, até ser invalidado, aparece como forma de hierarquização e possibilidades de privilégios de um grupo em detrimento do outro.

Nos ditos de Almeida (2019) a biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças. O autor ainda continua relatando que, nesse viés a pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouco inteligência. (ALMEIDA, p. 29, 2019)

Nesse contexto Hall (2006), aponta que raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente ponto específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. Lander (2005), também vai ressaltar que raça¹¹⁵

¹¹⁵ Nos dizeres de Lander (2005) a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial

e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.

O antropólogo venezuelano Pablo Quintero (2011, p. 25) destaca que a ideia de raça, consiste em um sistema de dominação baseado em uma rede de relações sociais intersubjetivas, baseada na classificação social hierárquica da população mundial¹¹⁶.

Sobre isso, Mbembe (2018, p. 73), ele vai discorrer que:

[...] a raça é uma das matérias-primas com as quais se fabrica a diferença e o excedente, isto é, uma espécie de vida que pode ser desperdiçada ou dispendida sem reservas. Pouco importa que ela não exista enquanto tal, e não só devido à extraordinária homogeneidade genética dos seres humanos. Ela continua a produzir efeitos de mutilação, porque originariamente é e será sempre aquilo em cujo nome se operam censuras no seio da sociedade, se estabelecem relações tipo bélico, se regulam as relações coloniais, se distribuem e se aprisionam pessoas cuja a vida e presença são consideradas sintomas de uma condição limite e cujo pertencimento é contestado porque elas provêm, nas classificações vigentes, do excedente. Enquanto instrumentalidade, a raça, é portanto, aquilo que permite simultaneamente nomear o excedente e o associar ao desperdício e ao dispêndio sem reservas.

Tratando o conceito de raça enquanto construção social que serve para excluir uma determinada população em detrimento da outra, Hasenbalg (2005, p. 120) que se ateu a estudar a discriminação racial no Brasil, aponta que a ideia de raça opera como um critério como uma eficácia própria no preenchimento, por não brancos, de lugares na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Em outro momento, o autor aponta que a raça, como traço fenótipo historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Moreira (2019, p. 44) vai relatar que o conceito de raça é produto de um processo de atribuição de significados que expressa o poder de grupos majoritários de construir sentidos que corroboram relações raciais hierárquicas.

Da ideia de raça, se recai produção racismo enquanto um projeto político (Almeida, 2019) e prática que se apoia na diferenciação de um grupo em relação ao outro. Grada Kilomba (2019) vai apontar que o racismo é uma realidade violenta, seus desdobramentos recaem sobre a população negra. Desta forma entendendo que raça e racismo que tem forte relação com a fronteira com o outro, o diferente da raça pura, ou diferente do que foi instituído enquanto

¹¹⁶ *consiste en un sistema de dominación asentado en un entramado de relaciones sociales intersubjetivas, basadas en la clasificación social jerárquica de la población mundial.* (QUINTERO, 2011, p. 25)

superior, padrão a ser seguido. Podemos pensar que o conceito de raça e racismo se interseccionam com outros conceitos, como classe, gênero, fronteira. Já no contexto da pesquisa, o desafio que se apresenta é relacionar o conceito de raça, interseccionando com raça e gênero aplicando a realidade local, que se apoia economicamente no agronegócio globalizado.

Trazendo para Campo Verde enquanto cidade hegemônica do agronegócio, notou-se durante a construção da *cartografia das andanças*, o distanciamento de uma determinada população com relação a outra. Desta forma, notou-se que a cidade de Campo Verde e do agronegócio, possui uma outra face, um outro povo, uma outra cor. Possui também outras identidades, que por sinal, são negadas-negligenciadas, na tentativa de fazerem com que elas inexistam. Albuquerque Junior (2012, p. 10), destaca que as identidades dos grupos humanos, a sensação de pertencimento a um grupo se dá, em grande medida, através da emulação, da disputa e competição com um outro, que aparece como o estranho, o estrangeiro, a ameaça, o perigo, o inimigo. Hall (2006, p. 12), também oferece importantes contribuições, ao tencionar que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não só de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Cabe discorrer, que algumas identidades são sucumbidas em detrimentos de outras que se apresentam como superiores e padrão a ser seguido.

Face a essa lógica de identidade aceita e identidade negada, notou-se durante a realização da presente pesquisa, que os sobrenomes que ocupam um lado da Br 070, destoam dos sobrenomes que ocupam o outro lado da BR 070. Do lado considerado rico, é comum encontrar os Meneguetti, Boeing, Prates, Lehnen, de Loreto, Meinke, Dalagnol, Ermakoeotch, Rech, Biif, Zimmermam, Johner, Gaedex, Brecancim, Ronchi, Eckert, Pavlac, Prado, Delanora Vez, Bertassim, Scherer. Do lado considerado de baixa renda, vamos encontrar, os Silva, Souza, Conceição, Costa, Oliveira, Santos, Rodrigues, Pereira, Lima, entre outros. Os primeiros sobrenomes, denotam origens europeias, os segundos trazem consigo origens populares, que se encontram espalhados por todo o Brasil, por todos os Brasis, inclusive, na cidade de Campo Verde.

Outra situação que é perceptível no contexto de fronteira com o outro, são as origens dos eleitos aos cargos municipais, tanto do executivo, quanto do legislativo. Durante a cartografia das andanças, ouvi de um moradora, na cidade, que “o município de Campo Verde só vai para frente quando alguém da região Sul governa”. Analisando os prefeitos que estiveram no poder, nos anos desde a emancipação até os dias atuais, notou-se que nenhum prefeito que foi eleito

possui origem em outra região do Brasil que não seja o Sul, incluindo a última eleição, onde o prefeito eleito (2020-2024) é nascido no estado do Paraná.

O racismo, neste contexto apresenta-se como a escritora Grada Kilomba (2019, p. 77) nos diz, revelado de forma estrutural, pois as pessoas negras e pessoas de cor estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Sendo assim, a autora ainda vai apontar que, as estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Mais uma vez, percebe-se a constituição de uma fronteira com o outro.

O racismo aparece ligado a uma relação de poder, como já apontamos acima, tida como tecnologia que torna possível o exercício da soberania (ALMEIDA, 2019, p. 116). Neste bojo, cabe discorrer, que detém o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem normal e natural seu domínio. (ALMEIDA, 2019)

A fala da moradora, aparece enquanto legitimação na cidade, uma forma de soberania, onde grande parte dos moradores pensam e caminham inseridos nessa narrativa. Com isso, torna-se inimaginável a eleição para o principal cargo público da cidade que não seja de pessoas oriundas da região Sul do país. Percebe-se que a raça¹¹⁷, a origem e classe opera também na eleição dos cargos públicos na cidade, desde os primórdios, delimitando quem é capaz de gestar a cidade e quem não traz contribuições para o desenvolvimento local.

O quadro abaixo, na qual nos debruçamos em organizar, trazemos a relação de prefeitos eleitos desde 1988 e seus respectivos nomes, bem como os estados de origem dos mesmos (Quadro 1):

Quadro 1: Relação de Prefeitos

ANO	NOME	ORIGEM
1989 A 1992	Onéscimo Prati	Rio Grande do Sul

¹¹⁷ Nos dizeres de Almeida (2019, p. 52) a raça é um conceito cujo significado só pode ser recolhido em perspectiva relacional. Ou seja, raça não é uma fantasmagoria, um delírio ou uma criação da cabeça de pessoas mal-intencionadas. É uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos.

1993 A 1996	Victor José Delaflora Vesz	Rio Grande do Sul
1997 A 2000	Onéscimo Prati	Rio Grande do Sul
2001 A 004	Onéscimo Prati	Rio Grande do Sul
2005 A 2008	Dimorvan Alencar Brescancim	Rio Grande do Sul
2009 A 2012	Dimorvam Alencar Brescancim	Rio Grande do Sul
2013 A 2016	Fabio Scherer	Paraná
2017 A 2020	Fabio Scherer	Paraná

Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Verde

Após análise da fala da moradora em conjunto com a origem dos prefeitos locais, nos reportamos a Albuquerque Junior, em dois momentos. O primeiro momento, quando tratando do nordestino, apresenta a ideia do Sul enquanto local de mudança de vida para os outros do Nordeste. Neste contexto, o Sul surge como caminho da libertação do nordestino, mesmo que possa significar, inicialmente o aprisionamento na máquina burguesa (1999, p. 224). O Sul nesse contexto, aparece como o local de desenvolvimento, em detrimento de outras regiões, principalmente o Nordeste, com isso, encampa-se a narrativa de que o crescimento da cidade depende do Sul, não pode vir do Nordeste, não pode vir do Norte, nem pode vir do centro oeste. O segundo momento, é quando o autor trata do preconceito contra a origem geográfica de lugar, independente da condição do sujeito no que tange a possibilidade de exercer com maestria um cargo público, ele vai sempre ser o outro, impossibilitado pela origem. Albuquerque Junior (2012, p. 11), aponta que:

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior.

Mais uma vez nos defrontamos na fronteira com o outro/diferente, ou a “outridade”, como nos diz Kilomba (2019). Cabe ressaltar também, que todos os prefeitos eleitos no município são brancos. Apesar de existir pessoas negras desde antes da emancipação, nenhum prefeito negro foi eleito no município. Assim como encontramos poucos negros em posições de destaque na cidade. Assim como poucos negros foram vereadores¹¹⁸. Vemos então, o quanto a cidade do agronegócio, é seletiva. Associando a condição de negro e sendo do Nordeste, dificulta ainda mais a sobrevivência e a ascensão nesses espaços.

A condição de negro, é julgada pelo olhar. Akotirene (2019, p. 24), tratando sobre o olhar e sobre o outro, discorre que a única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental¹¹⁹ e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos os Outros. Mbembe (2018), vai dizer que olhar e ver tem em comum solicitar o juízo. Assim, vamos percebendo ao transitar por algumas áreas específicas de Campo Verde, o olhar, o não, a desconfiança na coleta de informações em alguns órgãos.

Aqui discorro na condição de pesquisador e pesquisado, tecendo as grafias na primeira pessoa, na condição de ser também o outro, em uma cidade do agronegócio. De ser negro e ser estigmatizado por tal. Aqui escrevo como quem a algum tempo vivencia a cidade de Campo Verde, tanto para a produção da dissertação de mestrado, defendida em 2017, depois nas viagens feitas quando trabalhava no IBGE, na condição de agente de pesquisa e mapeamento, e também na posição de pesquisador para a construção da tese de doutorado. Aqui, é mister dizer que é fácil identificar quem é o outro e quem não é em Campo Verde, pois a (s) fronteira (s) se encontram bem “expostas” no território local. Uma lógica que já havia encontrado em outras cidades hegemônicas do agronegócio e que parece, se expandir por todas as outras que são conhecidas como tal.

¹¹⁸ Atualmente, em pesquisa realizada no site da câmara municipal, dos 15 vereadores que ocupam uma cadeira, apenas 2 dois negros. Disponível em: <https://sapl.campoverde.mt.leg.br/parlamentar/>

¹¹⁹ Conforme Sodré (2019, p. 878) O padrão de domínio étnico-ocidental é a branquitude. Eu digo e repito sempre, a partir de uma consciência colonialista do branco do Ocidente. É como se o Ocidente fosse o branco absoluto ou, ao contrário, como se a branquitude fosse o oeste absoluto. O Ocidente absoluto. A excelência eug nica, digamos, antropológica do homem ocidental. Isso foi incorporado pelas elites brasileiras desde o pacto que fundou a República, ou seja, os ideais da República se associam aos ideais eug nicos europeus. A partir disso, derivam modos de vida baseados em julgamentos e preferências que se repetem nas sele es de emprego, na maneira de tratar e na maneira de lidar entre as pessoas. Penso, por meio desse paradigma baseado numa consciência da branquitude, a consequência de grande parte dos problemas de repulsão e aproxima o nas rela es sociais. A forma da escravidão está incrustada na forma social brasileira

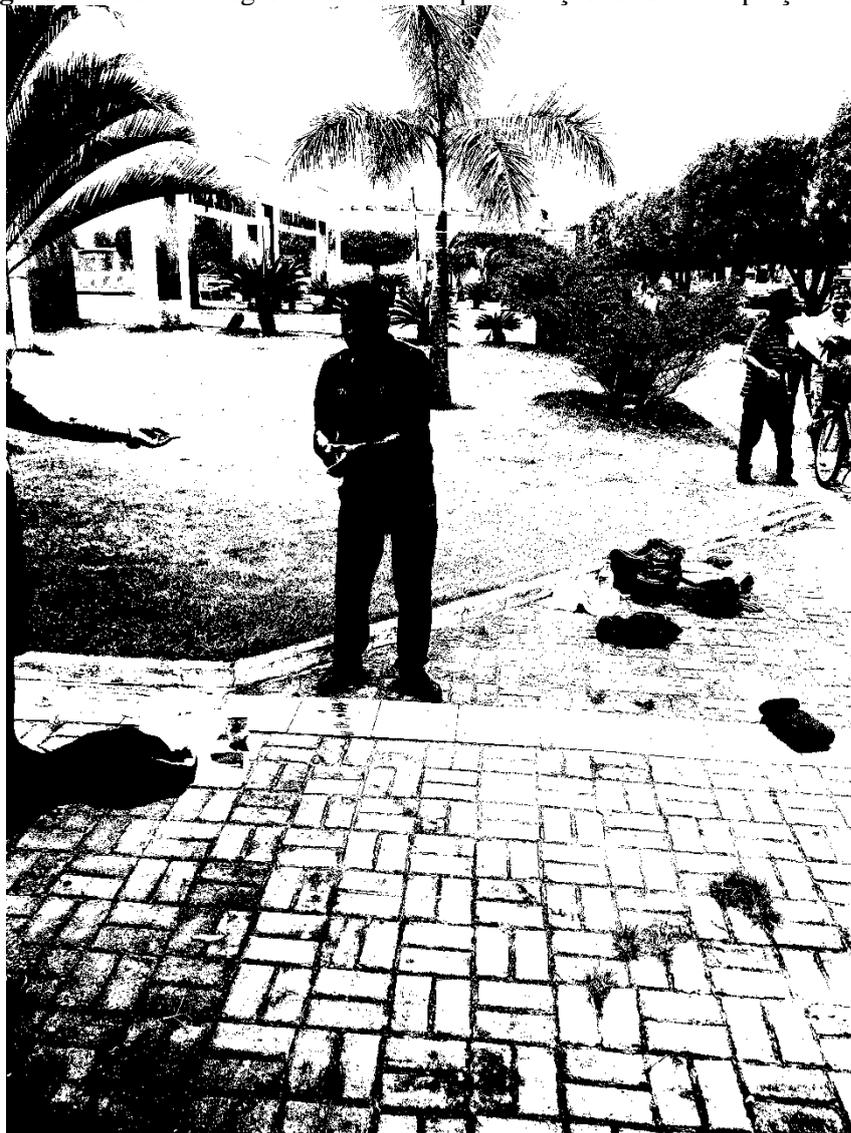
Em algumas falas nas conversas com alguns moradores, percebeu-se que o mito da democracia racial¹²⁰ se sustenta na cidade. Isso se ampara, grosso modo, pela ausência de “tensões abertas”, de episódios de racismo cotidiano, sugerindo uma ideia de boa organização das relações sociais, onde todos têm a mesma oportunidade, no contexto étnico-racial. Essa problemática se evidencia no período atual nas cidades brasileiras, recaindo também sobre Campo Verde, onde pouco se fala sobre a questão racial, pois acreditam existir na cidade uma democracia racial, sendo as oportunidades para todos. Mas que enquanto fronteira invisível¹²¹ é uma condição que está posta no que o professor Silvio de Almeida (2019) chamou de Racismo Estrutural, ou seja, o racismo deve ser pensado como parte de uma estrutura, que sustenta diversas mazelas.

¹²⁰ A Ideologia da Democracia Racial, conforme Nascimento (2010, p. 86) é talvez o jeito mais ardiloso de racismo, em primeiro lugar devido ao fato de ser antiquíssima a sua estruturação, sendo construída de forma gradual para ficar quase que totalmente acabada apenas no século XX. Retirou elementos e detalhes de várias circunstâncias históricas pregressas, de várias formas de miscigenação já passadas, até se constituir num arcabouço de ideias articuladas, num sistema idealizador das relações homem-natureza e dos relacionamentos sociais, tendo como elemento fundamental a ocultação e negação do Racismo e o silêncio, assim como o mito da prosperidade infinita da terra, firmando desta maneira, no século XX o entendimento e a aceitação de que é o negro o responsável absoluto por sua condição social e de que para este não havia obras políticas e econômicas obliterando sua inserção elevada na sociedade, o que é uma afirmação sutil, quase subliminar, de que se ele não prospera sem obstáculos é porque deve ser, realmente, inferior.

¹²¹ Para Santos (2012) as fronteiras invisíveis organizam as experiências de espaço, definindo comportamentos aceitáveis e pertencimentos – na verdade, campos de possibilidades e limites, cujo aprendizado é crucial para a reprodução social desta ordem. Afinal, são constructos ideológicos inculcados em indivíduos e grupos que permitem esta reprodução – expressões da colonialidade do ser nas relações sociais.

Capítulo IV - O AGRO É *POP*, É *TECH* MAS TAMBÉM É NEGRO: O APAGAMENTO CULTURAL E AS FORMAS DE RESISTÊNCIAS

Figura 44: Homem negro fazendo uma apresentação artística na praça central



Fonte: Arquivos nossos, 2019

O APAGAMENTO CULTURAL COMO REFLEXO DA DESIGUALDADE RACIAL

Outra dimensão do branqueamento que remete a matriz de colonialidade é a cultura, que aparece na criminalização e a subalternização de qualquer outra forma cultural que não seja a ocidenta-branca, classificando-as como folclóricas, primitivas, tradicionais – com uma conotação negativa.

Gabriel Siqueira Corrêa (2012)

Em conjunto com a tentativa do embranquecimento da raça, o embranquecimento cultural nos dizeres de Abdias Nascimento (1978) é outra estratégia de genocídio, inserido também de colonialidade do poder. Pensar a sociedade brasileira a partir da cultura, nos mostra o quanto a hegemonia cultural, é bem-posta, onde uma classe social domina com todos os seus aparatos a outra. Nota-se dessa forma, que assim como no Brasil, essa problemática se exemplifica ao se pensar a cultura negra em Campo Verde.

É importante apontar que a dominação cultural, ou imposição cultural é um reflexo da desigualdade social e racial de uma sociedade, com isso, essa problemática parte da luta de classes. Portanto, pensar a cultura, ou a hegemonia cultural de uma sociedade em detrimento da outra é também pensar em uma sociedade classista, estruturada para atender da melhor forma uma parte da população em detrimento da outra. Nesse jogo de classe e raça, historicamente no Brasil, as *gentes negras* sempre estiveram nas classes mais subalternas, por isso, são os mais atingidos por essa situação, assim como a população indígena.

Sobre essa questão estruturada na sociedade brasileira, Florestan Fernandes (1989, p. 70), nos oferece excelentes contribuições, ao discorrer que:

É fato que, além da miséria e da pobreza, o diferencial da cor e do preconceito de raça reduz a potencialidade do ser humano negro dentro da sociedade. Porém, o que define a vítima não é a intensidade do sofrimento, da humilhação ou da anulação – é a própria condição social e histórica de exclusão

Pensando nesse contexto de classe, que recai sobre raça, tratando da cultura afro-brasileira, Abdias do Nascimento (1978) destaca que a mesma passou por um processo de comercialização, sobre isso ele aponta que todo um processo que caracteriza o tratamento dispensado pela sociedade branca ao afro-brasileiro, iniciado nos primeiros tempos da colonização, completa-se nesta etapa da sua comercialização. O ponto de partida da classe

branca, segundo Nascimento (1978) foi a venda e compra de africanos, suas mulheres e seus filhos; depois venderam o sangue africano em suas guerras coloniais; e o suor e a força africana foram vendidas, primeiramente na indústria do açúcar, depois no cultivo do cacau, do fumo, do café, da borracha, na criação do gado.

Percebemos que toda essa questão de raça e classe, vem ao encontro com a realidade da população negra. Com isso, tanto no que tange a cultura, quanto a existência diária, percebemos, como já havia nos alertado Florestan Fernandes (1989) [...] a maioria da população negra forma um bolsão de excluídos – da riqueza, da cultura e do poder. É importante ressaltar que em alguns locais, essa exclusão é velada, mas real, como é o caso de Campo Verde, onde o apagamento cultural das *gentes negras*, vem ao encontro da desigualdade racial que atravessa a cidade. Com isso, no que diz respeito ao incentivo e eventos culturais na cidade, notou-se durante a pesquisa, que a cultura negra inexistente no calendário municipal de promoção de eventos na cidade.

Quadro 2: Eventos culturais em Campo Verde

Festa de Capim Branco	É uma das mais antigas e tradicionais festas do município de Campo Verde, ocasião em que se comemora o santo padroeiro do lugar, São Sebastião
Festa de São Francisco de Assis	Ocorre na histórica comunidade de Ponte Alta, com tradição de mais de cem anos se consagra como uma das mais importantes festas do estado
Festa de São Cristóvão	É realizada tradicionalmente desde a década de 1970, instituída pelas famílias pioneiras de Campo Verde
Festa de Nossa Senhora Aparecida	Festejada há décadas na Fazenda Nossa Senhora Aparecida pela família de Roque Rosseti

Festa do Costelão	Trata-se de uma das mais tradicionais festas que ocorre na cidade de Campo Verde, em comemoração a emancipação política
Festa do Porco Paraguaio	É realizada no mês de setembro, na comunidade José Garbúgio, localizada na zona rural a 30 km da sede municipal, atraindo a cada ano maior número de participantes
Festa de Nossa Senhora de Fátima	É festa da comunidade católica realizada anualmente no Dia das Mães
Baile do Chop	É tradição desde a criação do município, em 1988, sempre nos meses de maio ou junho e foi introduzido por migrantes sulistas
Baile do Algodão	É realizado anualmente sob patrocínio do segmento da cotonicultura de Campo Verde. Neste evento é realizado o concurso da Rainha do Algodão

Fonte: Ferreira (2012)

Durante a *cartografia das andanças*, caminhando em busca de informações oficiais no poder municipal, com foco nas secretárias que tratavam deste assunto, seguimos para a secretária de cultura. Ao chegar, nos deparamos com Paulo, um homem de 50 anos, sorriso no rosto e muito bem-humorado que nos atendeu. Paulo pediu que eu entrasse em sua sala de trabalho e me assentasse. Já sentado, expliquei o teor da pesquisa e da minha estadia na cidade de Campo Verde, ele prontamente decidiu que poderia compartilhar algumas informações sobre a condição de ser negro na cidade e sua visão inserido naquela realidade.

De origem nordestina, por conta de os pais serem oriundos do estado da Bahia e migrantes por conta do garimpo, Paulo nasceu no município de Guiratinga-MT, distante 217 Km da capital Cuiabá. Criado no município, ele relatou que teve uma infância e adolescência tranquila como

um homem negro naquele lugar. No ano de 2002, após a abertura do edital do concurso público do município de Campo Verde para diversos cargos, Paulo se interessou em prestar. Assim o fez e foi aprovado para cargo de técnico administrativo, sendo efetivado no município a quase 20 anos. É importante ressaltar, que de todos os entrevistados, somente Paulo e Elias, são concursados em alguma esfera (municipal, estadual ou federal), na cidade.

A falta de negros concursados na cidade é retrato da desigualdade social e racial que atinge a cidade. É importante mencionar, que os poucos negros que alcançaram locais de prestígio na sociedade brasileira, são sempre tratados em segunda ordem (FERNANDES, 1989). São sujeitos condenados a serem eternamente considerados o *outro*, abaixo dos que detém o poder, ou a hegemonia.

Paulo relatou que diferentemente de outras pessoas negras, ele não teve problema de entrosamento na cidade, destacando que foi muito bem aceito no meio das autoridades (brancas) o que foi possível constituir bastante amizades. Além de funcionário da prefeitura local, Paulo também é músico profissional, cantor e compositor, possui quatro CDs gravados além de participação em DVDs, tendo oportunidade de cantar com estrelas nacionais, como é o caso de Alexandre Pires. Segundo ele, houve pouca oportunidade de mostrar seu talento na cidade, sempre que teve aberturas e possibilidades, foi através de seu trabalho como técnico administrativo, na prefeitura. Paulo destacou que algumas pessoas apontam que ele não teve oportunidade por não divulgar seu trabalho, contudo, Paulo retruca alertando que todos conhecem o seu trabalho no campo da música, mesmo assim, nunca foi contratado para um show no local, isso chegou a lhe chatear em determinados momentos, porém foi superado, porque já havia criado um certo sentimento positivo com relação a cidade de Campo Verde.

A respeito do trabalho, por ser concursado, discorreu que nunca houve problema, aliás, nos contou alguns feitos que o fato de ser concursado lhe permitiu, como por exemplo o fato de ter sido requisitado para trabalhar no tribunal de contas, onde ficou por 13 anos. Ele nos relatou esse fato com bastante entusiasmo. Paulo nos disse, que por esses feitos e oportunidades que vieram, que não se considera um negro de sorte, porque a sorte acontece mediante ao trabalho que você desempenha, mas ele se considera um negro insistente, incisivo, as vezes um pouco áspero como é conhecido, mas segundo ele, considerado por muitos como um homem chato, *“se você não mostra para que veio, você também não consegue o respaldo, e o respeito você adquire da maneira que você expressa sua firmeza”*.

Paulo é o primeiro sujeito que encontramos que possui residência do lato de alto poder aquisitivo da BR 070. Sobre essa questão ele relatou,

se você for analisar, vou fazer uma observação aqui, que acho, que se você achar quatro negros da minha tez, no bairro Campo Real II, eu acho que vai ser difícil que possua residência fixa. Eu fui humilde em dizer quatro, mas eu só conheço eu, se tiver outro lá eu não sei. Você percebe que esse descontrole de classe é um pouco grande sim, ela é meia que minuciosa mas ela é real, afirmou o mesmo.

A respeito de ser negro, Paulo destacou que era um cara extremamente apaixonado pela sua raça, se for preciso ele briga, para defender sua cor. Nos dizeres do mesmo, entre os poucos funcionários negros em Campo Verde, existe um pouco entrosamento. Com isso, ele levantou algumas hipóteses, acredita que é mais por questão de escolaridade, entendido como uma questão histórica, onde a população negra teve menos acesso, com relação a população branca. Ele acredita que isso ocorreu não por incompetência, mas sim por falta de oportunidade. Paulo discorreu que *“quando surgiu a cota para negros nas universidades foi o maior auê, mas o negro não precisa.... as pessoas acham, mas todo mundo é inteligente! Deus deu sabedoria para todo mundo igual, eu sei que deu, mas oportunidades são diferentes”* ele finaliza dizendo *“nós vivemos em Brasil Tupiniquim e você sabe, né?”*

A respeito das oportunidades na cidade de Campo Verde, Paulo destacou que elas aparecem de acordo com quem você é. Segundo ele, tratando de Campo Verde, de 2001 até 2019, ocorreu uma miscigenação, antes a cidade era mais branca. O tratamento na cidade segundo Paulo, tem ligação com a assinatura, os sobrenomes de origem europeia ganham mais espaços do que os Silva e os Nogueiras. A respeito do racismo, ele discorreu que pouco sofreu, destaca que já chegou em alguns comércios de alto poder aquisitivo na cidade, e as/os atendentes mesmo sabendo que era sua vez de ser atendido, diziam: *“aguarda mais um pouco que depois eu te atendo”*. Paulo minimizou esta situação, discorrendo que como já possuía um certo amadurecimento, uma estrada, uma história de vida, isso é superável. Só não superaria essa situação se chegasse a ocorrer alguma agressão física.

Por fim, após o momento de diálogo com diversas inquietações, questiono-o sobre a cultura afro-brasileira na cidade de Campo Verde, ele começou nos respondendo tratando de sua vida, alertando que precisou migrar da música popular brasileira para o sertanejo, por questão de sobrevivência. Quando se tratava da cultura no que tange a questão racial, ele aponta que é um cara muito atuante nesta área. Contudo, o departamento de cultura deixa a desejar,

visto que não possui nenhuma atividade que cultue a história do negro na cidade, a não ser a capoeira do mestre fumaça que não é vinculado à secretaria de cultura. Conforme Paulo, é um desconforto não ver a cultura negra ser desenvolvida na secretaria de cultura, segundo ele, “*eu vejo com todo respeito a tradição gaúcha, mas falta para a gente aqui desenvolver nossa própria cultura cuiabana que é mato-grossense*”. A tradição gaúcha, segundo ele, sucumbe todas as outras possíveis de serem exploradas na cidade. Para que isso ocorra, Paulo discorreu que precisava de parceria na prefeitura, pois ele tinha grandes ideias, contudo, sozinho não iria a lugar algum, faltavam pessoas, por isso ele recuava.

Finalizamos nossa conversa naquela tarde de sexta feira de 2019, voltamos a nos falar em outro momento naquele mesmo ano. Paulo deixou aberto a possibilidade de construir pontes durante o andamento da pesquisa. A conversa seguiu como o curso de um rio. Em alguns momentos ele percebia a situação do negro na cidade como falta de vontade dos próprios negros, reforçando o mito da democracia racial¹²² e da meritocracia (Nascimento, 2010), outrora entendia a questão como uma situação estrutural que atravessava não somente os negros em Campo Verde, mas em todo o país. Ele, homem negro, apesar de ser concursado e residir na sala de visita da cidade, sempre será o outro, aquele, como ele diz, que possui o sobrenome Silva, que não é de origem europeia.

Ainda na busca por informações no que diz respeito a cultura afro-brasileira na cidade de Campo Verde, conversamos em 2021 com Elias, bibliotecário, nascido em Cuiabá, que estava residindo na cidade a pouco mais de um ano. Aprovado no concurso público realizado no 2019, Elias após a posse migrou para Campo Verde e se instalou no bairro Campo Real, onde também reside Paulo, no que é conhecido como a parte mais rica da cidade. Ele destacou que, como não conhecia cidade, optou por se fixar em um bairro que ficasse próximo ao seu local de trabalho, que se localiza no centro de Campo Verde.

Sentado na cadeira na biblioteca central, onde Elias organizava os livros, dialogamos por algumas horas. Ele destacou que a chegada na cidade representou um choque de realidade, pelo fato de Cuiabá, a divisão social e racial não ser tão exposta como é em Campo Verde. Ao chegar na cidade, os moradores mais antigos, funcionários da administração pública que trabalhavam com ele, alertou sobre os perigos da *Baixada*, a insegurança, como uma forma de manter

¹²² Conforme Nascimento (2010, p. 85) A IDR (Ideologia da Democracia Racial) é talvez a forma mais ampla e sutil de preconceito, racismo e discriminação, porque conduz o negro e a sociedade à crença de que não existe o racismo simplesmente porque ele não deve existir; ou ainda, se há miscigenação biológica como é que pode então existir racismo?

distância do perigo que ocorre logo ali, do outro lado da Br-070. Com isso, ele ficou apreensivo e por isso optou por pagar o aluguel um pouco mais caro, mas reside na sala de visita, distantes dos perigos que a *Baixada* poderia lhe oferecer.

Ela destacou, após observação durante seu trânsito por entre os órgãos públicos, ser um dos poucos funcionários públicos negros lotado na Prefeitura Municipal de Campo Verde em um cargo que exigia nível superior, e que isso ficava ainda mais exposto quando ocorria alguma reunião entre as secretárias, os departamentos e os funcionários. Sobre essa questão ele destacou, que a todo momento se questionava onde estavam os negros e as negras como ele, na administração pública da cidade. Neste contexto, compreendemos a ocorrência, portanto, de uma manutenção do racismo, que atingia também as instituições públicas, recaindo sobre as *gentes negras*.

A respeito da cultura, Elias concordava com as falas de Paulo, destacada no início deste tópico, com relação a inexistência da cultura afro-brasileira na cidade. Ele ressaltou, que em pouco tempo residindo em Campo Verde, em algum momento ouviu falar ou se planejar algo que se volte a cultura negra e as *gentes negras* na cidade. As festas e eventos culturais encabeçados pela prefeitura municipal restringiam-se somente a cultura Sulista, não abrangendo outras gentes. Por fim ele destacou que nem mesmo aspectos da cultura mato-grossense é cultivada na cidade. Sua intenção ao migrar para Campo Verde e trabalhar na secretária de cultura, era poder trazer aspectos da cultura do estado de Mato Grosso, contudo não ocorre um interesse dos gestores para tal feito.

A INVISIBILIDADE DA RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA E A CAPOEIRA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

O racismo enquanto estrutura que segmenta a sociedade entre “raça boa e raça ruim”, produz efeitos negativos sobre a vida das *gentes negras*. Esta problemática ocorre no campo educacional, com a falta de oportunidade, no campo institucional onde os melhores cargos não são ocupados pelas *gentes negras*, no esporte com o racismo contra esportistas negros, na rua, onde os olhares enviesados do Estado têm sido responsáveis pela *necropolítica* contra os negros. Destaca-se que esta condição é também presente no que diz respeito a religião, onde, historicamente, as religiões de matriz africanas são vítimas de intolerância, ou racismo religioso.

Entre as principais, destaca-se o Candomblé, que conforme Nascimento (2010, p. 65) apresenta grau variado e amplo de relações societárias, envolvendo as nações do Candomblé e ainda os terreiros de Candomblé com a sociedade envolvente. O autor discorre ainda que, em linhas gerais, o Candomblé é tradição, resistência cultural, africanidade. Mas é também culto religioso tradicional, seguindo certa doutrina, sistema de poder e socorro aos humanos (NASCIMENTO, 2010).

Pensando nas religiões de matriz africana enquanto forma de manutenção da cultura afro-brasileira, assim como culto das *gentes negras* prestado aos orixás, ao se analisar Campo Verde, notou-se que, assim como as *gentes negras* são separadas estruturalmente dos demais, no que diz respeito ao candomblé enquanto forma de resistência cultural, ocorre o apagamento, que vem também acompanhado da intolerância religiosa. Para Nascimento (2010, p. 72) isso ocorre porque a cultura brasileira, se desenvolveu mostrando com traços primordiais o ser humano negro como inferiorizado e malévolo.

É importante destacar, que durante os quatro anos de doutorado, sobretudo entre os anos de 2019 e 2021, ocorreu a busca por terreiros de candomblé ou umbanda na cidade, sem sucesso. Em diversos momentos, seja de forma presencial ou através de ligação, questionou-se a secretária de cultura sobre a existência ou não de religiões de matriz africanas na cidade, contudo, em todos os instantes de busca, os funcionários ou diziam inexistir, ou ressaltavam que já ouviram falar da existência de algum terreiro na cidade, mas não sabiam dizer onde estavam porque os cultos, quando ocorriam, eram escondidos dos demais.

Neste processo de busca, foi possível conversar com Silvana, que até pouco tempo emprestava sua residência para que os cultos ocorressem, e nos foi indicada através de uma moradora da cidade. Ela nos relatou, após insistirmos no diálogo por entender como importante para a pesquisa, que pouco se fala sobre o candomblé na cidade, com isso, ocorre a impressão da inexistência desta religião em Campo Verde, contudo, mesmo de forma escondida, a prática do culto é presente.

Silvana destacou que quando migrou para a cidade de Campo Verde, na década de 1990, pela falta de terreiro, os cultos aconteciam de forma isolada na cidade, cada dia na casa de alguém. Silvana relatou-nos que a sua casa, durante muito tempo serviu como local de encontro entre os adeptos da religião, sem que ninguém soubesse. Segunda ela, desde quando chegou, o racismo religioso já se fazia presente, inibindo a liberdade de culto no que diz respeito ao candomblé.

Na empresa onde desempenhava uma atividade profissional, Silvana nos relatou que durante vários momentos, desejou comentar com os outros colegas sobre sua prática religiosa, contudo, a opção de silenciar-se, advinha do silenciamento que o racismo estrutural, que recai sobre o racismo religioso potencializa na cidade, com isso, para Silvana, restava-lhe o silêncio. Quando questionada sobre qual religião praticava, ela nos relatou que em alguns momentos optava por esconder, em outros momentos, mesmo sem jeito, ela contava e solicitava que guardasse segredo. Isso ocorria pelo medo de sofrer algum tipo de represália ou racismo na cidade.

Sobre a existência de terreiros na cidade, Silvana relatou que durante algum tempo existiu um terreiro, que se localizava na *Baixada*. Apesar da intolerância, ela discorreu que muitos empresários, pessoas de alto poder aquisitivo residente na cidade, mesmo que de forma escondida da população, frequentavam estes espaços. Contudo, exigiam que seus nomes não fossem em nenhum momento atrelado a prática religiosa existente na cidade, optavam por silenciar-se frente a possibilidade de sofrer algum tipo de retaliação na cidade.

Esta questão, conforme Silvana, ocorre pelo fato de a intolerância religiosa na cidade ser presente, além disso, o catolicismo é a religião dominante, que atravessa também a questão cultural, onde parte dos eventos tem relação com a igreja católica na cidade. Segundo ela, todos os “despachos” eram feitos escondidos, bem escondidos para que ninguém viesse a descobrir. O fato de Campo Verde ser uma cidade pequena, fazia com que as notícias corresse de forma mais ligeira, portanto o medo advinha de outros moradores descobrirem.

Silvana ainda destacou que os praticantes de religiões de matriz africana, optavam por não se exporem tanto, por medo de não serem aceitos na cidade. Até mesmo o responsável, desempenhava sua função sacerdotal e pouquíssimas pessoas sabiam, na verdade somente os praticantes. Outra questão era a falta de placas demonstrando a localidade do terreiro, ou mesmo disponível na internet, demonstrando o medo dos praticantes, que segundo ela, difere da igreja católica e evangélica, onde as placas sinalizam o local de culto.

Por fim Silvana nos relatou já haver sofrido racismo por parte dos colegas de trabalho, as vezes em forma de brincadeira, com o racismo recreativo, outrora, de forma mais enfática, materializando o racismo religioso. Finalizamos nossa curta conversa, Silvana optou por não mais dialogar sobre o candomblé na cidade, ou até mesmo indicar algum frequentante conhecido da mesma. Compreendemos a decisão porque entendemos em suas falas que a

intolerância contra as religiões de matriz africana, é parte presente do racismo em Campo Verde.

Ainda pensando o apagamento da cultura negra e as formas de resistências, descobrimos, em diálogo na secretaria de cultura a existência de um projeto voltado a atender a população carente que ensinava capoeira e tem como professor um homem negro, conhecido na cidade e por todos seus alunos como Mestre Fumaça. Com isso, fomos em busca de conversar com o professor, conhecido como Mestre Fumaça. Esse encontro ocorreu em final de tarde na quadra de esportes na qual ele trabalha, uma hora antes de iniciar as atividades.

Sentado na frente da quadra de esportes que oferece várias atividades para a população local, começamos a conversar. Rememorando um pouco da sua estória e trajetória até aquele momento, ele nos contou que é nascido no estado de Mato Grosso, na cidade de Cuiabá. Reside na cidade de Campo Verde desde o ano de 1997, no mesmo bairro, que é o Bom Clima que fica nas proximidades do bairro São Lourenço, localizado na parte no Sul da BR 070, conhecido popularmente como a *Baixada*. É importante ressaltar que esta foi a única atividade cultural, de origem afro-brasileira que encontramos na cidade.

Ele nos contou que é professor de educação física na cidade desde o ano 2000 e já havia dado aula em várias escolas, contudo, naquele momento se encontrava a serviço especificamente da Secretaria de Esportes e Lazer e de Educação. Aprendeu e se apaixonou pela capoeira ainda criança, e decidiu se aprofundar nos estudos da mesma. A respeito dessa expressão da cultura e resistência negra que na atualidade se difundiu e é praticada por todos, ele nos contou sobre sua percepção.

Quem pratica capoeira, não só aqui em Campo Verde, aqui em Campo Verde tem muito isso também, quem ver a capoeira, quem são os primeiros a ter acesso a capoeira é a classe baixa, é a classe de pele mais escura. Não tem como, é aqui e no Brasil todo, não só em Campo Verde.

Em Campo Verde é bem, só eles mesmo, é bem raro ter um branco no meio, tem porque hoje assim é, eles tentam engolir, né?! A gente empurra de goela abaixo, né?! e hoje tem muito a questão também que as instituições públicas e privadas eles têm muito essas culturas de preservação da cultura negra, eles que meio que, muitas vezes, aqui em Campo Verde mesmo, eu vejo mais por obrigação, que por vontade mesmo não tem, né

As primeiras palavras do professor de capoeira mostraram por quem essa expressão cultural é utilizada. Ele nos contou que as *gentes negras* e de classe baixa, em Campo Verde,

são os que mais participam da roda, com berimbau, tambores, palmas e pandeiros e outros instrumentos. Fontoura e Guimarães (2002, p. 147), tecendo importantes considerações sobre esta arte, no alerta que, a capoeira, sabe-se, é a única luta brasileira que utiliza instrumentos musicais. As rodas de capoeira são ritmadas pelo toque de instrumentos e pelas palmas dos capoeiristas.

É importante tencionar que essa arte foi criada durante o período escravização pelas *gentes negras*, logo, a história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros e negras no Brasil (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002). Apesar de todo o processo de mestiçagem (MUNANGA, 2019), e tentativa de embranquecimento com os projetos eugenistas da população brasileira, a capoeira resistiu e até os dias atuais é praticada pelas *gentes negras* como forma de resistência, caminhando contra o apagamento cultural imposto aos mesmos.

A realização da capoeira em Campo Verde, para ele soava como obrigação, não existia um desejo real por parte do poder público em promover a capoeira. Diferentemente de outros esportes como *taekwondo*, *Judô*, *Karatê*, que inclusive possuem bolsa atleta. Na visão do professor, a capoeira só existe, como uma forma de obrigação em inclusão da cultura negra na cidade, pouco difundida e apagada de forma estrutural, que se materializava na prática (Figura 45). Abdias Nascimento (1978), vai discorrer que esses resquícios da cultura afro-brasileira, continua a existir como forma de comercialização, ou, como atividade para branco, turista ver, visto que o processo de aculturação da sociedade brasileira, é presente nas diversas formas de existência, sempre tomando como base a cultura ocidental.

Figura 45: Projeto Abadá



Fonte: Prefeitura Municipal de Campo Verde, 2019

A despeito da sua realidade enquanto professor e as possibilidade de ensinar a capoeira nas diversas escolas da cidade, Mestre Fumaça nos contou que:

Eu tive um fato ocorrido aqui em 2013, eu peguei um projeto, eu nunca gostei de projeto particular em escola particular, da br pra lá, porque só tem escola particular da br pra lá, pra cá não tem. Vai abrir uma UPA agora que é ao lado da escola Paulo Freire, da escola que era integral. E aí, teve uma escola ai que eu levei um projeto lindo, vídeos, slides, fotos, históricos da capoeira, contando do começo, objetivo o que não tem nada a ver vinculo religioso com candomblé, porque hoje em dia se tem muito medo disso, né, eu falei que não tem nada ver, que é da religião é o capoeirista, a capoeira não existe religião, não tem, e aí, cara, pensa num projeto bem elaborado, apresentei lá, nem resposta, nem resposta não tive. Teve um outra que o pessoal ligou mais não tinha horário, botaram que não tinha horário, mas eu sabia que tinha sim, porque eu já sei a grade deles.

A respeito do preconceito voltado a expressões populares de cultura africana no Brasil, Abdias Nascimento (1978) tece críticas a ideia de que no Brasil, o desenvolvimento da mesma ocorreu de forma fácil pelo fato do país ser livre de preconceitos, endossando mais uma vez a ideia de uma democracia racial. Sempre vemos estudado o tema das culturas africanas no Brasil, a impressão emanada de tais estudos é de que essas culturas existem porque receberam franquias e consideração num país livre de preconceito étnico e cultural (Nascimento, 1978, p.123).

Nascimento (1978, p. 123) destaca também que:

A verdade histórica, porém, é bem oposta. Não é exagero afirmar-se que desde o início da colonização, as culturas africanas, chegadas nos navios negreiros, foram mantidas no verdadeiro estado de sitio. Há um indiscutível caráter mais ou menos violento nas formas, às vezes sutis, da agressão espiritual a que era submetido a população africana, a começar pelo batismo ao qual o escravo estava sujeito nos portos africanos de embarques ou nos portos brasileiros de desembarque.

Mestre Fumaça também nos relatou suas experiências enquanto professor de capoeira na cidade de Campo Verde. É importante ressaltar dois pontos da fala do mesmo exposta acima, com relação a cidade. O primeiro diz respeito a segregação socioespacial recaindo na raça que a cidade está inserida, sendo a BR 070 o divisor. Sobre isso ele nos conta que a presença de colégio particular só se encontra em um lado específico da BR 070. A UPA (Unidade de Pronto Atendimento) se encontrava também em um lado específico da BR 070, contudo, uma UPA próximo a população de baixa renda foi construída e já encontra-se funcionando em 2022.

O segundo ponto é o preconceito contra a capoeira. Ele nos contou que se direcionou à escola particular e apresentou um projeto de ensinar capoeira, desde a história até a prática enquanto um esporte, contudo não foi aceito. Em outro momento, ele relatou, lhes disseram que não existia horário disponível para as aulas. Mestre Fumaça como é conhecido, destacou que já fez pelos menos cinco apresentações na hora do intervalo em escolas particulares, contudo, nunca recebeu um retorno, somente na semana da consciência negra que ele é chamado com seu pessoal para treinar os alunos para uma apresentação, demonstrando uma banalização e uma folclorização¹²³ cultural (NASCIMENTO, 2010). Além disso, o que dificulta é a associação da capoeira com o candomblé, denotando desta forma, uma espécie de preconceito e intolerância religiosa na cidade. Abdias Nascimento (1978), chama essa problemática de Bastardização da cultura afro-brasileira, que vai sendo secundarizada na sociedade, sendo vista abaixo das demais expressões culturais.

Tratando da capoeira e sua dimensão socioespacial, percebe-se a partir da fala do Mestre Fumaça, que o fato da capoeira ser considerado uma arte subalterna na cidade, ela atendia especificamente as *gentes negras* e de baixa renda. A capoeira em Campo Verde, também denuncia o racismo estrutural e a desigualdade socioespacial que rege a cidade do agronegócio. Sobre esta problemática, Fumaça nos diz:

A capoeira, ela tem restrição da avenida pra baixo, pra baixo é de boa. Quatro escola particular, duas infantis e duas livres com todas as faixa etárias, essas duas que são de todas as faixas etárias você não entra. Capoeira não, já tentei várias vezes, não entra, eles não chamam. Poucas vezes.

Quando vai falar de alguma cultura negra, é mais fácil pra eles de assistir um vídeo e ensaiar uma pré capoeira com os alunos, mas não chama a gente.

Percebe-se a dificuldade da inserção da cultura negra como é o caso da capoeira em alguns espaços na cidade de Campo Verde, principalmente nos colégios particulares que atendem a população branca de alta renda residente na cidade. Ele nos contou que dificilmente atende alguém branco na capoeira, visto que os pais preferem que os filhos façam outros esportes por

¹²³ Folclorização cultural; banalização cultural. A cultura do negro, com raras exceções é levada a sério. Suas manifestações são tidas como meras alegorias e folclorismos, sem se apreciar os seus significados, potencialidades e possibilidades, sem estudos aprimorados. A indústria cultural e a ação dos meios de comunicação tornaram-na mais banal ainda. A ausência de contemplação séria sobre a cultura do negro, de forma contextualizada, procedida principalmente nas universidades, não permite o aprofundamento de sua qualidade e abrangência (NASCIMENTO, 2010).

contar bolsa atleta. Ainda assim, ele nos diz que consegue atender 150 crianças de baixa renda no esporte.

Continuamos nosso diálogo, Mestre Fumaça nos relatou como ele vê e entende a cidade. Para ele a cidade é dividida, contudo todos fingem que não existe essa divisão. Ele diz duvidar de negro que resida no bairro Campo Real II. Segundo ele, essa divisão não é de hoje, desde o começo da cidade essa divisão é presente, denotando um processo de segregação. Para demonstrar essa divisão, Mestre Fumaça nos traz como exemplo os parques que se encontram ao Sul da BR 070, sobre isso ele nos disse: “*eles não frequentam o parque, você não vê a classe alta nos parques aqui em baixo*”.

Tecendo considerações sobre como ele enxerga a problemática da desigualdade racial na cidade de Campo Verde, ele destacou que percebia essa situação de forma velada, ou seja, estrutural, não em forma de injúria. Isso acabava dificultando a inserção no mercado de trabalho para a população negra que possuem seus cabelos afros. Sobre essa questão, Mestre Fumaça apontou que:

Visualmente, você discriminar totalmente não tem assim não, é meio disfarçado, mas a gente sente muito a questão de emprego, se você vai procurar emprego em uma empresa em Campo Verde e você usar esse cabelo aí, fazendo alusão ao meu, você demora uns seis meses pra você arrumar um emprego. Meus alunos mesmo gostam dos dreads, do black power, usam, aí, tem meninas, que sentem na pele, pra entrar aí numa Cooperfibra. Não entra, pai!

Agora com essa onda, pra você ver, até do menor aprendiz eles estão fazendo isso também, né? Porque eu trabalho em uma Escola Espirita, Maria de Lourdes que eles pegam menor aprendiz, eu trabalho lá, eu faço um trabalho voluntário pela secretaria, a secretaria me sede pra dar aula de capoeira lá, e em outros projetos aí, vários lugares da cidade eu dou aula, eu acho que é em cinco lugares da cidade e, eu conversando com umas meninas que são do menor aprendiz aí elas me falaram, tem lugar aqui que tem vaga para menor aprendiz mas eles não aceitam, eles batem o olho na gente já manda vir outra pessoa.

Por fim, ele nos relatou a história de uma ex-aluna do projeto que encontrou dificuldade para conseguir um emprego de menor aprendiz na cidade. Isso ocorreu pelo fato de ser negra e portar um cabelo *black power*.

Eu tenho uma menina mesmo que a mãe dela trabalha na Bom Futuro, ela é a gerente, ela é responsável pelo Sementes Futuro, que é um programa de recreação para as crianças filho de funcionários do grupo bom futuro que trabalha nas fazendas. A mãe é negra é do Grupo Bom Futuro contratou ela e ela é muito boa no que faz, e a filha dela é do menor aprendiz. Para poder

trabalhar na Bom Futuro, ela falou que morava na cidade na época, quando ela entrou no menor aprendiz. Antes disso, ela não conseguiu em um lugar em Campo Verde trabalhar por causa do cabelo. O cabelo dela é bem black power, e aí onde é que ela teve que ir trabalhar: pela bom futuro, porque a mãe trabalhava lá e conseguiu um serviço pra ela. Tem muita coisa aqui, o preconceito aqui é bem grande. Por isso a dificuldade da capoeira na cidade.

A nossa conversa demorou mais de uma hora, inclusive sua aula naquele dia iniciou um pouco mais tarde, já no início da noite. As falas dele nos mostraram, a partir de um morador da *Baixada*, como a cidade funciona, tanto no que tange a educação, a aceitação do corpo negro, a dificuldade de encontrar um trabalho por portar um *black power*, que por sinal eu me encontrava portando naquele dia. Além disso, a dificuldade dele de acessar alguns espaços, mesmo sendo professor. Portanto a justificativa que nos resta é a problemática de um racismo estrutural na cidade.

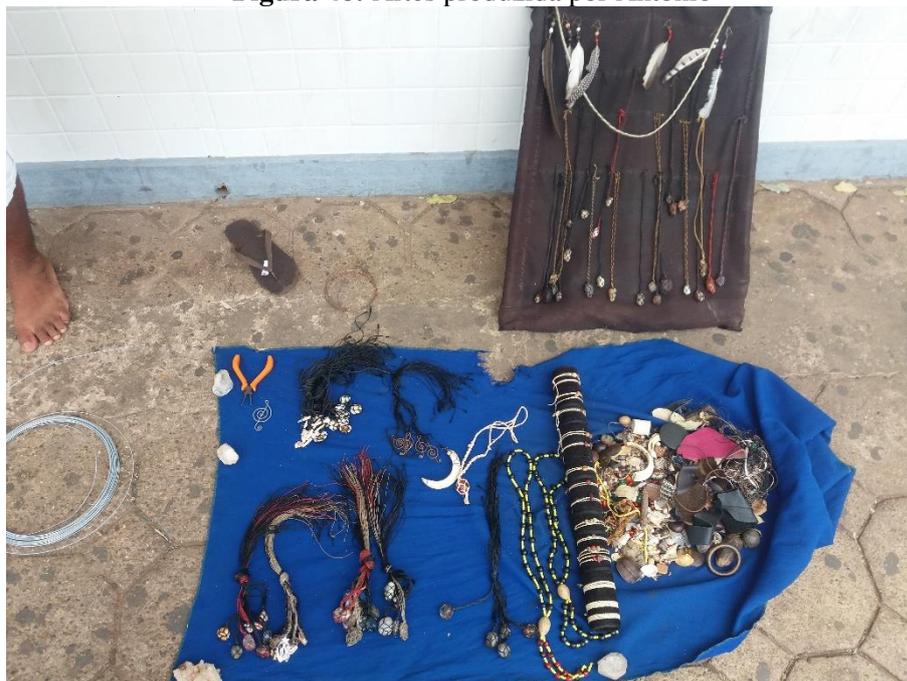
AS EXPERIÊNCIAS DE VENDEDORES NEGROS DE ARTE NA CIDADE DE CAMPO VERDE

Após a conversa com o Mestre Fumaça, foi possível encontrar na praça central da cidade, vendedores de arte, todos eram *gentes negras*. O primeiro que conversamos foi Antônio, ele me parou me oferecendo alguns colares e anéis feitos de coco, começamos a conversar ele foi relatando que nasceu em Natal, no estado do Rio Grande do Norte e é conhecido por andar o Brasil produzindo e vendendo suas artes. Na cidade de Campo Verde ele se encontrava a pouco mais de sete meses, após transitar por várias cidades do país.

Antes de chegar em Campo Verde e apresentar sua arte aos moradores, Antônio passou um tempo em Barra do Garças e General Carneiro, ambos no estado de Mato Grosso. Sobre o acesso à educação básica e sua formação, ele nos contou que teve a oportunidade de estudar apenas até a terceira série, e desde muito cedo trabalha de vender artes e cultura brasileira na rua. Ele destacou que não tem vontade alguma de mudar de trabalho e pretende fazer isso o resto da vida.

A figura 46 nos mostra a arte produzida por Antônia.

Figura 46: Artes produzida por Antônio



Fonte: Arquivos nossos, 2019

A respeito de sua percepção sobre a cidade de Campo Verde, destacou que considera a cidade boa, segundo ele:

Tirando o preconceito e a discriminação, aqui da galera é boa. Aqui tem muito catarinense, gaúcho e paranaense, são as três raças piores do Brasil, eles é só eles, depois ele de novo, depois eles de novo, eles não estão nem aí pra ninguém não, véi. Você dá um bom dia pra galera e a galera vira a cara para o outro lado, ainda mais nós que tem essa cor aqui linda e maravilhosa que eles têm inveja porque não podem ter, então já diz tudo, né? já diz tudo. Mas, tirando isso, irmão, a cidade aqui é show de bola, aqui é massa

Souza (1983) aponta que as práticas racistas do grupo social dominante, longe de serem meras sobrevivência do passado, estão relacionados aos benéficos materiais e simbólicos que os brancos obtêm da desqualificação competitiva do grupo negro. Percebemos, a partir da realidade contada por Antônio, homem negro, que produzia e vendia suas artes na cidade, e das problemáticas tecidas pelos sujeitos entrevistados que, o racismo, a xenofobia são parte dessa prática hierarquizante no que tange ao outro, no caso, o negro.

A respeito do preconceito, Antônio apontou que:

todo dia passo aqui, a galera implica com cor, profissão, meu modo de falar também, mas eu não ligo não irmão, o cara me xinga aqui eu o abençoo. Eu acho que eu faço minha parte, cada um faz a sua. Deixei minha mãe em Natal,

meu pai já é falecido, tenho 9 filhos, adotei mais um na cidade, logo, tenho 10 meninos. Os novos estão espalhados no Brasil, tem no Amazonas, tem na Bahia, tem em Sergipe, tem Alagoas, tem Natal, tem Fortaleza. A minha mais velha tem 16 anos e o mais novo tem 6 anos, tenho contato com todos, só uso celular na hora de falar com eles, não uso pra nada em outro horário.

Antônio tentou amenizar a questão do preconceito de cor, acredita que, não denunciar na fala, ou “abençoar” em situações vexatórias, diminui a problemática estruturada na cidade de Campo Verde. Contudo, não diminui, o racismo continua fazendo seu percurso na cidade, hierarquizando os corpos e separando as *gentes negras*, pensadas como inferiores, dos demais. Para Florestan Fernandes (1989), a desigualdade racial é uma das desigualdades estruturais da sociedade brasileira, recaindo sobre Campo Verde.

Por fim, a respeito da questão cultural do negro na cidade ele achou muito fraca, com pouco incentivo. Finalizando o diálogo, ele nos disse “Se eu for contar mais história aqui, você pode preparar quinhentos cadernos desse aí que ainda não dá não. Eu viajo no Brasil a 24 anos, sou um maluco de BR, porque tem o *rip* e o maluco de BR, que é aquele que leva a cultura de rua até a sociedade”. Antônio continuou a expor sua arte naquele local, em alguns momentos ele implorava para que as pessoas comprassem para que ele pudesse se alimentar. Por algum momento eu fiquei assentado com ele. A realidade é que as pessoas fingem sua inexistência.

Já nos despedindo, Antônio nos indicou para conversar com Juliana, que se encontrava na mesma situação que ele, vendendo sua arte na mesma rua, mais à frente na praça central de Campo Verde, e assim caminhei, a procura e em busca de dialogar com ela.

Após caminhar alguns metros no centro da cidade, cheguei, me apresentei e me assentei próximo a ela. Enquanto Juliana fazia sua arte, fomos dialogando, ela nos contou que é nascida no estado do Pará, na cidade de Marabá e se encontrava na cidade a apenas quatro dias. Ela relatou que já passou por várias cidades, inclusive não era a primeira vez que estava em Campo Verde.

A respeito da cidade, Juliana apontou que é uma cidade muito boa, de todas que ela já passou, Campo Verde era uma das melhores. Perguntei onde ela se encontrava instalada naqueles dias, ela disse que seu endereço é a rua, não tem bairro certo, qualquer lugar que tiver, ela dorme, com seu cachorro que não lhe abandona. Aliás, ela havia o adotado após chegar na cidade.

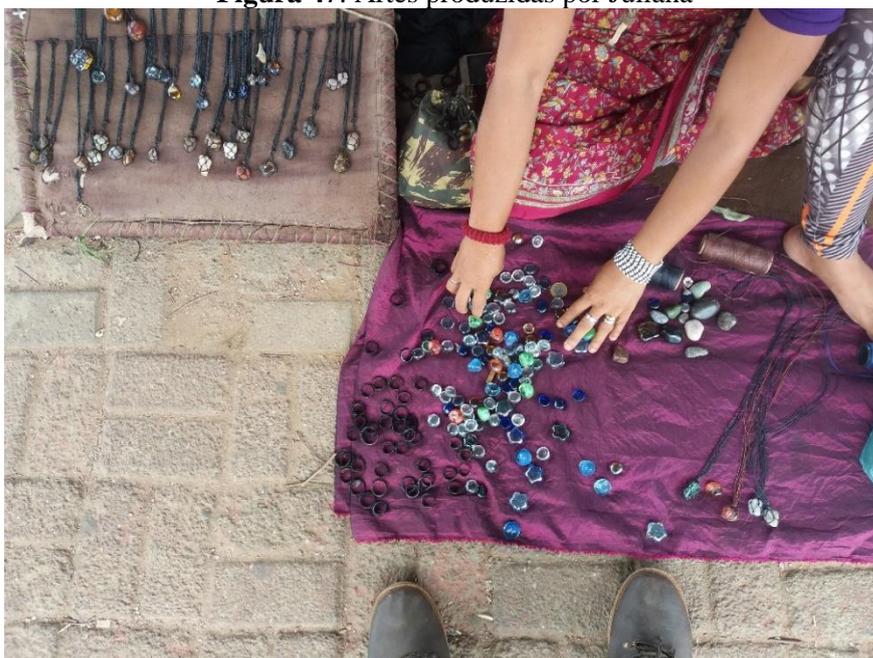
Juliana disse que estudou apenas até a oitava série e trabalhava a muito tempo vendendo arte nas ruas das cidades brasileiras, contudo tinha vontade de mudar de profissão. Sobre essa questão, discorreu, que

o problema é que pra arrumar um trabalho, tem que estabilizar, né, outra coisa você bota um currículo, você tem que esperar um ano ou mais pra poder ser chamada, eles parecem que não ver que a gente tem competência, eles não botam fé.

Segundo Neuza Santos Souza (1983) a raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição de pessoas na hierarquia social. Em outras palavras, a raça se relaciona fundamentalmente com um dos aspectos da reprodução das classes sociais, isto é, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social. Dentro dessa questão apresentada por Juliana, percebe-se como a raça opera no que tange as oportunidades. Por isso, torna-se indispensável pensar raça se relacionando com classe. (FERNANDES, 1989).

Cabe ressaltar que Juliana ficava estabelecida durante o dia na praça central da cidade, considerada um ponto turístico, e a noite dormia no banheiro da praça. A respeito do racismo ela nos diz que não tem tanto assim, que existe lugares piores. Neste momento, alguns clientes chegavam para ver e comprar suas artes. Juliana, alegremente entoava: “Venham, meninas, a Black Friday, está na promoção, comprem, pois, é somente para pagar minha alimentação. Enquanto ela vendia, seu cachorro dormia ao seu lado, no calor de Campo Verde (Figura 47).

Figura 47: Artes produzidas por Juliana



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Após dialogar com Antônio e Juliana sobre suas realidades enquanto vendedores de arte na rua de Campo Verde e suas percepções sobre a cidade, tivemos a oportunidade de conversar com Luan, o último vendedor de arte que também produzia seu material na praça central de Campo Verde. Luan, diferente dos outros entrevistados vendedores de arte, é casado e caminha por esse Brasil com suas duas filhas e sua esposa, que também produzia arte na praça central.

Naquela praça branca, de ambulantes negros, começamos a conversar e ele me relatou que é baiano do município de Jacobina, conhecida como a terra do ouro, localizada na região norte da Bahia. Disse também, que adotou como estilo de vida, vender suas artes por diversos lugares do Brasil. Quando falei que estava ali a fazer uma pesquisa no que tange a cor, ele me disse: posso te ajudar, já andei por diversas cidades que são regidas pelo agronegócio e sei bem o que é ser negro nesses locais. Agradei a ele, e disse que o foco principal do trabalho era a cidade de Campo Verde, que em outro momento podemos entrar em uma discussão mais abrangente, que exceda a cidade preterida. Nesse momento, ele me disse:

olhe, nessa cidade, as pessoas não gostam de negro, nem de nordestino e nem de índio e, eu sou descendente dos três. Aqui, eu sofro bastante, as pessoas passam aqui e eu dou boa tarde e elas não respondem. Alguns até compram meus tramos, mas não me dão nem água, sabe?! São pessoas que não estão nem ai pra você.

Questionei a ele, mas só pelo fato de ser negro, ele me respondeu:

“sim, porque eu tenho vários outros amigos que são hippies e são loiros e brancos e não passam por isso”.

A respeito da cidade ser dividida em dois lados, ele discorreu:

você acredita que todas as cidades que eu passei de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que são cidades do agronegócio, são dívidas.

Sobre isso, citou o exemplo de Chapada dos Guimarães e São Gabriel do Oeste. Ele discorreu que nessas cidades, os valores dos aluguéis são altos e, como geralmente ele fica com uma família um período em cada cidade, ele destacou que mesmo nos bairros considerados de baixa renda, o fato da cidade ser do agronegócio, encarece o valor das moradias e dos alimentos, logo, fica caro residir nesses locais”.

Sobre o preconceito por conta dos *dreads*, sem titubear, respondeu que sim, sofre bastante. Ele discorreu, que ocorre da seguinte forma:

eu estou andando na rua, daí venho com minha arte, meu painel, tudo certinho, com o foco de fazer uma flor, fazer um coração para entregar para pessoa, com amor, para levar alegria para o próximo, daí, as pessoas me veem de longe e, é justamente pelo cabelo, daí eu vou na direção de oferecer meus produtos e acontece que essas pessoas partem para o outro lado da rua, te juro. Antes de passar por mim, passam para o outro lado da rua e, às vezes está vindo outro moleque do outro lado da rua, todo playboy, bem vestido com boné de marca e tênis de marca, mais é ladrão que fica roubando a população.

Durante aquele tempo em que dialogávamos no chão da praça, no bairro central da cidade, muitas pessoas transitavam de lá para cá, pois era horário de almoço, e olhavam como sinal de estranhamento, como se quisessem dizer o que estávamos fazendo ali. Era notório os olhares enviesados que seguiam seus caminhos. Eram dois negros juntos em uma área que poucos negros transitam, por ser considerada área nobre, e ser ocupada por pessoas brancas e isso causou estranhamento nas pessoas.

Por fim ele discorreu que se encontra na cidade a algum tempo e, pretende seguir viagem dentro de alguns dias para outras cidades do Brasil. Ele ainda ressaltou que se encontrava na cidade com sua esposa e suas filhas, e que como grande parte dos negros e negras que residem naquela cidade, ele mora do outro lado da Br-070, distante do centro, na *Baixada*, onde os aluguéis são mais baratos, onde eles são aceitos e todos os dias vem para a praça para vender seus produtos (Figura, 48).

Figura 48: Um baiano, negro em Campo Verde e seu dreads



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Ali, se encontravam dois baianos, dois migrantes, dois nordestinos, dois sonhadores, dois maridos e dois negros. Ali se encontrava pessoas brancas que saiam dos bancos e supermercado. Ah, inclusive é importante relatar que, já era mais de meio dia, eu já havia almoçado, ele se encontrava na praça que se localiza do lado de um mercado que vende comida. Contudo, como o valor não é acessível e aquele mercado é para servir determinada população, ele não se encaixava nos padrões dos que frequentavam aquele estabelecimento.

Nessas horas, o coração se dividiu entre o pesquisador e o ser humano, pois a fome como já nos ensinou Carolina Maria de Jesus (1960), é uma professora e dói para todos que a sentem todos os dias. E, no Brasil, falar de fome é ir ao encontro a grande parte da população negra, residente nos grandes e pequenos centros, nas ruas, nas favelas, nas vielas, nos becos. É falar das mães e pais que não conseguem minimamente ofertar três alimentações diárias aos seus filhos. É falar da população em situação de vulnerabilidade social, que em grande parte são negros e negras, por esse Brasil.

INDO EMBORA PELA BAIXADA

A *Baixada* enquanto conceito central desta pesquisa, possibilitou a compreensão de um outro espaço, cujo as *gentes negras* que dela partilham são atravessadas por um conjunto de problemáticas que as invisibilizam com relação aos demais. É importante pontuar, que na cidade do agronegócio, cujo a luminosidade, a fluidez é participante do cotidiano, a inclusão precária e/ou exclusão são também participes deste processo, em que alguns corpos-espacos, como é o caso de parte dos negros e nordestinos que ali habitam, são marcados como o outro neste processo, que precisa ser alocado em um local específico, constituindo, neste caso, uma fronteira que com o tempo, passou a ser naturalizada.

O ponto de início deste trabalho, após caminhar e observar o funcionamento da cidade, foi a *Baixada*, carregada de sons e de cheiros, de movimento, de gentes migrantes, de estórias e trajetórias. De vida. De resistência. Na busca pelas *gentes negras* em Campo Verde, a *Baixada* se apresentou como o território onde a maior parte dessas gentes ousam construir suas geografias, uma outra geografia contra hegemônica, na cidade que se constituiu a partir da ideia de branquitude, produzindo desta forma uma hierarquia social e racial que se materializa a luz do movimento, das gentes que partilham de forma desigual aquela realidade.

A experiência de andar em campo, produzindo os materiais que foram inseridos nesta tese de doutorado, foi carregado de descobertas, mas também de negações, de fronteira, de racismo.

Destaco que na condição de pesquisador, vivenciado uma cidade branca, eu também era o outro, era o negro, o nordestino, aquele que precisava se manter longe. Portanto, nos momentos que me direcionava até a praça central, ou aos órgãos públicos, os olhares enviesados (NASCIMENTO, 2010) eram meus acompanhantes indiscretos. Contudo, ao caminhar pela *Baixada*, a aceitação para o diálogo, na maioria das vezes, parecia-me mais aberto, sobretudo quando além de ser um homem negro, em alguns momentos de posse de um *black power*, eu apontava que era também nascido no Nordeste, no estado da Bahia. Acredito que esta condição possibilitou a construção de ponte, pois caso não fosse negro e nordestino, creio que esses diálogos, por vezes acompanhado de um café seriam mais difíceis.

O seguir viagem, ou ir embora pela *Baixada*, representa, por hora, a finalização dos últimos três anos e nove meses de doutorado, que apesar de todas as problemáticas enfrentadas no mundo, como é o caso da pandemia da *covid-19*, que foi parte presente da pesquisa que aqui trazemos, concluímos. O descortinar tanto no tempo, quanto no espaço, demonstrou uma outra Campo Verde, aquela cujo rostos não são materializados na mídia hegemônica, cujo as histórias são produtos de apagamento e cujo a cultura é inferiorizada e vítima constante de intolerância, perpassando pelos ritos, pelos ritmos, pelas danças, pela religião, mas também pelo corpo.

A *Baixada* foi se apresentando ao longo da pesquisa, como a expressão de um lugar caracterizado para um grupo específico, neste caso, as pessoas de baixa renda que não conseguiam pagar para residir fora da *Baixada*. Neste contexto de grupos de baixa renda, durante a pesquisa, notou-se que inseridos nesta problemática estão parte das *gentes negras* e nordestinas, que na *Baixada* encontraram a possibilidade de inserção, mesmo que de forma subalternizada, na cidade de Campo Verde, produzida pelo capital, atrelado a agricultura mecanizada.

A migração é um fenômeno central da produção das geografias na *Baixada*, e aqui pontuamos que esta questão não restringe somente as migrações sulistas como representação da chegada do progresso, como se atrela aos livros, jornais e notícias que vinculam sobre as cidades do agronegócio no planalto central, criadas por incentivos governamentais a partir da década de 1970. Este fenômeno aqui aparece com as gentes que migraram de outras regiões do país, que talvez nunca tenham conhecido o Sul do Brasil, mas são nessas cidades do agronegócio que ocorre a produção de encontros, Sul, Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste, mesmo que de forma hierárquica acontecem, produzindo outras geografias.

A migração do nordeste para outras regiões do país, primeiramente o Sudeste e posteriormente o Centro-oeste se materializa nas ruas da *Baixada* de Campo Verde. Como pontuamos durante o trabalho de campo, uma rede se estabelece e produz essas interconexões responsáveis por gerar esses processos migratórios. O Nordeste, ainda construído no imaginário popular como a ideia de terra da pobreza, da miséria como apontado por Albuquerque Junior (1999), apresenta-se como ponto de partida para alguns que enxergam a possibilidade de emergir a partir do deslocamento. O Sul, construído também como o local da salvação do nordestino, apresenta-se como o principal caminho, contudo, neste caso, o Sul aqui se materializa como o local da oportunidade, portanto não se restringe somente a região Sul do país, abarcando outras localidades, como por exemplo a região Centro- oeste.

Destaca-se que muitos destes deslocamentos que ocorrem no e pelo território brasileiro, formado de migrantes que buscam construir suas geografias em outras localidades que lhes ofereçam oportunidade, por vezes, ocorrem mais de uma vez. Muitos dos migrantes que encontramos na *Baixada*, já vieram migrando, realizando travessias de outras localidades, e possivelmente continuarão migrando, seguindo para o desconhecido destino em busca de trabalho, que é o principal motivo que os levam a realizar este processo de deslocamento.

A *Baixada*, podemos dizer que fomos percebendo ao longo do nosso trânsito, construindo e sendo construído na cartografia das andanças, nos últimos quatro anos, que é o espaço de significação subalterna (BHABHA, 1998). Caracterizada pelas gentes que foram e continuam sendo subalternizadas, pela cor, classe, condição social, mas também pela condição regional, neste caso o racismo estrutural materializado nas experiências do corpo-espaço da *Baixada* na cidade, vem acompanhado também da xenofobia, do ódio contra o que migrou de outra região, neste caso os nordestinos que são gestados como maranhenses.

As lentes da interseccionalidade pareceu-nos adequado para pensar este espaço, tanto no que tange as mulheres negras e seus atravessamentos pelo corpo-espaço, quanto para pensarmos os homens e suas experiências na cidade. Neste contexto, a sobreposição de estruturas, permitiu compreender que as experiências são vivenciadas de forma diferente tanto na condição de homem, quanto na condição de mulher. Para os homens, o corpo transita de casa para a fazenda, a trabalho, neste caso, os trabalhos subalternizados, a cidade é transitória, vivenciada aos finais de semana, a estadia ocorre na fazenda, de onde recai o sustento para a família que por vezes ficam na cidade. Para a mulher negra, que se desloca para acompanhar por vezes o companheiro, esta vivencia a cidade de forma mais intensa, compreende mesmo que da *Baixada*

seus movimentos, quando se desloca para o supermercado, para o posto de saúde, ou para buscar o filho na escola. Para ela, a necessidade de se comunicar, denuncia o dialeto externo, onde a condição de raça, classe e gênero, atrelado a origem regional é produtora de diversos preconceitos, entre os quais o linguístico.

Quando estão na cidade, a *Baixada* lhes são o local de estadia, de manutenção familiar, de encontro, de vida, de possibilidades. A *Baixada* neste contexto, mesmo que se apresente como local periférico com relação a cidade, para essas gentes é a possibilidade continuar tentando ascender na lógica que a cidade se encontra inserida. Para homens e mulheres a *Baixada* é também vivenciada de forma diferente, pois dentro do contexto de divisão do trabalho, que recai sobre a própria divisão familiar, cada um desempenha uma função específica na gestão do lar na cidade, como forma de reprodução da vida.

As quitinetes e autoconstrução adornam a paisagem que os nossos olhos abarcam ao caminhar pela *Baixada*. Algumas residências que foram construídas após a emancipação da cidade, por exemplo no bairro Jupiara, já perderam suas características iniciais, pois foram sendo moldadas pelas gentes que foram passando por estes espaços. Os mercados são para atender aos moradores daquele local. As feiras, muitas das quais oriundas de produtos do próprio assentamento, também produz a construção de geografias entre os moradores da cidade e da zona rural. A caminhada é presente, não somente enquanto processo de migração, mas também como forma de deslocamento por entre os bairros que compõe aquele território.

A *Baixada* é também onde as crianças brincam nas ruas, onde o entregador de panfletos transcorre aquele espaço, onde o vendedor de picolé empurra seus carrinhos, onde as lojas produzem um micro centro que atender aquelas gentes que partilham daquela geografia. As mães levam seus filhos para a escola, que na *Baixada* aparece como um trabalho feminino. Os carros e a motos, dividem espaços com as bicicletas, não para realização de atividade física, mas como um meio de locomoção. Os mototaxistas também ocupam aquele espaço, constroem cartografias por entre aqueles bairros, aquelas ruas, que possuem múltiplas territorialidades. O período noturno é marcado pelos deslocamentos mais rápidos, pois as ruas encontram-se mais vazias. Os bares são também ponto de encontro, de descontração.

O batalhão da polícia militar estadual, demonstra o perigo presente, construído no imaginário das gentes que residem do outro lado da BR-070. A existência da “Faixa de Gaza”, localizado na Avenida Bahia, no bairro São Lourenço, é de conhecimento de todos. Para os que partilham diariamente daquela realidade, é entendida como apenas mais uma rua da *Baixada*,

onde para além da questão do perigo construído, residem moradores de bem, trabalhadores, pessoas que encontraram naquele território, um local para se abrigar e construir possibilidades de ascensão social e financeira na cidade. Contudo, para os que não partilham daquela realidade, que residem nos bairros de alto poder aquisitivo, distante do perigo que a “Faixa de Gaza” oferece, este espaço é entendido por inexistir segurança, por existir contratemplos, pelo tráfico de drogas, pela periculosidade, portanto, aos que podem, a distância é o único caminho possível para se manter distante do perigo. Com isso, a narrativa dos que residem de um lado, contrasta com a narrativa e a vivência dos que dos vivem do outro, e que partilham daquela realidade todos os dias.

As *gentes negras* e nordestinas são parte ocupante daquele território, mas também existem os sulistas, os sudestinos, os nortistas, dotado de tensões e conflitos, de apagamento, mas também de solidariedade, de encontro, de agenciamentos. Muitos dos que migram, fizeram este movimento porque algum conhecido já realizou este mesmo trajeto, representando uma espécie de abertura de caminho para os outros que posteriormente virão. Existem os que ficam temporariamente, neste caso, atrelados ao período safrista, contudo, muitos não ficam por serem inseridos de forma subalternizada na cidade, com isso, atrelado a saudade, que é parte da vida dos migrantes, preferem realizar a migração de retorno. Mas existem também os que migram para a safra e continuam, ou os que chegam sem está no período safrista para tentar a vida, estas se estabelecem, mesmo que na condição de *outsiders* e tornam-se moradores permanentes da cidade, inseridos na *Baixada*.

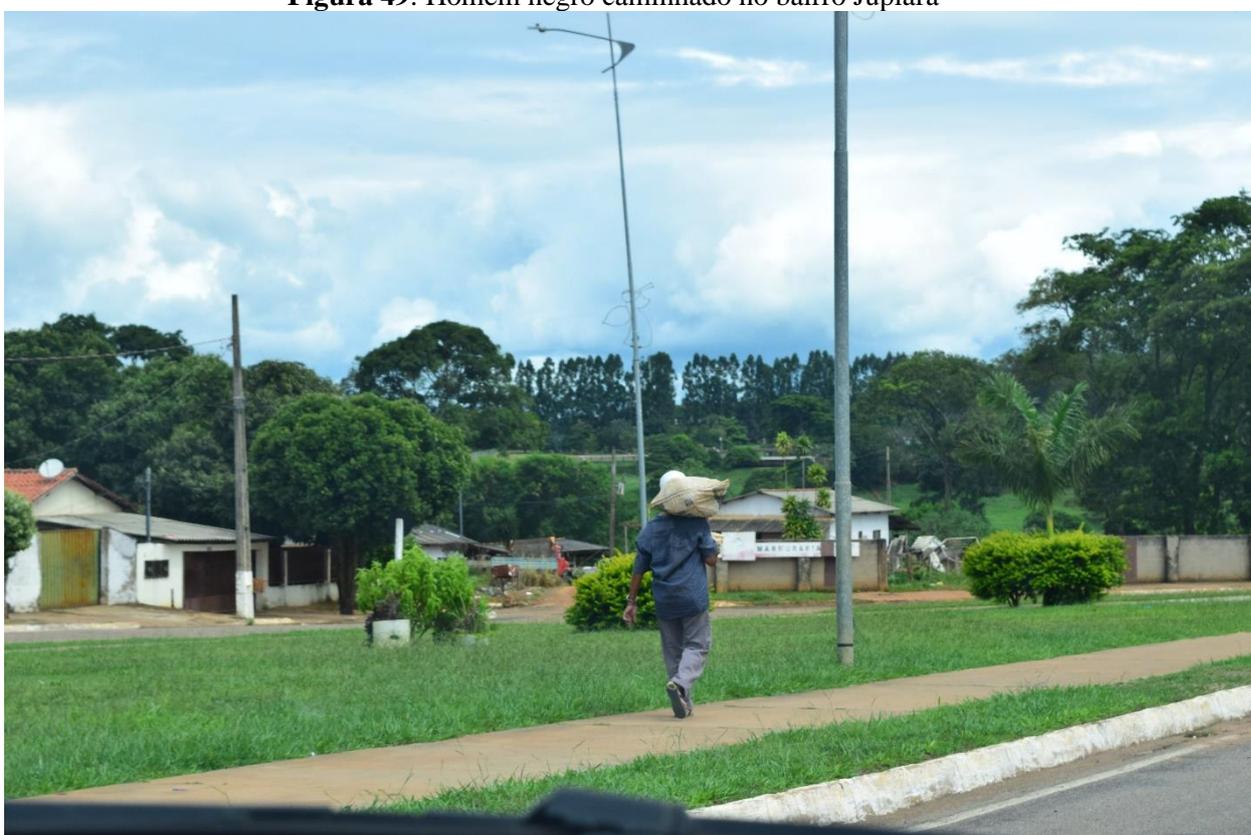
Neste contexto, a *Baixada* é o espaço da mobilidade constante, as casas ocupadas, muitas são apenas temporariamente, por isso, as placas de aluga-se e vende-se pregadas na frente das casas, são presentes ao caminhar por aquele espaço. A ideia de uma cidade prospera, rica, de possibilidade para todas as gentes que partilham daquele lugar não se materializa nas ruas da *Baixada*, cujo contrastes são presentes na paisagem, com isso coaduna-se diferentes mundos, diferentes condições de vida. De casas de alvenarias, a casa de madeiras. De ruas asfaltadas, a ruas cujos buracos adornam aquela realidade. De casas muradas com cercas elétricas e câmeras, a casa, cujo a cerca mescla madeira e arame farpado. De praças limpas, a praças cujo poder público municipal não possui o mesmo cuidado que outras localidades. Das chuvas que alagam as ruas e fazem o esgoto correr por entre alguns bairros.

Ir embora pela *Baixada* é também trazer todo esse conjunto de problemáticas que foi sendo descortinado ao longo da pesquisa de doutorado. É trazer o apagamento desde os

primórdios das *gentes negras* na história local. É partir sem saber qual importância e qual a história da Avó Venância para a emancipação da cidade, é seguir sem saber mais sobre Preto Goís. Seguir viagem para outros destinos é partir da *Baixada* sabendo da inexistência de uma valorização da cultura afro-brasileira, é saber que a capoeira é estigmatizada por parte dos moradores, é saber que a intolerância contra as religiões de matriz africana, é tão presente como as plantações de soja adornam a BR-070 que corta a cidade. É saber que a propaganda do agro, espalhada por toda a cidade, esconde as problemáticas, cujo a cor, atrelado a outras condicionante é um demarcador de acesso e oportunidades na cidade.

Portanto, a ideia de uma cidade inclusiva, ao caminhar pela *Baixada*, construindo a *cartografia das andanças*, foi possível perceber, que na verdade ocorre um processo contínuo de exclusão do outro, neste caso as *gentes negras*. O agronegócio, produtor de riquezas concentrada a luz do capital, contraditório e desigual, utiliza da mão de obra das *gentes negras*, como sujeito sujeitado, ao mesmo tempo, que o tenta inviabilizar, inclusive no seu próprio uso, em condições subalternizadas, inserindo-o na *Baixada*, abaixo dos demais.

Por fim, saindo de cena, a condição de ser negro, no conjunto de camada de opressão é o que produz em Campo Verde a exclusão. A aspiração das *gentes negras*, neste caso, como nos alerta Santos (1995) é ser tratado, minimamente como um homem comum.

Capítulo V - ICONOGRAFIA DAS *GENTES NEGRAS***Figura 49:** Homem negro caminhado no bairro Jupiara

Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Figura 50: Crianças negras brincando na quadra, localizado na Baixada



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Figura 51: Mulher negra caminhando na rua Paraná



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Figura 52: Mulher negra caminhando no bairro São Lourenço



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Figura 53: Homem negro trabalhando em frente a UPA



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Figura 54: Vendedor de arte no centro de Campo Verde



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Figura 55: Homem negro trabalhando em uma construção no bairro Campo Real



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Figura 56: Mulher negra andando de bicicleta no bairro Recanto dos Pássaros



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Figura 57: Gentes negras caminhando em frente a UPA



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

Figura 58: Mulher negra caminhando no bairro Loteamento Santa Rosa



Fonte: Trabalho de Campo, 2019

Figura 59: Mulheres negras se deslocando na *Baixada*



Fonte: Trabalho de Campo, 2021

A EXPERIÊNCIA DE ENEGRECER A GEOGRAFIA

Antes de discorrer sobre a experiência de enegrecer a geografia, gostaria de iniciar este tópico, que finaliza esta tese de doutorado, discorrendo sobre a experiência de tornar-se negro. Transcorrendo por e sobre os atravessamentos que estiveram presentes na minha existência até aqui, assim como as experiências vivenciadas a partir do corpo negro, entendido como abaixo dos demais.

Até o ingresso no doutorado, pouco ou quase nada eu sabia sobre a condição social e racial do negro na sociedade brasileira. Eu sei que essa afirmação paira como ignorância da minha parte, ao apontar a falta de conhecimento já aos 24 anos, contudo, os espaços que eu percorria e as instituições que eu estudei, que todas foram públicas, pouco abordaram a condição racial, ficando relegado somente ao dia da consciência negra, como se fosse um protocolo a ser cumprido. Gostaria de ter tido acesso as escritas de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez antes de ingressar na graduação, mas só as conheci no doutorado.

Destaco que, termos racistas eram presentes no meu dialeto, como por exemplo: denegrir, pois não enxergava problema em brincadeiras racista que eu sempre fui o alvo por conta da cor da minha pele. A associação da minha imagem com a de um macaco foi presente ao longo do meu ensino básico. Já nos meus primeiros empregos, me associavam a cor do asfalto. Na verdade, existia uma aceitação da minha parte da condição de ser inferior aos demais por ser negro, ou apelidado como o negão, da cor do asfalto e cujo fenótipos são de um macaco.

Durante o período que lecionei no Cursinho Popular Zumbi dos Palmares, organizado pelo Movimento Negro Unificado de Rondonópolis, durante as reuniões com os coordenadores e professores, passei a perceber, mesmo que pouco, a importância desta problemática na sociedade brasileira, contudo ainda sem muita profundidade teórica e epistemológica. Apenas os personagens Zumbi e Dandara dos Palmares, como símbolo da resistência negra, eram apresentados, o que passou a gerar em meu interior uma curiosidade.

Na condição de professor temporário do cursinho, no ano de 2017, lecionando em duas escolas municipais da periferia da cidade de Rondonópolis, estado de Mato Grosso, era notório que majoritariamente as *gentes negras* eram ocupantes das cadeiras da sala de aula. Muitos chegavam para aula atrasados, viam direto de suas atividades profissionais de ônibus, e enxergavam naquele cursinho a possibilidade de ingresso em uma Universidade Pública para

conseguir ascender socialmente e minimamente mudar de trabalho. Era perceptível também, que as *gentes negras* que cursavam aquele preparatório, eram também atravessadas pelo etarismo, muitos dos quais não conseguiram estudar na idade adequada, e retornavam à sala de aula depois de vários anos.

As mulheres, mãe solo, levavam seus filhos para a sala de aula e por vezes, a geografia dos conteúdos do Exame Nacional do Ensino Médio, era atravessada pela geografia da vida, do chão, da realidade, com isso, as histórias e trajetórias eram contadas em sala de aula. Destaco que as angústias da vida também era participes daquelas aulas. Jamais esqueço da fala de uma aluna que já possuía 62 anos, que disse: “Professor, voltei a estudar somente agora, depois de quase cinquenta anos, porque meu marido morreu, pois ele não deixava eu estudar”. Essa condição de ser proibida de estudar pelo marido, vem ao encontro do machismo que atinge as mulheres na sociedade, sobretudo as mulheres negras.

Aquela realidade foi produzindo em meu interior algumas inquietações e questionamentos sobre a condição das *gentes negras* na sociedade. Destaco que passei a observar que minha mãe, era também atravessada por várias questões que também atravessavam as vidas das minhas alunas naquele cursinho pré-vestibular. Até aquele momento, minha mãe, que nos criou sozinha, com ajuda financeira de alguns tios e pessoas que passaram pelas nossas vidas, trabalhava de empregada doméstica em duas residências e em uma delas, os patrões solicitaram que ela só se assentasse a mesa quando eles se retirassem. Aquela situação que antes parecia-nos normal, entendido apenas como um protocolo, passou a gerar inquietações.

No que diz respeito aos estudos, quando ainda era recém-casada com meu pai, ingressou no curso de técnica em enfermagem em Salvador, contudo, não foi possível concluir, por conta do machismo do meu pai que a impedia de prosseguir estudando para melhorar de vida. Somente cerca de vinte e cinco anos depois, já divorciada e residindo em outro estado é que a realização do sonho da juventude veio a ser realizado, quando ingressou no curso aos 44 anos de idade, conseguindo concluir aos 46, quando eu já estava cursando o doutorado. Hoje, a formação possibilitou não só a mudança de trabalho, mas também uma condição de vida, inclusive possibilitando o financiamento da casa própria aos 49 anos de idade, demonstrando como que a estrada percorrida pelas *gentes negras* é estruturalmente mais pedregosa do que as para as gentes brancas, neste caso, as mulheres negras são as que mais sofrem.

O final daquele ano (2017), representou a aprovação no doutorado no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados. Recordo muito bem, que durante a construção do projeto de pesquisa, a ausência de estudos sobre geografia e a questão racial na biblioteca da Universidade Federal de Rondonópolis e nos periódicos *online*, era presente e dificultava o diálogo entre o desejo da pesquisa e os autores que estudasse a temática proposta. Destaco, que fui percebendo, caso eu fosse aprovado, a importância do estudo proposto, sobretudo por pensar a problemática racial dentro do contexto de uma cidade pequena, pois grande parte das pesquisas realizadas foram em grandes centros do Brasil.

Ingressar no doutorado no início do ano de 2018, representou também a continuidade do processo de enegrecimento que eu vinha passando, iniciado durante os questionamentos no cursinho pré-vestibular e vivenciando as condições subalternizadas que minha mãe enfrentava em suas atividades profissionais na condição de doméstica, na casa de patrões brancos. As leituras que inicialmente não me faziam muito sentido, aos poucos foram descortinando e abrindo um novo mundo de encontros, na verdade o mundo que o meu corpo enquanto um espaço que é deslocado para as *Baixadas*, estava inserido. As letras de *Rap* que eu ouvia durante minha adolescência passaram de mínimas rimas a fazer sentido para mim. Os episódios de racismos cotidianos que atravessou minha existência até aquele momento, já não era visto como deslocado da minha trajetória, mas parte de uma estrutura que historicamente me construiu no imaginário popular como o outro.

A partir deste momento, passei a garimpar autores negros e negras da geografia e de outras áreas das ciências humanas que não somente subsidiasse minha pesquisa, mas também meu processo contínuo de descoberta, de emancipação e de produção de resistência. Percebia um esforço dos professores do programa de pós-graduação em me ajudar durante as disciplinas com temáticas raciais, cujo as *gentes negras* eram tratadas apenas na condição de escravizado, retomando ao período colonial e imperial na história do Brasil. Notei que este processo de enegrecimento em mim, produzia na geografia de Dourados, mesmo que pouco, um processo também de enegrecimento. Para alguns professores, mas também colegas de turma, era uma temática importante, mas também complexa de se adentrar.

Um dos meus questionamentos principais durante o primeiro ano de doutorado era: por que, durante os quatro anos de graduação e os dois anos de mestrado, o único autor negro que me foi apresentado, dentro de um contexto de discussão em torno do processo de globalização, foi Milton Santos?! Destaco que as obras de Milton Santos vão além da discussão sobre

globalização, com artigos e capítulos de livros publicados sobre a condição do negro na sociedade, contudo, em nenhum momento essa questão foi abordada em sala de aula. Passei também a questionar onde estava os autores negros na geografia?! Durante os anos de graduação e mestrado, os corredores da universidade eram ocupados majoritariamente por professores doutores brancos, mesmo que grande parte dos alunos de licenciatura em geografia sejam negros, demonstrando também que o racismo era reproduzido na universidade.

Neste contexto, percebi que a geografia hegemônica é majoritariamente branca e eurocêntrica. Isso explica a ausência da discussão sobre a questão racial ao longo dos anos, que ficou relegado a segundo plano. Somente nos últimos anos, que ainda de forma mínima, a geografia passou a se preocupar com as questões raciais, que atravessa o corpo de parte da população brasileira. Destaca-se, neste contexto, que a produção de geografias negras, ficaram relegados a alguns estados, São Paulo, Tocantins, Porto Alegre, Goiás, Rio de Janeiro e Salvador. Nos outros estados do país, esta problemática pouco é discutida e muitas vezes não se faz presente no Projeto Político de Curso (PPP), das graduações em geografia.

Destaco no processo de garimpo que produziu não somente meu enegrecimento, mas também o enegrecimento da geografia, algumas leituras e documentários foram importantes neste processo. Destaco aqui o documentário Ori (Termo de origem Iorubá que significa cabeça), de Maria Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual, Doutora Onóris Causa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro cujo a vida foi brutalmente ceifada por feminicídio, na década de 1990. O documentário traz o quilombo como elemento central para dar continuidade a história de resistência das *gentes negras*, perpassando pela relação África-Brasil, o Movimento Negro Unificado e a contemplação das *gentes negras* na cultura do país.

A literatura afro-brasileira empreendida no chão de uma favela por Carolina Maria de Jesus me foi uma das melhores descobertas dos últimos anos. Cada verso registrado em seu diário, ecoava em meu interior produzindo a compreensão da favela e seus atravessamentos a partir de quem vivenciava aquela realidade cotidianamente com seus filhos. A leitura também gerou diversas revoltas, principalmente, quando a personagem “fome” presente em todo o seu diário, produzia dores, desesperos, pesadelos. Carolina é o reflexo de um Brasil contraditório e desigual, de oportunidades seletivas, de exclusões, ainda presente nos dias de hoje, nas favelas, nas *Baixadas* e nos quartos de despejo, mas também na geografia. Carolina foi minha principal inspiração para escrever esta tese narrando as geografias das *gentes negras* na *Baixada*.

Durante este processo de enegrecimento pessoal e intelectual, mas também da geografia, as redes sociais, apresentaram-se como um campo de possibilidades, não somente para a construção de pontes, mas também para a leitura de autores e autoras que produzem um pensamento crítico nas plataformas digitais. Destaco aqui, as leituras diárias dos textos postados no *Instagram* de Carla Akotirene, mulher negra, feminista, militante dos Direitos Humanos da população negra, assistente social e doutoranda em estudos de gênero pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Seus textos, produzidos em primeira pessoa, a partir da *práxis*, traziam a luz da decolonialidade, atravessamentos vividos por pessoas negras, sobretudo as mulheres. De uma potência epistêmica, Carla conseguia traduzir com ética intelectual as problemáticas que as *gentes negras* atravessavam no Brasil.

Destaco aqui também, as letras das músicas do rapper e neo-sambista Emicida, mas também seu documentário, “AmarElo – É Tudo pra Ontem”. O documentário lançado no ano de 2019, representou um alívio, um avanço. Emicida trouxe, nos bastidores do Teatro Municipal de São Paulo, construído por mãos negras, cujo próprios eram impedidos de frequentar, músicas e histórias que buscavam reescrever a participação e resistência das *gentes negras* na cultura brasileira, apagadas pelo racismo estrutural, mas também pela *necromemória*. O artista produziu um documentário partindo das *gentes negras*, buscando dar visibilidade a luta deste povo.

A experiência na docência universitária, na condição de professor substituo da Universidade Federal de Rondonópolis, trouxe alguns elementos para pensar essa problemática, sobretudo no que diz respeito a representatividade e a importância das *gentes negras* neste espaço. Certa vez, um aluno negro, falou assim: “Professor quando eu fiquei sabendo que o senhor seria nosso professor e quando vi que o senhor era negro, pensei comigo, caramba, ele é negro e vai ser meu professor na Universidade, a partir daí, durante os dois anos de contratos do senhor, eu me sentir representado, e passei a pensar que também posso ser um professor universitário”

Como enegrecer sem mudarmos nossas maneiras de enxergar, sem descolonizarmos nossa mente e nosso corpo? Sobre essa questão, hooks (2019, p. 35) destaca que, para as pessoas negras, a dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens, como nos vemos (se nossas visões não forem descolonizadas) ou como somos vistos, é tão intensa que isso nos estilhaça. Isso destrói e arrebenta as costuras de nossos esforços de construir o ser e de nos reconhecer.

Concluindo, destaco que produzir esta tese, deslocado dos grandes centros, sobretudo do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, trazendo as geografias das *gentes negras* e seus atravessamentos na *Baixada* como elemento central, tornou-se um ato de resistência, mas também de abertura de caminhos para que outros pesquisadores da geografia possam construir este mesmo trajeto, dando visibilidade as estórias, trajetórias das *gentes negras*, quilombolas, em outras localidades, sobretudo na região Centro-oeste do país.

Finalizando este processo de escrita, deixo aqui uma música do Emicida, que foi participe da finalização desta escrita, onde os versos que mais me marcaram estão em negrito.

Presentemente eu posso me
Considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são e salvo e forte

E tenho comigo pensado
Deus é brasileiro e anda do meu lado
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

**Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo? A fome
Pra arregaçar como um ciclone
Pra que amanhã não seja só um ontem
Com um novo nome**

O abutre ronda, ansioso pela queda
Findo mágoa, mano, eu sou mais que essa merda
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água eu corro no meio das pedra

Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo
 Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo
 Sem melodrama, eu busco grana, isso é hosana em curso
 Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso

É um mundo cão pra nós, perder não é opção, certo?
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto, vai

Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro (aham)
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro (aham)
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Figurinha premiada, brilho no escuro
 Desde a quebrada avulso
 De gorro, alto do morro e os camarada tudo
 De peça no forro e os piores impulsos

Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso
Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso
Sem o torro, nossa vida não vale a de um cachorro, triste
Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro

Mano, rancor é igual tumor, envenena raiz
 Onde a plateia só deseja ser feliz, saca?
 Com uma presença aérea, onde a última tendência
 É depressão com aparência de férias

Vovó diz: Odiar o diabo é mó' boi
 Difícil é viver no inferno e vem à tona
Que o mesmo império canalha
Que não te leva a sério
Interfere pra te levar à lona
Então revide, diz

Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais (demais)
 Tenho chorado pra cachorro (aham)

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes
Não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui

**Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz
Sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí**

**Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
Me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi**

**Por fim, permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí**

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri (as duas mãos pro ar, Municipal)
Mas esse ano eu não morro (vem, vem, vem, vem)

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Por fim, destaco que ainda existe um caminho fértil de pesquisa da questão racial na geografia para dar visibilidade as *gentes negras* invisíveis neste Brasil. É preciso, portanto, que o processo de enegrecimento desta ciência seja contínuo e que outros pesquisadores negros e negras como eu, tenham a possibilidade de estudar seu corpo espaço.

Obrigado!

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília. Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALBUQUERQUE JR, Albuquerque Júnior. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- _____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.
- ARRUZO, Roberta Carvalho. **O Moderno e o Arcaico no Trabalho na Agricultura Moderna nos Cerrados do Norte e Nordeste do Brasil**. In: BERNADES, Julia Adão; BRANDÃO FILHO, José Bertoldo (org.) A Territorialidade do Capital. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2009. p. 55 a 68.
- ATLAS HISTÓRICO DO BRASIL, 2016. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/coluna-prestes>. Acessado em: 17/12/2019.
- BECKER, B. K. (2005). **Geopolítica da Amazônia**. Estudos Avançados, 2005. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10047>.
- BERNADES, Julia Adão. **Fronteiras da Agricultura Moderna no Cerrado Norte/Nordeste: Descontinuidades e Permanências**. In: BERNADES, Julia Adão; BRANDÃO FILHO, José Bertoldo (org.) A Territorialidade do Capital. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2009. p. 13 a 40.
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.
- BURSZTYN, Marcel. **A cara do Brasil. Dilemas do Cerrado: Entre o ecologicamente (in) correto e o socialmente (in) justo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CAMÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO VERDE, 2019. Disponível em: <https://www.campoverde.mt.leg.br/>. Acessado em: 17/12/2019.
- CAMILO, Vandelir. **NECROMEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE UM CONCEITO**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, v. 13, 2021.
- CAMPOS, M. das G. **Vou em Busca da Sorte: Relatos de Vida de Professoras Migrantes de Campo Verde (MT)**. Cuiabá-MT: UFMT, 2010. (Dissertação de Mestrado)

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade: As critical social theory**. Durham: Duke University Press, 2019.

CORRÊA, R. L. **Rede urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado**. Revista Cidades, v. 1, n. 1, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DOMINGUES, Cesar Machado. **A comissão de linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste**. XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro:[sn], v. 19, 2010.

EGA, F. **Cartas a Uma Negra: Narrativa Antilhana**. Tradução: Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 1º edição, 2021.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. **Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR), v. 9, n. 1, p. 25-39, 2007.

ELIAS, Denise. **Agronegócio e novas regionalizações no Brasil**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

EMICIDA. Emicida – **AmarElo** (álbum completo). YouTube, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6y12IRXdSfuxMt-s. Acesso em: 19/02/2021

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

_____. **Olhos d'água**. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Palhas Mini, 2018.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro**. Cortez Editora, 1989.

FERREIRA, Maria da Glória Rocha. **Repercussões da expansão da agricultura moderna sobre a pequena produção no sul do Maranhão**. In: BERNADES, Julia Adão; BRANDÃO FILHO, José Bertoldo (org.) A Territorialidade do Capital. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2009. p. 13 a 40.

FERREIRA, J. C. **Campo Verde – do Índio ao Algodão**. Prefeitura Municipal de Campo Verde, 2012.

FIORAVANTI, Livia Maschio. **Do agronegócio à cidade como negócio: a urbanização de uma cidade mato-grossense sob a perspectiva da produção do espaço**. São Paulo-SP: Universidade de São Paulo, 2019. (Tese de Doutorado)

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; DE AZEVEDO GUIMARÃES, Adriana Coutinho. **História da capoeira**. Journal of Physical Education, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2002.

GOMES, Paulo Helito Alves et al. **A evolução rural/urbana na cidade de Campo Verde-MT e as consequências do agronegócio**. Cuiabá-MT: UFMT, 2017. (Dissertação de Mestrado)

GONÇALVES, Rita de Cássia e LISBOA, Teresa Kleba. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Revista Katál. V. 10, p. 83-92, 2007.

GONZALEZ, Lélia. **A mulher Negra na Sociedade Brasileira**. In. LUZ, Madel T (Org.). O Lugar da Mulher: Estudos sobre a Condição Feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 87 – 106, 1982.

HALL, S. **A identidade Cultural na pós modernidade**/ Tradução: Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Boletim Gaúcho de Geografia, 2003.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. trad. Patrick Burglin. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.

IBGE CIDADES, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/campo-verde/panorama>. Acessado em: 17/12/2019

IBGE- CENSO AGROPECUÁRIO, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>. Acessado em: 12/06/2019

IBGE- CENSO DEMOGRÁFICO DO BRASIL, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acessado em: 02/04/2020

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo, 1960

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACERDA, F. G. **Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916)**. Revista Brasileira de História, 26(51), 197-225, 2006.

LANDER, E. **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. CLACSO, São Paulo, 2005

LOPES, G. J. **A produção do espaço no núcleo urbano de Campo Verde-MT**. Campo Verde-MT: UFMT, 2006 (Trabalho de Conclusão de Curso)

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Ed. Antígina, Lisboa, 2018.

MOREIRA, A. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira, 2004.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, F. A. S. **O Beabá do Racismo contra o Negro Brasileiro**. Rondonópolis/MT: Print Editora, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

NASCIMENTO, Milton. **Encontros e Despedidas**. 1985. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47425/>

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIAIA, Ivone Inêz. **Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá- MT, Editora da Universidade de Cuiabá, 1997.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra**. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 9, p. 256-266, 2014.

PANTA, M. **População negra e o direito à cidade: interfaces sobre raça e espaço urbano no Brasil**. Acervo, 33(1), 79-100, 2020

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PORTAL MATO GROSSO, 2019. Disponível em: <http://www.portalmatogrosso.com.br/matopedia/burity-dos-borges/31260>. Acessado em: 17/12/2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO VERDE, 2019. Disponível em: <http://site.camoverde.mt.gov.br/historia/>. Acessado em: 17/12/2019.

QUEIROGA, Estevão. **A Partida e o Norte**. Álbum: Diálogo número um, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tJ_zR6KKNII. Acessado em: 31/01/2021

QUINTERO, Pablo. **Hacia el Mito de la Democracia Racial en Venezuela: Modernidad, colonialidad y Nación**. Editora Acadêmica Espanhola, 2011.

RACIONAIS. **A Vida é um Desafio**. Album: Nada como um dia após o outro dia, 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=52NT9cSWC_8

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, Alex; FLAVIA Rios. **Lélia Gonzalez**. Selo Negro, 2014.

RDNews, 2012. **Campo Verde está muito além do agronegócio**. Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/artigos/campo-verde-esta-muito-alem-do-agronegocio/38698>. Acessado em: 10/12/2021.

ROHDEN, Josiane Brolo; DE SÁ, Elizabeth Figueiredo. **Do Sul para o Centro-Oeste: A Saga de Migrantes sulistas para o norte de Mato Grosso – Histórias de muitas vidas e de uma escola inventada (1973-1979)**. Cadernos de História da Educação, 2014.

ROJAS, Blanca Escalona. **Rehaciendo nuestra propia imagen: discriminación racial y étnica, participación comunitaria y perspectivas reparativas en el contexto venezolano**. Humania del Sur: Revista de Estudios Latinoamericanos, Africanos y Asiáticos, 2007, 2.3: 43-58.

ROSA, R. M. **A cartografia como estratégia de pesquisa: agenciamento de afetos. Rizoma: experiências interdisciplinares em ciências humanas e sociais aplicadas**. p.191-202, 2017

ROSSATI, A. M. **Avenida Brasil: Um Sonho Concretizado e Continuo**. Campo Verde-MT: UFMT, 2006 (Trabalho de Conclusão de Curso)

SANTOS SOUZA, N. **Tornar-se Negro**; Ediciones Graal. Rio de Janeiro, 1983.

SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje: Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro**. Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 07 de maio de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm>.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Editora Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: razão e emoção, técnica e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **As cidadanias mutiladas**. O Preconceito. São Paulo: IMESP, p. 133-144, 1997

_____. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. Cadernos Ippur, v. 2, p. 15-25, 1999.

SANTOS, Ariel Costa dos. **Segregação socioespacial na cidade de Campo Verde-MT e sua relação com o relevo**. Cuiabá-MT: UFMT, 2017. (Dissertação de Mestrado)

SECRETARIA DE ESTADO de CULTURA, ESPORTE e LAZER, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.mt.gov.br/-/estacao-telegrafica-de-capim-branco-e-reaberta-em-campo-verde>. Acessado em: 17/12/2019

SODRÉ, Muniz. **Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional**. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

VEJA SAÚDE, 2018. **Doença de Parkinson: o que é e quais seus tratamentos e sintomas**. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/doenca-de-parkinson-o-que-e-e-quais-seus-tratamentos-e-sintomas/>.

VEJA SAÚDE, 2021. **Trombose: o que é, sintomas, causas e tratamentos**. Disponível: <https://saude.abril.com.br/medicina/trombose-o-que-e/>.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800–1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. 2017.

WENERCK, J. Prefácio. In: EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Palhas Mini, 2018.